Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23160 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** QUARTA-FEIRA 17 JANEIRO 90 60$00

EDITORIAL

Tempo de exibição

Que dizer de um governante que tem necessidade de comunicar ao País, em tom autobiográfico: «Não sou insensível àquilo que dizem sobre o meu Governo»? A profissão de fé do primeiro-ministro nas "virtualidades do diálogo" resultou, por vezes, patética (*então não vê que tive hoje uma longa reunião com a Intersindical*). Diálogo, na acepção cavaquista, deve significar paciência para aturar comunistas ou imbecis - paciência que Sua Excelência nos faz o favor de cultivar, porque tem de conformar-se a governar em democracia, apesar da perda em eficácia que tão moroso processo implica, na sua perspectiva tecnocrática.

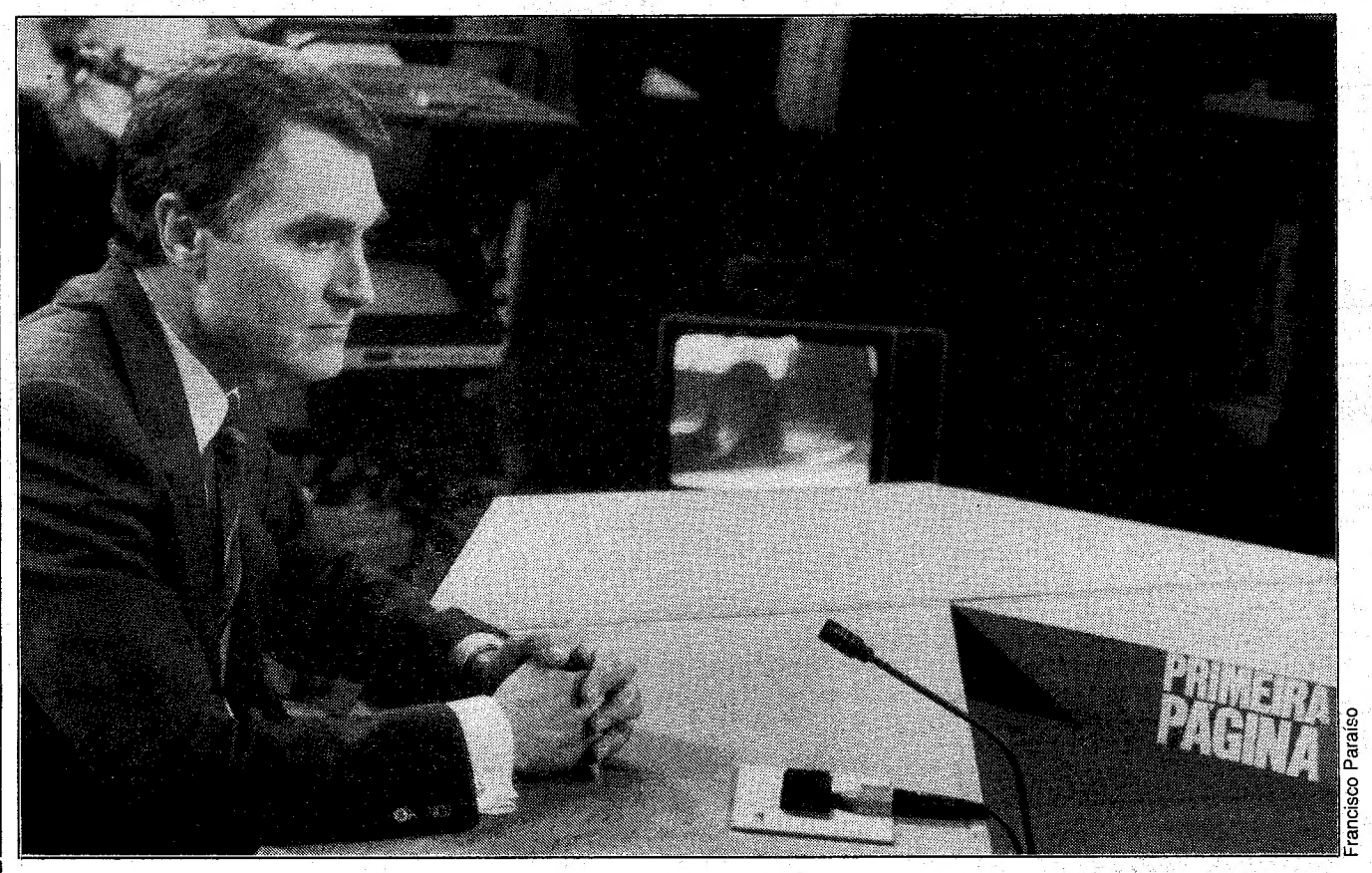
Nem os seus colegas de Governo escapam à regra. Cavaco Silva descreveu um processo de decisão quase-colegial, afirmando que procura «construir decisões que sejam aceites por todos os ministros», mas traíu-se, pouco depois, ao passar-lhes, em tom paternalista, um suave atestado de irresponsabilidade: «o dinheiro é sempre pouco e todos os ministros gostam de gastar muito...».

O único vislumbre de autocrítica surgiu a propósito das relações públicas do Governo: *não temos sido bons a explicar o muito que temos feito* ou *talvez tenhamos descurado um pouco a exibição desse trabalho*. «Exibição» e «explicação» serão sinónimos no dicionário de Cavaco Silva? Se não são, parecem ser. Em todo o caso, esta entrevista serviu para anunciar o *tempo da exibição* - ou seja, da propaganda sob forma de diálogo. Mas ninguém foge a si próprio e, nas entrelinhas do discurso cavaquista, está sempre presente aquela máxima que circulava nas escolas primárias ao tempo da outra Senhora: *se soubesses quanto custa mandar, gostarias de obedecer toda a vida*. O seu autor, salvo erro, chamava-se António de Oliveira Salazar.

Mário Mesquita

Vale Tudo na Primeira Página

Entrevistado na RTP depois da telenovela, o primeiro-ministro foi muito criticado pelos seus opositores e por diversos especialistas ouvidos pelo DL



Francisco Paraíso

- ☐ *Freitas do Amaral (CDS): "Vem aí mais propaganda"*
- ☐ *Carlos Brito (PCP): "Exibição demasiado ensaiada"*
- ☐ *Marques da Costa (PS): "Desastre garantido em 91"*
- ☐ *Comentários de Brandão de Brito, Carlos Cruz, Manuela Morgado, Paquete de Oliveira e Pinto Ribeiro*
- ☐ *"O Olhar de Mocho", de José Sousa Monteiro*
- ☐ *"Cartoon" de José Bandeira*

O primeiro-ministro foi ontem entrevistado na RTP logo depois da telenovela brasileira (cujo final acompanhou já dentro do estúdio, como se vê na foto). Do que disse, da forma como o disse e do que lhe foi perguntado se pode concluir que Vale Tudo na Primeira Página, como escreve o nosso critico de Televisão. Sousa Monteiro sugere ainda outra hipótese: a de que assistimos ontem à Primeira Página do Vale Tudo. Que a entrevista valeu pouco parece ser a conclusão a que chegaram personalidades diversas que o DL ouviu : dois economistas, um jurista, um sociólogo e um homem de televisão criticaram diversos aspectos da presença de Cavaco Silva na RTP. E se a intenção era mostrar uma nova imagem diga-se que também sobre isso colhemos opiniões pouco abonatórias. Quanto à oposição houve unanimidade, pois ninguém gostou. E a esta unanimidade junta-se um facto estranho: Jorge Sampaio, líder da Oposição, nem sequer viu a entrevista.

Págs.2, 3, 4 e 5

Fogo na madrugada sobressaltou Alvalade

Estância de madeiras consumida em cinco horas

Um violento incêndio que deflagrou esta madrugada numa estância de madeiras no Bairro de Alvalade, em Lisboa, foi considerado extinto pelos Sapadores Bombeiros ao fim da manhã.

O fogo foi detectado às 4 e 15 na estância, situada na Rua do Centro Cultural, tendo as chamas afectado todo o interior do edifício que, além da serração Limas & Filhos, Ldª, alberga uma tipografia no piso superior.

A serração armazenava produtos inflamáveis (tintas e vernizes), o que dificultou o trabalho dos bombeiros, que desconhecem ainda a origem do sinistro.

O edifício onde grassou o incêndio situa-se nas traseiras do quartel dos Bombeiros de Alvalade, que o combateram as chamas com 60 homens e 10 viaturas.

Pág. 13

DL

Ernesto Veiga de Oliveira: a morte silenciosa *Pág. 19*

Vice-primeiro-ministro romeno entrevistado pelo DL *Págs. 16 e 17*

Savimbi e a paz em Angola no «cartoon» de Pedro Palma *Pág. 6*

Crónicas de Joaquim Letria e Eduarda Dionísio *Págs. 6 e 8*

Macau: suplemento de 16 páginas

Governo privilegia Igreja

O Governo tem a intenção de deixar à Igreja um espaço próprio na televisão, ao mesmo tempo que defende a criação de dois canais privados. A revelação foi feita ontem na RTP pelo primeiro-ministro. Durante a entrevista, Cavaco Silva disse que há muitos, muitos meses decidira proceder a uma remodelação do Governo em Janeiro de 1990, rigorosamente na terceira semana do mês (decisão tomada em Outubro de 1989). O pedido de exoneração de Eurico de Melo foi o que o obrigou a infringir o planeamento, a remodelar duas semanas mais cedo. O primeiro-ministro afirmou também que havia muito falava com diversas pessoas sem lhes dizer para quê - o quê era a remodelação. Só dois ministros partilhavam o segredo. Uma revelação, quanto à privatização da televisão: o primeiro-ministro defende a criação de dois canais privados e quer reservar um espaço próprio para a Igreja Católica. Quanto a demoras no processo, Cavaco disse que o diploma está a ser cuidadosamente fundamentado em estudos técnicos e económicos, pois não quer que "qualquer dia (os canais privados) estejam a pedir dinheiro ao Estado.". As circunstâncias da substituição de alguns ministros ocuparam parte apreciável das declarações de Cavaco Silva. O primeiro-ministro alegou, para as exonerações, o cansaço e o desgaste dos atingidos, devido às medidas «difíceis, mas essenciais» que tomaram, e lamentou a saída de todos, que foi, no entanto, «o melhor para o País».

Reconheceu os maus resultados das autárquicas e explicou-os pelo facto de não querer governar para ter bons resultados eleitorais. Manifestou-se convencido de ter o apoio do PSD no lugar que ocupa e ao qual disse não estar apegado. Lutará, contudo, pela maioria em 91, a fim de não ser «desbaratado« o que conseguiu, e «fazer mais e melhor». O que fez - porque o Governo descurou a exibição do trabalho, ocupado como estava a trabalhar «vertiginosamente» - não chegou como devia à opinião pública. Exemplo desta deficiência foi a «mentira, a calúnia» que ficou na cabeça das pessoas acerca dos aumentos dos titulares de cargos políticos.

Louvou o diálogo em todas as situações - houve «mal-entendidos» entre Leonor Beleza e a Ordem dos Médicos - e revelou que ele próprio, no Conselho de Ministros, privilegia os consensos. Defendeu privatizações a cem por cento, sem prejuízo de uma posição do Estado sempre que o interesse nacional o exija, e anunciou medidas para impedir a caça às acções dos pequenos aforradores por parte dos núcleos empresariais fortes; saudou as mudanças a Leste; pronunciou-se pela reunificação da Alemanha e disse ter ajudado Bush a intervir em África da forma adequada para garantir a paz em Angola e Moçambique, «processo difícil». A política externa vai bem, diversificada « para atenuar a periferia». A política interna continuará a ser a do crescimento controlado.

Cavaco só quis falar no estúdio

Chegar em cima da hora ... e sair «a correr»

GRANDE ANGULAR

Dar do Governo e de si próprio uma imagem mais dialogante foi o objectivo central da entrevista de Cavaco Silva ontem à RTP. Não restam dúvidas de que o primeiro-ministro escolheu o momento tido por adequado para dar consistência a esta «operação de cosmética»: no plano interno, a remodelação é tema fresco; no externo, só a recente visita aos Estados Unidos dá pano para mangas.

A ideia de que o Executivo sentiu necessidade de vir prestar publicamente o (seu) esclarecimento sobre as mais recentes evoluções da política portuguesa, nem ele próprio a escondeu. Aliás, membros do seu «staff» reconheceram ser essa a mais importante mensagem. Por entre tanto o que se escreveu, por exemplo, sobre o «vaivém» ministerial, havia que, da boca do líder máximo, conhecer a versão «oficial».

Os assessores do primeiro-ministro presentes garantiram ao «DL» que «connosco a entrevista não foi preparada». Nenhuma fonte nos autoriza a afirmar o contrário, relativamente aos membros do Gabinete do PM. No entanto, não é propriamente novidade - nem sequer recriminável - que intervenções públicas desta natureza sejam previamente estudadas.

Luis Marques Mendes, um homem que viu reforçada a sua posição na hierarquia governamental, após a «mexida» do início do ano, já por várias vezes apoiou o chefe do Governo nessas sessões, sendo natural que desta feita o mesmo tenha acontecido.

A versão do Gabinete difere em absoluto. Um membro que se deslocou ontem à noite à 5 de Outubro manifestou mesmo estranheza pelas afirmações produzidas a esse respeito por um vespertino. «A Capital» aludia ontem ao trabalho do «staff», «perspectivando possíveis perguntas e alinhavando as respostas mais correctas».

Francisco Paraíso

Nem um papel em cima da mesa: o PM quis demonstrar que não precisa de «cábulas» nem foi preparado

Chegar em cima da hora ... e sair a correr

O próprio Cavaco tentou transmitir perante as câmaras essa imagem do homem que nem sequer precisa de «cábulas» para abordar os assuntos. Não levou um só papel para o estúdio, apesar de ser previsível que fosse questionado sobre matérias tão diversas como o processo de privatizações ou a política africana.

Esforçou-se, por outro lado,

Dicionário da intervenção do primeiro-ministro na RTP

África - «Relações Estado a Estado, sim, mas isso não quer dizer que não tenhamos nenhum contacto com a Unita e com a Renamo.»

Álvaro Barreto - «Resolvi não tomar em consideração a entrevista que ele concedeu. Tive, sim, em consideração os dois pedidos que ele me tinha feito há algum tempo para sair do Governo.»

Autárquicas - «Eu penso que o resultado das autárquicas (...) foi influenciado por factores partidários, por factores locais, por escolha de candidatos, por campanhas, e também com certeza motivado por algum desgaste do Governo.»

Comunismo e socialismo - «O que está a acontecer no Leste é o falhanço total do comunismo e do socialismo.»

Comunismo como «papão» agitado na campanha para as autárquicas - «Competeme alertar o povo português.»

Confiança - «Eu disse que mantinha a confiança nos meus ministros. E enquanto são meus ministros eu mantenho total confiança neles.» (*A propósito de, poucos dias antes da remodelação, ter dito que esta era especulação dos jornais).*

Defesa do unipartidarismo em Angola - «Totalmente falso.»

Desgaste - «A minha mulher costuma dizer que isto é muito difícil. Que é desgastante. Simplesmente, eu sou uma pessoa de convicções muito fortes. Para uma pessoa se aguentar neste lugar é preciso ter convicções muito fortes.»

Dinheiro - «O dinheiro é sempre pouco e todos os ministros gostam de gastar muito.»

Eurico de Melo - «Eu acho que nunca abrandei a minha confiança em relação a qualquer ministro. Sei que corro ricos quando dou a cara por ministros... Não há qualquer coisa política, pelo menos que eu retenha, de importante. Não me recordo.(...) A decisão que ele tomou sobre os helicópteros teve o total apoio do primeiro-ministro.(...) Nunca perderei a minha admiração e o meu respeito por ele quaisquer que sejam as coisas que venham a acontecer....(...) Eu penso que entendo por que é que ele diz que está magoado(...) Pediume no dia 2 que o exonerasse nesse dia e só mais tarde exonerasse os outros membros do Governo.(...) Eu não podia aceitar isso por uma só razão, decisiva: é que eu lançava o País numa grande crise. Em minha convicção, o País entrava num caos político.»

Frente patronal - «Não estamos nada nervosos. Considero que é uma manifestação muito positiva da vitalidade da nossa sociedade civil.»

Fugir - «Penso que os portugueses não querem um primeiro-ministro (...) que fuja perante as dificuldades.»

Governação - «Ao longo de quatro anos de governação aprende-se bastante. Com certeza que (*hoje*) não ia fazer tudo da mesma forma.»

Inflação - «Controlar a inflação tem sido difícil. (...) Esperamos que o resultado seja melhor neste ano de 1990, embora eu esteja neste momento muito preocupado com os preços dos legumes, das couves, das cenouras, até das batatas, das alfaces...»

Lapso - Cavaco afirmou que o seu Governo, "em três anos", criou "250 postos de trabalho".

Leste - «Vamos integrar o fundo de estabilização para a Polónia e a Hungria.»

Miguel Cadilhe - «Não foi o Dr. Miguel Cadilhe que conseguiu conciliar o inconciliável, foi o Governo. A contribuição do Dr. Miguel Cadilhe foi decisiva.»

Ouvir - «Eu sou um primeiro-ministro que ouve muito, muito, os ministros.(...) Procuro que se alcance sempre um consenso.»

Pedro Santana Lopes - «Penso que tem competência política para o lugar(...) Vai melhorar as estruturas intelectuais, da cultura.»

Privatizações - «É provável que o capital da Carris permaneça maioritariamente na posse do sector público(...) O Governo com certeza que avançará com privatizações de componentes da Rodoviária(...) No futuro, podemos ter uma privatização parcial da TAP. O Governo talvez privatize no próximo ano um outro banco para além do BPA. Pensamos avançar na privatização a 100 por cento das empresas que já foram privatizadas a 49 por cento, em primeiro lugar a UNICER e imediatamente a seguir o Banco Totta & Açores(...) Os empresários portugueses estão a investir muito mais que os estrangeiros.»

Remodelação - «Ouvi muita gente, mas a decisão final foi minha.(...) Assumo esse risco e essa responsabilidade, que é muito, muito grande.»

Reunião de oficiais na Academia Militar - «Segundo estou informado(...), foi uma reunião de confraternização.(...) Acho bem que confraternizem de vez em

Francisco Paraíso

Cumprimentos antes da caracterização: Cavaco não deu um minuto aos jornalistas que o aguardavam

por reduzir ao mínimo os contactos com o punhado de jornalistas que o aguardavam na RTP. Chegou o mais tarde possível e por isso foi imediatamente encaminhado para a sala de maquilhagem, após o rápido cumprimento aos «ilustres» que o aguardavam - os administradores da Televisão Coelho Ribeiro e Brás Teixeira, José Eduardo Moniz e o próprio Henrique Garcia.

Também os assessores foram «isolados» da Comunicação Social presente. Dois dedos de conversa e seguir para a sala de visionamento - distinta da dos jornalistas - que o tempo escasseia. Mesmo aos repórteres-fotográficos só foi autorizada uma curta entrada no estúdio, minutos antes do início do «Primeira Página».

No final, Cavaco saiu também «a correr», dando a entender não estar disposto à tradicional conversa de balanço sobre a sua «performance». Hirto mas sorridente, como é habitual, tinha acabado de dar uma entrevista que considerou ser das mais «completas» que lhe fizeram, segundo o entrevistador.

A CNN e a RTP

Pouco antes da primeira pergunta, Cavaco terá abordado com Henrique Garcia a entrevista concedida no final da sua visita aos Estados Unidos à cadeia americana CNN. Disse que não gostou do estilo agressivo do entrevistador, que lhe atirou sucessivas perguntas de resposta monossilábica, impedindo-o de expressar as suas ideias.

Deixou claro que preferia ter tempo para responder às perguntas e Henrique Garcia, cujo estilo, aliás, está longe do que caracteriza o seu colega americano, alinhou. Revelara previamente o seu desejo de questionar o chefe do Governo sobre os mais recentes acontecimentos, não apenas intra-muros, como no estrangeiro.

Para isso se preparou durante algumas horas durante a tarde. A sós, como revelou ser seu costume, mastigou os diversos temas. De política partidária, iria arriscar, sim. Mas já sabia de antemão que, vindo Cavaco como primeiro-ministro «não quererá por certo falar dessas coisas».

Garcia, se é verdade que insistiu em alguns pontos - nem por isso recebendo respostas cabais - não evitou que Cavaco veiculasse o essencial da sua mensagem - o Governo está agora numa de diálogo aberto para gerar consensos, mas mantém firmeza e determinação.

Mensagem suplementar: depois desta entrevista, quem ainda não tinha entendido a natureza de certas decisões deverá fica esclarecido. É um filme «dejá vu»: quando um executivo se escuda nas falhas de interpretação da população relativamente às suas medidas transmite insegurança.

.Paulo Martins

quando.»

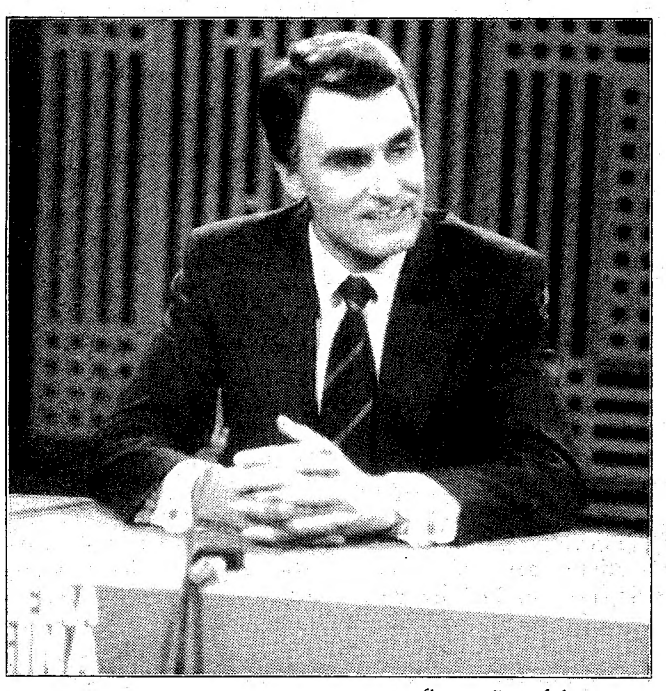
Surto de violência racista - «Preocupa-me.»

Televisão privada - «O Governo gostaria de ver criado um espaço próprio para a Igreja.» Ou seja, segundo o primeiro-ministro teremos dois canais privados mais "um espaço próprio" para a Igreja. E, segundo disse, os futuros canais privados terão uma sólida estrutura para que "qualquer dia não estejam a pedir dinheiro ao Estado.

Teresa Patrício Gouveia - «Fez um óptimo trabalho.»

Turismo - «Se preservarmos a nossa terra, as belezas que temos, continuaremos a ser privilegiados.»

Vencimentos dos políticos - «Posso dizer-lhe quanto ganha o primeiro-ministro. No mês passado, recebeu 313 contos, a que se juntam 153 contos de despesas de representação. E eu decidi que, a partir de agora, qualquer meio de Comunicação Social devidamente identificado possa escrever para o meu gabinete e pedir todos os meses a cópia do recibo do meu vencimento. E desafio os dirigentes dos outros partidos a que, também com esta transparência, todos os meses forneçam o recibo do que recebem como titulares de cargos políticos, das consultorias que fazem em empresas, das profissões liberais que exercem.(...)Fiquei chocado com afirmações feitas por líderes da oposição de aumentos de 56 por cento, quando eles sabem muito bem que nenhum político teve um aumento dessa natureza. O que sucedeu foi que, tendo o Governo alterado os vencimentos de toda a Função Pública, os políticos também foram aumentados.»



Francisco Paraíso

Oposição chumba entrevista

- *Freitas do Amaral: «Vem aí mais propaganda»*
- *Carlos Brito:«Percebe-se porque é que Cavaco gosta tanto desta Televisão»*
- *Marques da Costa: «É desastre garantido em 91»*

A entrevista de Cavaco Silva no programa 1ª Página, a primeira do chefe do Executivo depois das eleições autárquicas e da remodelação, decepcionou os seus adversários políticos que esperavam , apesar de tudo, um discurso mais político e menos «ensaiado».

Alguns minutos depois da entrevista, o *Diário de Lisboa* ouviu as reacções de dirigentes de partidos da Oposição.

Enfim, nem todos. Por estranho que pareça, Jorge Sampaio não assistiu à entrevista em directo devido a obrigações familiares e, por coincidência, António Gutterres estava na altura numa reunião. António Costa não teve oportunidade de a ver. Finalmente, Fernando Marques da Costa acabou por criticar a «nova imagem» de Cavaco Silva.

Mais atentos, Freitas do Amaral, líder do CDS e Carlos Brito, dirigente da bancada parlamentar do PCP registaram no DL as primeiras impressões da entrevista que mais perguntas registou por minuto de emissão.

Os dois dirigentes políticos acusaram a Televisão de ter «dois pesos e duas medidas» no tratamento informativo da actualidade política.

Freitas do Amaral:

«Foi uma decepção»

«A RTP, uma vez mais ao serviço do Governo, prestou ao primeiro-ministro o grande favor de lhe permitir uma operação de propaganda num momento em que é criticado por todos, inclusivé pelo seu próprio partido.

Oxalá os líderes da Oposição tenham igual acesso e em condições idênticas ao pequeno ecran.

Desta entrevista ficámos a saber que nada de essencial vai mudar na política do primeiro-ministro e deste Governo, a não ser o aumento da propaganda. Aliás, Cavaco Silva referiu a intenção de exibir mais intensamente os seus grandes feitos.

É, no fundo, lançar areia aos olhos do povo português.

Lamento que o chefe do Executivo não tenha explicado porque é que, defendendo que a governação é desgastante, como a dada altura afirmou, só estavam cansados os ministros que sairam e continuam em grande forma os que ficaram.

Cavaco Silva omitiu, ainda, que nos casos de Miguel Cadilhe e Leonor Beleza não houve apenas cansaço mas erros políticos graves, que ambos pagaram caro. Nada disse , também, sobre a escolha dos novos ministros, que na sua maioria denotam falta de capacidade política e administrativa.

Numa palavra, esta entrevista foi para mim uma decepção.»

Carlos Brito:

«Exibição demasiado ensaiada»

«Foi uma tentativa de exibição mas percebeu-se que estava tudo demasiado ensaiado.

Considero escandalosa a conduta da Televisão que evitou o debate previsto com todos os partidos sobre os resultados das eleições autárquicas e, agora, inopinadamente apareceu com uma entrevista do primeiro-ministro, numa hora de grande audiência, após a telenovela. Às tantas não se percebia bem se estávamos a ver o dr. Cavaco Silva ou o dr. Marco Aurélio.

Cavaco fartou-se de nos tentar convencer que não é rancoroso, é o campeão do diálogo, mas tudo isto é uma mudança demasiado profunda para que se possa acreditar nela.

Não convenceram as explicações sobre as demissões dos ex-ministros Leonor Beleza, Miguel Cadilhe, Eurico de Melo e Álvaro Barreto. Ignorou as explicações sobre a falta de credibilidade dos novos governantes. Passou como gato por brasas sobre a análise dos resultados do PSD nas autárquias.

Quanto ao aumento dos políticos o primeiro-ministro mentiu. Foi, de facto, um aumento de 56 por cento e ele tenta «sacudir a água do capote» porque o Partido Social Democrata foi o único que votou a favor do aumento, na Assembleia da República.

Com esta entrevista verificou-se que a inflação vai continuar a sofrer um agravamento, bem como as injustiças socias. E em matéria de privatizações registar-se-á uma componente muito forte de capital estrangeiro nas empresas.

Analisando a forma e a oportunidade da presença do primeiro-ministro no programa 1ª Página, percebe-se porque é que o primeiro-ministro gosta tanto desta televisão.»

Marques da Costa:

«Trocou apenas a cara de pau pela cara de santo»

«A ingenuidade política do senhor primeiro-ministro é chocante. Aparentemente acredita que uma nova imagem construida com três partes de diálogo, uma de humildade (imagine-se!) e outra de sorrisos lhe redime a maltratada imagem e atrairá de novo os votos.

Ontem, recusou-se uma vez mais a assumir os erros nas políticas, a descoordenação do seu Governo e a falta de perspectivas coerentes para o seu Governo.

Trocou apenas a cara de pau pela cara de santo, trocou o 'nunca me engano' pelo 'eu dialogo' e no limite do *naiv* deu mesmo a imagem de um primeiro-ministro hesitante enquanto os seus ministros procuram o consenso com o qual por fim se porá de acordo, depois de ter mudado várias vezes de opinião.

Explicaram-lhe, e ele acreditou, que a mudança de imagem emendava a mão. É desastre garantido em 91. P

ara além do mais a mudança é tal que para achar que é politicamente efectiva o senhor primeiro-ministro tem que acreditar que nós somos todos parvos e não nos lembramos do lobo com a pele de cordeiro.

Mas, sobretudo, encenaram-lhe um personagem caracterialmente tão diferente que é caso para perguntar afinal o que é o Dr. Cavaco Silva para além de uma imagem criada, recriada e movida por terceiros?»

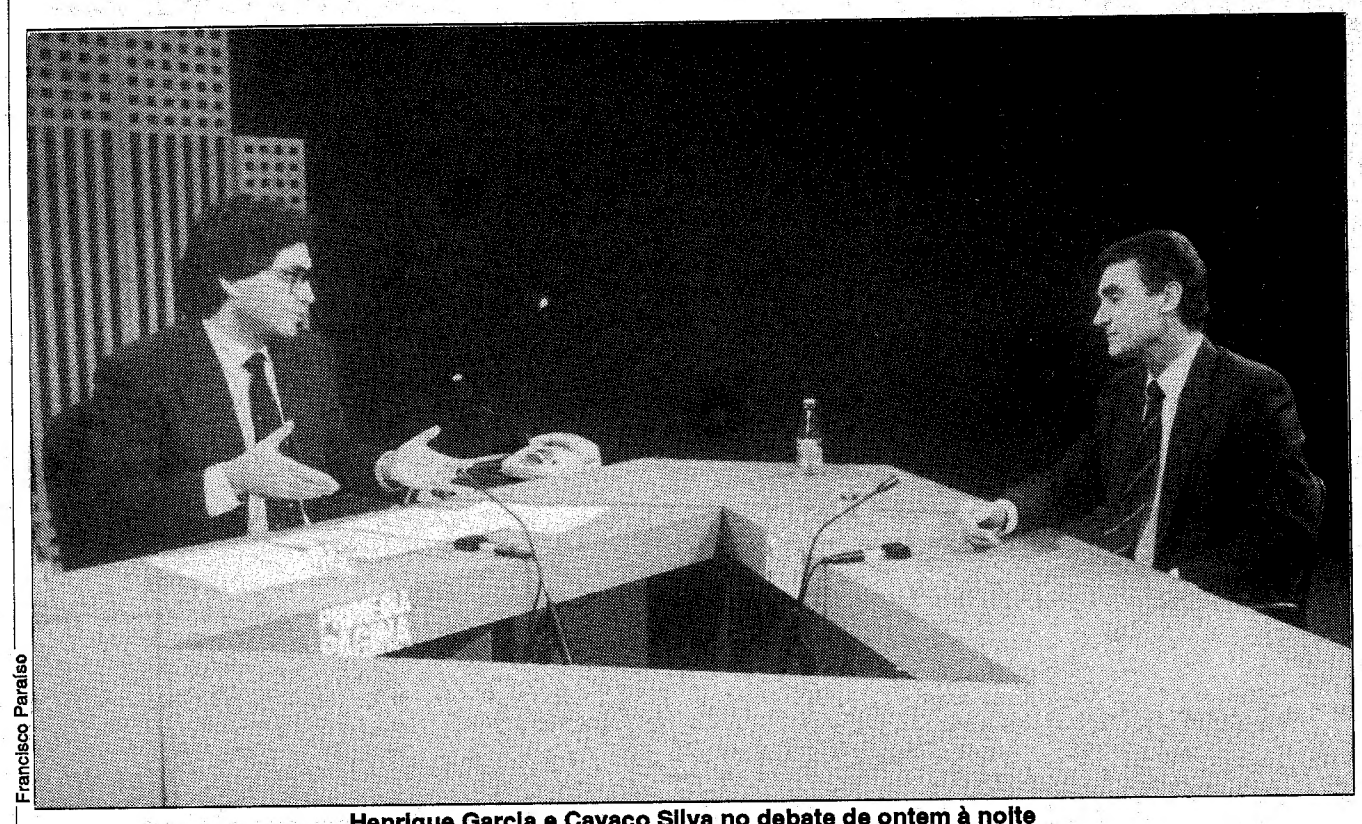
Freitas do Amaral

Carlos Brito

Marques da Costa

GRANDE ANGULAR

Dois economistas (Manuela Morgado e Brandão de Brito), um jurista ((Pinto Ribeiro) e um sociólogo (Paquete de Oliveira) viram para o DL a entrevista do primeiro-ministro. Do que viram (e ouviram) aqui dão conta



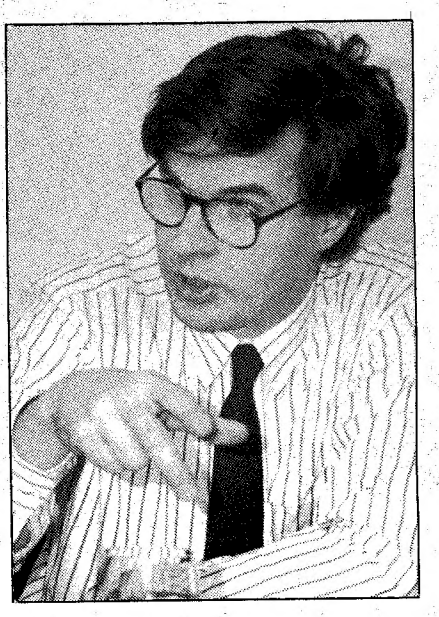
Francisco Paraíso

Henrique Garcia e Cavaco Silva no debate de ontem à noite

Pinto Ribeiro:

«Entrevista com muita espuma»

«Vi que foi uma entrevista com muita espuma, nomeadamente ao canto da boca, feita por um jornalista não encartado», sintetisa Pinto Ribeiro ao referir a presença televisiva do primeiro-ministro, ontem à noite.



«Com a Margarida Marante, a manipulação teria sido mais sofisticada», afirmou, antes de confessar: «Faz-me alguma confusão que a burguesia nacional se reveja naquela figura, e à própria burguesia também faz».

Distinguindo Cavaco do «genial Sá Carneiro», autor da fusão da «burguesia desenvolvimentista nascente com a pequena burguesia radical de direita, populista», Pinto Ribeiro crê que foi este último grupo social que venceu com o cavaquismo e se consolidou com a remodelação, na base do «quanto menos formos, melhores somos», sendo representado por um primeiro-ministro «sem jeito, sem dom de palavra, nem figura».

A nova imagem de abertura dada pelo primeiro-ministro na televisão mereceu a Pinto Ribeiro um comentário seco: «É tão inábil no autoritarismo como no diálogo».

Paquete de Oliveira:

«Uma ave ferida na asa»

«A imagem com que fiquei da presença de Cavaco Silva na *Primeira Página* de ontem foi a imagem de que, efectivamente, o primeiro-ministro é uma ave ferida na asa, ou, se preferirem, um navio que navegar, navega, mas acusa de facto um rombo no casco», declarou ao DL Paquete de Oliveira, para acrescentar: «E esta imagem - tanto quanto penso ter intuído- foi a razão lógica da estratégia norteadora do discurso produzido: a ferida existe, mas é preciso fazer parecer que ela não existe. Politicamente, *o que parece é.* Ou seja, o fundamental era iludir o grande público sobre as causas próximas desse rombo».

Assim, «minimizou a questão dos resultados eleitorais e as sequelas destes resultados, quer no seu Governo, quer no seu partido. Por outro lado, desdramatizou a remodelação governamental e o momento de a efectuar, dizendo que há muito estava nos seus planos. A importância que porventura tenham tido as críticas da Oposição, a Comunicação Social e a própria entrevista do Ministro da Agricultura são pura especulação», constata Paquete de Oliveira.

Cita Cavaco Silva: «E um primeiro-ministro pode especular?», antes de perguntar, por seu turno: «E pode um primeiro-ministro camuflar?»

No resto, «ou seja, em relação às questões económicas, privatizações, televisão privada, concertação social, política interna ou internacional, o primeiro-ministro disse o que já tem dito outras vezes. No fundo, Cavaco Silva não fugiu a uma das maiores pechas que este Governo maioritário tem evidenciado: não saber gerir a opinião pública. Por esta razão, e por mais este discurso, tenho dificuldade em perceber o que Cavaco Silva pensa dos portugueses a que se dirigiu», concluiu Paquete de Oliveira.

Manuela Morgado:

Entrevista foi diversificada e não aprofundada

Como cenário político de fundo, o primeiro-ministro pretendeu deixar uma imagem de comando e determinação, mitigada por uma grande abertura de auscultação e abertura de consenso. Como economista, o primeiro-ministro sabe que este cenário convém à manutenção de um clima económico de alta. Foi uma entrevista mais dirigida a eleitores que a trabalhadores e a meios empresariais. Foi uma entrevista que, por muito diversificada, não conseguiu ser aprofundada--disse ao DL a economista Manuela Morgado.

Teria sido interessante que o entrevistador tivesse levado a concluir que as chamadas reformas e medidas difíceis terão, em alguns casos, sido até razão de sucesso das políticas económicas do Governo. Foi a reforma fiscal e, em particular, as cobranças duplas do Imposto sobre o Rendimento, que fariam descer o défice das contas públicas para 7,5 por cento do produto, descida, aliás, com dificuldade de sustentação no futuro.

As privatizações, por seu lado, produziram um encaixe que ajudou o saneamento das empresas públicas prévio à sua entrega ao sector privado. Não se assistiu a uma explicitação das prioridades da política económica perante a presente dificuldade em retomar o período de redução de inflação com elevada procura, como aconteceu até meados de 1989.

Segundo Manuela Morgado, não é previsivel, hoje, uma melhoria determinada de fora, pelo dólar, da razão entre preços de importação e exportação, como então ocorreu. Se o dólar disparar, como chegou a acontecer a meio do ano passado, como será?

A preocupação da positividade fez que faltasse um oportuno alerta aos empresários portugueses sobre a preparação para um mercado de grandes séries e requerendo elevada tecnologia e *design*.

Seria preciso dizer que, sem a organização da distribuição e associação entre empresas portuguesas, muitas delas passarão necessariamente para o âmbito de grupos económicos transnacionais, comandados do exterior.

Portugal pode transformar-se num país de empregados e não de patrões. Por isso teria sido de esperar uma defesa mais aberta da venda directa de empresas a privatizar e não uma «defesa» habilidosa dos métodos até aqui seguidos, com as consequências que se conhecem.

Acrescenta Manuela Morgado que lhe pareceu, também, pouco incisiva a intenção de toma da concertação social perante o repto das alianças entre associações sindicais, por um lado, e associações patronais, por outro.

Faltou, ainda, em meu entender, uma análise das perspectivas da Europa de Leste na sua aproximação à Comunidade Económica Europeia, sobretudo nas suas consequências para Portugal. Essa análise vai a Associação Portuguesa de Economista fazê-la no próximo dia 23 de Janeiro e desde já convida o primeiro-ministro a assistir.

Brandão de Brito:

Acanhado discurso de senso comum

«O primeiro-ministro perde a noção do ridículo, quer quando não justificou a remodelação, como quando diz que mais quis fazer que exibir, como se ninguém tivesse visto a utilização da Comunicação Social por parte do Governo», disse-nos Brandão de Brito, depois de pôr em causa «a forma impressionante como a entrevista foi conduzida, um exemplo de como não se faz uma entrevista numa democracia europeia».

Cavaco não terá traçado uma estratégia global, ao abster-se de «fixar metas ou objectivos, sem eleger meios de actuação», optando por um «acanhado discurso de senso comum», mesmo num terreno, o da Economia, em que sempre se disse que era forte.

«Vago, inseguro, cheio de lugares comuns», o discurso de Cavaco terá sido «igual ao costume e ao próprio primeiro-ministro», revelando «um despeito mal disfarçado pela Oposição, sendo preocupante quando a considera como um incómodo, em tempo de democracia», nos termos de Brandão de Brito.

GRANDE ANGULAR

Como é que um homem de televisão, rotinado em presenças no pequeno écran, viu a entrevista do primeiro-ministro? Que aspectos privilegia? Um bom discurso, sabe-se, pode ser morto por má presença televisiva. O DL foi ouvir Carlos Cruz, homem tido por "passar bem" na TV. Do que nos disse conclui-se que Cavaco passou mal

Um monólogo ensaiado

Pareceu-me, depois de ter visionado há momentos a entrevista, que, embora do ponto de vista da mensagem a forma escolhida possa ser a mais eficaz junto da opinião pública, existem vários indícios de que a comunicação tinha sido estudada-- disse Carlos Cruz ao DL. A opinião deste homem de televisão é de que dava a sensação do primeiro-ministro conhecer as perguntas e já lhes ter respondido antecipadamente. Ou seja, em vez de um monólogo foi um monólogo escrito e «ensaiado».

Perdeu-se toda a espontaneidade. Prova disso mesmo foi a a forma como o chefe do Executivo atacou a pergunta no fim, como se estivesse à espera daquela deixa.

Carlos Cruz ressalva que estas afirmações não significam qualquer acusação ao jornalista, digamos que foi a forma, fria, monocórdica, a preocupação do primeiro-ministro em não deixar de dizer o que queria, que transformou a entrevista num acto de incomunicação entre ele e o público.

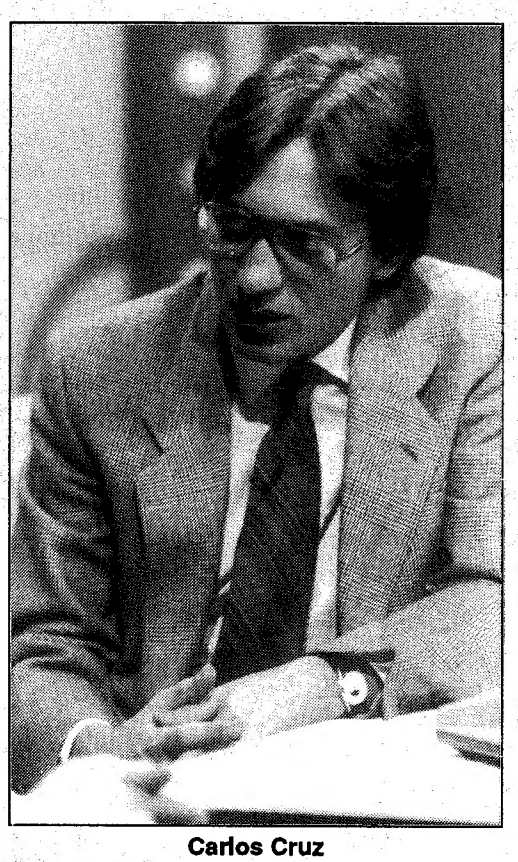
O espectador não foi alvo de uma mensagem, foi antes espectador passivo de uma conversa, mais uma vez emprego o termo, «ensaiada» entre entrevistador e entrevistado.

Note-se que no fim da entrevista, quando se encontrava mais cansado, o primeiro-ministro foi mais espontâneo, as entoações saiam com mais naturalidade e não colocadas com estranheza para o ouvido em sítios da conversa, onde queria sublinhar alguma coisa, até a própria expressão facial se alterou.

Já agora, acrescentou Carlos Cruz, sempre recomendo aos seus assessores para que cuidem da imagem televisiva do chefe do Governo, de forma a alertá-lo para a espuma que involuntáriamente se acumula nos cantos da boca, o que dá uma ideia de nervosismo e tensão.

Já assisti a momentos em que o primeiro-ministro é apanhado de surpresa e estabelece uma comunicação mais viva. Desta vez, foi tudo ao contrário. A entrevista estava demasiado perfeita, demasiado ao segundo, demasiado sem argumentação. Não há entrevistas assim.

Por tudo isto, não gostei--concluiu Carlos Cruz.



Carlos Cruz

Cartoon de **José Bandeira**

olhar de mocho

A entrevista

Do rol das perguntas, seleccionámos para a Antologia do Moderno Pensamento Político Português, as seguintes:

- A remodelação foi ou não apressada?
- Era esta a remodelação que queria?
- Como se entende que tenha deixado cair dois ministros?
- O desgaste não atinge também o P.M.? (= primeiro-ministro).
- Já foi vencido em Conselho de Ministros?
- Tem pena?
- Aprendeu com os fracassos?
- Que dizer ao aumento dos políticos?
- Que pensa das privatizações?
- Que pensa do que se está a passar no Leste?
- E de Angola?

Ficámos com a dúvida: teriam estas perguntas sido formuladas pelo Zé do Telhado, pelo Conselheiro Acácio, ou pelo editor - chefe do Almanaque Borda d'Água?

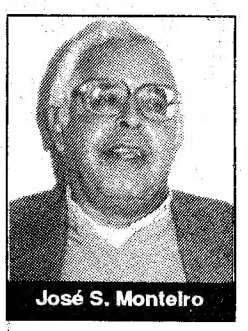
O que mais intrigou nessa longa hora repleta de *suspense* hitchcoquiano consistiu em saber quem teria formulado perguntas tão profundas, de tão elevado requinte cultural e europeu? As perguntas foram *lidas* em catadupa. Mas quem terá sido o seu autor?

Nas respostas às perguntas também existe ampla matéria de antologia: «eu nunca fujo ao trabalho»; «eu não posso lançar o país numa crise»; «falta dinheiro»; «o projecto não é fácil»; «o Governo é uma emanação da Assembleia da República»; «explorar o filão»; »preocupo-me muito com o preço das alfaces»; «controlar a inflação é muito difícil»; «entender as cambalhotas»; «as belezas que nós temos» (neste ponto não ficou claro se se tratava da Beleza da Saúde ou da das Finanças); «vamos ter uma ligação aérea entre Lisboa e Tóquio».

Pois é: quando o Omo faz publicidade na Televisão paga a propaganda. De nada lhe serve lavar mais branco para ter uma hora de publicidade grátis, no primeiro canal e logo a seguir à telenovela.

Mas há ainda dois problemas de monta: primeiro, a leve suspeita de que os excertos do moderno pensamento político a que aludimos não estejam de todo isentos de plágio das mensagens de Ano Novo e dos discursos do histórico Almirante Américo Thomaz. Em segundo lugar, parece que a RTP na sessão de ontem do primeiro canal trocou as bobines: colocou a do Vale Tudo no lugar da da Primeira Página. É uma questão de jornalismo: Vale Tudo na Primeira Página ou tivemos a Primeira Página do Vale Tudo?

E há, finalmente, uma outra análise, talvez a mais profunda: como ainda não chegámos aos calcanhares da Europa, temos de nos desenrascar com os Palopes e de arranjar rei para esse segundo Quinto Império. Nesta perspectiva - arranjar chefe para o reino dos Palopes - a RTP acertou em cheio e só por isso já merece comenda no próximo 10 de Junho, dia da raça.



José S. Monteiro

FORUM

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira
Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa ,Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
José António Carvalho, Jorge Santos, Nuno Teixeira e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutelo
Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

COLESTEROLARILOLÉ

Os meus comentários ao estado de saúde e à preocupação excessiva em viver melhor, o maior número de anos possível, despertaram algumas reacções saudáveis. Ainda bem!

Embora eu tivesse o cuidado de pôr as coisas em termos gerais de discussão, aqueles que chegaram à fala comigo, a propósito dessas minhas notas, pareciam fazer parte de uma comissão parlamentar. Todos eles quiseram discutir o assunto na especialidade. Não tenho margem para dúvidas que, num estudo de opinião acerca das preocupações dos meus entrevistados atingiria o máximo índice de notoriedade uma substância que circula nas veis e artérias de todos nós no fluído do nosso sangue – o colesterol.

Mantenho-me aqui, neste particular, salutarmente agnóstico. Não estou exactamente interessado no que verdadeiramente se passa nas minhas veias e artérias. Mas não pude evitar, por causa daquela minha nota, ficar a saber que há bom colesterol e mau colesterol.

Ao que me disseram, este produto é também tabelado. Se a sua tabela atinge 200, pode considerar que está pronto para bater a bota. Mas isto, claro, só se for mau colesterol. Porque se for bom, bingo! – é uma pessoa de sorte.

É evidente que se for mau, o Criador ainda lhe dá uma hipótese – penitencie-se, coma só hortaliça e iogurte, faça exercício até o seu pulso bater como um louco e a mãe-natureza pode ser magnânima a ponto de o deixar por cá mais uns tempos.

A questão mais interessante que esta história levanta é que os médicos, se estão de acordo quanto ao que pensam relativamente à dr.ª Beleza, estão divididos no que respeita ao colesterol.

Estas contradições parecem ditar uma lei que regulamenta aquilo que é bom e aquilo que é mau para nós.

Tal como o resto de quase tudo na vida, incluindo a política, aquilo que ontem parecia ser bom para nós mostra-se hoje mau.

Os grandes pequenos-almoços de ontem, à inglesa, que, então, eram apontados como o mais aconselhável para uma alimentação saudável, estão hoje proscritos, porque «bacon», ovos, leite e manteiga são assassinos de voz suave para os vigilantes do colesterol.

O café acabou por ser condenado quando os protectores da saúde alheia entenderam oportuno pronunciar-se acerca dos malefícios da cafeína. De tal modo que quase todas as marcas passaram a produzir descafeinado e até a Coca-Cola criou uma variedade sem cafeína.

E temos bebido descafeinado na medida em que gostamos, e com o conforto que nos dá a segurança de não afectar a nossa saúde até agora, momento em que os tantans desta nossa selva nos trazem a notícia – café descafeinado é mau para a saúde!

Parece-me que a lição do colesterol, mesmo assim discutida na especialidade, só pode ser uma. Pelo menos para mim assim é – o fundamental é sobrevivermos o suficiente para ver aquilo que ontem era bom ser mau hoje e voltar a ser bom amanhã. Na saúde e em tudo na vida...

Joaquim Letria

DL

A Direcção e a equipa redactorial do «DL» continuam a receber felicitações e votos de êxito para a nova fase que o nosso Jornal iniciou. Registamos hoje os nomes de mais alguns dos nossos amigos, que se nos dirigiram de forma sensibilizadora:

Guilherme d'Oliveira Martins, consultor da Casa Civil do Presidente da República, Jorge de Figueiredo, secretário executivo do Conselho de Imprensa, Carlos Coelho, presidente da JSD, deputados socialistas Jaime Gama e João Cravinho; Luís Fontoura, da Interfina; Gustavo Moura, director do «Açoriano Oriental», Joaquim Queirós, director da «Gazeta dos Desportos», Helena Marques e Fernando Pires, respectivamente directora adjunta e editor-chefe do «DN»; jornalistas Luís Delgado, Nuno Coutinho, João Gomes, A. Jardim Gonçalves, Luís Humberto Marcos, Torquato da Luz, Carlos Pinto Coelho, Artur Castro Neves, Eduardo Oliveira e Silva, Luís Marinho, José Saraiva, Luís Alberto Ferreira; António de Castro Pires, correspondente do «DL» em Montargil; Maria Emília Correia, realizadora da RDP; Beatriz Costa; Rosa Mota e Carlos Pedrosa; Acácio Rosa; Consiglieri Pedroso, presidente do CG do Metropolitano de Lisboa, José Luís de Almeida Silva, do Centro de Formação Profissional para a Indústria Cerâmica das Caldas da Rainha, António Salavessa, da Companhia Portuguesa Rádio Marconi, Luís Ribeiro, administrador da Centrel, Maria do Rosário Hespanha, da Bayer Portugal, SA, e Fernando Barata.

Cartoon de **Pedro Palma**

Um exclusivo Faces of the World/DL@1990

ana

aeroportos e navegação aérea, e.p.

PRÉ-AVISO DE GREVE PARA 19, 20 E 21 DE JANEIRO ENTREGUE PELOS SINDICATOS DOS CONTROLADORES DE TRÁFEGO AÉREO

INFORMAÇÃO AO PÚBLICO

O Conselho de Gerência da **ANA, E.P. - AEROPORTOS E NAVEGAÇÃO AÉREA,** lamenta ter de informar a existência do risco de mais uma paralisação em Portugal do transporte aéreo, por 72 horas consecutivas, abrangendo os dias 19, 20 e 21 de Janeiro, por força de um pré-aviso de greve entregue em 12 de Janeiro pelos Sindicatos dos Controladores de Tráfego Aéreo.

Dada a gravidade potencial da situação criada e que não é da responsabilidade da Empresa, importa dar a conhecer publicamente as razões da ameaça de greve acima referida.

Na sequência de um pré-aviso de greve respeitante aos passados dias 07 e 08 de Janeiro, apresentado pelos Sindicatos acima referidos, a greve acabou por ser desconvocada, tendo a ANA, E.P. apresentado a proposta de um aumento de 12% para 1990 e aceite discutir a questão das horas extraordinárias, bem como um possível aumento adicional até 2% relativamente a algumas remunerações operacionais consideradas pelos Sindicatos como estando desactualizadas em alguns sectores de operação.

No âmbito das horas extraordinárias, deverá esclarecer-se publicamente que no decurso de 1989 os Controladores de Tráfego Aéreo receberam cerca de 72.000 contos correspondentes a aproximadamente 33.000 horas de trabalho extraordinário, porquanto, embora esteja previsto no Acordo de Empresa que se obrigam ao cumprimento semanal de 35 horas de trabalho normal, por arranjo dos horários de trabalho e folgas intercalares, não tem sido possível conseguir que trabalhem mais do que 28 horas por semana em regime normal. Assim, têm sido considerados como horas extraordinárias e pagos como tal todos os períodos de trabalho para além do valor atrás referido, ou seja, o limite das 35 horas de trabalho normal por semana acaba por ser apenas um quantitativo teórico que, por força da prática seguida até agora, se transforma em 28 horas semanais.

Pretendem os Sindicatos dos Controladores de Tráfego Aéreo que, em adição ao aumento salarial geral de 12%, proposto pela ANA, E.P. e por eles aceite, fosse incorporado no seu vencimento o valor de mais cerca de 105.000 contos que resultaria do total das horas extraordinárias recebidas em 1989, na ordem dos 72.000 contos, acrescido de uma sobrevalorização para 1990 de modo a prefazer os 105.000 contos. Como contrapartida, os Sindicatos assumiriam o compromisso da não cobrança de horas extraordinárias entre as 28 e as 32 horas semanais, período aliás constando no Acordo de Empresa como estando dentro do limite das 35 horas de trabalho normal semanal.

Apesar do inusitado da situação, que é pagar-se como trabalho extraordinário o que à partida e contratualmente figura como sendo trabalho normal, a ANA, E.P. acedeu considerar a sugestão dos Sindicatos quanto à revisão das horas extraordinárias. Todavia, contrapôs em alternativa não aceitar a inclusão do montante respeitante às horas extraordinárias e aumentar os vencimentos de 12% para 12,5%, percentagem equivalente a aumentos para 1990 entre os 47 e os 63 contos por mês relativamente à grande maioria dos Controladores de Tráfego Aéreo que já receberam no ano de 1989 entre 4.500 e 6.000 contos.

Os Sindicatos não aceitaram a proposta da Empresa, apesar do seu elevado valor absoluto e da circunstância de estar bem acima da taxa de inflação prevista para 1990.

Será, igualmente, de fazer notar publicamente que desde 1985, os Sindicatos dos Controladores de Tráfego Aéreo, recorrendo ao uso do que assumem ser um monopólio na sua área profissional, têm vindo a exigir e a obter notórios aumentos de massa salarial sempre superiores às taxas de inflação, com especial relevo logo em 1985 em que alcançaram um aumento médio de 41% contra uma taxa de inflação de 19,3%.

É por demais evidente que uma tal escalada não poderá prosseguir por razões de justiça social e por colocar em causa os objectivos nacionais que justificam a existência da ANA, E.P. como serviço público visando a concretização progressiva de melhores e mais modernos aeroportos, de mais ajudas rádio à navegação aérea e de um melhorado serviço de comunicações e de controle de tráfego aéreo.

É, portanto, irrealista pretender-se que se dê cobertura a imposições económica e socialmente injustificadas. Dever-se-á salientar que os acréscimos de remunerações oferecidos pela ANA, E.P. representam já 1.3 a 1.8 vezes o salário mínimo nacional, o que eleva para 5.050 a 6.750 contos as remunerações anuais para a grande maioria dos Controladores de Tráfego Aéreo, equivalendo a valores na ordem dos 420 a 560 contos por mês.

Aliás, no decurso das negociações já efectuadas os Sindicatos dos Controladores de Tráfego Aéreo ainda não justificaram porque é que pretendem aumentos salariais mensais médios bastante superiores aos já oferecidos pela ANA, E.P. Em síntese, os Sindicatos pretendem realizar mais uma greve durante 3 dias consecutivos que causará grandes e graves prejuízos a terceiros, desde as companhias de transporte aéreo, aos agentes de turismo, aos fornecedores de alimentos nos aeroportos, etc., em adição às incomodidades e prejuízos de toda a ordem provocados à comunidade, e isto apesar de os Controladores de Tráfego Aéreo, cerca de 300 pessoas, poderem já auferir das seguintes regalias:

— remunerações médias entre 420 a 560 contos por mês, representando cerca de 12 a 16 salários mínimos nacionais;
— trabalharem apenas cerca de 28 horas por semana como trabalho normal, apesar de o limite fixado no Acordo de Empresa ser de 35 horas semanais;
— terem reforma por inteiro automaticamente actualizada aos 52 anos de idade, situação ímpar no contexto nacional;
— serem formados na ANA, E.P., única escola nacional existente, sem qualquer dispêndio para os próprios, para além de receberem vencimento enquanto estão no estágio de formação;
— disporem de um subsídio de refeição que torna a mesma gratuita nas instalações da Empresa;
— disporem de apoio de cafetaria em funcionamento permanente, dia e noite;
— disporem de quartos para descanso no decurso dos turnos de trabalho.

Em contraponto à atitude de falta de razoabilidade e de aparente insaciabilidade dos Sindicatos dos Controladores de Tráfego Aéreo, a Empresa continua a manter a sua disponibilidade completa e sem reservas para considerar todas as reivindicações razoáveis que lhe venham a ser apresentadas pelos Sindicatos dos Controladores de Tráfego Aéreo.

CARTAS NA MESA

O poder e a corrupção

O recente aumento de 56 por cento nos vencimentos dos titulares de cargos políticos, quando foram apenas de 12 por cento os aumentos dos restantes trabalhadores, com excepção dos militares que tiveram mais, não se sabe bem porquê, e de 14 por cento os dos reformados e pensionistas, gerou nuturalmente, em todo o País, uma onda de críticas e protestos justos, pelo que de imoral e de ilegítimo representava tal situação discriminatória.

Ao ler no "Diário de Lisboa" de 12 do corrente a afirmação do deputado dr. Almeida Santos "o casamento do poder com as dificuldades financeiras gera com frequência um filho que dá pelo nome de corrupção", fiquei com a convicção de que o referido aumento de 56 por cento não passou de uma salutar manobra política visando apenas identificar os potenciais corruptos - aqueles que aceitassem o aumento - que seriam afastados do exercício das suas funções.

Assim, poder-se-ia considerar corruptos aqueles que aceitassem o aumento e honestos os outros. Como não consta que algum político tenha sido demitido por motivo de corrupção, poderá concluir-se que todos os políticos recusaram o aumento de 56 por cento, não existindo pois em Portugal políticos corruptos no exercício de quaisquer funções públicas.

Gomes Alexandre,
leitor de Lisboa

CONTOS DE FADAS

Seja da modificação dos climas, dos buracos do ozono, da aproximação do fim do milénio, da progressiva e estimulante integração na CEE, da instituição da política como floresta de enganos, o facto é que Portugal, apesar da sua modesta propensão para eucaliptal - parente mais que pobre das frondosas florestas -, tem vindo ultimamente a descobri-se como terreno propício para contos de fadas - o que até agora estava reservado aos povos do norte mais os seus nevoeiros.

É facto que os portugueses se têm revelado excelentes ouvidores de histórias de encantar e têm mostrado forte vocação para se tornarem seus felizes protagonistas.

A preocupação com o «País Real» cedeu lugar à vivência de um encadeado infindável de contos de fadas. O País Real é agora um País Maravilhoso. Para os seus habitantes, o mal, quando existe, só existe para poder ser castigado. E é o que acontece sempre às rainhas más e às madrastas sem coração.

Tudo acaba sempre em bem

Observe-se a felicidade estampada nos rosots juvenis pintados de carnaval em Janeiro, esses milhares de pequeninos caloiros, saltitantes, como gnomos, de cogumelo em cogumelo, de média em média, de décima em décima, de curso em curso, de quarto alugado em quarto alugado, de praxe em praxe, fazendo da sua entrada no paraíso universitário uma festa de estourados esquilos no bosque, em agradecimento às Fadas Boas do Poder, que os elegeram entre tantos, que os fizeram esperar 6 meses, para o seu próprio bem, de modo a ficarem mais preparados para o futuro, poderem atingir um nível de conhecimentos mais elevado, compatível com as exigências europeias, e fazerem, assim, de Portugal um País de Cultura. É que o conto de fadas não se compadece com os conceitos de sistema escolar, função social da escola, política educativa, selecção, etc. Só conhece a Sorte.

Note-se a espontânea indignação de todos os portugueses ao descobrirem que Ceausescu era um ogre, com preversões como o jogo de bilhar, proprietário de torneiras de ouro e de piscinas, e a sua alegria incomensurável ao saberem que foi castigado aquele e aquela que proibiam, no seu país, as mulheres de abortarem - reacção só possível neste País de Maravilha onde, como se sabe, o aborto é livre e gratuito, todos os operários vivem em belos apartamentos com casa de banho e não se conhece ninguém que tenha conta na Suíça... É que conto de fadas não comporta os conceitos de ditadura, nem de estalinismo, nem de sistema político, nem de privilégio social. Só conhece o Ogre.

Veja-se a encantadora (e encantada) disponibilidade de um auditório que conviveu com a Gata Borralheira, o Capuchinho Vermelho, a Bela Adormecida e os 3 Porquinhos desde a mais tenra infância e que, na sua maioria (63%) acha a última remodelação ministerial «justificada» ou «totalmente justificada», que considera a 70% - e quanto mais perto da infância mais considera - uma remodelação «importante», havendo ao mesmo tempo 20% que declaram que não sabem o que é que Cavaco procurou... É que o conto de fadas desconhece o conceito de partido, de pensamento e prática política, de interesses individuais e de classe. Só sabe que se começa por «Era uma vez».

Estes fenómenos vêm no seguimento de outros. De há uns anos para cá, tem aumentado o número daqueles que encontram, inesperada e milagrosamente, o fruto salvador em cima da mesa de uma cabana de lenhador. O fruto tem escrito «Come-se» e é mesmo para ser comido. O risco de alguma bruxa má lhe ter injectado veneno é mínimo, atendendo a que nos contos de fadas tudo acaba sempre em bem, mesmo que, pelo meio, haja difíceis percursos por vales e montanhas, com armaduras de ferro e perdas de pedaços de corpo sem recuperação.

As ajudas do FSE ali estão, à mercê de quem quiser ter emprego por 3 meses ou para a vida inteira, benesse das fadas boas que actuam sempre a fundo perdido. Nos contos de fadas, a maçã é tentadora, mas não é pecado. Também não há patrões nem empregados, nem desempregados, nem há países pobres nem ricos. Só há reis bons e reis maus e quase todos são bons.

O que tem que ser tem muita força

Um ouvinte experimentado em contos de fadas, candidato a seu protagonista, não se interroga, nem interroga quem conta. Não se adianta ao tempo da narrativa. Não indaga o depois de 92. Isso será contado a seu tempo. No País dos contos de fadas, o que tem que ser, tem que ser.

Perguntar ao Rei porque é que passou a ter 17 ministros e 42 secretários de Estado é coisa tão sem sentido como perguntar porque é que os 7 anões são 7, os 3 porquinhos são 3, os ladrões de Ali Baba 40 e a Bela ficou adormecida 100 anos e não 50 ou 500. O contador de histórias não tem nada que explicar - até porque isso quebra o encanto.

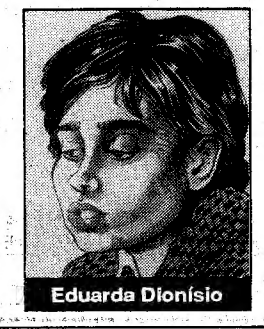
Vem tão fora de propósito perguntar porque é que uma remodelação se fez naquele dia, porque é que saíram uns e não outros, onde se foram buscar os que entraram, como indagar o que é que andou a fazer o Príncipe antes de ter encontrado a Princesa. O que é importante é o Príncipe ter encontrado a Princesa.

Nesta saudável história de encantar, sempre renovada, entra, pois, a matar o mistério dos 10% de portugueses que vivem com menos de 32 contos mensais - pequenos polegares que os pais atiraram por bem para a floresta e que lá vieram a salvar-se por força de migalhas de pão, pedrinhas, argúcia e passarinhos - e assentam como uma luva as botas de sete léguas que levam um Presidente a voar como Nils Holgerson e a chegar na qualidade de fada madrinha às novas democracias de Leste.

Branca de Neve e o Príncipe Encantado

Neste contexto, não é de admirar o carinho que os portugueses manifestam pelos seus governantes que mais se assemelham às figuras que conhecem desde as edições Majora da sua infância e que agora têm a oportunidade de ver em carne e osso na televisão.

O que Branca de Neve tem de mais determinante é uma beleza sem igual. Orfã, foi injustamente precipitada, por sujas razões de rivalidades, para aventuras que lhe adiaram a felicidade. Soube ter paciência e manteve a serenidade. Os ouvintes indignar-se-iam se um qualquer anão dos bosques lhe usurpasse o lugar no momento em que ela preparava amorosamente a refeição aos seus sete amiguinhos, dificultando-lhe assim o encontro com o príncipe encantado.


Eduarda Dionísio

Foi o que aconteceu a Teresa Patrício Gouveia, cuja demissão transformou cada português nesse hipotético Príncipe - o que lhe proporcionou uma comovente recepção na Assembleia da República. Só um muito intenso viver em contos de fadas pode explicar que os intelectuais estivessem afinal todos tão reconhecidos à política cultural do PSD...

No género masculino, outra figura há que usufrui da sua parecença com os protagonistas destas simpáticas histórias infantis: Roberto Carneiro, que começa a sua carreira política (com a pele banhada em sangue do dragão, o que o torna invulnerável a críticas, contestações, greves ou recusas) depois de já ter aqueles muitos filhos da última frase do conto - «casaram, tiveram muitos filhos e viveram muitos anos felizes». Iniciou então a revolução escolar para o ano 2000, o que começou pela batalha contra o insucesso escolar e pelo combate ao baixo nível das universidades através da PGA. Que interessa o resultado das ditas guerras, se o contador de histórias diz que os professores e suas greves são as bruxas más e se os ouvintes estão ali para acreditar que um copo de leite, uma prova geral e uma prova específica nos fazem aproximar do resto da Europa?

A varinha de condão

No nosso País das Fadas, a varinha das estrelinhas, que transforma abóboras em ricos coches dourados, está sempre em funções: não só aparecem providenciais caçadores que matam no último momento o Lobo Mau - e é o caso daquele Ministro que desce das faldas das montanhas de Trás-os-Montes para exterminar maus ambientes e poluições - como desaparecem figuras que se disfarçavam de fadas boas e afinal não estavam tão inclinadas como isso para a prática do Bem: Cadilhe, Beleza e o Ministro dos Polícias lá foram feitos em bolacha nos próprios fornos da Bruxa Má e agora estão na montra da confeitaria de S. Bento à espera que novo toque os transforme em duques e duquesas de carne e osso.

Mas a varinha de condão também tem importantes efeitos sobre o espaço e as dimensões. Como Alice, que, ao ingerir as poções mágicas, se amplia e reduz como numa máquina de fotocópias. Portugal, ora é tão pequenino que tem direito a meter-se na bicha da sopa-do-Sidónio da CEE ou dos EUA, ora se transforma em enorme potência, mediadora entre continentes e civilizações, graças à sua importante posição geoestratégica, à riqueza da sua História e ao baixo preço da sua mão-de-obra, e em benemérito das nações onde acontecem calamidades, como a Roménia.

E o próprio tempo também é aqui regulado por estes poderes mágicos: não só as numerosas comemorações nos fazem recuar centenas de anos e viver os tempos heróicos da Reconquista, e dos Descobrimentos como se de presente se tratasse, mas também a influência da varinha mágica atravessa os oceanos e faz com que Bush considere Cavaco Silva, essa descoberta da década de 80, seu «velho amigo» - o que não pode deixar de provocar intenso prazer naqueles para quem até Almodôvar são glórias.

E o mais curioso é que a lógica de conto de fada se tornou de tal modo avassaladora que há quem acredite que o Capuchinho Vermelho alguma vez acreditou, ele, que era a carinhosa avozinha que falava enquanto ia conversando com o Lobo Mau, que se refastelou na cama da pobre velhinha.

Lalumière prepara em Lisboa cimeira alargada sobre Leste

A secretária-geral do Conselho da Europa inicia em Portugal uma ronda pelos 23 países membros

A secretária-geral do Conselho da Europa janta esta noite com o Presidente da Republica, a convite deste, no primeiro dos dois dias da sua visita oficial a Portugal. Catherine Lalumière, que esta manhã foi recebida por Cavaco Silva na residência oficial do primeiro-ministro, deverá discutir nos encontros que hoje terá com Mário Soares, o presidente do Parlamento, Vítor Crespo, e o ministro João Deus Pinheiro, a eventual convocação por Lisboa, durante a próxima Primavera, de uma reunião de ministros de Negócios Estrangeiros do Conselho da Europa.

Catherine Lalumière encontra-se esta tarde o presidente da Assembleia da Republica, depois de um almoço de trabalho com o ministro dos Negócios Estrangeiros, que entre 27 e 31 do corrente participará na Assembleia Parlamentar europeia e se encontrará, em Estrasburgo, com os primeiros-ministros da Polónia e da Hungria, que pediram a sua adesão ao Conselho.

Países de Leste pedem adesão

As relações com o Leste europeu, cujos países pediram a sua adesão ao Conselho, e a próxima instalação de um centro para o diálogo Norte-Sul, que Portugal tem defendido com insistência nos últimos tempos, foram duas das grandes questões que a secretária-geral do Conselho da Europa abordou já esta manhã com Cavaco e que apreciará nas reuniões de trabalho de hoje, a fim de definir a futura política da organização em relação aqueles países.

O facto de Portugal deter, desde Novembro último, por um período que se estende até Maio próximo, a presidência deste orgão europeu, não é alheio a esta visita, muito embora Catherine Lalumière se proponha viajar até aos 23 países que integram o Conselho da Europa.

É a primeira visita que Catherine Lalumière faz a um País do Conselho da Europa depois da reunião do Comité de Ministros de Novembro último, quando a sua presidência , rotativa, foi assumida por Portugal.

Na ocasião, foi proposta a realização de uma «Cimeira dos 23» sobre a Europa de Leste, que eventualmente poderá ter lugar durante a presidência portuguesa. A questão terá sido esta manhã apreciada no encontro com Cavaco e poderá ser debatida, numa primeira fase, em reunião de alto nível, em Lisboa, antes que Portugal passe, em 16 de Maio próximo, a presidência a outro País.

O ministro dos Negócios Estrangeiros de Israel chegou esta manhã a Lisboa para uma visita de trabalho de dois dias com o seu homólogo português em que a situação no Médio Oriente, o Leste Europeu e as relações bilaterais estarão em foco.

Moshe Arens terá encontros com os presidentes da Repúbkica e da Assmbleia da República, em separado, e com o Primeiro-Ministro, bem com o com o líder do Partido Socialista.

Membro do «Likud», bloco conservador que integra o Governo israelita, Arens abordará com os seus interlocutores portugueses a evolução do processo de paz para o Médio Oriente. Note-se que Portugal tem rejeitado as posições israelitas e manifestado apoio à autodeterminação palestiniana, com a participação da OLP nas conversações de paz.

As relações de Israel com a CEE serão também abordadas nos encontros do ministro Arens com os presidentes e governantes portugueses.

Rui Pacheco

Christine Lalumière com o primeiro-ministro, esta manhã, em S. Bento

Deve e haver das eleições continua por fazer

O prazo legal de apresentação de contas só foi respeitado por cinco organismos concorrentes

Após a realização das últimas eleições autárquicas «uma parte substancial» das forças concorrentes ao sufrágio de 17 de Dezembro não prestou contas à Comissão Nacional de eleições, CNE, dentro do prazo legal que ontem terminou.

Segundo uma fonte daquele organismo, apenas 25 das 30 entidades, entre partidos, coligações e grupos independentes, cumpriram a obrigação legal de prestar contas.

A ausência de prestação de contas, que deve ser feita nos 30 dias subsequentes às eleições, implica participação criminal.

Faltam 11 resultados

Entretanto, a Comissão Nacional de Eleições aguardava, ainda ontem a chegada das actas com os resultados finais em 11 concelhos de oito distritos e uma região autónoma, disse fonte oficial.

De acordo com a mesma fonte, «o atraso na entrega à CNE das actas elaboradas pelas assembleias de apuramento geral de votos daqueles concelhos deve-se, designadamente, a recursos interpostos para o Tribunal Constitucional por forças concorrentes às eleições».

Os atrasos impedem também a CNE de elaborar os mapas eleitorais com os resultados oficiais registados nos 305 concelhos e 4.208 freguesias onde decorreu a eleição dos órgãos das autarquias.

Assim faltam os resultados dos seguintes concelhos: Moura (distrito de Beja); Barcelos (Braga); Torres de Moncorvo (Bragança); Gouveia (Guarda); Castanheira de Pêra (Leiria); Entroncamento e Ferreira do Zêzere (Santarém); Almada (Setúbal); Peso da Régua (Vila Real). Na Região Autónoma dos Açores a CNE aguarda os resultados dos concelhos de Santa Cruz das Flores e Lagoa. Na Região Autónoma da Madeira o Tribunal Constitucional ordenou a repetição do acto eleitoral em três secções de voto da freguesia de Santa Catarina e em duas da freguesia de São Pedro, no concelho do Funchal. As eleições nestas cinco secções de voto realizam-se no domingo.

BREVES

Congresso secreto da Nova Monarquia

A Força Nacional-Nova Monarquia organiza um congresso, na sexta-feira para, segundo noticiou a Lusa, «analisar a actual situação política e agendar actividades do partido». A reunião decorre à porta-fechada e Miguel Castelo Branco, secretário-geral e fundador desta organização, justificou tal facto alegando que vão participar na reunião «pessoas de certo relevo político» que ainda não querem ser conotadas com a FN. Castelo Branco negou ainda as ligações com os «cabeças-rapadas» que têm sido atribuídas ao movimento que lidera, argumentando que «tem ideais nacionalistas» mas de inspiração católica e rejeitando qualquer violência.

Jornalista ameaçado pelos «skinheads»

Um jornalista do «Primeiro de Janeiro» foi ameaçado depois de ter publicado uma entrevista com responsáveis pelo assassinato de um jovem negro pelos «cabeças-rapadas». Fontes da Redacção daquele jornal confirmaram a recepção das ameaças e ainda de avisos de colocação de bombas nas instalações do jornal, feitos por telex e não identificadas. O PSR incluiu este caso no relatório apresentado ao Procurador-Geral da República e num comunicado critica de novo o Ministério da Administração Interna por não garantir segurança contra tal organização.orte

Política externa e política geral em causa

Gama convocou o Governo para um debate parlamentar

O deputado socialista Jaime Gama retomou, ontem, o desafio a Cavaco Silva para seapresentar na Assembleia da República e ali participar num debate sobre política geral.

O desafio fora já lançado pelo PS, na ressaca da remodelação, argumentando, na altura, com o facto de terem sido tantas as mudanças de ministros e secretários de Estado que é quase de um novo Executivo que se trata. Logo, e tal como insiste agora Jaime Gama, é de todo justificado que «o País se esclareça melhor sobre o sentido em que caminha o actual Governo». Gama acrescentou à convocatória dirigida a Cavaco Silva argumentos que, segundo ele, «redobram o peso da justificação do debate». A saber: a importância e a premência de assuntos relacionados com a articulação e inserção internacional do Estado português no novo quadro da segurança europeia e mundial. «Neste quadro de profunda e acelerada mutação--disse Jaime Gama--Portugal não pode ficar estático e sem perspectiva, repetindo com ausência de imaginação receitas para outro figurino. Os anos 90 exigem uma reflexão exigente sobre a nova articulação internacional do País, o seu relacionamento externo e a sua segurança».

O exemplo português no Conselho da Europa

Para o PS, a avaliar pela intervenção política do seu porta-voz na sessão de ontem, o reforço do papel da Comunidade Europeia será uma constante, «não apenas no campo económico e social, mas também no plano das instituições e da articulação dos espaços político-diplomáticos».

É também chegada a hora--Gama o disse-- de valorizar no Conselho da Europa o papel de Portugal e o exemplo português na transição para a democracia e de acentuar a importância do Conselho como antecâmara de acesso às Comunidades Europeias dos Países da Europa Central que «iniciam processos de transformação de regime em alguns aspectos muito semelhantes aos que nós próprios vivemos».

No domínio da segurança europeia, afirmou crer o PS chegada a altura de dar conteúdo preciso à participação portuguesa na Conferência de Viena. «Só ela configurará com exactidão o alcance geo-estratégico da expressão do Atlântico aos Urais», disse. «O horizonte que se abre diante de nós- concluiu Jaime Gama--é portador de fundadas esperanças para ultrapassar até ao fim do século a divisão da Europa e a partilha do Mundo». A reafirmação, por Jaime Gama, do desafio ao Governo para um debate parlamentar sobre política geral foi considerada por Ângelo Correia, do PSD, como «falha de originalidade» a pretexto de que o próprio partido da Maioria já promovera idêntico debate em Dezembro. Adriano Moreira, do CDS, também interpelou Gama sobre esta intervenção de fundo, mas para apresentar uma proposta concreta ao Governo português, a da criação de uma Fundação Europeia na intenção dos países de Leste. Segundo o deputado centrista, as universidades, as bibliotecas públicas e os organismos de informação de Leste estão vazios de material informativo, como livros e vídeos sobre ciências humanas, política, estratégia e filosofia de valores. «Posso informar a Câmara, de ciência certa, que eles reclamam deste vazio», disse Adriano Moreira, que acrescentou estar «ao alcance de Portugal organizar uma Fundação Europeia que canalize elementos de informação para essas instituições».

Jerónimo de Sousa também quer interpelar

Surpresa na sucessão de intervenções no período antes da Ordem do Dia, típicas das terças-feiras: Jerónimo de Sousa, pelo PCP, e Hermínio Martinho, em nome do PRD, voltaram à carga sobre a recente remodelação governamenatal, aflorando também as eleições autárquicas, que já fazem parte da arqueologia do discurso parlamentar. Martinho disse da remodelação--depois de glosar o tema da abstenção eleitoral e do aliciante que vai ser a presente sessão legislativa--que «o Governo respondeu, não com novas ideias e com instituições renovadas, mas com novos actores para desempenharem a mesma política».

Jerónimo de Sousa garantiu que «a forma atribiliária e desordenada como a remodelação foi executada desmente a afirmação categórica do Primeiro-Ministro de que tal coisa estava programada há dois anos». «Os queimanços, os conflitos, os desabafos, as crucificações e o recurso a figuras apagadas e obscuras-- disse o vice-presidente do Grupo Parlamentar do PCP-- longe de representarem um alargamento ou uma retoma dos apoios de Cavaco Silva e do seu Governo, reflectem e reforçam o seu isolamento social e político, inclusivé dentro do próprio PSD».

O deputado comunista aproveitou esta intervenção para anunciar que o PCP também quer interpelar o Governo sobre política geral. As explicações para esta iniciativa do Grupo Parlamentar comunista fundam-se no «desaire eleitoral do PSD e nas falhadas operações da remodelação». O PCP pretende ouvir o Governo, especialmente, sobre as circunstâncias políticas relativas à distribuição e aplicação dos fundos comunitários».

Daniel Reis

I Série
N.º 14
Dia 17
de
Janeiro

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Portaria n.º 38/90:
Aprova o impresso de nota de cobrança destinado às liquidações a efectuar pelos serviços, ao abrigo das disposições dos Códigos do IRS e do IRC

Portaria n.º 39/90:
Autoriza a sociedade TAGOL - Companhia de Oleaginosas do Tejo, S.A., a estabelecer um terminal marítimo de carga para mercadorias a granel no seu complexo portuário industrial sito no lugar de Palença, concelho de Almada

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Decreto-Lei n.º 25/90:
Alarga a zona *non aedificandi* na linha do Oeste (troço Lisboa-Cacém) e revoga o Decreto Regulamentar n.º 5/79, de 13 de Março

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 153 250 contos

SUPLEMENTO

Ministério das Finanças

Decreto-Lei n.º 19-A/90:
Cria uma linha de crédito especial para apoio à reparação dos danos causados pelo temporal do dia 3 de Dezembro de 1989, em Faro

Indultos
Com data de 12 de Dezembro foi hoje distribuído um suplemento do «Diário da República» que inclui 30 decretos do Presidente da República indultando penas

ID apresenta projecto sobre Alta Autoridade

Confirmada, por ora, para a próxima terça-feira, a discussão sobre a Alta Autoridade para a Comunicação Social. Sabe-se já que o debate promete, pois as propostas de regulamentação desta matéria são várias e diversificadas.

Sabe-se também que a Maioria se mostra receptiva a negociar com a Oposição os aspectos mais controversos da proposta do Governo, nomeadamente no sentido de aproximar o diploma das pretensões dos profissionais do sector.

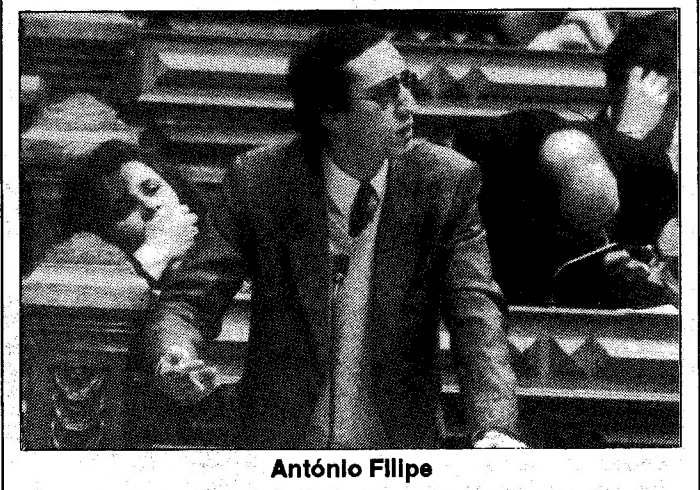
O Sindicato dos Jornalistas foi, aliás, recebido ao fim da manhã de hoje pela Comissão Parlamentar de Direitos Liberdades e Garantias para lhe expor as reservas quanto ao conteúdo da proposta do Governo e em particular quanto à composição prevista da Alta Autoridade.

O terceiro projecto de regulamentação da Alta Autoridade entrou ontem na Mesa da Assembleia, exactamente sobre o limite temporal para a sua admissibilidade. Subscreve-o a Intervenção Democrática, numa das suas raras iniciativas desde que o Regimento de Silva Marques desfez a ID como agrupamento parlamentar, e tem muitos pontos de contacto com as bases propostas pelo Partido Socialista.

Segundo os seus subscritores, o projecto de Corregedor da Fonseca e Raul de Castro mantém em pleno vigor o Conselho de Imprensa e visa dotar a Alta Autoridade para a Comunicação Social de atribuições susceptíveis de «garantirem o livre exercício do direito à Informação e assegurarem a liberdade de Imprensa com total independência dos poderes político e económico».

A ID aponta como forma de escolha dos quatro elementos da Alta Autoridade, que estão em causa neste processo, a designação de representantes pela organização profissional dos jornalistas, pela Sociedade Portuguesa de Autores, pelas associações de defesa dos consumidores e pelas associações da Imprensa diária e não diária. A divergência, neste ponto, quanto ao projecto do PS, assenta apenas na representatividade do patronato da Imprensa na Alta Autoridade. Em vez da AID e da AIND, o Partido Socialista deseja ver representado o Conselho de Reitores da Universidade.

À MARGEM



António Filipe

Advogados são aos milhares e crescem como cogumelos

Em 1973, havia 3.225 advogados inscritos na Ordem. Actualmente, os sócios da Ordem dos Advogados já passam dos oito mil. Estima-se que dentro de seis anos eles possam atingir os 15 mil. Só nos últimos cinco anos inscreveram-se em Lisboa 2.184 novos advogados o que equivale a metade do número total de inscritos no Conselho Distrital da Ordem.

Estes números, revelados pelo deputado António Filipe, confirmam o aumento crescente dos licenciados em Direito, ao que corresponde, segundo este deputado do Partido Comunista, «uma agudização das suas saidas profissionais». Justificaram também a apresentação pelo PCP de um projecto de novo regime de estágio de advocacia e de apoio aos advogados estagiários.

Aventuras e desventuras de um recém--licenciado

Propostas alternativas de títulos para a discussão ontem travada na Assembleia da República e intitulada, segundo o Boletim Informativo, estágio de formação de jovens advogados:

--Aventuras e desventuras de um recém-licenciado;

--A arte do desenrascanso em 18 meses;

--Curso intensivo não financiado pelo Fundo Social Europeu;

--Indigna iniciação a uma profissão digna;

O autor destas propostas foi o deputado socialista José Apolinário, ele próprio dirigente da juventude do seu partido e, como tal, directamente interessado em associar-se ao bom sucesso da iniciativa de António Filipe, que interessa a milhares de jovens.

Segundo Apolinário, a forma como os estágios são hoje realizados pelos candidatos à advocacia é má, é falsa e é uma ficção, sendo urgente dignificá-la.

Candal à moda antiga desmoraliza estagiários

As inovações mais importantes do diploma agendado pelo Partido Comunista para o debate de ontem apontavam para a formação dos advogados em centros de estágio distritais e de comarca e a atribuição de um subsídio a todos os estagiários, assim como descontos nos transportes públicos, bolsas de estudo e outros meios de apoio aqueles cujo rendimento familiar *per capita* fosse inferior ao salário mínimo nacional. O projecto comunista, defendido por António Filipe, não chegou a ser votado na sessão de ontem: a requerimento do partido proponente, que reuniu a unanimidade dos votos do hemiciclo, baixou à Comissão, na esperança de ali ser trabalhado de modo a poder ultrapassar com êxito a prova de fogo da votação no plenário.

A discussão não dera sinais conclusivos sobre a orientação das outras bancadas, em particular da bancada do PSD, até que o advogado Carlos Candal, deputado do Partido Socialista e tribuno forense à moda antiga, arrasou as expectativas dos jovens estagiários com meia dúzia de considerações demolidoras. Disse o advogado de Aveiro que duvidava da legitimidade da Assembleia para regulamentar ao pormenor esta carreira profissional e considerou até abusiva a discussão desta matéria sem um parecer escrito e consultável da Ordem.

«O texto do Partido Comunista é bem feito--acrescentou--e faço-lhe justiça por isso. Mas levanta-me uma reserva absoluta: a proposta de formação em centros de estágio enferma de uma visão colectivista e proletarizante da profissão de advogado e isso eu não posso aceitar».

Os aplausos com que a bancada do PSD acolheu a declaração tonitruante de Carlos Candal selou, de facto, o destino deste projecto apresentado pelo recém-estagiário de advocacia, António Filipe. Não se lhe augura grande futuro.

INTERNACIONAL

Invasão do Panamá motiva ataque de McGovern a Bush

Do nosso correspondente em Washington

Três semanas e meia depois da invasão do Panamá, as forças americanas mantêm uma guerra de nervos em redor de três embaixadas, enquanto, nos EUA, o processo judicial de Noriega prossegue os seus trâmites e a voz autorizada de George McGovern se faz ouvir na página de opinião do «Washington Post», criticando o presidente Bush.

A questão da intervenção militar americana volta agora com algum destaque às páginas dos jornais, após um período de acalmia subsequente à prisão e posterior extradição do ditador panamiano. Incidentes recentes vieram recordar à opinião pública que, apesar da operação militar ter sido dada por terminada e a maior parte das tropas regressadas às bases, o facto é que os militares americanos mantêm, na capital panamiana, cerco às Embaixadas de Cuba, da Nicarágua e da Líbia, bem como em redor das residências dos embaixadores do Perú e do Núncio Apostólico.

É um jogo do gato e do rato, de que durante o último fim-de-semana resultou um incidente relatado pelo «New York Times». Segundo o jornal, os soldados pretenderam revistar o automóvel em que saía o embaixador cubano, que impediu a busca com base na sua imunidade diplomática. Após hora e meia de gritos e discussão, foi feita uma busca sumária que não incluiu a bagageira da viatura. A generalidade dos diplomatas têm acusado os Estados Unidos de violar a Convenção de Genebra, de 1961, que lhes garante imunidade diplomática, pessoal e de propriedade, incluindo o direito de não ser preso nem revistado. No entanto, um porta-voz da Embaixada americana no Panamá, citado pelo «New York Times», afirma que os EUA estão apenas no seu direito de revistar todos os veículos que entrem e saiam das instalações, partindo do princípio de que podem transportar fugitivos ou armamento não autorizado.

Bush: suores frios com Noriega e McGovern

Há informações de que cerca de 25 fugitivos de nacionalidade panamiana se terão refugiado na Embaixada cubana, entre os quais a mulher do próprio Noriega, bem como as suas três filhas e uma neta. Os familiares do antigo homem forte do Panamá são procurados pelas novas autoridades civis, alegadamente por que estarão a tentar fugir do país, levando consigo milhões de dólares de béns ilícitos. Por seu lado, os majores Edgardo Lopez Grinaldo, ex-porta-voz de Noriega, e Gonzalo Gonzalez, ex-comandante de uma brigada de élite, continuam refugiados na residência do representante diplomático do Peru. O chefe dos guarda-costas do antigo ditador, um civil, estará ainda escondido no edifício da Nunciatura. E há, aparentemente, mais fugitivos na Embaixada da Líbia, igualmente cercada por soldados norte-americanos.

McGovern aponta o Leste como exemplo

Colhidos os louros da grande operação militar que foi a invasão americana e trazido para ser julgado em território americano o ditador panamiano, os órgãos de Comunicação Social voltaram as suas atenções para outro tema.

O destaque concedido ao incidente com o embaixador cubano no Panamá e um artigo ontem publicado pelo «Washington Post» dão-nos a ideia de que o tema não está esgotado, sendo de esperar novas ofensivas da Oposição contra a Administração Bush. Até agora, com excepção de Jesse Jackson, quase todos os potenciais candidatos às presidenciais de 1992 ou se recusarem a comentar ou apoiarem a invasão, enquanto que as sondagens à opinião pública nos dão conta que George Bush terminou o seu primeiro ano de mandato com uma percentagem de popularidade que ultrapassa de longe os seus três antecessores no cargo.

O antigo candidato à presidência pelo Partido Democrático e ex-senador, George McGovern escreve no «Washington Post» que, contrariamente ao que chegou a afirmar Lee Atwater, presidente do Comité Nacional Republicano, a invasão não foi «um *jackpot* político», mas «uma violação da lei internacional, da Carta das Nações Unidas, da Carta da Organização dos Estados Americanos - para não dizer da nossa própria Constituição».

McGovern concorda que Noriega era um escroque, mas sublinha as suas ligações à CIA, na época em que Bush era director da agência. Para o ex-candidato presidencial, as alterações políticas necessárias na América Central terão que ter genuinidade popular idêntica àquela a que se assistiu na Europa de Leste. O articulista vai ao ponto de sugerir que algo do que se assistiu recentemente no Leste poderia ser benéfico se ocorresse nos Estados Unidos: «Não posso deixar de perguntar se não precisaremos de um pouco deste sentido de autocrítica e de reformas aqui nos Estados Unidos. Preocupa-me que os mesmos homens que nos levaram ao Vietname e aos piores excessos da Guerra Fria estejam ainda arrogantemente em posições influentes em Washington, dominando os debates televisivos e as colunas dos jornais.»

Filipe Vieira

Advogados de Noriega pedem liberdade condicional

Os advogados do general António Noriega alteraram substancialmente a estratégia de defesa do antigo «homem forte» do Panamá, acusado pelos Estados Unidos de tráfico de drogas.

Steven Kollin e Frank Rubino, os advogados de defesa, estão apostados em conseguir que o tribunal conceda, mediante fiança, a liberdade condicional a Noriega.

«A convicção de inocência permite ter esperanças que lhe seja concedida a refe-rida fiança» - afirmou, on-tem, aos jornalistas Steven Kollin.

Até agora os advogados de Noriega não tinham ainda estudado está possibilidade pelo facto do antigo «homem forte» panamiano ter optado inicialmente por não reconhecer a legitimidade do seu julgamento pelos tribunais norte-americanos. Recorde-se que, a 4 de Fevereiro do ano passado, o Grande Juri de Miami acusou 16 pessoas de tráfico de drogas, corrupção e lavagem de dinheiro, entre os quais se encontrava o general Noriega.

Os representantes federais - que representam a acusação - vão ter agora que convencer o Juri que, se se conceder a liberdade condicional a Noriega, este poderá fugir do país ou constituir um potencial perigo para a sociedade norte-americana.

Lusa

Racismo encobre crime escandaloso nos EUA

«Minha querida mulher, meu amor... Deus chamou-te não para te afastar de mim, mas para te arrancar à crueldade e violência deste mundo». Esta patética mensagem de Charles Stewart fez chorar centenas de pessoas que assistiam às exéquias da sua esposa Carole, a qual, grávida de sete mêses, foi assassinada diante dele quando seguiam de carro em Boston, a 23 de Outubro, por um misterioso jovem negro. A 4 de Janeiro, Charles Stewart suicidou-se atirando-se para as águas geladas do rio Mystic, nos arredores da cidade. O marido modelo ia ser preso pela morte da sua mulher.

Este crime, digno de um filme de Hitchcock, tomou uma dimensão inesperada graças aos veementes protestos dos líderes da comunidade negra de Boston, pedindo as desculpas públicas, ou mesmo a demissão, do presidente da Câmara e do chefe da polícia local. Eles também criticam os média por terem aceite sem hesitações as acusações de Charles Stewart contra um jovem negro.

Stewart identificou um jovem negro chamado Bennet, que já tinha tido problemas com a polícia, como o assassino da sua mulher. Os protestos de inocência do acusado não tiveram nenhum peso perante a palavra de Stewart, a vítima chorosa pela esposa querida, a qual era originária da média burguesia branca dos arredores de Boston, a mais snob das cidades americanas.

Afinal o relato de Stewart era plausível: num sinal fechado, um negro avançou para a viatura dos Stewart, conseguiu agarrar a bolsa de Carole e depois abriu fogo, acertando primeiro na nuca da jovem esposa e depois no estômago do marido. Graças ao telefone instalado no carro, Charles conseguiu alertar a polícia que levou o casal para o hospital. Carole morreria no dia seguinte, após ter dado à luz, por cesariana, a uma criança baptizada de Christopher que viria a falecer pouco depois. Quanto a Charles, conseguiu sobreviver, tendo sido submetido a diversas operações.

Fundamentando-se neste relato, a polícia interrogou todos os negros suspeitos da região, utilizando os métodos mais vigorosos, apoiados por uma Imprensa que em conjunto denunciava mais um crime de um negro.

Um motivo de 80 mil dólares

O suicídio de Stewart fez retirar a acusação contra Bennet, mas o caso continua ainda obscuro. Nenhuma prisão foi feita, embora, segundo as autoridades, Stewart possa ter sido ajudado por um membro da sua família na execução deste crime longamente premeditado. O motivo ? Aparentemente, Stewart quis ficar com os 80 mil dólares do seguro de vida que Carole tinha feito à seu favor.

Entretanto, os jornais, que não quiseram ficar de fora perante esta cascata de revelações, iniciaram os seus próprios inquéritos. Uns descobriram que Stewart tinha comprado jóias para uma jovem loura que trabalhava com ele, enquanto um outro afirmou que os irmãos de Stewart tinham morto Carole. Boston foi inundada de boatos. Circulavam os mais extraordinários. Alguns sobre a vítima: e se o pai da criança fosse um negro? Outros sobre o assassino: Charles era um viciado em cocaína? Tinha grandes dívidas de jogo? De qualquer maneira a jovem esposa deveria saber o género de homem com quem vivia...

Com o sentimento de ter sido enganado, o público imediatamente arrastou o casal para a lama depois de o ter elevado às nuvens. O caso Stewart aparece após uma série de incidentes ocorridos no ano passado, entre os quais o assassinato de um jovem negro por brancos no Brooklyn e uma vaga de violência nos Estados do sul que fizeram dois mortos há um mês atrás. O suficiente para que os dirigentes das comunidades negras de todo o país estejam inquietos com a possibilidade de um recrudescimento do racismo nos EUA.

Henri Pierre

Exclusivo «Le Monde»/ «DL»

INTERNACIONAL

Estados Unidos "compreendem" uso da força no Azerbaijão

Violência, que continua e já provocou 56 mortos, põe em perigo as reformas de Mikhail Gorbachev

A Casa Branca afirmou compreender a decisão da União Soviética de enviar tropas para tentar pôr cobro à violência étnica no Azerbaijão, onde os confrontos continuam e já provocaram 56 mortos e mais de 150 feridos.

Os 11.000 militares enviados por Moscovo para pôr cobro aos incidentes, protagonizados por azerbaijanis e arménios, mostram-se aparentemente incapazes de controlar a onda de violência. Segundo a televisão soviética, as tropas destacadas na região por Moscovo são constantemente metralhadas por ambos os lados.

A situação explosiva originada pelo diferendo entre a Arménia e o Azerbaijão, quanto à jurisdição do enclave de Nagorno-Karabakh, põe em perigo em perigo as reformas do Presidente Mikhail Gorbachev.

O porta-voz da administração Bush, Marlin Fitzwater, afirmou que os EUA esperam, contudo, que Moscovo use a força "o mínimo possível".

"Rejeitamos a onda de violência reinante e compreendemos a necessidade de restaurar a ordem onde ela foi violada", disse Fitzwater em declarações aos jornalistas.

O porta-voz disse desconhecer se o Presidente Bush contactou o seu homólogo soviético para estudar a situação.

A posição agora assumida por Washington era previsível, tendo em conta os entendimentos havidos na Cimeira de Malta. Nessa altura os EUA declararam que não se oporiam a que o Krelim recorresse a tropas para reprimir desordeiros civis, mas que objectariam a que a força fosse usada para reprimir o movimento democrático que alastra na Europa de Leste.

Dois homens ajudam uma idosa a embarcar num *ferry-boat* utilizado para evacuar arménios de Baku, onde a situação de confronto continua

Ontem, duros combates eclodiram entre grupos de voluntários arménios e azerbaijanis, na fronteira entre as duas repúblicas do sul da URSS. E em Baku, capital do Azerbaijão, segundo o jornal soviético "Isvestia", cerca de 1.000 residências de arménios e militares foram saqueadas nos últimos dias.

Por outro lado, a agência Tass afirma que terroristas azerbaijanis estão a concentrar grandes unidades de material bélico, que incluem canhões antigranizo para abater helicópteros, na região de Ajikend.

Em Nagorno-Karabakh, "o pomo da discórdia", cerca de 26.000 pessoas, ou seja, um sexto da população, foram detidas e quase 3.000 armas de fogo apreendidas, desde o conflito, segundo o "Izvestia".

Com efeito, trata-se do pior surto de violência desde que degenerou em motins, há dois anos, a antiga hostilidade entre os azerbaijanis, maioritariamente muçulmanos, e os arménios, cristãos.

Redação"DL"Lusa/Reuter

IMPÉRIO
seguros

SEGUROS DE VIDA

NOVAS INSTALAÇÕES

DESDE 15 DE JANEIRO
R. Nova da Trindade, 20 1200 LISBOA
Telefs. 32 12 50 - 32 87 53 - 37 39 05
Telex 16749 P Telefax 37 36 75

AO SEU SERVIÇO
IMPÉRIO
a sua seguradora

Directivas comunitárias em compasso de espera

Do nosso correspondente em Bruxelas

A situação é preocupante: das 86 directivas que deveriam estar em vigor, apenas 14 foram transportas para as legislações de todos os Estados membros. A afirmação é de Jacques Delors, hoje de manhã, em Estrasburgo, onde apresentou o programa de trabalho da Comissão para 1990.

O presidente da Comissão produziu uma extensa análise sobre os objectivos da Europa dos Doze, pondo ênfase na situação dos países de Leste, cujas transformações políticas se reflectem com grande acuidade nas actividades comunitárias. Delors, sem tibiezas, afirmou que será necessário rever todas as perspectivas orçamentais para fazer face à evolução dos acontecimentos e das solicitações dos países de Leste. Como exemplo, o presidente da Comissão informou que, para os seis países em vias de democratização, são necessários 14 milhões de ecus suplementares por ano. Por isso, elucidou, a Comissão fará novas propostas em matéria orçamental.

As relações internacionais ocuparam grande espaço na intervanção de Delors. Salientou aque a CEE não dispensa o seu papel activo em relação aos países de Leste, aludiu à Convenção de Lomé, afirmando serem insuficientes as verbas acordadas, mas que a CEE tem limitações. Enumerou também de forma quase exaustiva as relações internacionais em que a Comissão está empenhada. Sobre o japão, cujo primeiro-ministro manteve há dias conversações com Delors, em Bruxelas, o presidente da Comissão foi peremptório: "Estamos decepcionados. O Japão não pode indefinidamente pedir ao Ocidente a aplicação de princípios de abertura e livre circulação que são recusados no seu país às empresas ocidentais.

A questão alemão foi mais uma ver abordada por Delors, para elucidar que se trata de um problema estritamente alemão. A RDA terá o seu lugar na Comunidade, disse Delors, se o pedir, através da autodeterminação pacífica e democrática, no respeito dos princípios da acta final de Helsínquia, num contexto do diálogo Este-Oeste e numa perspectiva de integração europeia.

José Rui Cunha

Joaquim Pinto de Andrade adere à Associação Cívica Angolana

Joaquim Pinto de Andrade, dissidente do MPLA, garantiu a sua adesão à futura Associação Cívica Angolana, ACA, que tem objectivos de carácter sócio-cultural e se propõe «fazer a promoção dos Direitos Cívicos dos cidadãos angolanos».

Joaquim Pinto de Andrade é irmão de Mário Pinto de Andrade, fundador do MPLA e o único histórico ainda vivo, da geração de Amílcar Cabral e Agostinho Neto. Joaquim Pinto de Andrade foi, nos anos 60, presidente de honra do MPLA.

A ACA foi apresentada, por um semanário de Lisboa, como «um futuro partido político». No entanto fontes de Luanda desmentiram esta perspectiva e disseram que «a ACA não será de certeza um partido político».

O manifesto da ACA será, segundo ás mesmas fontes, subscrito no próximo dia 25 por «diversos históricos do nacionalismo angolano» e por «um leque variado de quadros angolanos de diversas especialidades».

A Comissão Instaladora, formada por dois juristas, um professor universitário de medicina, um jornalista e um técnico de contabilidade, é dirigida pelo escritor Eduardo Bonavena, assíduo colaborador literário da Imprensa angolana.

Redacção «DL»/Lusa

QUOTIDIANO

Crude atinge costa Norte da Ilha da Madeira

As autoridades mandaram encerrar a central dessalinizadora de Porto Santo. Entretanto, o avião prometido por Lisboa só parte esta tarde

Pequenas manchas de crude atingiram esta madrugada a costa Norte da Ilha da Madeira, não apresentando por ora perigo para São Vicente, ao contrário do que acontece em Porto Santo. Aqui, a «maré negra» alastrou por mais de vinte quilómetros, comprimento superior ao da própria ilha, segundo uma fonte da Armada. Os ecologistas, contudo, mantém-se receosos pelo futuro da colónia mais ocidental de lobos marinhos do Atlântico, nas Ilhas Desertas.

A mancha de crude que afecta Porto Santo não é uniforme, apresentando-se como um conjunto de várias manchas, quase interligadas mas não uniformes. A Marinha deverá actuar ainda hoje com o patrulha Cacine e a corveta António Enes, que lançarão uma rede para travar o avanço da mancha, nas imediações do porto de abrigo.

Entretanto, o secretário Regional do Equipamento Social ordenou esta manhã o encerramento da central dessalinizadora de Porto Santo devido à existência de vestígios de crude na zona de captação de água.

A origem do derrame continua a ser desconhecida. Tarda a recolha do crude, com todos os perigos e inconvenientes que hesitações e atrasos deste tipo comportam. Para já, foram atingidas diversas praias, esperando as populações que o prometido C-130 da Força Aérea Portuguesa chegue esta tarde a Porto Santo.

A situação é estacionária, apurou o DL junto do comandante Janes Semedo, que dirige as operações de contenção, limpeza e combate ao crude. Este oficial da Marinha encontrou-se esta manhã com o director-geral da Marinha e o presidente da Comissão Nacional Contra a Poluição, almirantes Almeida Cartaxo e Caetano Dias, admitindo-se que da reunião tenha servido para montar um plano de combate à expansão da nafta.

«Desvios» atingem Madeira

Não está excluída a possibilidade de quantidades de crude

poderem atingir outras zonas da costa Norte da Ilha da Madeira e não apenas o litoral das freguesias de Ponta Delgada e São Vicente. Foi, aliás, o que ocorreu nas últimas horas com as pequenas quantidades que se estenderam até àquelas localidades, supostamenre «desviadas» da rota normal (para Sul) da mancha do crude.

A gigantesca mancha continua a dar à costa na zona Oeste de Porto Santo, aparecendo já grandes quantidades de peixes mortos, tartarugas e gaivotas nas praias grandes da ilha, enquanto bombeiros, militares (do Exército e da Marinha) e populares tentam limpar as zonas mais afectadas.

Tardam, entretanto, os apoios do Continente, se bem que o ministro e o secretário de Estado de Estado do Ambiente e Recursos Naturais tenham viajado para Porto Santo, a fim de avaliar a situação e, sobretudo, traçar um plano de luta e acompanhar o combate contra esta súbita, desconhecida e perigosa onda invasora. As zonas da Serra de Fora e da Serra de Dentro são as que se encontram em piores circunstâncias.

Uma mancha negra banha a praia de Porto Santo

Uma mancha de quilómetro e meio atingiu entretanto a área localizada entre o Cabeço da Ponte e a Calheta.

O avião C-130 que a Força Aérea destinou ao transporte de anti-poluente nesta operação só hoje à tarde descolará da placa militar do aeroporto da Portela em direcção a Porto Santo, levando a bordo oito toneladas de material pertencente à Marinha.

Mistério envolve «maré negra»

Mantem-se o mistério desta «maré negra» não anunciada, mas há

espanto face a um acidente deste tipo e revolta pelo facto de se saber que já no domingo cheirava a petróleo na ilha de Porto Santo. O comandante Janes Semedo confirmou que as autoridades navais tinham sido alertadas para o facto de um pescador ter avistado o que lhe parecia ser uma mancha com dez metros de comprimento, por dois de largura.

Cavaco promete reuniões à CGTP

A perspectiva da realização de reuniões sobre temas específicos constantes nas reivindicações da CGTP foi o resultado mais positivo da audiência que Cavaco Silva concedeu ontem áquela central sindical. Segundo afirmou ao «DL» Ernesto Cartaxo, da Intersindical, a abertura demonstrada pelo Primeiro Ministro «resulta do isolamento social e político do Governo verificado nas eleições autárquicas, e que Cavaco Silva procura ultrapassar». Apesar de não agendados, ficaram já marcados encontros com Miguel Beleza e Silva Peneda. A audiência, pedida pela central antes das eleições mas só agora concretizada, teve por objectivo apresentar a Cavaco Silva um conjunto de preocupações e reivindicações concretas da CGTP, como é o caso da política salarial (vencimentos médios e mínimos) e social, nomeadamente as reformas e abonos de família. Também os direitos dos trabalhadores, a precaridade de emprego e o desemprego estiveram na base da discussão.

Paredes meias com Sapadores Bombeiros

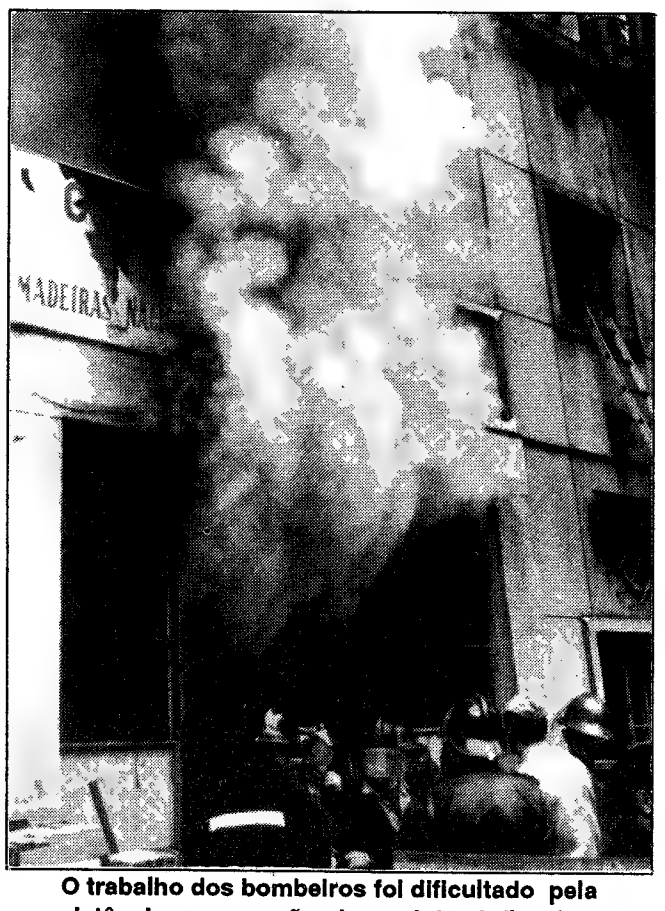
Estância de madeiras arde no Bairro de Alvalade

Um violento incêndio, que deflagrou de madrugada numa estância de madeiras no Bairro de Alvalade, em Lisboa, foi considerado extinto ao fim da manhã pelos Sapadores Bombeiros.

O fogo, de grandes proporções, foi detectado pelas 4.15 horas na estância, situada na Rua do Centro Cultural, tendo as chamas afectado todo o interior do edifício que, além da serração Lima e Filhos, Lda., alberga uma tipografia no piso superior.

A serração armazenava produtos inflamáveis, como vernizes e tintas, o que dificultou o trabalho dos bombeiros. À hora de fecho desta edição desconhecia-se ainda a causa do sinistro.

O edifício onde grassou o incêndio situa-se precisamente nas traseiras do quartel dos Sapadores Bombeiros do Bairro de Alvalade. O combate às chamas foi iniciado por 40 homens com o apoio de 10 viaturas. Às 9 horas, considerado dominado, avançaram 20 estagiários.



Eurico Vasconcelos

O trabalho dos bombeiros foi dificultado pela existência, na serração, de produtos inflamáveis

Greve dos maquinistas afecta 70 % da circulação

Cerca de 70 por cento da circulação de comboios da CP foi esta manhã afectada pela adesão total dos maquinistas à greve ontem iniciada, segundo afirmou um dirigente sindical.

Os maquinistas da CP filiados no Sindicato dos Maquinistas e na Federação dos Ferroviários estão a desenvolver uma série de paralisações parciais de 4 horas diárias, cumpridas no início de cada turno, luta que se prolongará até à meia-noite do dia 26.

Para o último dia de greve está prevista a adesão dos demais trabalhadores ferroviários filiados na Federação, durante as 24 horas, caso até aquela data as suas reivindicações não tenham sido satisfeitas.

Como é habitual em qualquer greve, os dados fornecidos pelos responsáveis da empresa não correspondem aos dos sindicatos. Se para os primeiros a paralisação «apenas provocou algumas supressões» na linha de Cascais (onde se está a praticar o horário de domingo) e na linha de Sintra as partidas e chegadas das composições se estão a realizar «com normalidade», já as estrtuturas sindicais afirmam que «a CP não está sequer a cumprir o programa restrito de circulação».

Segundo António Medeiros, da Sindicato dos Maquinistas, a empresa está a manter um máximo de comboios de passageiros em prejuízo dos de mercadorias, situação que com a continuação da greve terá tendência a agravar.

Os maquinistas reclamam uma correcção salarial para 1989, a negociação do regulamento de carreiras, a diminuição da idade de reforma e a revisão da fórmula de cálculo do subsídio de condução.

Professores também se queixam

Mas também os professores consideram que têm razões de queixa, pelo que a FENPROF decidiu que os docentes dos ensinos preparatório e secundário devem deixar de fazer horas extraordinárias a partir do dia 16, caso não seja resolvido «um conjunto de ilegalidades» existente naquele campo.

Segundo a Federação, «a recusa dos professores em fazerem horas extraordinárias deve-se ao facto de actualmente o preço da hora extra ser inferior ao da hora normal».

QUOTIDIANO

Um jornal livre feito atrás das grades

Escritos à máquina e depois fotocopiados, os exemplares de «Serra da Lua» exercem um importante papel junto dos reclusos

No Estabelecimento Prisional de Sintra, um punhado de reclusos realiza uma experiência excitante e inesquecível

Chama-se «Serra da Lua» e chega-nos do Estabelecimento Prisional de Sintra, onde um pequeno grupo de reclusos leva a efeito o que consideram ser a aventura mais rica de experiência das suas vidas. Este pequeno jornal, escrito à máquina e depois fotocopiado, apresenta-se com bom arranjo gráfico e muito diversificado nos assuntos, desde a informação nacional e internacional à cultura e ao desporto. Já editaram 28 números em periocidade mensal e nele intervieram, até agora, cerca de 50 presos.

A iniciativa deveu-se a dois técnicos de educação dos Serviços Prisionais, um deles ainda a acompanhar a elaboração do jornal, cujo interesse e obectivo obedece a razões mais profundas que ultrapassam o seu conteúdo.

Pretende-se, segundo António Gueifão, técnico de educação que desde o início se mantém como coordenador da publicação, «informar, divertir e alargar horizontes, não apenas aos que o lêem mas, especialmente, aos que o fazem».

E adianta-nos: «Esta actividade preenche o tempo de reclusão de forma criativa, do mesmo modo que outros se dedicam à agricultura e a profissões oficinais, como carpintaria e serralharia. Funciona como ocupação para evitar os tempos de ócio e permite aos reclusos aprendizagem de profissões que facilitem uma melhor reinserção na sociedade, quando as portas da prisão se lhes abrirem e a dos empregos se fecharem, como habitualmente acontece».

O educador prisional lamentou, desolado, que dos 50 reclusos que durante estes dois anos passaram pela redacção do «Serra da Lua» nem um sequer ingressou nos quadros de qualquer jornal.

António Gueifão, tem também um conceito pessimista dos órgãos de Comunicação Social que, na sua opinião, «estão, na maioria, de portas fechadas para os problemas dos reclusos e não dão apoio aos Serviços Prisionais, parecendo só apostados em vender papel.»

Para ilustrar o seu ponto de vista, refere «que ao verificar-se o crime, gritam "aqui d'el rei", que as pessoas não têm segurança, depois, perante as prisões dos delinquentes clamam contra as carências das cadeias a falta de empenhamento das autoridades na reinserção dos presos»

E a finalizar, explica que a cadeia é um mundo onde há que preparar o «homem novo».

O bichinho do jornalismo

«Optei pelo trabalho no "Serra da Lua" como ocupação em vez de actividade na agricultura, na carpintaria ou em outras profissões oficinais. Depois, fui apanhado pelo bichinho do jornalismo», diz-nos Carlos Matos, um dos oitos responsáveis pela redacção, montagem e publicação do «SL».

Carlos Matos que, com os seus companheiros de clausura e colegas na feitura do periódico, trava diálogo de igual para igual com o jornalista visitante, salienta que a actividade no jornal lhe permite aprender coisas e trocar experiências que noutras circunstâncias lhe seriam muito difícil adquirir. «Tem-se a sensação de que se está a servir uma boa causa; enfim a ser útil.»

Evitando, por implícito acordo, a referência ao espectro dos dramas que os levaram à prisão, a conversa desanuviou-se a ponto de o repórter esquecer a condição dos interlocutores.

«Isto dá muito gozo» afirma outro redactor do «Serra da Lua», Luís Matos, que considera o jornal, em sentido figurado, «uma máquina».

Perante uma das nossas perguntas, garante que o «SL» não tem censura, é livre, embora sujeito a auto-controle do colectivo da redacção, onde se defende a «mística do diálogo».

Adianta que, por vezes, são solicitados por outros reclusos para focarem no jornal certos assuntos mais polémicos, nem sempre de interesse geral - mais sectorial, do tipo «bronca», que por sistema se evita. No seu entender, o jornal deve construir, dinamizar e incentivar. Quando o tema é mais delicado, toda a redacção estuda a melhor maneira de o abordar e sempre se consegue dar a volta ao texto, de modo a se evitarem problemas que entre os reclusos tomam proporções exageradas, reflexos específicos das prisões onde vive uma sociedade complexa e difícil.

O jornal, na óptica de Luís de Matos, tem funções pedagógicas para os companheiros de clausura menos preparados intelectualmente.

Luís de Matos dedica mais a sua atenção ao sector desportivo.

Falta de apoio

Carlos de Matos volta a intervir na conversa para lamentar a falta de apoio dos jornais, em especial os diários, que podiam enviar-lhes exemplares, mesmo das sobras, que permitissem ao «SL» acompanhar a actualidade nacional e internacional, bem como inspirar-se para a elaboração dos textos e a própria feitura do jornal. Não têm verba para adquirir jornais e toda a contribuição em termos de envio de exemplares seria de muita utilidade

É dos actuais redactores do «SL» o único que sonha na possibilidade desta experiência jornalística ter continuação no seu futuro, depois de alcançar a liberdade.

«Este trabalho despertou o meu interesse e penso tirar o curso de jornalismo» revela-nos, para acrescentar que envida todos os esforços para que o sonho se transforme em realidade.

No jornal da cadeia é responsável pela coordenação, especialmente na montagem e, naturalmente, também intervém na redacção.

Mas o grande mentor do 'SL', e responsável pelo estilo, é Augusto Xavier. No no seu entender, e não só dele, o jornal veio colmatar uma grande lacuna no Estabelecimento Prisional de Sintra, desenvovendo e estimulando o gosto por uma actividade intelectual que promove culturalmente os que fazem o jornal e aqueles a quem se destina. De resto, esclarece que, na prisão, trabalhar no jornal é o único posto de laboração que lhe agrada ocupar.

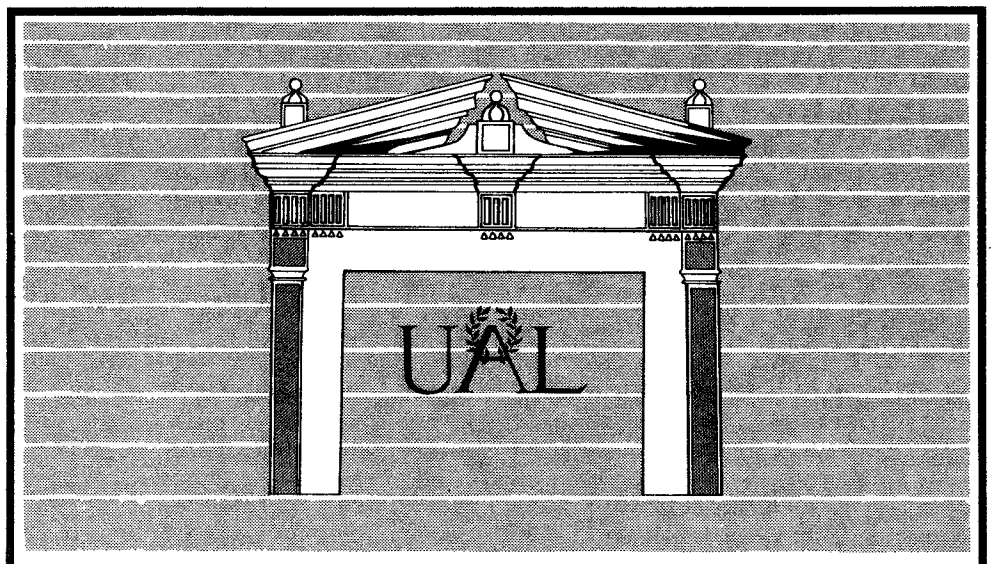
Quanto às ilustrações, são muitas e interessantes as distribuídas pelas páginas do «SL». Neste último número, a publicação apresenta-se com 32 páginas, das quais oito dedicadas exclusivamente ao desporto, O responsável por essa actividade artística é um ex-aluno de Arquitectura, Anónio Amaral, cuja primeira experiência como ilustrador lhe foi facultada no «SL». Garante-nos que gosta de ver os seus trabalhos reproduzidos e de saber que os desenhos ganham uma divulgação improvável noutras circunstâncias. Os restantes redactores presentes, Luís Ribeiro e António Calado, mostram concordância com os colegas, quer quanto á temática quer no respeitante aos fins a que se destina o «Serra da Lua».

Antiga colónia penal agrícola

Segundo nos elucidou o director do Estabelecimento Prisional de Sintra, Gomes dos Santos, que, com os seus 60 anos de idade, está há 21 à frente daquela instituição, o nome mudou mas a função é a mesma. A Colónia Penal Agrícola de Sintra foi criada por decreto de 20 de Junho de 1912 e destinada a receber reincidentes, vadios e equiparados. Já há cinquenta anos que o grande penalista José Beleza dos Santos a reconhecia como um dos estabelecimentos prisionais de maior interesse e valor.

Tem vários hectares de terrenos com boas condições agrícolas e oficinas onde, através de uma acção intra-penitenciária, ou de uma liberdade condicional devidamente accompanhada, com amparo, direcção e vigilância oportuna e directa, se consegue a recuperação de muitos elementos da sociedade que, noutras circunstâncias, se perderiam.

Dias Brito



UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA
«LUÍS DE CAMÕES»

LICENCIATURAS

CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*
CIÊNCIAS SOCIAIS
DIREITO
ECONOMIA
ENGENHARIA ENERGÉTICA*
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO*
GESTÃO
HISTÓRIA
INFORMÁTICA*
INFORMÁTICA DE GESTÃO*
LÍNGUAS E LITERATURAS MODERNAS
MATEMÁTICAS APLICADAS
RELAÇÕES INTERNACIONAIS*

* Processo pendente no Ministério da Educação para reconhecimento oficial, nos termos do Dec.-Lei n.º 271/89 de 19 de Agosto de 1989

Informações e inscrições: Secretaria da UAL
Rua de Santa Marta, 56 — 1100 Lisboa
Tels.: 52 84 26 - 52 67 01 - 52 68 78 - 52 68 01

ECONOMIA

Nova confederação empresarial

Objectivos: actuar ao nível do Conselho Económico e Social e aderir ao recém-criado Conselho Nacional das Empresas Portuguesas

Foi ontem constituída em Coimbra a Confederação das Organizações Empresariais (COEP), estrutura constituída por 17 organizações de empresários. Rocha de Matos, presidente da comissão instaladora, considera o novo organismo como uma «*estrutura empresarial que permitirá o enquadramento nacional para a discussão da problemática regional*» no futuro Conselho Económico e Social.

O objectivo da COEP é o da contribuir para o alargamento do associativismo português, «*complementando-o com a componente regional*». Para já, são treze as organizações regionais que aderiram à sua fundação.

Esta nova confederação «*assume uma postura de complementariedade em relação à componente patronal/sectorial*», afirmando-se complementar ao recém-criado Conselho Nacional das Empresas Portuguesas (CNEP), que congrega a CIP, a CAP e a CCP.

Para Rocha de Matos, o CNEP só ficará completo se nele a COEP tiver «*o papel que lhe advém da complementariedade da sua base regional e técnica*». Desta forma, o presidente da Associação Industrial Portuguesa tem em mente uma futura adesão da COEP ao CNEP.

Por seu turno, Fidélio Guerreiro, presidente do Núcleo Empresarial de Setúbal, disse na cerimónia de constituição da COEP, que decorreu na Universidade de Coimbra, que «*o Conselho Económico e Social precisa de nós, pois representamos o país inteiro, através dos empresários das regiões*».

De certo modo, Rocha de Matos percorre os caminhos já longos da criação de uma superestrutura empresarial - a que chamou Patronato Português -, onde as associações industriais Portuguesa e Portuense desempenhariam um papel de grandes estruturas de serviços, em zonas geográficas do país pré-determinadas, cabendo à CIP, CAP e CCP constituir o seu núcleo.

São entidades fundadoras da COEP as seguintes organizações de âmbito nacional: Associação Portuguesa para a Qualidade, Associação Portuguesa de Criatividade, Federação de Mulheres Empresárias e Profissionais de Portugal e Associação Portuguesa de Consultores Séniores.

De âmbito regional aderiram já a Associação Industrial do Minho, a União de Associações Comerciais do Distrito do Porto e os núcleos regionais empresariais do Algarve, Évora, Beja, Setúbal, Portalegre, Castelo Branco, Guarda, Leiria, Santarém, Vila Real e Bragança.

R.N.

Rui Vasco

Base regional para a nova confederação foi realçada na sessão que a criou

Um milhão de contos para investigar pescas

INIP tem novo presidente e vai ter acção mais centrada na prospecção e conservação dos recursos vivos marinhos

Mais de um milhão de contos vão ser investidos no corrente ano na área da investigação das pescas, revelou ontem o secretário de Estado daquele sector, Jorge Godinho, na tomada de posse do novo presidente do Instituto Nacional de Investigação de Pescas (INIP), Carlos Augusto de Sousa Reis.

Na altura foram definidas as prioridades para os anos 90, que estão expressas nas áeras-chave de actuação do INIP: prospecção de novos recursos e novas áreas de pesca (internos e externos); desenvolvimento tecnológico de artes e técnicas de pesca; melhoramento dos produtos de pesca; estudo das condições ambientais do meio marinho e estuarino; desenvolvimento de aquicultura; cooperação técnico-científica com instituições congéneres nacionais e internacionais, preferencialmente com as dos países africanos de expressão protuguesa.Neste quadro vão ser privilegiadas três áreas: a pesca artesanal; a conservação dos recursos vivos marinhos; a cooperação técnico-científica com as ex-colónias.

Trata-se de uma actuação que visa adaptar a estrutura funcional do INIP à presente realidade, através de uma melhor rentabilização dos meios humanos e materiais existentes.

Investigação

O secretário de Estado das Pescas referiu no acto de posse que «*a investigação científica constitui um instrumento necessário à obtenção de um melhor conhecimento dos mananciais pesqueiros e das técnicas e artes de pesca*».

Por outro lado, apontou que, paralelamente à investigação, há que contar com a modernização das estruturas produtivas e das infra-estruturas de apoio em terra, bem como com a valorização dos recursos humanos e o desenvolvimento da indústria transformadora.

O novo presidente do INIP é licenciado em Biologia pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, onde é assistente desde 1979. Com 44 anos de idade, Sousa Reis já era, desde 1987, vice-presidente do INIP. Substitui Luís Saldanha, nomeado há três anos para aquelas funções.

Cooperação

O INIP tem desenvolvido uma importante cooperação com os países africanos de expressão portuguesa desde 1987, ano em que se efectuou a geminação entre este organismo português e o Laboratório de Biologia Marítima da Guiné-Bissau.

Mais recentemente foram estabelecidos protocolos com instituições homólogas de Angola, Moçambique e Cabo Verde. Na Guiné-Bissau foram já concretizadas duas campanhas (em 1988 e 1989) e estão previstas, para o próximo ano, novas acções de investigação, envolvendo pessoal técnico-científico das duas instituições geminadas.

Quanto a Angola, Moçambique, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe, consideram-se já criadas as condições para se desenvolverem acções concretas, aguardando-se apenas a definição de prioridades a respeitar, bem como o estabelecimento da articulação entre projectos dos vários centros de investigação envolvidos.

B R E V E S

Vendas de automóveis continuam a cair

Em 1989 venderam-se 192.556 veículos ligeiros de passageiros e mistos, ou seja menos 20.731 do que no ano anterior, revela a Associação do Comércio Automóvel de Portugal (ACAP). Segundo a mesma fonte, a Renault mantém-se na liderança do mercado, embora a sua quota tenha baixado de 22,34 para 21,25 por cento.

A quebra das vendas afectou as principais marcas presentes no mercado português, nomeadamente a Renault, a Fiat e a Opel. A diminuição nas vendas de automóveis ligeiros fez-se igualmente sentir em Dezembro, mês em que se venderam 18.387 viaturas , contra 25.271 em igual período de 1988.

Melhor comportamento tiveram as vendas de veículos comerciais ligeiros, que em 1989 se situatam em 62.381 unidades, contra 59.871 no ano anterior.

Formação e emprego apoiados por Bruxelas

A formação profissional e o emprego, em Portugal, vai beneficiar de um apoio de cerca de 143 milhões de contos, concedido ontem em Bruxelas, para 11 programas específicos a desenvolver nos próximos quatro anos.

Esta dotação proveniente do Fundo Social Europeu (FSE), é de 822,6 milhões de ecus e destina-se a programas de formação, integração e emprego de jovens, desempregados de longa duração, mulheres, migrantes e deficientes, num total de meio milhão de pessoas.

Portugal ataca no turismo

O maior número de sempre de expositores portugueses vai estar presente na Fitur (Feira Internacional de Turismo de Madrid), que se realiza na capital espanhola de 24 a 28 de Janeiro.

O pavilhão português terá 620 metros quadrados, preenchidos com 40 expositores. «*Conhecendo-se o potencial do mercado do país vizinho e sabendo-se que os espanhóis estão a viajar cada vez mais, a nossa presença na Fitur é um bom pretexto para divulgar Portugal como destino de férias*», afirma Rente Fernandes, director do Departamento de Promoção do Instituto Português do Turismo.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS 125 ANOS

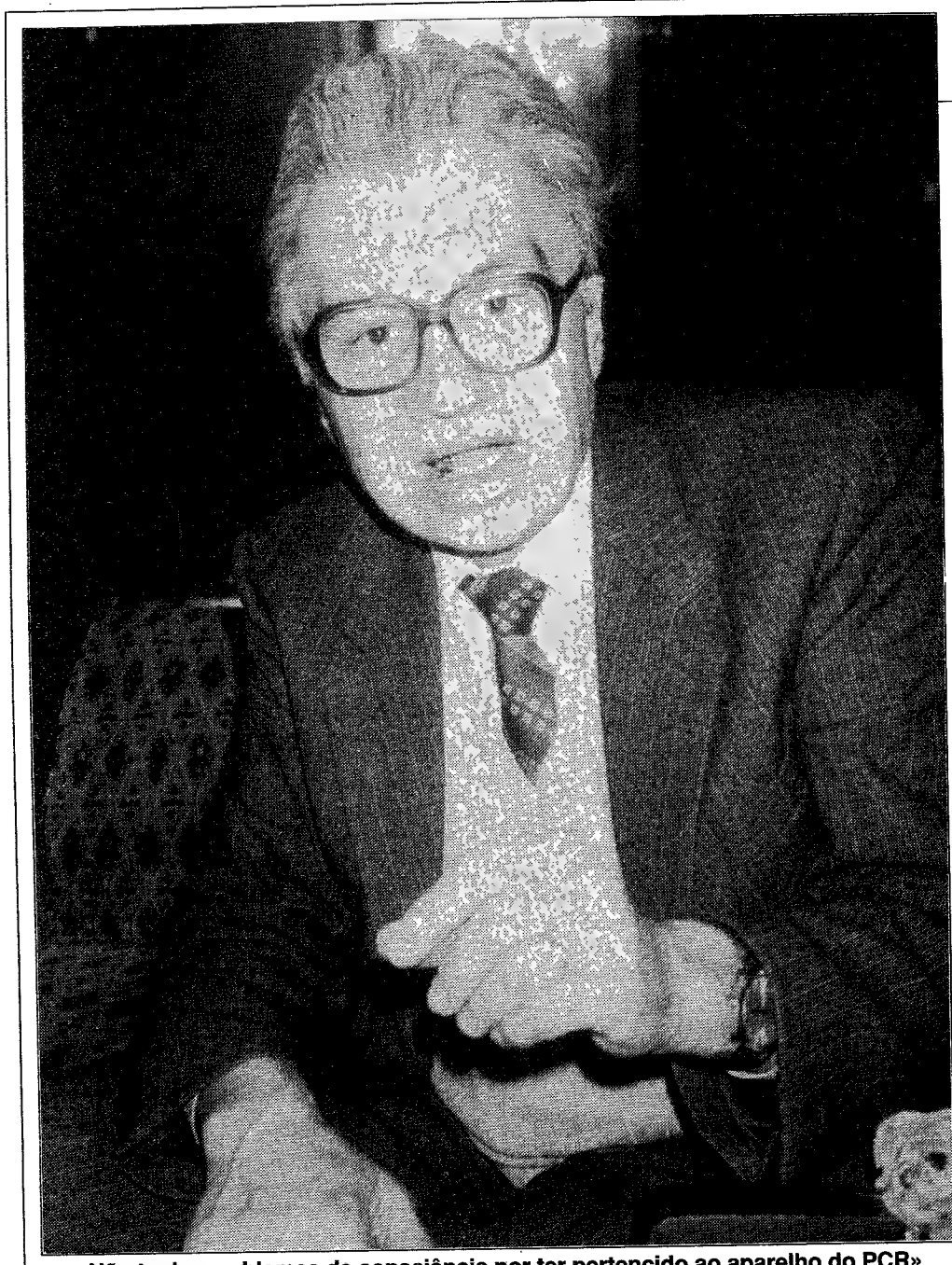
(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50$20	56$20
ALEMANHA FED. (marco)	86$90	88$10
ÁUSTRIA (xelim)	12$35	12$55
BÉLGICA (franco)	3$955	4$205
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	126$95	129$45
(notas de 5 a 1000)	127$45	129$95
DINAMARCA (coroa)	22$45	22$85
ESPANHA (peseta)	1$308	1$428
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	148$10	151$60
(notas de 5 a 1000)	148$60	152$10
FINLÂNDIA (marka)	37$90	37$50
FRANÇA (franco)	25$55	26$25
HOLANDA (florim)	77$05	78$15
IRLANDA (libra)	230$65	234$65
ITÁLIA (lira)	$106	$121
JAPÃO (iene)	$977	1$032
NORUEGA (coroa)	22$60	23$10
REINO UNIDO (libra)	245$90	250$40
SUÉCIA (coroa)	23$95	24$45
SUÍÇA (franco)	97$15	98$65
VENEZUELA (bolívar)	3$239	4$039

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil



«Não tenho problemas de consciência por ter pertencido ao aparelho do PCR»

Mihai Draganescu, vice-primeiro minis

«Precisamos d

Habituados ao culto da imagem, os rom para aceitar a precariedade de uma opini A democracia é uma categoria mental a

Da nossa enviada especial

Mihai Draganescu, romeno, de 60 anos, especialista de informática, é o vice-primeiro ministro do Governo que dá a cara à nova era romena. Ainda não vem nas moedas e esse despojamento é uma das esperanças do Ocidente. O seu a seu dono, ou o discurso directo do poder da nova Roménia.

P- Sr. Draganescu, tenho nas minhas mãos um exemplar do «Romanian News»(trata-se do boletim da Agência Romena de Informação). Com data de 30 de Dezembro. Nele se insere um decreto-lei promulgado pelo seu Governo.

Diz assim: «A Frente de Salvação Nacional decidiu separar toda e qualquer actividade do Estado da actividade política»

. Dias mais tarde o jornal «Libertatea», um dos órgãos de informação da Frente, anuncia a candidatura da FSN às eleições de Abril. De que maneira vai então a Frente apresentar-se às eleições, considerando que, exercendo neste momento uma actividade de Estado, não se pode assumir como partido político?

R- Não somos um partido político, para já. Estamos em evolução. Agora é possível que, no decurso desta instabilidade, os partidos candidatos às eleições desejem vincular-se à FSN.

P- Deixando de competir com ela?

R-Apelando à formação de listas independentes ligadas indirectamente ao nosso movimento.

Não me pergunte se a FSN já recebeu propostas nesse sentido. Estou a falar de uma possibilidade que, aliás, advogo.

P-Opõe-se então a que a FSN deixe de se apresentar, tal como é, às próximas eleições gerais romenas?

R-Não teremos uma formação única a desempenhar funções de Estado. Teremos eleições livres.

E é possível que, em Abril, todos os partidos se queiram juntar à FSN e concorrer coligados a ela. Não sei, isto é apenas uma possibilidade.

P- E se uma facção da FSN criar, no seu seio, um novo partido?

R-Estamos em evolução, repito. Não recuso a hipótese, embora não me pareça provável.

Pessoalmente não faço tensões de me candidatar. A Frente já me deu a entender que, após Abril, poderei continuar a exercer funções de alto nível. Mas se vier a ser convidado recusarei.

«Sim, fui um dos três mil funcionários do PCR»

P - Prefere regressar ao ensino da informática?

R - Informática e electrónica. Durante muitos anos fui presidente do nosso Instituto Nacional de Informática. Nos últimos cinco anos fui professor do Instituto Politécnico em Bucareste, no qual leccionava a cadeira de micro-electrónica.

P - Era, então, um dos três mil funcionários do PCR...

R - Evidentemente.

P - Veio depois a dissidência?

R - Bem, uma espécie de meia-dissidência. Porque publiquei uma série de ideias que não eram lá muito ortodoxas, não apenas na minha área profissional. Tive e tenho ainda uma certa actividade filosófica reconhecida neste país mas nada bem vista pelo antigo poder.

Tive os meus detractores mas sempre me movi num meio menos severo e duro e, por outro lado, a falta de autores e de leitores científicos no país permitiu-me publicar uma série de coisas não muito usuais. Por exemplo, no meu livro «Spiritualitate, Informatie, Materiei» publiquei uma tese sobre a natureza da definição socialista do trabalho produtivo. Nós não tínhamos um conceito político - isto é, tínhamos, mas de acordo com esse conceito, o trabalho só existia do ponto de vista físico. E a minha intenção foi demonstrar que o trabalho produtivo deveria ser reconhecido também do ponto de vista intelectual. O trabalho dos filósofos, dos literatos, dos homens de ciência, dos professores, também era possuído de «qualidade activa». Provavelmente, para uma jornalista do ocidente, isto não tem nada de subversivo...

P - Foi então por isso que Ceausescu o afastou do poder, em 1976?

R - Sim, primeiro proibiram-me de publicar e depois fizeram de mim um indesejável. Em 1972, o Governo de Ceausescu chamou-me para dirigir a Comissão de Computadores Electrónicos e, durante quatro anos, colocou-me na vice-presidência do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia. Não tenho problemas de consciência por ter pertencido ao aparelho. Essa é uma das razões porque estou aqui com os revolucionários.

«Ao telefone, disseram-me que era ministro»

P - Quem, na célebre reunião da noite de 22 de Dezembro, propôs Ion Iliescu para a presidência da Frente?

R - Penso que os jovens revolucionários chamaram por ele. Petre Roman, na noite de 21 de Dezembro, já estava com eles nos confrontos ocorridos junto ao Hotel Intercontinental.

P - Sim, e na reunião do dia 22?

R - Não estive lá. Fui convidado para vice-primeiro ministro alguns dias depois. Ninguém sabia onde eu estava. No Instituto Politécnico pensavam que tinha morrido. Desapareci durante dois dias. Em 22 de Dezembro eu estava, de manhã, em minha casa, que se situa junto ao edifício do Comité Central do PCR. Durante dois dias não me foi possível sair do edifício. A minha mulher, entretanto, estava a trabal-

har na Rádio Nacional. Eu de um lado da cidade, debaixo das balas e ela do outro, debaixo das balas. Numa tentativa que fiz para sair de casa tomaram-me por um terrorista e uma jovem estudante de medicina exigiu que me identificasse. Mostrei todos os meus documentos, entre os quais o cartão de membro da Academia. E, sob as balas, ela salvou-me, pôs-me num autocarro e, juntamente com outras pessoas, refugiei-me num edifício em construção. O meu apartamento ficou entretanto parcialmente destruído. Por sorte, salvou-se a minha biblioteca.

P - Como é que a FSN veio a encontrar?

R - Foi quando telefonei para o meu departamento

JL jornal de letras, artes e ideias

Renovado, às terças-feiras

Agustina, Fernanda Botelho, Isabel Barreno e Luísa Dacosta

Feminino plural

Novas colunas de

David Mourão-Ferreira e Fernando Campos

A estreia de «O Processo do Rei»

Entrevista com

João Mário Grilo, Portugal melancólico

Polémica O PCP NUNCA EXISTIU

– Artigo de Fernando Pereira Marques

inistro da Roménia, entrevistado pelo DL

de um manual de democracia»

romenos ainda se vêem em dificuldades
pinião. Talvez por isso Draganescu exorte ao manual.
al ainda distante do quotidiano romeno

para a
ens
cha-
man,
mbro,
s con-
to ao
do dia
i con-
meiro
epois.
eu es-
écnico
rrido.
s dias.
eu es-
minha
nto ao
entral
s dias
air do
ulher,
trabal-

Os que lá estavam deram-me um determinado número de telefone. Quando liguei para esse número disseram que me tinham nomeado vice-primeiro ministro da Roménia.

A questão da prévia existência da FSN

P - Antes dos episódios revolucionários já estava ligado à Frente?

R - Sinceramente, considero essa questão asnática e, além disso, totalmente desprovida de importância. A revolução foi espontânea, popular. A maior parte de nós só se veio a conhecer após os acontecimentos. Por essa lógica quando, há anos, eu era colega de Petre Roman no Instituto Politécnico de Bucareste, a revolução já estava a ser planeada.

a incompetência megalómana de Ceausescu.

R- Nunca ouvi falar em tal coisa.

P - Então o jornalista francês era uma espécie de futurólogo?

R - Não pretendo negar essa possibilidade. Procurarei informar-me sobre isso. Agora o que lhe posso garantir é que essa Frente não era decerto a mesma que está agora a dirigir o país.

«Os partidos terão que esperar um pouco mais

P- Como reage a FSN às acusações, cada vez mais frequentes, sobretudo por parte dos estudantes presentes nos confrontos, de que o movimento tomou em seu proveito os acontecimentos de 21 e 22 de Dezembro?

R - É evidente que não

cada novo partido tem as mesmas possibilidades e, futuramente, o mesmo apoio que nós.

P-Apesar da FSN dominar todos os meios de comunicação social? Porque é que os novos jornais da Roménia são todos da FSN? E a televisão? Quando é que os romenos poderão ver e escutar os representantes dos novos partidos?

R-Penso que só faz sentido o surgimento, quer na televisão quer nos jornais, dos novos partidos a partir do momento em que estejam registados de acordo com a nossa lei eleitoral.

P- E não o estão?

R- Alguns, como o Partido Democrático, o Camponês ou o Liberal, sim. Mas é preciso tempo. Provavelmente terão que esperar até à fase pre-

pedem às pessoas que, provisoriamente, aceitem a gestão da FSN. Sublinho ainda que estamos muito receptivos aos desejos das pessoas. É o nosso primeiro objectivo, agora. Nas fábricas, porém, a actividade política é de tal maneira intensa que estamos com quebras de produção. Pessoas reunem-se diariamente na células da FSN e discutem os acontecimentos, umas apresentam propostas e outras contestam-nas logo. Estão sempre a mudar de atitude. É aliás por isso que, brevemente, Ion Iliescu visitará uma série de empresas. É que, primeiro, é necessário trabalhar. A actividade política vem depois.

P-Mas, nas empresas e nas fábricas, os trabalhadores constituem células da própria Frente...

R-Sim mas, graças à instabilidade e à confusão reinante estão, sem o nosso aval, a fazer uma actividade política nessas células. Gostaríamos que não nos tivéssemos alargado a este ponto.

P - Nesse aspecto há quase uma repetição da lógica centralizadora do PCR...

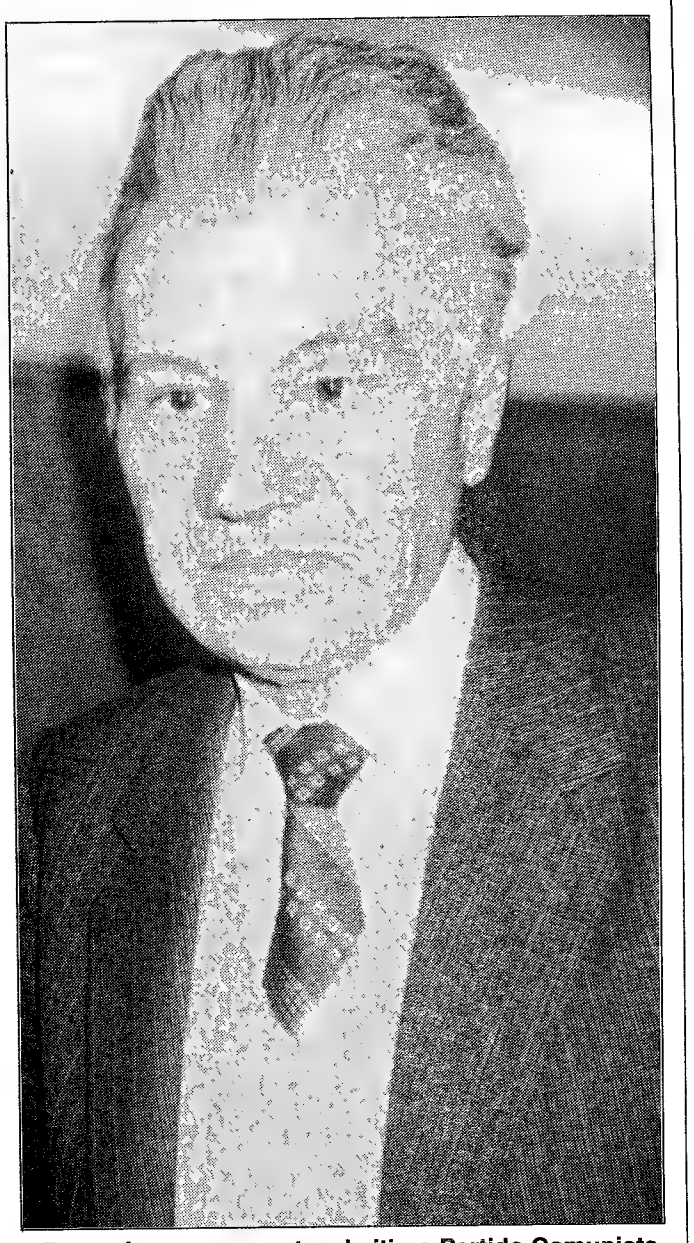
R- Por mais que nos custe admitir, o Partido Comunista é, praticamente, a nossa única herança política. Daí que as pessoas se organizem nessas células sem que, repito, fosse esse o nosso desejo. Esperamos separar um pouco o trabalho da actividade política. Estamos muito atentos ao que se passa entre os trabalhadores, os estudantes, ao que se passa nas ruas. Cada passo deverá ser muito bem pensado.

Tínhamos esta tendência sem uma revolução mas, no momento presente, temos que nos adaptar a todos os níveis. E primeiro que tudo nas empresas. Não pode lá haver actividade política. Assim como não pode haver nas ruas, nos clubes. Para ser realista, penso que temos que descobrir um compromisso. Esta confusão já chegou também à FSN. E a alto nível.

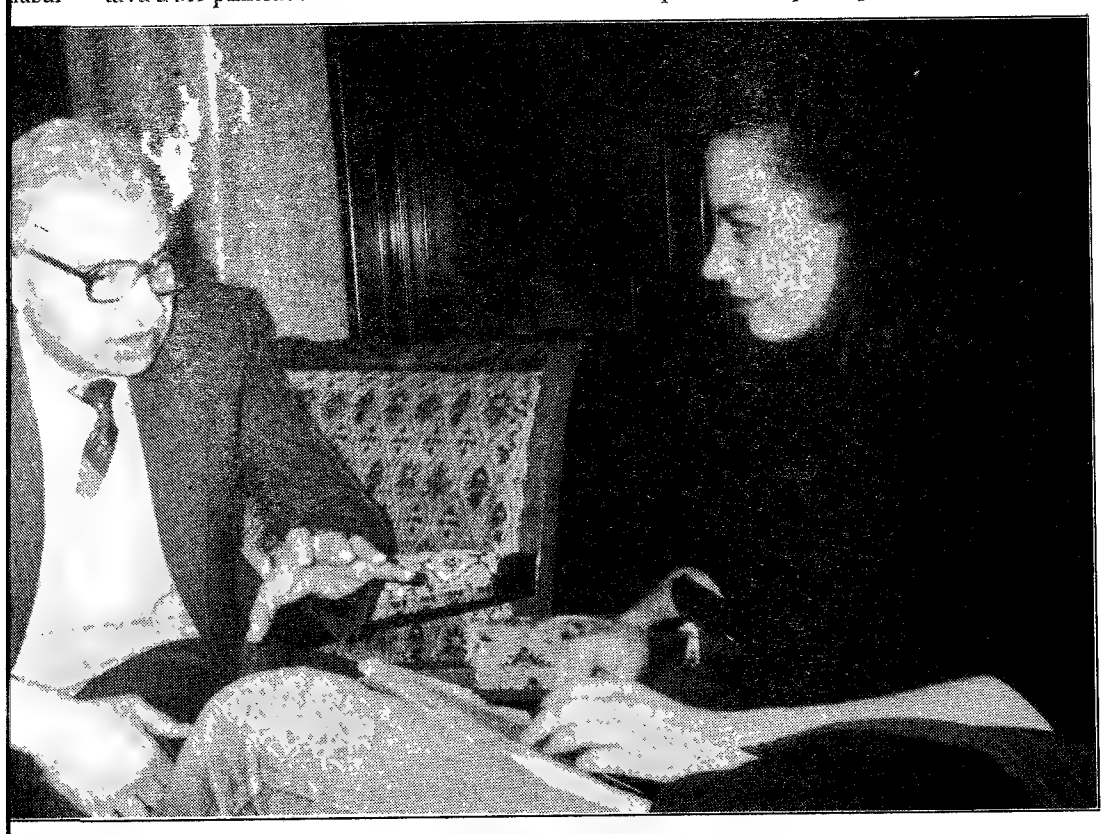
«O preço da consciência democrática»

P- Por exemplo, a discussão de Roman com Mircea Dinescu, na televisão, gerou alguns equívocos entre os romenos.

R- Por acaso fui convidado



«Por mais que nos custe admitir, o Partido Comunista é, praticamente, a nossa única herança política»



Eu de
ebaixo
outro,
Numa
sair de
or um
em es-
exigiu
. Mos-
umen-
rtão de
. E, sob
e, pós-
e, jun-
essoas,
cio em
apar-
etanto
do. Por
minha
FSN o
lefonei
mento.

P - Mas, a verdade, é que, pouco antes do 14º Congresso do PCR, em Novembro, um jornalista do «Le Monde» escreveu sobre uma Frente de Salvação Nacional, cuja composição incluia comunistas e até vários elementos da Securitate. Nesse artigo, o jornalista referiu que essa Frente teria distribuído clandestinamente aos delegados do PCR um apelo para que, no congresso, denunciassem

podemos, nem pretendemos, abarcar todas as iniciativas ocorridas nessa altura, tal como não admitimos que a nossa credibilidade esteja, tão cedo, a ser posta em causa. Todos os partidos poderão ser registados no âmbito da nossa lei eleitoral. Se possível, e se as pessoas assim o entenderem, até o Partido Comunista. Disto tenho a certeza. São estes os nossos princípios. Consideramos que

eleitoral, em princípios de Março.

P- Será sensato, tendo em conta este fôlego participativo dos romenos?

R-Temos ainda uma série de coisas a mudar, dentro e fora do aparelho da FSN. Deixamos que as pessoas decidam muitas coisas. Mas é ainda necessária uma articulação entre o Governo e as empresas, por exemplo. Uma série de administradores

para esse encontro da nossa Frente. Dedicava-se à discussão do modelo ocidental da democracia. As pessoas querem adoptar uma legislatura à americana, até já pedimos exemplares da constituição dos EUA a um congressista em visita ao país. Nessa reunião Petre Roman, o primeiro-ministro, foi interrompido por Dinescu, o famoso poeta. Ele não estava satisfeito com a interpelação de Roman. E as pessoas não entenderam este diálogo. Consequência: mais tarde, nas empresas, começaram a agitar-se da mesma maneira e até cenas de pancadaria houve.

P - É o preço da consciência democrática...

R-Precisamos urgentemente de sermos educados nesse sentido. Mas a consciência democrática não vem dissecada em manuais. Estamos a começar do zero. E para mim é a terceira vez. Criei o sistema integrado de computadores na Roménia do nada. Fundei o Instituto de Pesquisa Microelectrónica do nada e agora sou vice-primeiro ministro de um Governo que começou do nada.

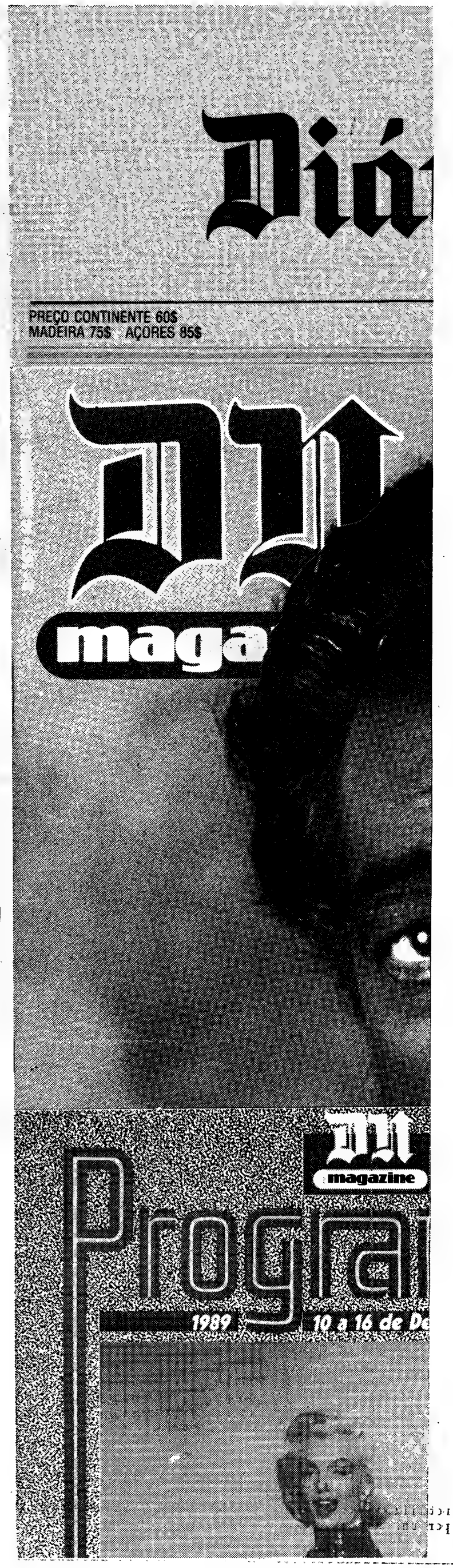
P-E que durará após a data das eleições?

R-É muito difícil para mim fazer agora considerações sobre o problema. Se, na plataforma, está assente que as eleições terão que decorrer em Abril, penso que o que importa é justificar esse ponto da plataforma. Devemos respeitar as nossas obrigações. Penso que o consenso popular é muito necessário, de outra maneira, teremos outro descalabro à porta. A minha única certeza é que só fico até Abril. Tenho uma promessa a cumprir. Prometi ao meu amigo Constantin Mihail, um grande filósofo que, depois dos sessenta anos, deixava a electrónica e passava a trabalhar só na filosofia. E, pretendo mesmo cumprir a promessa.

Marina Tadeu

A.M.A.
Auto Monumental de Aveiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

DN Magazine. Mais uma razão para gostar do Domingo.



É verdade. O DN Magazine traz agora novos temas,
mais páginas e um visual mais atraente.
Além disso, esta oferta semanal
do Diário de Notícias
inclui também PROGRAMAS,
uma nova revista de bolso.
Você fica a par de tudo
sobre televisão, rádio e espectáculos.
Neste domingo, veja as novidades do DN Magazine
e consulte durante toda a semana
a nova revista PROGRAMAS.
Você vai descobrir
que este anúncio lhe trouxe uma boa notícia...
do sempre renovado "Diário de Notícias".

DN magazine

Temas e temas. PROGRAMAS à parte.

ANTENA/RÁDIO

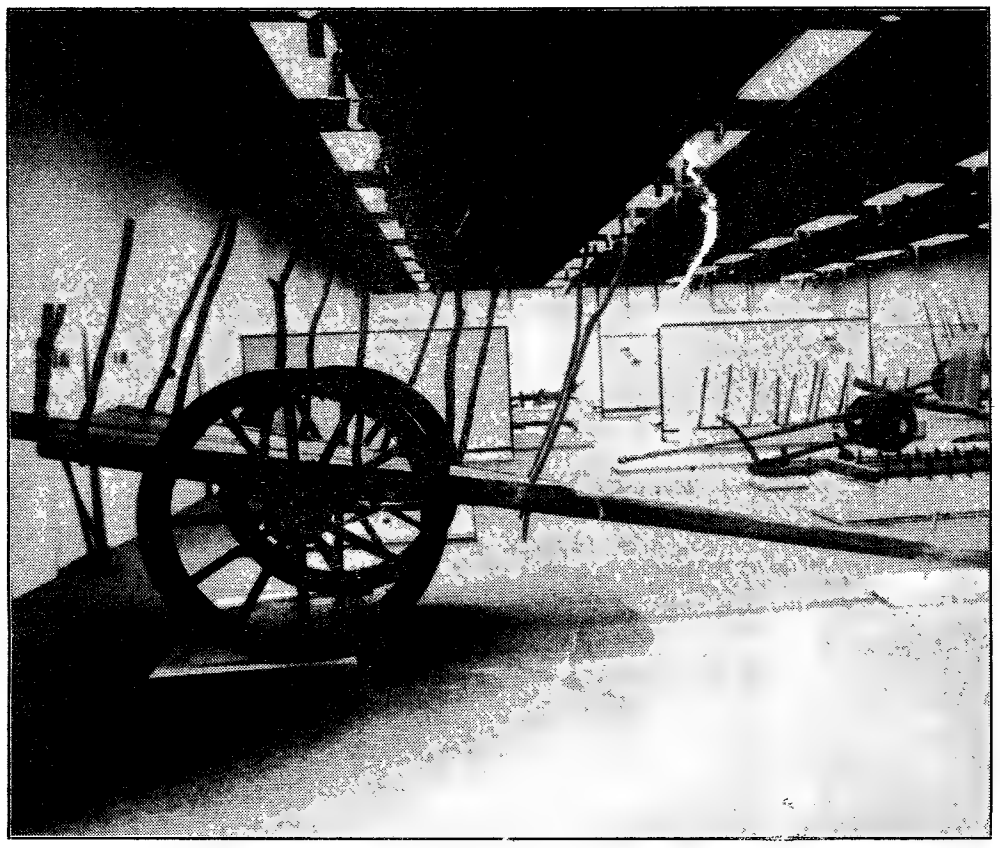
CULTURA

Etnólogo Ernesto Veiga de Oliveira sepultado discretamente no Porto

A morte sem palavras

Ernesto Veiga de Oliveira foi ontem sepultado no Porto, longe dos olhares públicos de que sempre soube esquivar-se. Morrera no domingo num hospital lisboeta, tão discretamente como viveu, vítima de uma antiga doença vascular que acabou por vencê-lo, quase dois meses depois de uma intervenção cirúrgica da qual não chegou a recuperar. Sucessor de Jorge Dias no Centro de Estudos Etnológicos mas igual em nome no campo da investigação, autor também de uma bibliografia prolífera da especialidade, ainda assim apenas familiares e íntimos, incluindo os seus companheiros de muitos anos nas lides etnográficas, souberam deste fim quase aos 80 anos.

Uma vez que fosse, a morte de alguém situado no primeiro plano da cultura portuguesa pôde ser um assunto privado. Foi intencionalmente que nada se disse aos jornais. Soubemo-lo, aqui no «DL», todos estes dias depois. Era conhecida a modéstia e a simplicidade do cientista, pouco interessado nos jogos da mundanidade que o circundavam mas de que se manteve ileso. No dia 23 deste mês, Veiga de Oliveira ía ser homenageado pelos seus pares com a edição de um livro que lhe retrataria a obra, mas a cerimónia terá de se fazer, afinal, sem a sua presença. Falámos com alguns dos seus velhos amigos, Helena Prista Monteiro, que consigo trabalhou durante 22 anos no Museu de Etnologia, o poeta Eugénio de Andrade, que privava com o etnólogo há 45 anos, e Agustina Bessa-Luís. Emocionados, respeitaram o silêncio desta morte que se quis sem palavras: «Não há muito a dizer sob o efeito de uma notícia tão penosa - disse ao nosso jornal a autora de «Fanny Owen» -, apenas que o seu desaparecimento é uma perda demasiado grande.»



A etnologia portuguesa perdeu o seu segundo grande nome: depois de Jorge Dias, Ernesto Veiga de Oliveira. Na foto o interior do Museu de Etnologia

Mas foi com palavras que Ernesto Veiga de Oliveira lidou ao longo da sua carreira, se bem que muitas vezes o essencial de si estivesse pressuposto em vez de explícito, mas mesmo escondido o influenciou, reflectindo-se amplamente na sua escrita ensaística. Joaquim Pais de Brito, seu colaborador, prezou muito esta «segunda vertente», em depoimento pedido pelo «DL»: «Essa segunda vertente permanece oculta na sua obra, mas está lá e tem implicações na qualidade dos textos que compôs sobre as tecnologias tradicionais em meio rural, sobre a alfaia agrícola, as construções primitivas, os arados, os sistemas de moagem, os instrumentos musicais. Contrastando com o despojamento e o rigor científico dos livros que deixou escritos está um sentido de humor, uma picardia do olhar, uma afabilidade, uma poesia, uma contínua dúvida até, que fecundou indubitavelmente esses escritos.»

Benjamim Pereira, outro dos investigadores que trabalhou com Veiga de Oliveira e foi dos seus grandes amigos, comentou-nos o «raro tipo humano» do etnólogo, salientando a «extrema erudição, a visão humanista e a serenidade crítica» que o caracterizaram. «A sua escrita era limpa, verdadeira, o trabalho etnográfico que desenvolveu dispensava quaisquer artifícios. Não se confinou a um campo restrito, abordou múltiplos temas e cobriu áreas diversas, dando especial atenção ao elemento lúdico tradicional», disse. Mas Ernesto Veiga de Oliveira foi também um museólogo respeitado, e Benjamim Pereira não deixou de relevar a sua «excepcional» preocupação em conciliar a mais rigorosa investigação etnológica com o universalismo dos princípios, implicando que de si emanasse um carisma facilmente traduzido no entusiasmo prático de quem prestou funções no Museu de Etnologia sob a sua coordenação.

O corpo de Veiga de Oliveira jaz agora no cemitério portuense da Lapa, junto do pai [illegible], o ministro republicano Alves da Veiga. Os anunciados «Estudos em Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira», coligidos por decisão do Instituto Nacional de Investigação Científica, terão em consequência outro alcance.

Rui Eduardo Paes

Pedro Garcia Rosado edita «Vídeo Guia 90»

Fitas para todos os gostos

Seis meses após o lançamento de um primeiro «Vídeo Guia» referente, então, ao ano de 89, Pedro Garcia Rosado, a Difusão Cultural e o «Sete» editaram agora o volume relativo a 1990. Obedecendo à mesma estrutura seguida nesse primeiro trabalho que o autor tem na conta de experimental, «Vídeo 90» inclui comentários mais ou menos detalhados a quatro mil filmes, organizados segundo quinze géneros diferentes que, no entanto, não são estanques entre si. Quem o diz é o próprio autor que escreve, assim, na página oito: «...a opção é polémica (no cinema contemporâneo, os géneros tendem a esbater-se cada vez mais)...». Não obstante, tudo se justifica em nome da comodidade de consulta para um público quantas vezes pouco versado em matéria cinematográfica.

A estes aspectos já constantes da primeira edição (embora o número de fitas fosse naturalmente menor), o autor acrescentou um índice de títulos originais, uma listagem dos actores mais representativos devidamente acompanhada da indicação dos seus filmes analisados no guia, bem como uma utilissíma abordagem das poucas cassetes já disponíveis em regime de venda directa.

De louvar ainda a extrema actualidade do volume, muito superior à da primeira edição, uma vez que aqui são analisados filmes editados no mercado há pouco mais de um mês, como é o caso paradigmático do clássico «À beira do abismo». A apetência de Pedro Garcia Rosado pelos títulos dourados da «Meca do Cinema» denota-se, aliás, nas fotografias seleccionadas que incluem momentos chave de «Lawrence da Árabia», «Quanto mais quente melhor», «Serenata à chuva» e obviamente o mítico «Casablanca», essa obra-prima do romantismo que ocupa «em milhares de corações um lugar muito especial».

M.J.M.

«O Tambor» na RTP

- acusação e defesa

O filme «O Tambor», a partir do romance de Günther Grass, e realizado por Volker Schloendorff, cineasta de reconhecido mérito, foi anunciado como estando incluído na programação da RTP.

Tal bastou, segundo a Federação Portuguesa de Cineclubes, para que «uma entidade intitulada Associação Portuguesa de Espectadores de Televisão» escrevesse à Radiotelevisão «protestando contra a exibição do referido filme e ameaçando os responsáveis pela sua programação com um processo judicial por, a seu ver, se tratar de uma "violação da integridade moral dos telespectadores e dos valores fundamentais da sociedade portuguesa".»

Ora o filme em causa, galardoado com a Palma de Oiro do Festival de Cannes, é, de acordo com a escritora Ilse Losa (alemã radicada em Portugal há longos anos), «uma grande película anti-nazi». Apoiando-se nesta afirmação, pergunta a Federação Portuguesa de Cineclubes: «Como se pode perceber que uma associação que diz pretender defender os direitos dos telespectadores os queira privar de apreciar um filme desta qualidade?»

Crítica de Música

O violoncelista Levon Mouradian, um nome a fixar

Não muito numeroso, valha a verdade - o que, infelizmente, é habitual entre nós quando se trata de música de câmara - o público que esteve presente no Grande Auditório Gulbenkian não considerou, por certo, mal empregado o seu tempo. A avaliar pelos aplausos calorosos e pelos comentários que se ouviram no intervalo e no final do recital, ficou rendido às qualidades do jovem violoncelista arménio Levon Mouradian. E penso que teve inteira razão.

Tomámos contacto, sem qualquer dúvida, com um instrumentista já notabilíssimo - credenciado, aliás, por um curriculum académico excelente (estudou inclusive no Conservatório de Moscovo, onde também foi assistente do seu professor Khimitser) e por galardões em concursos internacionais dos mais prestigiosos: Pablo Casals (de Budapeste) e Tchaikowsky (de Moscovo).

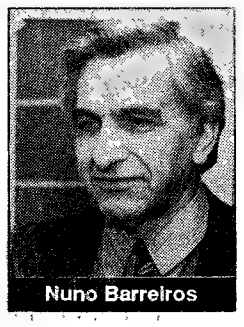
A técnica é primorosa, de um invejável acabamento: arcada firme, sonoridade muito bonita, aveludada e ampla, colorido rico de efeitos e de matizes.

Por outro lado, evidenciou, como intérprete, predicados de elevado quilate, ao longo de um programa de categoria substancial e largamente diversificado.

Logo no «Adagio» central da *Sonata* de Locatelli houve ensejo de apreciar um *cantabile* sedutor e um fraseio extremamente expressivo. A versão da *Sonata* de Debussy foi de grande classe: fluente mas de inegável subtileza na mobilidade climática, como exige essa obra admirável em que alternam lirismo (por vezes tingido de melancolia), humor e acentos vigorosos, não destituídos mesmo de sabor folclorizante.

E depois, como Levon Mouradian soube estabelecer a diferença entre as páginas debussystas e o teor mais dadivoso da *Sonata* de Chostakovitch ou o carácter fundamentalmente extrovertido e virtuosístico das *Variações* de Paganini sobre tema de Rossini (extraído de *Moisés no Egipto*)!

Vê-se que são altamente positivas as capacidades do jovem Mouradian no sentido da justeza estilística, longe igualmente de quaisquer resquícios de mau gosto e de certa «frieza» que alguns confundem com seriedade...



Nuno Barreiros

Claro que o recital não teria atingido globalmente o interesse de que se revestiu se ao piano não houvesse estado uma artista de superior compleição e experiente como Tania Achot. Foi, do princípio ao fim da sua actuação, sensível, maleável, mas temperamental e de grande veemência expressiva, através de uma execução de firmeza exemplar.

Extraprograma, Mouradian fez-se ouvir numa peça para violoncelo solo do compositor arménio Komitas: uma *Canção* tocada soberbamente, com uma sonoridade lindíssima e cheia que valorizou o melodismo intenso.

LIVRO ABERTO

«O Narrador / O Mar», João Candeias

Meta nossa de cada dia...

Pessoas há que são demasiadas terrenas. Demasiadas terrenas, mas não no sentido pejorativo: estão, pura e simplesmente, implantadas no planeta que nos transporta pelo espaço. Consciente ou inconscientemente, amam esse globo, as suas paisagens, os seus rios, as suas ruas, as casas, enfim, em que habitam. São, numa palavra, os homens da Terra. Não exorbitam, cumprem (sem o saber) os movimentos cegos e matemáticos da sua ida pelo Cosmos - e amam-se e amam os outros. Respondem ao toque do despertador, fazem a barba, tomam os transportes, vão-se para os empregos - e trocam entre si aquelas palavras que, uma a uma, contribuem para a construção das horas do dia e das horas da noite...

Terra e terrinha

Eles são, esses homens, produtos genuínos da Terra em caixa alta e da terra em caixa baixa - e são eles que modelam o globo, o adornam de pontes e edifícios, de jardins suspensos ou não suspensos, de mesas postas num instante e noutro instante só de toalha nua com cadeiras ao redor. Vivem, enfim, na respiração do tempo - e riem quando a alegria os toma em seu abraço, choram a morte dos entes queridos (é assim que se diz, não é...?) e tossem, indo à farmácia, quando a constipação se lhes apossa dos pulmões.

E mais ainda, paradoxais que eles são: irmanam-se a favor da justiça e cometem injustiças de todo o tamanho. Assim sendo, porém, vão-se sempre pelos caminhos da terra (da sua terrinha querida!) e pelas trajectórias espaciais da Terra, do Inverno até ao Verão, irrompendo na Primavera e descaíndo pelo Outono. Num caso (terra, caixa baixa) são sabedores, no outro caso (Terra, caixa alta) são ignorantes. Mas...

Empate a 3 golos

Mas acabam sempre por viver o tempo que lhes é permitido, como aquele homem (ouvimo-lo nós à saída de um transporte público, segunda-feira de manhã, segunda-feira passada) que, trabalhando

João Candeias

em Lisboa, se mostrava desapontado com o que, no dia anterior, domingo, acontecera na sua longínqua terra natal. Dizia ele para outro:

- Vê lá tu que o Chaves estava a ganhar por dois zeros à equipa da Madeira, o Nacional... E não acaba tudo num empate a três golos! Que azar o meu...

Que não se admire o leitor: há números e números, uns abissais, outros comezinhos. Mas quer uns, quer outros, são números que, à sua maneira, governam a nossa vida - e aqueles 2-0 que, correndo o jogo, definitivamente se trasformaram em 3-3, eram, nas palavras simples do homem, uma equação matemática tão importante e complexa como as que, na alta Matemática, nos dão conta das trajectórias dos corpos celestes...

Ordem e desordem

Todas estas palavras vêm a propósito de um recente livro de poesia, de João Candeias, intitulado «O Narrador / O Mar» (Editorial Caminho). Não que o poeta, nesta sua obra densa, se entregue ao quotidiano-quotidiano, cantando as pequenas coisas, elevando até ao azul as meras anedotas do dia a dia. Não: a sua matéria é outra, parte do labirinto em que todos nos interrogamos, perde-se nas extensões que (caixa alta) a Terra percorre. Terreno (como todos os seus semelhantes, como o homem preocupado com o desafio Chaves-Nacional, como todos nós que o frio sofremos deste Inverno claro e duro), João Candeias só o é (terreno) na medida em que habita o globo em que nos vamos por distâncias que nos dão a nossa pequenez. Porque, cogitando espaço e tempo, ele busca a forma exacta das esferas (e de quem a originou), que não a perfeição do esférico dos campos de futebol. Ouçamo-lo (pág. 16): «Procurar na rutilância das esferas / a causa da primeira redondez / e não desvendar senão um deus / uma turva aspereza sem arestas / que não explica nem se explica / na ácida reacção que se prende / ao caos sinuoso da procura».

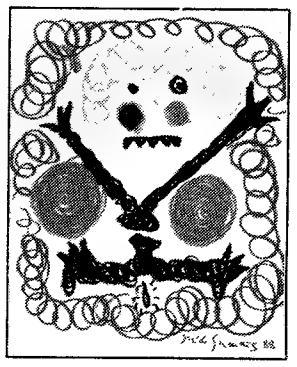
Perguntar-se-á: mas porquê esta comparação entre o homem preocupado com o 3-3 do Chaves / Nacional e a cogitação de João Candeias...? É que o primeiro ama sem interrogações, situa-se feliz no movimento circunscrito da Terra, "ignora" o Cosmos, está em ordem - e o segundo, imiscuíndo-se no mesmo Cosmos (termo grego que, entre outros sentidos, significa "ordem"), encontra-se em desordem, isto é, não se conforma com o aparentemente estabelecido, e procura, na verdade, aquele mais que sempre escapa ao homem universal. Busca o princípio de tudo como o jogador busca a baliza para marcar o golo, golo que preocupa (como acima ficou entendido) o indivíduo que designámos por verdadeiramente terreno. O que os irmana é o facto de ambos ansiarem por atingir uma determinada meta - e, a partir desse momento, serem capazes de uma íntima exclamação que, de maneira alguma, cabe aqui explicitar. Só assim, aliás, é que nos irmanamos também com eles.

Pedro Alvim

BREVES

«Álbum de Família» em lista de honra italiana

«Álbum de Família» (textos de Jorge Listopad, ilustrações de José de Guimarães), editado ano passado pela Afrontamento, foi recentemente incluído na Lista de Honra destinada à XII Edição do Prémio Europeu de Literatura Juvenil "Pier Paolo Vergerio" na categoria «Álbuns Ilustrados», reconhecimento extensivo aos dois autores.



Por sua vez, a «O Inventão» (escrita de Manuel António Pina e ilustrações de António Lucena, pseudónimo do pintor António Quadros), foi atribuído uma Menção Honrosa, também no âmbito daquele Prémio Europeu, na categoria «Ficção».

Este prémio, bienal, é atribuído em Pádua, Itália, e abrange todos os géneros de obra literária desde que escritas nas línguas oficiais de qualquer dos países europeus.

Um poema com milénios

Em versão de Pedro Tamen do texto inglês de N. K. Sandars, oferece-nos a Editora Vega o clássico «Gilgamesh», com prefácio e desenhos de Luís Alves da Costa. Trata-se de um poema de muitos e muitos séculos. Assim, «quando os helenos veneravam ainda o Mito de Narciso, já esta história de milénios se ria havia muito às gargalhadas, mostrando que o coração dos homens é uma força civilizadora muito mais forte que a vontade dos deuses» (citação extraída do prefácio). Colecção Outras Obras.

O PARAÍSO A DOIS PASSOS DE LISBOA

HOTEL ★★★ VALE DE LOBOS

SEMINÁRIOS·REUNIÕES·CONGRESSOS ☎ • 9273419

VALE DE LOBOS • 2715 SABUGO 9273401 • 9274626

FAX: 9274656 • TELEX: 44564 - VALOBO · P

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

RECRUTAMENTO DE ASSISTENTES ESTAGIÁRIOS OU ASSISTENTES

A Universidade de Évora torna público que está aberto, pelo prazo de 15 dias a partir da data da publicação do respectivo edital no «Diário da República», concurso documental para recrutamento de 3 assistentes estagiários ou assistentes para : a disciplina de Linguística Geral e Portuguesa.

Ao concurso serão admitidos candidatos com licenciatura ou curso superior equivalente adequados, que tenham obtido a informação final mínima de «Bom» e satisfaçam os demais requisitos constantes de edital publicado ou a publicar no «Diário da República» (II Série).

Aos candidatos ao cargo de assistente serão exigidos o grau de mestre ou a aprovação em provas de aptidão pedagógica e capacidade científica.

15.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

ANÚNCIO

P.º 5957 — 2.ª SECÇÃO

FAZ SABER QUE, por este Tribunal e 2.ª secção correm ÉDITOS 30 DIAS. nos autos de ACÇÃO SUMÁRIA, P.º 5957, em que é Autora: — A Companhia de Seguros Império, E.P., com sede na R. Garrett, 56 LISBOA e Ré: — SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES CARRILENSE, LDA. com última sede conhecida em Carril — Dornes — Ferreira do Zêzere, CITANDO a mencionada Ré, para no prazo de 10 DIAS, contestar o pedido formulado pela Autora, decorrido o prazo dos éditos, que se contará a partir da 2.ª e última publicação do Anúncio, o qual consiste no pagamento à Autora por parte da ré, na quantia de Esc.: — 291.942$00, proveniente do não pagamento do prémio de seguro do ramo automóvel titulado pela Apólice n.º 41-794247 referente ao período de 14/3/88 a 26/12/88, no montante de Esc.: — 249.845$99, acrescida dos juros de mora vencidos à taxa de 15% ao ano até 28/4/89 no montante de Esc. — 42 097$00, e ainda ao pagamento dos juros de mora vincendos à taxa legal sobre o capital em dívida de Esc.: — 249 845$00, custas e demais legal.

Lisboa, 9/1/90.

O Juiz de Direito,
a) Flávio Joaquim Bogalhão do casal

A escrivã-adjunta,
a) M.ª Manuela A. Sereno

«DL» 17/1/90 — 2.ª Pub

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

1.º JUÍZO

O Doutor António Santos Abrantes Geraldes, juíz de Direito do 10.º juízo do Tribunal Cível da Comarca de Lisboa.

Faz saber que pela 2.ª secção deste juízo, nos autos de execução sumária, registados sob o n.º 7573, movida pela exequente Renault Gest — Sociedade de Comércio de Automóveis, S.A., com sede na Avenida Infante D. Henrique, lote 575 — 1800 — Lisboa, contra a executada Alves & Marques, Lda., com última sede conhecida na Rua Mouzinho de Albuquerque, n.º 21, 2.º esq.º, na Damaia, é este executado citado para em 5 dias pagar à exequente a quantia de Es.: 480 584$00, acrescida de juros vincendos à taxa legal de 15%, até efectivo pagamento, a liquidar a final, nos termos do disposto no art.º 805.º, n.º 2 do Código de Processo Civil, ou no mesmo prazo nomear à penhora bens suficientes ao seu pagamento sob pena de tal direito se devolver à exequente, nos termos do disposto no art.º 836.º, n.º 1 alínea a) do Código de Processo Civil, prazo este que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da data da segunda e última publicação do anúncio.

Lisboa, 8 de Janeiro de 1990

O Juiz de Direito,
DR. António Santos Abrantes Geraldes

O Escrivão Adjunto,
Duarte Pedro César Martins Guerra Correia

DL 17/1/90 1.ª PUB.

Móveis OLIVEIRA & LEAL, LDA

Mobiliário em todos os estilos-estantes, móveis soltos — jogos de maples veludo e pele, arcas — colchões molas e espuma (por medida) — sommiers (por medida).
Móveis - sala e quarto (por medida).
Mobiliário em pinho — móveis de cozinha.

Não compre sem nos consultar.

Entregas em qualquer ponto do país.

Rua da Rosa (Bairro Alto) 73-81-158-160
Telef. 32 18 72 (200 ² exposição)

Freud revisitado (2)

Contra a fábrica de visões

Freud morreu há cinquenta anos. As sementes que plantou com o seu trabalho que virou o século, deram e continuam a dar muitos frutos, sem que tenham, no entanto, deixado de produzir inquietação, e formas mais ou menos elaboradas de silêncio. O que não é de admirar. Ele próprio teria dito um dia, acerca das suas descobertas, «eles não sabem que eu lhes trago a peste»... Como dizia C. Amaral Dias num livro recente, «é natural que muitos continuem a recusar a ideia de inconsciente, mas isso é bom: prova que o inconsciente existe»...

Os desenvolvimentos da psicanálise ao longo da história, iniciados por Freud mas continuados por muitos outros, esclarecem-nos o suficiente sobre as razões da célebre frase de Freud citada em cima: o rumo que a noção de sujeito, ou da ingénua palavra «eu» tomaram a partir dele não poderia permitir-nos mais ilusões. O sujeito irradiante de «consciência de si», cartesiano, hegeliano, positivista lógico «and so on», parecia ficar alarmantemente «poluído», e tão frágil...

Como seria conciliável o sujeito ariano, auto/hetero-idealizado, com o sujeito contraditório por natureza, e tão humano (insuportavelmente humano para alguns) que decorre da compreensão psicanalítica, proposta por Freud?

Em 1917, em «Uma dificuldade da psicanálise», Freud falava das três grandes «feridas narcísicas» infligidas à humanidade pelos desenvolvimentos da ciência: o heliocentrismo de Copérnico, a lei da evolução das espécies de Darwin, e a terceira, a teoria psicanalítica. Estes três marcos da ciência tiveram algo em comum (e não podemos esquecer que os dois últimos se situam, ambos, no século XIX): operarem um descentramento do lugar do homem relativamente às formações deológicas que o sustentavam.

De facto, se pensarmos nas reacções de escândalo, raiva e perseguição que a psicanálise provocou ao tempo de Freud (hoje as defesas são mais subtis, como a indiferença, por exemplo), não será difícil lembrarmo-nos dos velhos tempos da Santa Madre Igreja e do Santo Ofício, e do modo como esta instituição - expressão do senso-comum dominante e assustado - (re)agiu relativamente às figuras mais frontais da revolução física dos séc. XVI/XVII, como Galileu e Giordano Bruno.

O conhecimento científico comporta estruturalmente consigo um conflito com os agregados de ideias adquiridas, cristalizadas ao longo do tempo; deste modo, o conflito é tanto mais dramático e visível na medida em que o objecto da teoria emergente tenha consequências no campo das ideias sociais, instituições e valores humanos sedimentados.

Uma janela para morar

Alguns dos grandes historiadores da ciência das últimas décadas (Bachelard, T. Kuhn, A. Koyrè) têm mostrado como as descobertas científicas decorrem de uma determinada forma (nova) de encarar os problemas, de um paradigma (uma «janela» ou «morada») que os homens passam a habitar, e a partir do qual é possível formular uma teoria nova.

Em muitos dos textos dos fundadores da física moderna (Képler, G. Bruno, Galileu) é bem explícita essa relação entre o trabalho teórico de investigação, e essa janela ou paradigma (Kuhn) que o possibilita. «É como um prisioneiro que vê derrubarem-se os muros da prisão», assim exprime G. Bruno o seu sentimento de fascínio face à ideia de infinitude do universo. Para Kepler, só o sol pode estar no centro do universo, «porque o Sol é Deus, fonte de vida»; mas é também o próprio Kepler quem explica a resistência da época à noção de infinito: «Este pensamento comporta consigo não sei que horror secreto; com efeito, encontramo-nos errando nesta imensidão à qual foram negados qualquer limite, qualquer centro, e por isso mesmo qualquer lugar determinado.»

Parece ser esta disponibilidade para pensar de outra maneira, disponibilidade afectiva, estética, amorosa, que permite, ao longo do tempo, a aproximação ao conhecimento e ao saber, e a construção de novas formas de inteligibilidade. A história das ciências mostra-nos, com regularidade, o conflito entre dois modos de relação com a realidade - fuga para trás, fuga para a frente, interesse e recusa - que todas as revoluções científicas comportam nos seus inícios.

O surgimento da psicanálise com Freud, desde o início dos seus trabalhos - com Charcot, Breuer - não escapa a este destino, pelo contrário, parece torná-lo mais evidente. O que não será difícil de compreender, já que é a auto-imagem do homem que está em jogo com o pensamento de Freud, agora a um nível bem angustiante: o da própria natureza do homem, da intimidade do seu ser, que doravante se mostra como diversa, contraditória, irredutível à lógica da não-contradição.

Ao introduzir o conceito de inconsciente (e a sua estreita relação com o investimento libidinal e agressivo) como suporte fundamental da sua teoria da acção humana, Freud teve sempre consciência da resistência militante que iria encontrar. E ele próprio disso fala inúmeras vezes, aceitando o sentimento de humilhação narcísica que a sua teoria provoca, nomeadamente no citado artigo de 1917: «O homem, ainda que exteriormente humilhado (com Copérnico e Darwin), sente-se soberano da sua própria alma. Criou-se, num certo ponto do Eu, um órgão inspector, que vigia os seus actos e os seus impulsos, inibindo-os e retraindo-os quando não coincidem com as suas aspirações (...) Mas esta alma não é algo simples, mas antes uma hierarquia de instâncias, uma confusão de impulsos, que tendem, independentemente uns dos outros, a sua realização correlativamente à multiplicidade dos instintos e das relações com o mundo exterior.»

A amizade com Fliess

O conflito entre observação e teoria nascente, e as ideias médico-psicológicas dominantes da época, foi o contexto no qual Freud trabalhou durante grande parte da sua vida, não que sem disso profundamente se ressentisse. A relação epistolar assídua que manteve com W. Fliess revelam-nos constantemente o enorme sentimento de solidão intelectual, de in-comunicação com o meio científico de Viena. O desgaste quotidiano que esta solidão trazia à sua lenta mas persistente investigação parece estar por detrás da quase idolatria que envolve a sua amizade com Fliess, e do intenso investimento que coloca nesta troca de correspondência. Numa carta a este seu amigo, de 31/10/1895, dizia: «Acabei há pouco três conferências sobre a histeria, nas quais fui muito insolente. Creio que me dedicarei a ter o máximo prazer em mostrar-me arrogante, particularmente pelo facto de tu estares tão encantado comigo.»

A natureza das suas descobertas não pode ser desligada da relação que Freud manteve com elas desde os seus inícios; cedo tomou consciência de como elas implicavam o próprio sujeito que as enuncia, e por isso mesmo colocou a sua auto-análise no centro das suas preocupações: «Tudo fermenta em mim, mas nada está acabado; sinto-me muito contente com a psicologia, torturado por graves dúvidas acerca das neuroses, muito preguiçoso para pensar, e desde que aqui me encontro que não consigo dominar a turbulência da minha mente e dos meus sentimentos (...) Depois de ter passado aqui uns dias muito alegres, neste momento gozo do pior dos humores. O pior paciente que me ocupa agora sou eu mesmo. (...) Esta análise é mais difícil que qualquer outra e é também o que me priva da energia psíquica necessária para comunicar e anotar quanto apreendi até agora. Apesar disso creio que devo prossegui-la e que será uma etapa inevitável do meu trabalho.» (carta a Fliess de 14/8/1897)

Esta consciência de si próprio como sujeito aos mesmos mecanismos que procurou formular de forma universal, foi talvez o principal facilitador da cientificidade da sua teoria, no pleno sentido de saber em construção, que não hesita em hesitar, e que, por isso mesmo ficou aberto à reformulação historicamente inevitável. Parece, aliás, que Freud soube recolher o melhor dos seus mestres, nunca esquecendo a célebre máxima de Charcot: «La theorie c'est bon, mais ça n'empêche pas d'exister...»

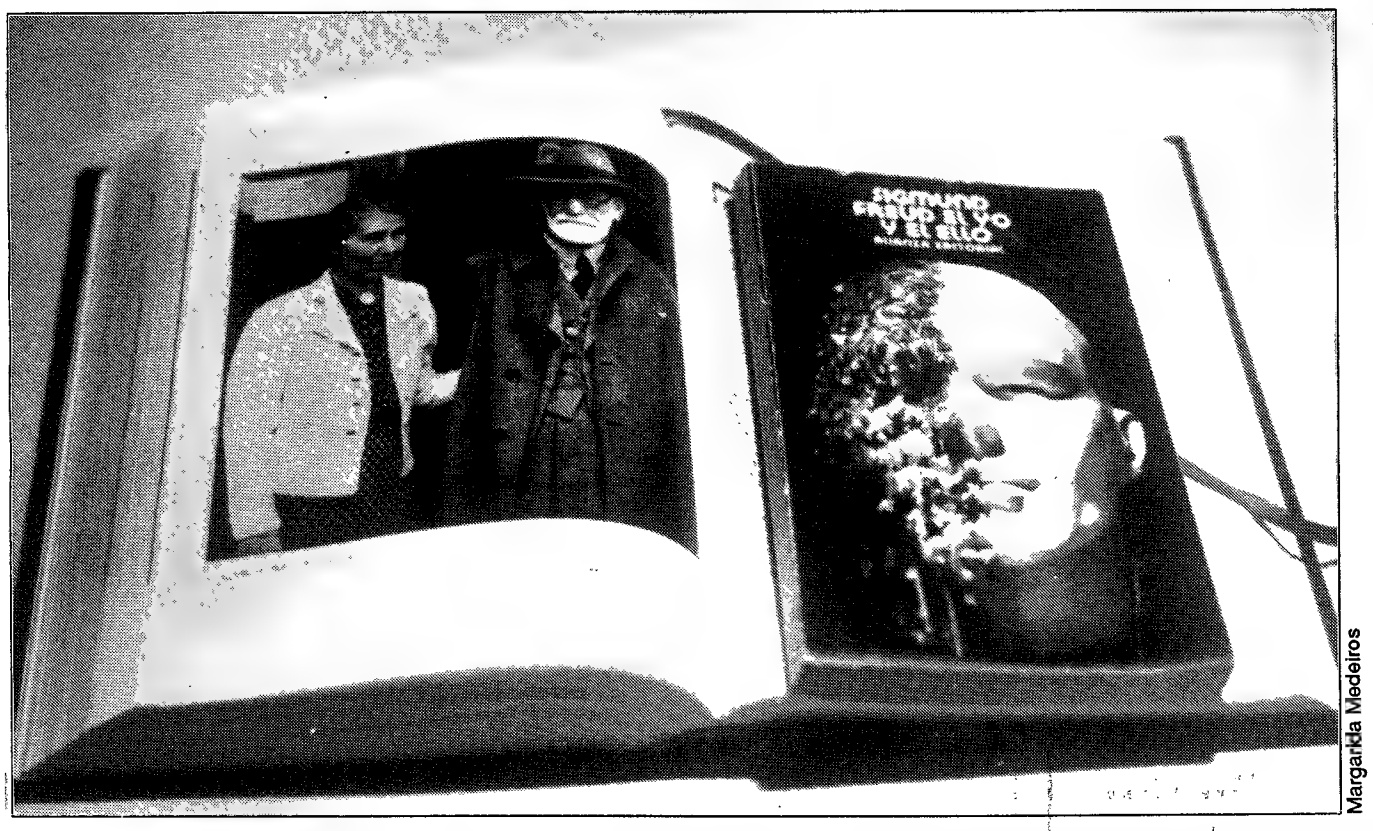
A correspondência com Fliess é um testemunho valioso do profundo cruzamento entre o pensar e o sentir de Freud, da forma como integra as suas emoções no dia a dia do seu trabalho de investigação: «A minha auto-análise é a mais importante que tenho entre mãos, e promete ter o mais alto valor para mim se a levar até ao fim. Quando estava a decorrer plenamente foi subitamente interrompida durante três dias; tive então a sensação de estar internamente 'travado', aquilo de que tanto se queixam os pacientes, e na realidade senti-me desolado...» (15/10/1897)

Ao longo da sua vida, Freud sempre colocou como condição de pesquisa a possibilidade de rever e alterar as suas conclusões, recusando-se a transformar a psicanálise numa fábrica de visões do mundo, ou numa nova religião do homem para consumo das massas. Ele o afirma, textualmente em «Inibição, sintoma e angústia» (1926): «Sou avesso à fabricação de visões do mundo. Deixemos isso para os filósofos, que professam abertamente que a viagem da vida é impossível sem um tal Baedecker para lhes dar informações sobre todas as coisas. Aceitemos com humildade o desprezo que os filósofos nos lançam do alto das suas exigências sublimes (...) Sabemos bem quão pouca luz pode a ciência, até hoje, fazer sobre os mistérios deste mundo (...) Quando aquele que caminha na escuridão canta, ele nega a sua ansiedade, mas não é por isso que vê mais claro.»

Talvez que a grande fecundidade da teoria freudiana se enraíze no facto de que, ao mesmo tempo que nos propõe uma teoria do pensar e do agir humanos, revoluciona o paradigma epistemológico tradicional do ideal de oposição objectivista entre sujeito e objecto da ciência. Ao integrar no «sujeito obsessivo» da Verdade as emoções que estão na base de todo o pensar, faz cair por terra todas as ilusões de omnipotência objectivista, deixando ao homem, em contrapartida, uma vida «humana» para explorar, não contra as suas emoções, mas a partir delas.

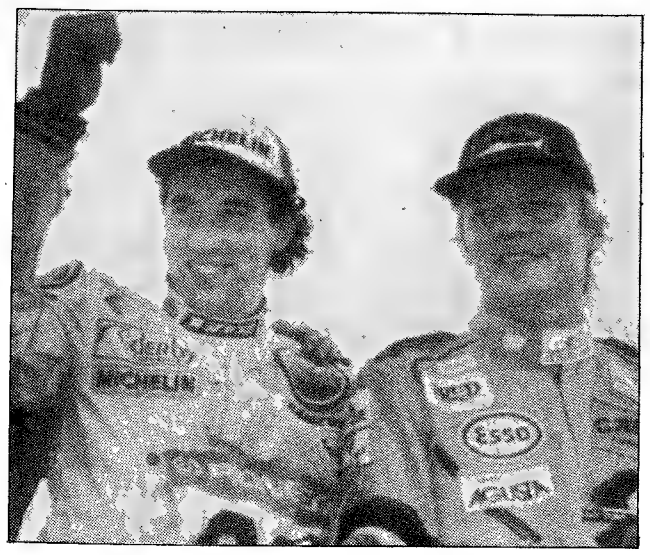
Margarida Medeiros

Margarida Medeiros



Margarida Medeiros

DESPORTO



Orioli e Vatanen festejam o triunfo

Rali Paris-Dakar

Vatanen e Orioli de ouro ao peito

O finlandês Ari Vatanen ganhou pela 3.ª vez o Rali Paris-Dakar, mas admitiu que o triunfo lhe deu um prazer mínimo devido à morte de um amigo intimo há dois dias.

O piloto da Peugeot venceu a última etapa da maratona de três semanas, o seu 8.º triunfo na edição deste ano, que terminou com mais de uma hora de vantagem sobre o sueco Bjorn Waldegaard, seu colega na equipa francesa. Mas, contrariamente ao habitual, não houve sorrisos na cara de Vatanen quando os seus adeptós e amigos o rodearam, congratulando-se com o seu novo êxito na exigente prova. O pensamento do piloto finlandês foi, na hora da vitória, para o seu compatriota e amigo íntimo Kaj Salminen, o fotógrafo falecido 2.ª feira num acidente de viação, durante a passagem do Rali pelo Mali.

Salminen foi a 27.ª vítima mortal nos 12 anos de história do Rali Paris-Dacar, uma aventura que custou também a vida ao seu criador (o francês Thierry Sabine), na queda de um helicóptero durante uma tempestade de areia.

Nas motos, o triunfo foi pelo 2.º ano consecutivo para o italaino Edi Orioli, este ano numa Cagiva, depois de ter vencido em 1988 numa máquina da Honda. O segundo melhor motociclista foi o espanhol Carlos Mas, numa Astride Yamaha, a cerca de 55 minutos de Orioli. No 3.º posto terminou o italiano Alessandro Petri, que competiu numa Cagiva.

Classificação final em carros: 1. Vatanen (Peugeot 405 T16), 39.08.59 horas de penalização; 2. Bjorn Waldegaard (Peugeot 405 T16), a 1 hora; 3. Ambrosino (Peugeot 205 T16), a 3 horas; 4. Cowan (Mitsubishi), a 5 horas; 5. Shinozuka (Mitsubishi); a 6 horas;

Julgamento do «caso-Autodril»

Documento trava a sessão

A sessão do julgamento do «caso Autodril» (realizada ontem no Tribunal de Cascais), não foi conclusiva, em virtude do juiz Francisco Maguejo ter suspendido a audiência para análise de um documento apresentado pelo advogado da empresa proprietária do autódromo.

Em causa esá o alegado rompimento de um protocolo formalizado em 1984 entre a Câmara Municipal de Cascais e a Autodril (empresa do Grupo Grão-Pára) com a firma proprietária do autódromo, a afirmar que a CMC não cumpriu os acordos então estabelecidos e, como consequência, decidiu não abrir o circuito à competição, enquanto não estiverem satisfeitas as suas exigências.

Alfredo César Torres (presidente da Comissão Desportiva Nacional) esteve presente na sessão e acusou a Autodril de apresentar argumentos de duvidosa consistência, «utilizando o autódromo como uma forma de pressão para a construção de uma urbanização».

Na verdade, os proprietários defendem que a rentabilização do projecto só será viável com a implementação de um complexo turístico-desportivo, mas a autarquia parece opor-se, fincando a sua opinião no facto do circuito se encontrar situado em zona de paisagem protegida.

César Torres alega ainda que o circuito poderá ser requisitado, com base no preceituado na Lei de Bases do Sistema Desportivo «como derradeiro recurso para garantir a realização das provas incluídas no calendário nacional».

A sessão prosseguirá no próximo dia 5 de Fevereiro.

Porque se trata de um serviço público

Clubes recusam pagar policiamento

A Liga dos Clubes, as Associações e a Federação Portuguesa de Futebol efectuam, no próximo dia 23, uma reunião conjunta no Ministério da Administração Interna, para debater a questão do policiamento nos recintos desportivos.

João Rodrigues, acompanhado de Ribeiro de Magalhães e Fernando Roriz, tiveram ontem uma reunião com o ministro e com o secretário de Estado da Administração Interna (respectivamente Manuel Pereira e Luís Madureira), que se prolongou por cerca de duas horas, e durante a qual o único tema debatido foi o policiamento.

«*Estou satisfeito pelo resultado desta reunião, durante a qual foi manifestado ao ministro e ao secretário de Estado as consequências desastrosas para o desporto nacional se fosse aplicado o despacho aprovado em Novembro, sobre as despesas do policiamento*», disse o presidente da FPF à saída da reunião com os responsáveis pela Administração Interna. «*Foi-lhes dito ser impossível os clubes suportarem as despesas. Agora vão ouvir a Liga e as Associações federadas, e espero chegar-se a um consenso na reunião conjunta, a efectuar no dia 23*», acrescentou João Rodrigues, dizendo: «*Após esta reunião estou mais satisfeito e creio que irá chegar-se a um acordo, pois os governantes estão sensibilizados para este assunto. Se esse despacho fosse aplicado, isso seria a curto prazo o fim do desporto nacional, pois os clubes não têm condições para suportar as despesas com o policiamento*», interrogado sobre uma afirmação que lhe é atribuída, segundo a qual teria dito (em Braga) que o «*Governo abusa do poder*», o presidente da FPF disse que não proferira tal frase. «*Não disse isso, mas reafirmo que, se o Governo levasse por diante este despacho, que considero ilegal, seria capaz de subscrever tais declarações*», concluiu o presidente da Federação.

Recorde-se que todo este conflito tem a sua origem num despacho governamental, (Decreto-Lei n.º 387/89, datado de 17 de Novembro), que constitui uma alteração ao disposto no n.º 4 (alínea j) do art.º 15.º do Decreto-Lei 84/85, de 28 de Março de 1985. O último destes documentos, referente à atribuição dos resultados da exploração do Totoloto, altera a percentagem destinada ao policiamento para 1,5 por cento. A Federação interpretando a defesa de clubes e Associações entende competir ao Governo o pagamento das despesas com o policiamento nos recintos desportivos, ou que a verba do Totoloto que contempla o desporto seja aumentada, por ser considerada exígua e desactualizada.

Campeonatos nacionais

Hoje joga-se em várias frentes

FUTEBOL: com arbitragem do leiriense Mário Leal efectua-se hoje (19 e 30)) o encontro Estrela da Amadora-Marítimo, que faz parte da última jornada do campeonato da 1.ª divisão, mas é antecipado para facilitar uma digressão particular dos amadorenses a França. O Estrela parte amanhã para Liévin (Nord Pas-de-Calais) e faz parte de uma competição de futebol de seis que decorrerá até domingo e tem também intervenção de representações do Dínamo de Minsk (URSS), Racing Club de Lens (2.ª divisão francesa), Kaiserslautern (RFA), Banik de Ostrava (Checoslováquia) e selecção do Senegal. Os jogos realizam-se de manhã e de tarde.

A comitiva amadorense é presidida por António Soares e engloba outros dirigentes (Júlio António, Aníbal Duarte e José Hernando), o médico João Pedro Oliveira, o massagista Mário Veríssimo, o roupeiro Raul Inácio, os técnicos João Alves e Acácio Casimiro e os jogadores Melo, Álvaro, Duílio, Paulo Bento, Jaime, Elias, Baroti, Rebelo, Pedro Xavier, Ricardo, José Augusto e Rui Jorge.

HÓQUEI EM PATINS: no encontro em atraso da 8.ª ronda do campeonatto nacional, o FC Porto venceu a Grundig, por 7-2. Os «dragões» ascenderam ao 2.º lugar da tabela pontual, em igualdade com o Óquei de Barcelos (23 pontos cada) enquanto a Grundig mantém a 12.ª posição (14 pontos).

Os quatro jogos que estão atrasados no calendário da prova, já têm datas e árbitros marcados: Sporting de Tomar-Óquei de Barcelos, no próximo domingo (juízes: Norberto Neves e Alfredo Marques, de Setúbal), Oliveirense-Sporting de Tomar, dia 23 (Marques da Silva e António Cortez, de Coimbra) e Paço de Arcos-Sporting, dia 24 (Vítor Silva e Alfredo Santos, de Lisboa). Estes embates têm início pelas 21 horas.

No Pavilhão de Vila Franca de Xira realizam-se esta noite (a partir das 20 horas) os jogos finais do torneio dotado com o troféu «Associação de Patinagem de Lisboa». Para o 3.º lugar, actuam Oeiras e Hóquei de Sintra (antes batidos pelo Paço de Arcos e Académica da Amadora, respectivamente). Na final, competem Paço de Arcos e os amadorenses.

ANDEBOL: promete muita animação a 19.ª jornada do campeonato, que tem hoje um programa aliciante. Veja-se: Porto-Benfica (árbitro: António Goulão e José Macau), às 21 horas; Fafe-Francisco de Holanda (Manuel Moreira/Fernando Ferrão), Académica de Coimbra-ABC de Braga (Dário Ramos/José Correira), Boavista-Académica de S. Mamede, no Pavilhão Garcia da Horta (Jorge Reis/Carlos Ribeiro); Clube TAP-Sporting, no Pavilhão da Ajuda (Armando Pinho/José Filipe) e Vitória de Setúbal-Belenenses, no Pavilhão Antoine Velje (Barata Aires/Jorge Francisco), todos às 21 e 30. Durante os últimos dias o técnico portista António Cunha fez declarações (especialmente, para o jornal «O Jogo») em que acusa o Benfica, a selecção nacional, os árbitros e dirigentes de estarem contribuindo para o desprestígio da modalidade, chegando a dizer que «*a actividade da secção do Benfica é um pouco original e até marginal: utilizou três estrangeiros na Taça dos Campeões entre os quais Paulo Bunze (estranhamente indicado como sendo português, cidadania que só adquiriu meio ano depois), tem um atleta (Luís Garrett) que, por irregularidades na inscrição, não pode jogar no clube mas integra os trabalhos da selecção, tem um seccionista que consegue reconhecer assinaturas sem apresentar bilhetes de identidade e na ausência do interessado!*« A estas acusações de António Cunha respondem o dirigente benfiquista José Cheu e o treinador Ângelo Pintado, considerando que as palavras do responsável portista visam exclusivamente «*criar o habitual clima desestabilizador para a recepção aos encarnados, nas Antas*«.

BASQUETEBOL: hoje (21 horas) joga-se o encontro Benfica/Ariston-Estrela da Amadora/Lisgráfica, que encerra a 1.ª volta do campeonato da 1.ª divisão. José Curado (comandante actual dos «estrelinhas») volta à Luz, onde esteve seis épocas conquistando três títulos nacionais. Nas hostes da águia o técnico Tim Shea não poderá contar com o norte-americano Carl Amos, que não estava inscrito na data (23 da Dezembro) em que o jogo deveria ter tido lugar.

Lourenço Pinto critica Autuori

O dr. Lourenço Pinto (presidente do Conselho de Arbitragem da Federação Portuguesa de Futebol) foi na noite passada entrevistado no programa «Remate» e, a uma pergunta do jornalista Ribeiro Cristóvão, respondeu:

— *A atitude de Paulo Autuori, no termo do jogo das Antas, envergonhou-me. É lamentável que um treinador, um condutor de homens, tenha corrido do seu banco para o árbitro, no final da partida, com intenção de o agredir, propósito que não foi concretizado pela intervenção de alguns jogadores e de um fiscal de linha.*

Lourenço Pinto acrescentaria:

— *Pessoalmente, entendo que foi muito reprovável a acção do treinador do Vitória de Guimarães, ao dirigir-se ostensivamente a Francisco Silva, procurando contacto físico. No relatório do juiz constam frases injuriosas alegadamente proferidas por Paulo Autuori: o caso será analisado na 5.ª-feira* (amanhã) *e, eventualmente, Francisco Silva pode recorrer às vias judiciais para reparar a presumível tentativa de agressão, no que será apoiado pelo Conselho de Arbitragem.*

Ainda em «Remate», surgiu Paulo Autuori. O técnico minhoto (aparentando tranquilidade e sempre sorrindo) disse:

— *Se falam em tentativa de agressão ao árbitro é mais uma farsa. No resto, assumo totalmente o que disse.*

Fazendo seguidamente um largo conceito sobre o que entende por *moral desportiva*, Paulo Autuori, garantindo que deseja «deixar imagem coerente aos filhos», concluiu:

— *Se for castigado, vou à minha vida. Volto para o Brasil. Quero a minha dignidade intacta: e o que vi nas Antas, no domingo, foi a maior vergonha que até hoje presenciei num jogo de futebol!*

DESPORTO

Árbitro: um técnico e um pedagogo

Quem é o árbitro? O que lhe deve ser garantido e o que lhe deve ser exigido? Qual é, fundamentalmente, a sua tarefa dentro do jogo?

Voltar os olhos para a questão da arbitragem no futebol implica a consideração de alguns pontos fulcrais, embora muitas vezes olvidados na análise deste fenómeno. Da arbitragem espera-se competência, imparcialidade, autoridade e segurança — decorrentes, especialmente as duas últimas, do conhecimento e aplicação das regras e das leis do jogo. Do árbitro exige-se a impecabilidade de sua acção judicativa. É sobre a figura do árbitro, mais do que sobre a actividade de arbitragem em si, que me detenho hoje, com o objectivo de reflectir sobre a complexidade e importância de sua intervenção no espectáculo desportivo. É sobre esta figura, a cujo sinal o jogo tem início, é interrompido, prossegue ou termina, que pretendo desencadear uma reflexão mais atenta.

Quem é o árbitro? O que lhe deve ser garantido e o que lhe deve ser exigido? Qual é, fundamentalmente, a sua tarefa dentro do jogo? Podemos aqui iniciar uma tentativa de resposta a essas questões, sabendo porém, que a complexidade do tema não permite que se esgote a discussão. O árbitro é, sem dúvida, um agente do desporto. Não é, porém, um agente qualquer, pois o resultado de suas acções se faz sentir pelas duas equipas que se confrontam. Enquanto um jogador que se engana prejudica apenas a sua equipa, e especialmente a si próprio, um equívoco do árbitro pode prejudicar até as duas equipas simultaneamente. Além do mais, a falha de um jogador pode ser superada pela equipa, enquanto o árbitro não pode refazer ou reconsiderar as suas decisões. E aí está, talvez, a sua maior dificuldade.

O árbitro é um homem, um ser humano e como tal, carente, falível, em permanente processo de construção de si mesmo e de sua acção, submetido a pressões, emoções e sentimentos vários que interferem, e muitas vezes determinam seus actos. Dentro do fenómeno competitivo é um elemento isolado e solitário. Não é para ele que se agitam as bandeiras nem as faixas coloridas. Seus movimentos e deslocamentos permanentes e cansativos não provocam o entusiasmo e os gritos das torcidas. É um homem de preto, que corre sozinho pela relva, ignorado pelos espectadores — a não ser como alvo de críticas acaloradas e nem sempre fundamentadas —, muitas vezes considerado pelos jogadores mais como um oponente do que como um colaborador, e que termina a sua tarefa com a retirada para as cabinas em meio aos olhares indiferentes daqueles com quem esteve junto durante os noventa minutos da partida, na realização do mesmo espectáculo.

Não apenas a dimensão técnica necessita de atenção. Nos jogaores, como no árbitro, é a dimensão humana que precisa ser considerada de forma prioritária, pois é esta dimensão que determina a acção de ambos. Se árbitros e jogadores se relacionarem considerando a falibilidade do ser humano, poderá desenvolver-se um acordo tácito, uma compreensão e até uma protecção natural nos momentos de falha de ambas as partes. Precisamos admitir que quando se aquivocam também os árbitros necessitam de compreensão, pois não têm ao seu lado nenhum grupo de associados fanáticos que lhe perdoem e justifiquem as faltas.

Não é para eles que se agitam as bandeiras coloridas

Garantias e exigências

O que deve ser garantido ao árbitro e o que lhe deve ser exigido? Tanto os regulanentos quanto os organismos federativos garantem ao árbitro: a competência, como juízo de valor técnico; a imparcialidade, como juízo de valor humano; a autoridade, como juízo de valor técnico e humano, uma vez que confere e reconhece esta autoridade; o conceito de regulamento como lei que define a margem legal, como indicativo de valor técnicos; a razão e as razões dos árbitros — razão como atitude por parte dos que recebem as decisões arbitrais, e razões como admissão de possíveis equívocos decorrentes do lado humano do árbitro; a identificação da equipa de árbitros sempre que possível e no seu grau máximo tanto no aspecto humano como no técnico e a preparação adequada dos árbitros em ambos.

Simultaneamente, no entanto, não só o regulamento e os organismos federativos, mas também os jogadores, a opinião pública e os técnicos exigem do árbitro algumas atitudes, uma vez que tudo isso lhe é garantido vinculando uma condição de responsabilidade e uma condição de credibilidade técnica e ética. Na imparcialidade estão implícitos um juízo de valor humano, que exige a ausência de pré-juízos favoráveis ou adversos às pessoas, e um juízo de valor técnico que manifesta-se pela exactidão de suas decisões de acordo com o regulamento.

Exige-se, portanto, responsabilidade, como juízo de valor humano e exactidão como juízo de valor técnico; segurança, como garantia de acertos e ausência de erros como valor técnico e a aplicação impecável dessa segurança como valor humano; o conceito do regulamento como matriz do comportamento técnico e a sua aplicação subjectiva como valor humano; o entendimento entre os árbitros como necessidade inapelável do jogo; a selectividade, que responde à dupla exigência do técnicos e do humano; e, acima de tudo, o que se exige do árbitro é a decisão precisa, em que tanto o humano quanto o técnico têm peso significante. Para tanto, é necessário ver a acção desportiva, valorá-la com exactidão e julgá-la.

•

E aqui chegamos à verdadeira tarefa do árbitro: decidir. Não é a quantidade de decisões, mas a qualidade delas que define o valor do árbitro. A visão do jogo está condicionada, antes do mais, pela posição dos árbitros no terreno. Daí já se torna difícil e complexa uma identidade de opiniões dos árbitros entre si, entre árbitros e jogadores e entre árbitros e espectadores. Algumas faltas são percebidas pelo espectador e passam despercebidas pelos árbitros e vice-versa. A visão precisa e acertada, em perfeita unanimidade por todos os envolvidos no fenómeno é quase que absolutamente impossível. Além do mais, uma disponibilidade corporal adequada é necessária para que se possa manter a capacidade de concentração e atenção em meio ao movimento intenso e contínuo e ao ruído permanente.

Não basta o conhecimento das regras, a condição corporal boa nem a autoridade para se ter uma visão satisfatória do jogo. É necessário que se tenha desenvolvido uma visão de espaço e uma visão do homem em movimento no espaço. Este é um problema de comunicação visual entre elementos estáveis e dinâmicos. Daí, a visão como ponto de partida para o juízo do árbitro. É da visão do jogo, que será sempre parcial e incompleta, pois é impossível ver todos os movimentos que ocorrem numa partida, que advirá o juízo. Há uma tendência natural para se reter alguns factos e prescindir de outros. Esta valoração vai determinar o juízo, como dissemos, que é o terceiro momento da actividade arbitral.

E é aqui que mais se evidencia o carácter pedagógico da acção do árbitro: aplicar o regulamento sem qualquer acento negativo, ensinar com suas decisões, possibilitar a livre expressão do jogador, ser consciente de uma responsabilidade comprometida com todos os agentes envolvidos no jogo, saber discernir a intencionalidade das jogadas usando de correcção e tolerância, e fazendo do jogo um momento de encontro, de conscientização e de desenvolvimento humano.

O árbitro é, sem dúvida, um agente do desporto. E como tal, possui uma dimensão técnica e uma dimensão pedagógica que devem manifestar-se inextrincavelmente juntas para que o desporto não perca a sua característica fundamental: a dimensão humana.

B R E V E S

Os lesionados do «cálcio»

Nunca como esta época houve tantos jogadores lesionados no campeonato italiano de futebol da primeira divisão. Os actuais 71 jogadores lesionados, são frequente tema de controversia sobre as razões que os mantém afastados dos relvados e do convívio com o grande público. Para uns, trata-se de inadequados métodos de treino, resultantes da contínua pressão a que as principais equipas estão sujeitas. Para outros, a razão prende-se com a violência que impera entre profissionais do mesmo ofício.

Para já, apenas uma coisa é certa: este será o «campeonato dos lesionados», onde os preparadores físicos são apontados a dedo como os «carrascos» da ambição de muitos jogadores.

Entre as grandes vedetas, encontram-se no «estaleiro», os seguintes: Ruud Gullit (desde o dia 24 de Maio), Vialli, Careca, Borgonovo, Massaro, Filippo Galli, Corobbi, Baresi, Ancelotti, Marco Van Basten, Simone, Tossotti e Walter Zenga.

Dos 18 clubes da I divisão italiana, encontram-se, presentemente, lesionados 71 futebolistas, sendo o Milão, Verona e Fiorentina os clubes mais atingidos.

«Circo» regresssa à África do Sul

O roncar dos motores de Fórmula Um regressou à África do Sul pela primeira vez em quatro anos, quando a Williams começou a testar dois novos carros no circuito de Kyalami, perto de Joanesburgo.

O italiano Riccardo Patrese e o belga Thierry Boutsen puseram à prova os dois «bólides», impulsionados por motores Renault V10, no que a África do Sul espera seja o primeiro passo para o seu regresso ao mundial da especialidade.

O sinuoso circuito de Kyalami foi escala regular do circuito mundial até 1985, altura em que foi banido do campeonato do mundo devido às fortes pressões de grupos «antiapartheid».

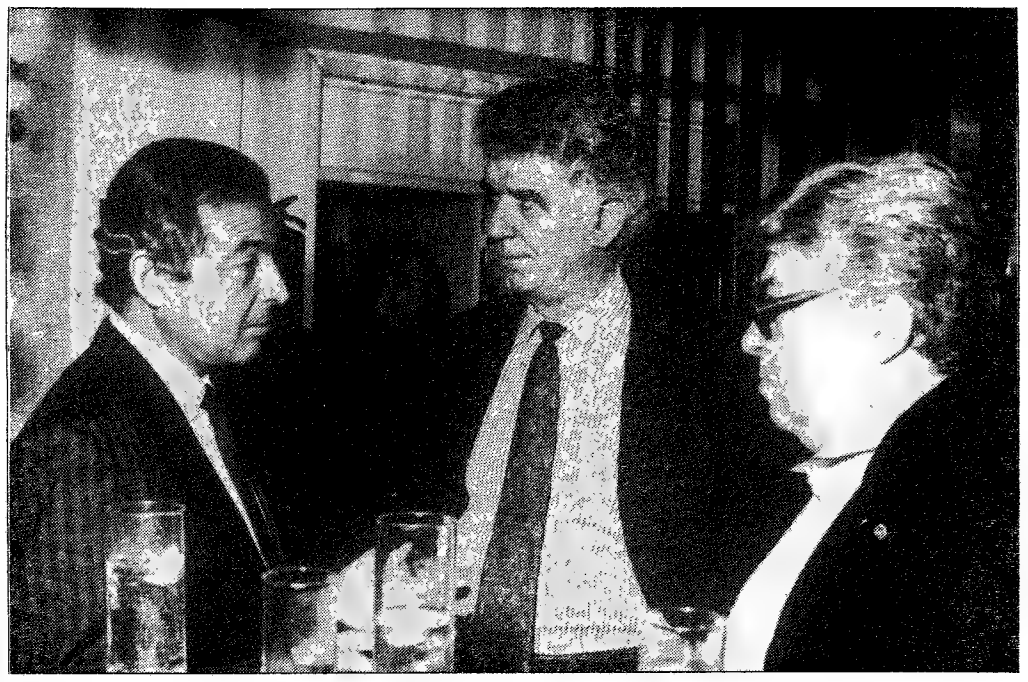
Patrese demonstrou imediamente o efeito dos quatro anos de ausência, ao completar os 3,85 quilómetros do circuito em um minuto e 11 segundos, quase cinco segundos menos do que o anterior recorde.

Boutsen teve uma estreia menos feliz na repavimentada pista, despistando-se logo no início dos testes, após falhar uma redução, mas saiu ileso do acidente, que provocou danos ligeiros no seu carro.

Fernando Barata no Portimonense

Desiludido com o que se passou no Farense, o empresário algarvio procura outra ilusão

O empresário Fernando Barata reuniu-se com a Comunicação Social e vários outros amigos que, no seu Restaurante Arabela (Lisboa), tomaram conhecimento de viva crítica ao momento turístico e desportivo do ainda recente presidente do Farense que, neste 1990, está a apoiar firmemente o Portimonense, «*muito desiludido com os factos que implicaram o meu adeus a Faro*». No tocante ao turismo, Fernando Barata salientou, nomeadamente: «*Embora fontes oficiais, de vez em quando, ainda falem em crescimento turístico, os últimos dados disponíveis apontam para uma quebra real no Algarve de cerca de 20%: e também 1990 vai ser bastante difícil*».



Fernando Barata, o juiz dr. Araújo e Sá (antigo «internacional» de basquetebol e membro destacado da família benfiquista) e o nosso companheiro Neves de Sousa na festa no Arabela

«*Ingleses (referiu Fernando Barata) vamos tê-los 40% menos, segundo já anunciou o maior operador, a Thomson Holiday, que decidiu acabar com a guerra de (baixos) preços que tem mantido com a Intersun, devendo a Grã-Bretanha 'exportar' apenas oito e não os doze milhões de turistas que previa. Os hoteleiros algarvios (acrescentou) têm que passar a contentar-se com uma ocupação/ano de 60% e abandonar a ilusão das casas cheias a preços de saldo. Há neste momento (ao que frisou) hotéis de quatro 'estrelas' no Algarve a aceitar fornecer meias-pensões a 9,5 libras por pessoa e dia (2.300 escudos)... O hoteleiro tradicional e familiar português já não possui capacidade financeira nem anímica para resistir a propostas irrisórias como estas dos operadores turísticos e ainda menos ao 'custo muito caro que o dinheiro tem em Portugal' para reequipar os seus hotéis ou construir novos.*»

Fernando Barata acrescentou:

«*A nossa hotelaria está a ser vendida aos estrangeiros*» *e outro rumo não parece viável quando o Fundo de Turismo e os seus juros bonificados funcionam devagar e não chegam para as encomendas, quando o crédito normal custa juros de 20 a 25% (contra 7,5% ao ano na Alemanha) quando, estando a Europa cheia de dinheiro, os hoteleiros portugueses não são autorizados (a nível do Banco de Portugal) a pagar lá fora os financiamentos que poderiam conseguir na Europa para investir por cá!*

O ex-presidente do Farense explicitou que a política para 1990, do Grupo Fernando Barata, vai assentar no princípio de «*menos clientes, melhores clientes e mais qualidade*», com uma subida de preços da ordem dos 8 a 10% em moeda estrangeira.

Enveredando também pelo campo desportivo, Fernando Barata confirmou:

— *É verdade: estou já dando o melhor auxílio ao Portimonense, tal como pretendo que o meu hotel «Sol e Serra»* (em Castelo de Vide) *possa servir para estágios de embaixadas atléticas. Do mesmo modo (e como tem acontecido em relação a Angola, Moçambique e Guiné-Bissau) desejo cada vez mais incrementar as nossas relações desportivas, facilitando a esses países a vinda até Portugal, cedendo-lhes boas instalações e proporcionando mais estreito contacto com o nossos clubes, técnicos e dirigentes.*

Fernando Barata revelou estar lançado em novos empreendimentos: aumento do Hotel São João (no Funchal) e outras unidades hoteleiras (Évora, Mourão, ilha açoriana de Santa Maria) mas não ter abdicado de permanecer estreitamente ligado ao desporto:

— No Farense, tive uma cara e dura experiência. Mas aprendi bastante, sobretudo a conhecer homens que surgem no desporto para se conseguirem colocar em bicos de pés.

E, para isso não hesitam em atraiçoar aqueles que se consideravam seus amigos. Sinal dos tempos... Em Faro deixei uma obra e muito dinheiro: espero, em Portimão, ficar com melhor ideia do futebol e do seu mundo.

Câmara cede terreno em Monsanto

Grupo Desportivo de Direito vai dar vida à floresta

Um dos últimos actos oficiais, na qualidade de presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Nuno Krus Abecasis, foi a assinatura da escritura notarial concedendo o direito de superfície (46 000 metros quadrados) ao Grupo Desportivo de Direito para construção de um vasto complexo desportivo no Alto da Boavista, no Parque Florestal de Monsanto. A cerimónia decorreu na sede do «clube dos advogados», estando presentes os vereadores Victor Gonçalves e Carlos Robalo, os representantes dos diversos órgãos sociais do GDD e muitos antigos dirigentes e atletas da prestigiosa colectividade que muito tem dignificado o desporto português, através da sua única modalidade, o râguebi. Entre dezenas de assistentes ao histórico acto, vimos António Mário Carqueijeiro, Hélio Simorreti, Roger Nunes, José Manuel Silva e Sousa, Dídio de Aguiar, Jorge Galamba Marques, João Ataíde, João Caetano Nunes, António Mota, António Almeida, Coelho Ribeiro, Carlos Correia Ribeiro, Mário Correia Ribeiro, Lopes Moreira, Picão de Abreu e muitos dirigentes de clubes congéneres, como o CDUL, Benfica, Agronomia, Belenenses, Cascais e Federação Portuguesa de Râguebi.

Na presença do notário da CML (que leu e rubricou a respectiva acta) o contrato foi firmado por Krus Abecasis e pelos presidente, vice-presiente e um dos vogais do GDD, respectivamente, Miguel Nobre Ferreira, José Feio e Bénard Guedes.

Humanizar a floresta

Após a formalização da cerimónia, o líder do executivo do Grupo Desportivo de Direito, Nobre Ferreira, historiou as dificuldades da colectividade, citando o tempo em que «a secretaria do clube andava na pasta do dr. Jorge Galamba e de outros dirigentes»; referiu o empenhamento evidenciado pelo presidente da edilidade e dos vereadores Pedro Feist, Victor Gonçalves, Vasco Franco e Carlos Robalo, no sentido de encerrar «esta histórica etapa»; salientou a escassez de recintos para a prática do râguebi que «são disputados ao milímetro e ao segundo»; lançou um apelo a todos os associados para congregarem interesses e vontades para os grandes objectivos do futuro e, como garantia da constante renovação de atletas, apontou a existência de dezenas de miúdos das categorias de iniciados, juvenis e juniores que ora iniciam a sua actividade no clube e que estavam representados na cerimónia pelos fundadores e capitães das 8 equipas que o GDD mantém em actividade no sector formativo.

Nuno Abecasis recusou agradecimentos porque «não damos nada que seja nosso, já que fomos eleitos para administrar bens alheios»; enalteceu os propósitos do GDD em intensificar a prática desportiva como forma de desviar a juventude dos malefícios da droga, da prostituição, da marginalidade e de outras células destruidoras da sociedade; elogiou a permanente dinamização desportiva e social da colectividade e, quanto à localização do complexo desportivo a erguer no prazo de cinco anos no Parque Florestal do Monsanto, referiu que aquele aprazível local «não poderá ser coio de bandidos para atacar o cidadão pacífico, sendo elogiável e forçoso que se procure humanizar a floresta dando-lhe um clima humano». «O Monsanto terá de ser um pólo de animação e o Grupo Desportivo de Direito vai conseguir colocar a primeira pedra nesse edifício de utilidade pública», disse.

Krus Abecasis fez ainda a apologia do râguebi como modalidade onde se cultiva o respeito pelo adversário e se fomenta a solidariedade entre as pessoas e as instituições.

Francisco Paraíso

Abecasis e os dirigentes do GDD formalizam um momento histórico testemunhado por jovens raguebistas

Râguebi tem prioridade

O vasto complexo a ser construído entre o parque desportivo do Casa Pia Atlético Clube e o Clube de Campismo de Lisboa, importará em cerca de 200 mil contos e constará de espaços para a prática do râguebi, ténis, ginástica e natação. O complexo de râguebi constará de um campo principal, um campo para treinos, sede, balneários instalações de apoio sendo investidos mais de 70 mil contos e constituirá a primeira prioridade. Depois será o erguer de um corte principal e 9 campos de ténis, piscina, ginásio polivamente, polidesportivo descoberto, sala de massagens, sauna, tanque, balneários e um parque infantil.

De acordo com uma cláusula do protocolo, o clube fica obrigado a ceder as instalações às colectividades populares da zona da Buraca, o que se nos afigura relevante, tendo em atenção a função sociodesportiva das instituições e esse propósito certamente que será assumido pelos sucessores de Manuel Carqueijeiro, António Valente, Amândio Guerra, Caetano Nunes, Coelho Ribeiro, José Carrusca, Celestino Ramos, Álvaro Lima Costa, Miguel Monteiro, Manuel Amaro, Marreiros Neto, Manuel Luís Gomes e Machado Gonçalves que formaram a primeira equipa do GDD que se exibiu no campo de Santo Amaro, propriedade do União de Lisboa, na época de 1949/50. Como curiosidade aqui fica o nome do atleta que marcou o primeiro ensaio: Álvaro Costa.

A.H.

Jogos Olímpicos: de Olímpia a Barcelona (3)

Owens e Zatopek:personagens da lenda

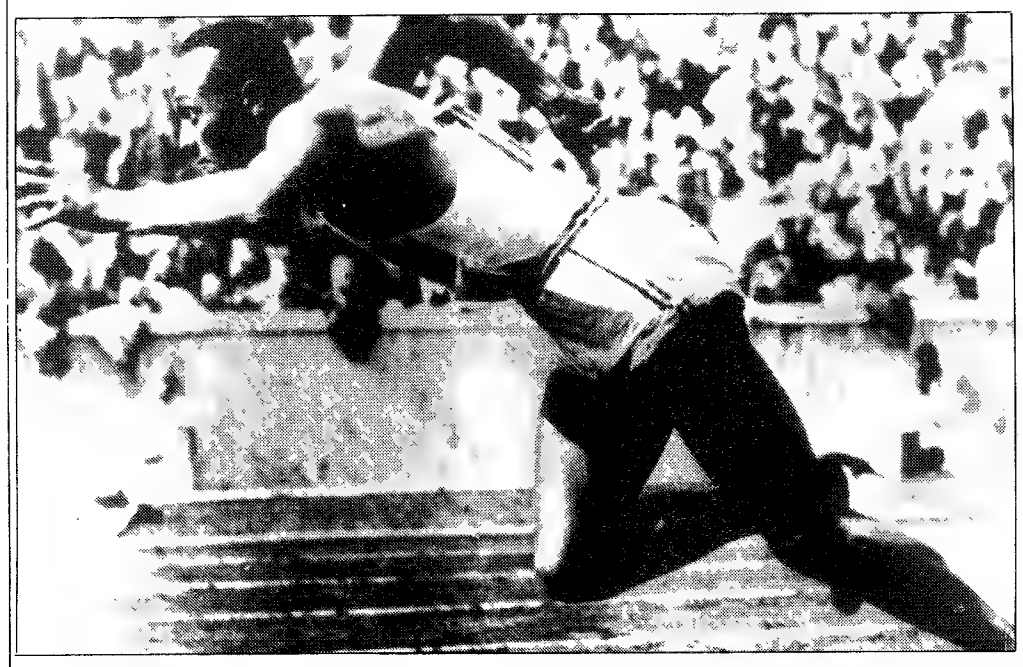
A X edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna constituíram o certame de maior êxito de todos os realizados até então. Pela primeira vez os atletas ficaram juntos numa aldeia olímpica, enquanto que os organizadores cometiam o maior erro da história das olimpíadas: na corrida dos 3000 metros a distância foi mal calculada e, no final, os atletas tiveram que percorrer mais 400 metros que o previamente estabelecido. Em Los Angeles, estiveram 2971 atletas de 46 países, sendo 20 as modalidades em desfile e 129 as provas realizadas.

Berlim: 1936

Rodeados de símbolos nazis e a presença de líderes alemães como Goering e o próprio Hitler, os negros norte-americanos foram os grandes vencedores desta edição dos Jogos. A revelação foi Jesse Owens, que conseguiu quatro medalhas de ouro, tornando-se num autêntico herói do seu país. Outra curiosidade: estes Jogos foram os primeiros a serem transmitidos directamente pela televisão. Outra ainda: Hitler pretendia receber os vencedores no seu camarote sendo impedido de o fazer pelo presidente do Comité Olímpico, o belga conde Henri de Baillet Latour.

A chama olímpica, que os raios solares acenderam em Olímpia, foi conduzida por estafetas de 3000 atletas.

Participaram somente 1308 artistas representando 38 países, com 17 disciplinas e 117 provas em cena.



Jesse Owens: o mais dourado nos Jogos de Berlim

1948 — Londres

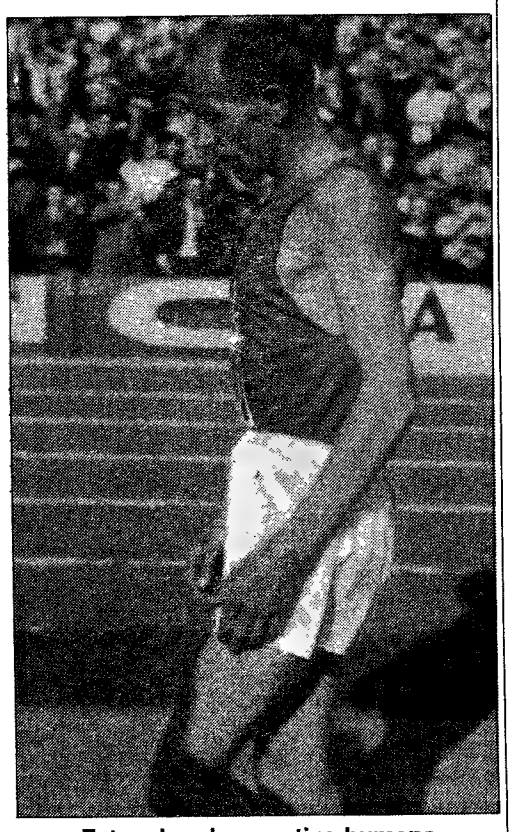
Como um dia escreveu Fernando Machado (dirigente do Comité Olímpico Português) «Londres foi a cidade mártir, que, apesar das feridas abertas pela terrível guerra se dispôs a organizar a XIV Olimpíada».

Jogos da austeridade lhe chamaram, mas também Jogos da tenacidade e da esperança. Portugal fez um esforço notável e mandou uma comitiva de 45 elementos que participaram em sete modalidades. Nestes jogos evidenciaram-se atletas que viriam a tornar-se famosos como Zatopek, Mimoum e Blankers Koen, que arrecadou quatro medalhas de ouro. Blankers foi então considerada a «mulher voadora».

Participaram nesta edição dos JO, 4062 atletas, representando 58 países e, quanto a modalidades em desfile, estiveram 19 sendo disputadas 149 provas.

1952 — Helsínquia

Esta foi a Olimpíada dos soviéticos que conseguiram 17 medalhas de ouro nas modalidades de ginástica, luta e halterofilia. O casal Zatopek (Emil e Dana) foram as grandes vedetas em presença, com Emil a vencer as provas do 5000 metros, 10 000 metros e maratona enquanto Dana arrecadava o ouro destinado à prova do lançamento do dardo.



Zatopek: a locomotiva humana

No que se refere a participantes estiveram em Helsínquia 5867 atletas de 69 países, sendo disputadas 149 provas referentes a 17 modalidades.

EFE/DL
Adaptação: Alves Henriques

As nossas 13 medalhas

Depois da medalha de bronze ganha pela nossa equipa de hipismo, formada por Hélder Martins, Borges de Almeida e Mouzinho da Silveira, nos JO de 1924 (Paris), Portugal já arrecadou 13 medalhas (duas de ouro, quatro de prata e sete de bronze). Vejamos o quadro dos nossos medalhados:

Olimpíada	Cidade	Modalidade	BRONZE	PRATA	OURO
VIII 1924	Paris	Hipismo	A. Borges de Almeida Hélder Martins Mouzinho de A. Silveira		
IX 1928	Amesterdão	Esgrima	Frederico Paredes Henrique da Siliveira João Sasseti Jorge Paiva Mário de Noronha Paulo Eça Leal	-	-
XI 1936	Berlim	Hipismo	Luís Mena e Silva Marquês do Funchal José Beltrão	-	-
XIV 1948	Londes	Hipismo	Fernando Pais Francisco Valadas Luís Mena e Silva	-	-
		Vela		Duarte Belo Fernando Belo	-
XV 1952	Helsínquia	Vela	J. Rebelo de Andrade Joaquim Fiuza		-
XVII 1960	Roma	Vela		José Quina Mário Quina	-
XXI 1976	Montreal	Atletismo Tiro		Carlos Lopes Armando Marques	- -
XXIII 1984	Los Angeles	Atletismo	Rosa Mota António Leitão	-	Carlos Lopes
XXIV 1988	Seul	Atletismo			Rosa Mota

Presença lusa

A maior representação portuguesa nos Jogos Olímpicos foi registada em 1952, quando 79 atletas lusos participaram em 10 modalidades com a particularidade dos velejadores Joaquim Fiuza e Rebelo de Andrade terem conquistado a medalha de bronze na classe «Star».

O resumo das nossas presenças aqui fica:

Ano	Atletas	Número de modalidades	Medalhas
1912	6	3	-
1920	10	2	-
1924	25	8	1
1928	29	8	1
1932	8	3	-
1936	16	5	1
1948	45	7	2
1952	79	10	1
1956	12	2	-
1960	69	11	1
1964	20	7	-
1968	23	6	-
1972	32	8	-
1976	20	6	2
1980	11	6	-
1984	39	11	3
1988	66	15	1

TEATRO DA POLITÉCNICA
MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL
MUSEU BOCAGE
Rua da Escola Politécnica, 58

D. JOÃO E A MÁSCARA

FÁBULA TRÁGICA
DE ANTÓNIO PATRÍCIO

ENCENAÇÃO **MÁRIO FELICIANO**
CENOGRAFIA **MANUEL GRAÇA DIAS, EGAS JOSÉ VIEIRA**
FIGURINOS **HILDA PORTELA** MÚSICA **ANTÓNIO VICTORINO D'ALMEIDA**
LUZES **ORLANDO WORM**

ACTORES
EUNICE MUÑOZ, JOÃO GROSSO
ESTRELA NOVAIS, RUI PEDRO, FERNANDO JOSÉ OLIVEIRA, CARMEN SANTOS
ILDA ROQUETE, MARQUES D'AREDE, PAULA MORA, JORGE SEQUERRA, JOÃO CABRAL, MARGARIDA MARINHO
Miguel Rodrigues, Filipe Costa, João Reis, Marcello Urgeghe

Telef. 67 44 74

APOIOS: SEC — FUNDAÇÃO C. GULBENKIAN — MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO — CML — FUNDAÇÃO ORIENTE — UAL (Luís de Camões) Colaboração Teatro Nac. D. Maria II e Teatro Nac. de São Carlos. PATROCÍNIOS, ANTÓNIO MOREIRA RATO & FILHOS, GALP, EUROPOTEL, EURODIVISAL. ELFERSIL, SOLUBEMA, FÁBRICA LISBONENSE DE SEDAS E VELUDOS, LDA. CORTICEIRA AMORIM, CONSORCIL, SERVISEGURA, PORTO RAMOS PINTO, SOTINCO, NORDOMÉSTICOS ELBA, PARAGLAS, VIDROS SEGURANÇA, LIMPOTÉCNICA, ALCATEL, AVON, LONGRA, WIRSBO, RÁDIO COMERCIAL, ANTENA 1, TSF, EXPRESSO, DL.

De Terça-feira a Sábado às 21 h • Domingo às 16h

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte: - céu geralmente pouco nublado e nevoeiros, que persistirão durante o dia nas regiões de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Regiões do Centro e Sul: - céu geralmente limpo com vento fraco, predominando de Noroeste e soprando por vezes moderado de Leste no Algarve.

Mar encrespado com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e encrespado a de pequena vaga com ondulação Sueste de 1 a 2 metros na Costa Sul.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente moderado de Nordeste.

Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a um metro na Costa Sul.

Amanhã: - períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Nordeste.

Depois de amanhã: - Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Nordeste.

AÇORES

Grupos Ocidental e Central: - céu muito nublado. Vento moderado de Leste, rodando para Sueste e soprando por vezes forte a partir da tarde. Períodos de chuva, em especial no Grupo Ocidental. Mar de pequena vaga tornando-se cavado com ondulação Noroeste de 2 a 3 metros.

Grupo Oriental: - céu muito nublado. Vento moderado do quadrante Leste. Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros.

Amanhã: - céu muito nublado. Vento moderado de Sul, soprando por vezes forte no Grupo Ocidental onde ocorrerão períodos de chuva fraca.

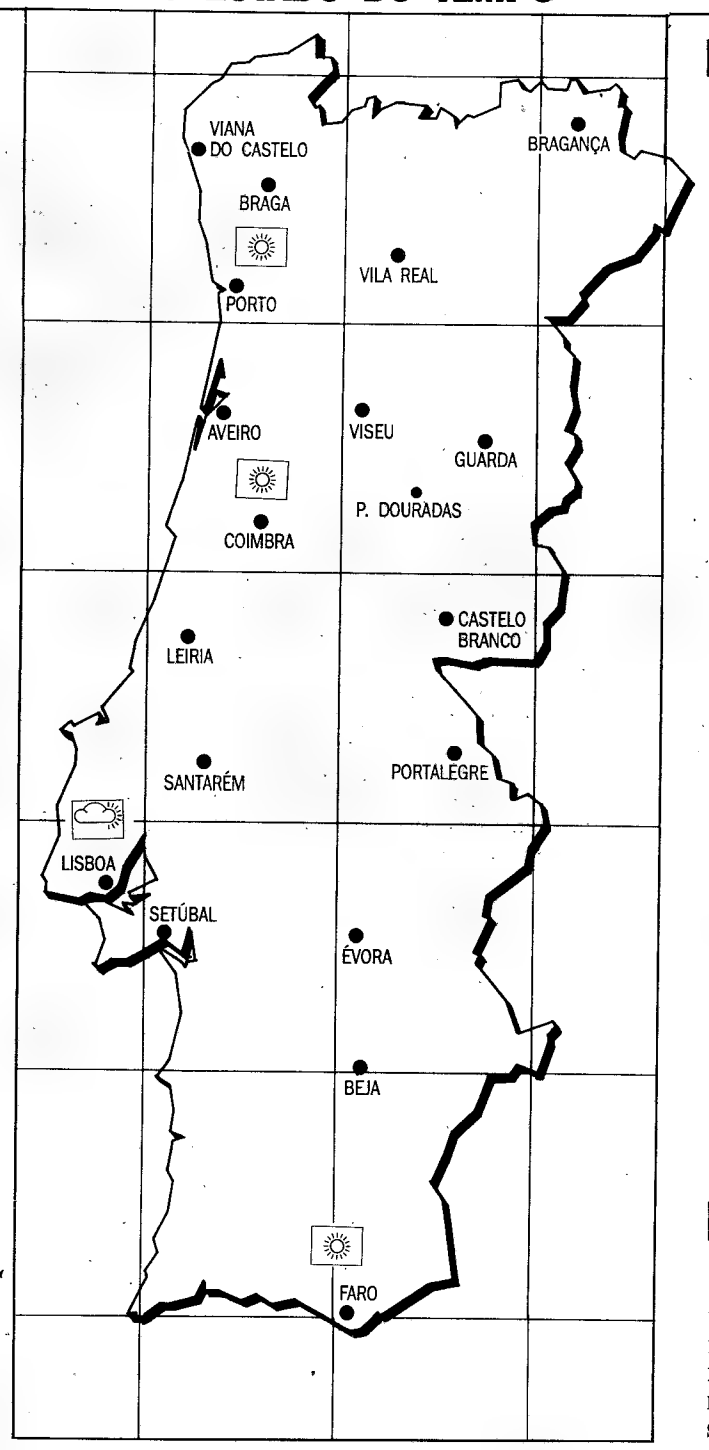
Depois de amanhã: - períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Sueste.

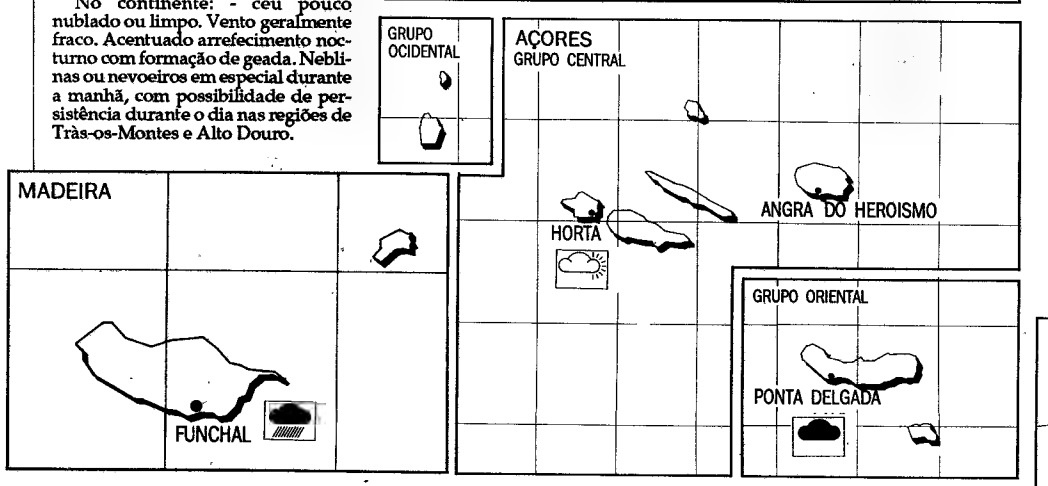
AMANHÃ

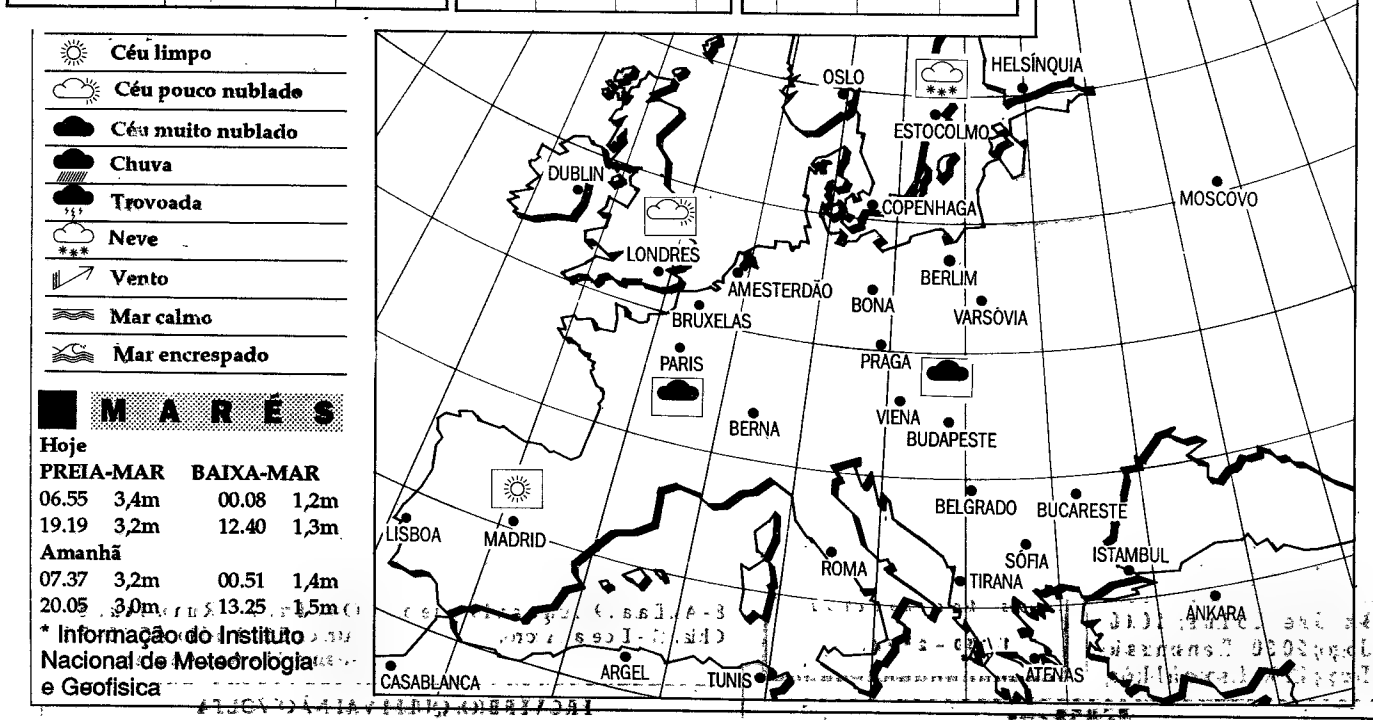
No Continente: - céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco. Acentuado arrefecimento nocturno com formação de geada. Neblinas ou nevoeiros nas regiões de Trás-os-Montes e Alto Douro. Pequena descida de temperatura nas regiões do Norte.

Depois

No continente: - céu pouco nublado ou limpo. Vento geralmente fraco. Acentuado arrefecimento nocturno com formação de geada. Neblinas ou nevoeiros em especial durante a manhã, com possibilidade de persistência durante o dia nas regiões de Tràs-os-Montes e Alto Douro.







MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
06.55	3,4m	00.08	1,2m
19.19	3,2m	12.40	1,3m

Amanhã

07.37	3,2m	00.51	1,4m
20.05	3,0m	13.25	1,5m

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	0	0	Encoberto
V. Castelo	4	5	P. nub.
Vila Real	2	2	Neblina
Porto	5	5	Limpo
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	4	4	Limpo
C. Carvoeiro	8	8	Limpo
C. Branco	3	4	P. nub.
Portalegre	8	8	P. nub.
Lisboa	6	6	P. nub.
Évora	7	7	M. nub.
Beja	5	5	Limpo
Faro	8	8	Limpo
Sagres	4	8	M. nub.
P. Delgada	13	13	M. nub.
Horta	13	13	Encoberto
Funchal	11	12	Aguaceiros
Sines	-	-	-

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 15; Porto, 14, Faro, 16; P. Delgada, 17; Funchal, 18.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	-2	-2	Limpo
Londres	8	8	P. nub.
Paris	9	9	M. nub.
Bruxelas	9	9	Encoberto
Amesterdão	10	10	Chuvisco
Genebra	-3	-3	Nevoeiro
Roma	-2	0	Neblina
Oslo	4	4	P. nub.
Copenhaga	7	7	Chuva
Estocolmo	0	2	Ch. e neve
Berlim	9	9	Encoberto
Viena	5	8	M. nub.
Varsóvia	4	8	Aguaceiros
Atenas	5	6	Neblina
Moscovo	-8	-8	Neblina

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	8	12	Aguaceiros
Houston	16	22	Aguaceiros
Los Angeles	7	13	Aguaceiros
Montreal	-8	3	Chuva
Nova Iorque	5	12	M. nub.
S. Francisco	6	13	Aguaceiros
Toronto	3	11	Chuva
Vancover	-3	7	Limpo
Washington	6	18	Limpo
Hong Kong	12	17	P. nub.
Melbourne	11	22	Limpo
Pequim	-9	0	Limpo
Perth	18	28	Limpo
Singapura	24	29	Trovoada
Sydney	18	23	Limpo
Tóquio	0	4	Neve
Wellington	8	14	Chuva

HÁ 20 ANOS

CRÓNICA DE JOÃO MEDINA: A INVASÃO ERÓTICA (PAG. CENTRAL)

Diário de Lisboa — COMITÉ JOÃO CAMPIÃO

COMUNICAÇÕES CORTADAS ENTRE SUEZ E O CAIRO

• Comandos judeus a 60 km da capital egípcia

TOMAR CONSCIÊNCIA DE CLASSE

A PASSAGEIRA QUATRO MILHÕES

A RECEPÇÃO DE CADERNETAS vai fazer-se nos Stands Gazcidla

Comandos judeus perto do Cairo

«Comandos» israelitas metralharam uma base militar e administrativa egípcia em Bir-Areida, situada no gollfo de Suez, a 60 quilómetros de Raz Zaafarana. O "raid" desta noite foi o que levou os «comandos» israelitas mais perto do Cairo: 60 quilómetros apenas. Segundo os correspondentes militares, este "raid" faz parte do plano visando perturbar as comunicações entre o Cairo e os Centros militares egípcios no Canal de Suez.

A Líbia compra armas

Segundo informa o "Washington Post", o novo Governo árabe socialista da Líbia pretende adquirir blindados e aviões soviéticos e de outras proveniências, além dos 50 «Mirage» que comprou à França.

Forças iemenitas atacam sauditas

Três aviões da Força Aérea Iemenita atacaram posições militares da Arábia Saudita, em Najran, na fronteira entre os dois países - anunciou a Rádio de Jedá, acrescentado que o ataque, «não provocado», foi seguido de vários outros ataques lançados na mesma área.

EFEMÉRIDES

1471

• João de Santarém e Pedro Escobar descobrem uma ilha a que dão o nome de Príncipe.

1921

• Os jornalistas portugueses efectuam a sua primeira greve.

1945

• Tropas soviéticas e patriotas polacos libertam Varsóvia, mais de cinco anos após a capital ter caído nas mãos dos nazis, no decurso da Segunda Guerra Mundial.

1957

• Fidel Castro, à frente do seu grupo de revolucionários, obtém a primeira vitória sobre Fulgêncio Baptista.

1961

• Patrice Lumumba, primeiro chefe do governo congolês, é assassinado por mercenários.

1983

• Morre, em Vila do Conde, com 80 anos, o pintor e poeta Júlio Pereira, irmão do escritor José Régio.

• Suicida-se, no Porto, José Alcobia, 30 anos, um dos fundadores da UDP.

1988

• O tenente-coronel Aldo Rico lidera uma sublevação militar contra o regime do presidente argentino, Raul Alfonsin.

AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

PERMANENTE

Alfama: Costa, Rua Escolas Gerais, 88-A, Tel. 863940; **Alto Santo Amaro:** Teles, Rua João Barros, 2 - Frente, Tel. 3638176; **Alvalade:** Belo, Av. Roma, 53-A, Tel. 776314; **Benfica - Portas Benfica - Damaia:** Progresso, Estrada-A - Damaia, 64-C, Tel. 702226; **Camões - Santa Catarina:** Combro, Calçada do Combro, 82, Tel. 326059; **Campo de Ourique:** Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59-B, Tel. 663349; **Campo Pequeno - Apolo 70:** Campo Pequeno, Av. Júlio Dinis, 10, Loja 18-19, Tel. 771661; **Chile - Alto São João:** Vitalis, Rua Morais Soares, 69-C, Tel. 8141779; **Liceu Pedro Nunes:** Janeiro, Av. Álvares Cabral, 96-100, Tel. 661453; **Lumiar:** Central Lumiar, Alameda das Linhas de Torres, 254-B, Tel. 7588063; **Olivais Sul:** Antunes Rosa, Pc. Cidade do Luso, Lote 199, Tel. 313610; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16.B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Pedro Gomes, Praceta 25 Abril, Lote 13 - Loja B, Tel. 2518520; **Odivelas - Patameiras:** Pontinha, Rua Antero de Quental, 8 - 8-A, Tel., 9325455; **Pontinha:** Pontinha, Estrada Santo Elói, 4 - Lote SE, Tel. 479220.

REFORÇO

Amoreiras - Campolide: Pinto, Rua Campolide, 11, Tel. 682610; **Areeiro:** Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A, Tel. 892803; **Caminhos Ferro:** Alves Carvalho, Rua Vale Santo António, 7-9, Tel. 8140125; **Campo Grande:** Neoterapia, Campo Grande, 138-140, Tel. 774682; **Enc. Restelo - Esc. P. Vicente:** Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A, Tel. 612248; **Infante Santo - Pampulha:** Infante Santo, Rua Olival, 290, Tel. 661003; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, 880703; **Rossio:** Estácio, Rossio, 60-63, Tel. 327067; **Saldanha:** Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55, Tel. 543938; **Santa Bárbara:** Romano Baptista, Rua Passos Manuel, 6-10, Tel. 570593; **Sete Rios:** Canto, Est. Laranjeiras, 202-B, Tel. 7264841; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166, Tel. **4104953. Permamente; Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permamente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto Castro, Lote 10, Tel. 4430691. Permanente; **Parede:** Aisil, B.º das Caixas de Previdência, Bloco-A, Av. Gago Coutinho, Tel. 2472948. **Permanente; S. João do Estoril:** S. João, Quinta da Carreira, 29-A, Tel. 2681186; **Sassoeiros:** Amaral, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Madorna:** Aragão. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 280214. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Helénica, R. Elias Garcia, 372, Tel. 4933613. Permanente; Vidal Reis, P. Colina do Sol - Cel. G - Lote 35 - r/c, Dt.º - Brandoa, Tel. 4742540. Permanente; Girassol, R. Elias Garcia, 17-C, Venda Nova, Tel. 4744812. Até às 22 h; **Damaia:** Lemos, Rua de Goa, 21-A, Tel. 4748121. Até às 22 h; **Queluz:** Serra & Pinto, Av. D. António C. Sá, 50 - GE, Tel. 4377619. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, Lote 5, Tel. 9243693. Permanente; **Mem Martins:** Vítor Manuel, Est. do Algueirão, 123 - Algueirão, Tel. 9217814. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260195. Até às 22 h; **Sintra:** Valentim, S. Pedro de Sintra, Tel. 9230456. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088.

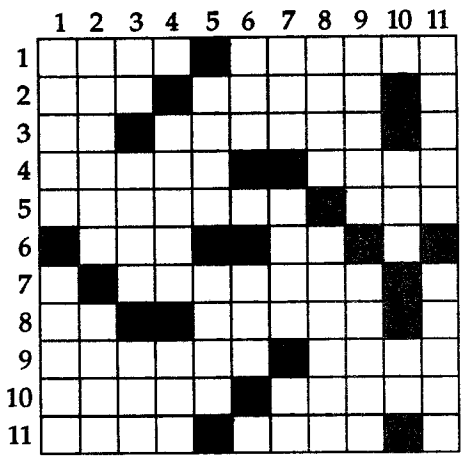
OUTRA BANDA

Almada: Silva Júnior, Av. 25 de Abril, 9 - 2.º E, Tel. 2768030. Permanente; **Cova da Piedade:** Rainha Santa, R. Soc. FUA Piedense, 50-A, Tel. 2294182. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, IJ, Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. do Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Almeida Araújo, R.D. Duarte, 7-B, Tel. 2532324. Até às 19 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Barreiro:** Santa Marta, R. Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44, Tel. 2072141. Permanente; **Baixa da Banheira:** Cardoso, R. Liberdade, 59, Tel. 2041044. Até às 19 h; **Corroios:** Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19 h; **Amora:** Moura Carneiro, P. General Humberto Delgado, 16-A, Tel. 2243729. Permanente; **Seixal:** Soromenho, P. Paiva Coelho, 38, Tel. 2213560. Até às 22 h; **Montijo:** Borges da Cruz, R. Angola, 19 - Afonsoeiro, Tel. 2301853. Até às 22 h; **Moita:** Parque, Av. Dr. Egas Moniz, 24, Tel. 2392294. Até às 19 h; **Alhos Vedros:** Portugal, Av. Bela Rosa, 8, Tel. 2040250. Até às 19 h; **Alcochete:** Nunes, L. Coron. Ramos Costa, 10, Tel. 2340137. Até às 19 h; **Setúbal:** Bocageana, R. Romeu, Tel. 23425. Permanente; Moreira Martins, P. Olga Sarmento, 14, Tel. 26051. Permanente; Bonjim, Av. Rodrigues Manito, 12, Tel. 24558. Até às 22 h.

MÉDICO DE URGÊNCIA

☎ 766171
766178
766179

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17838

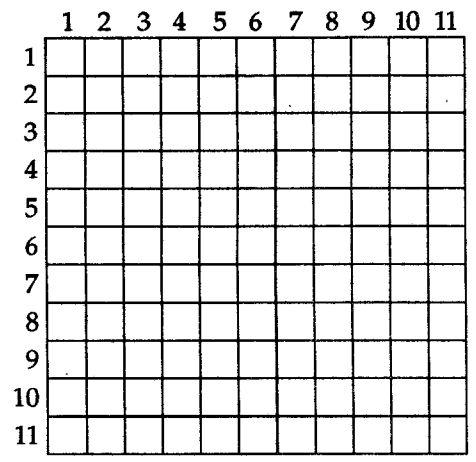
HORIZONTAIS:

1 - Um dos filhos de Sem. Apoquentado.
2 - Possuir. Fiéis.
3 - Átomo. Cidade de Portugal.
4 - Imitação. Ópera de Verdi.
5 - Acorrentam. Ente.
6 - Dia. Antes de Cristo.
7 - Amansar. Artigo definido.
8 - Pequena ilha francesa, fortificada do Mediterrâneo.
9 - Mais bom. Um dos dois nomes de orixá oxalá, na Baía.
10 - Pães de milho. Pesquisar.
11 - Camareiras. O mesmo que véstia (Prov minh).

VERTICAIS:

1 - Acomete. Batel chato, sem leme nem vela e com duas proas levantadas.
2 - Recupera. Ofendi (fig).
3 - Brisa. Preposição. Apologia.
4 - Lidam. Tens.
5 - Luz da Lua. Patrões.
6 - Mãe de Rómulo e Remo. Acrescentando uma vogal é ilha do Pará.
7 - Rio da Suíça. Nome de mês. Centiare.
8 - Azáfama. Andai com as pernas tortas.
9 - Guarneceis de asas. Restabeleço.
10 - Ofereci. Bário (s.q.).
11 - Avaliar. Aldeia de Índios do Brasil.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16648

HORIZONTAIS:

1 - Chuva. Martela.
2 - Igual. Pancadas (pop).
3 - Arsénio (s.q.). Li. Combinar.
4 - Espaço de trinta dias. Gálio (s.q.).
5 - Assim seja. Cargo de ministro de Estado (pl).
6 - Apelido. Agora.
7 - Preposição latina que designa movimento. Campeão. Décimo primeiro mês do calendário judeu.
8 - Freguesia do concelho de Alenquer. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Guarneço de asas.
9 - Que cai de velha ou fraca. Cloro (s.q.).
10 - Albergassem por esmola.
11 - Preposição e artigo (pl). Estimais.

VERTICAIS:

1- Aguçar. Vazias.
2 - Fluido aeriforme. Defuntas.
3 - Pátria de Abraão. Mecânica (abrev). Transfere para outro dia.
4 - Caminhe para cá. Grito.
5 - Aqui está. Abrandas.
6 - Seguias.
7 - Inundaras. Apelido.
8 - Quadros. Um cento.
9 - Liguei. Porco. Espírito.
10 - Estamparas.
11 - Rio da Suíça. Paladares.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17837

HORIZONTAIS: 1 - QUEM. NS. 2 - Ulm. VAI. NÃO. 3 - Pui. Magre. 4 - Ruai. Soer. 5 - Ois. Agi. Lia. 6 - Tum. Adão. 7 - Ateimar. 8 - Os. Anual. CC. 9 - Lear. Anho. 10 - Ti. Gatt. Ir. 11 - Aarau. FAO. VERTICAIS: 1 - Quero. VOLTA. 2 - Ul. Ui! Seia. 3 - Empasta. 4 - Ui! Utar. 5 - Vi. Amen. Gu. 6 - Na. Hg. Iuna. 7 - Sil. Iama. Tg. 8 - As. Dalat. 9 - Angolar. 10 - Areio. Chia. 11 - Doera. Açoro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16647

HORIZONTAIS: 1 - Barros. Afã. 2 - Leis. Além. 3 - La. Imortal. 4 - Ara. Aro. 5 - Mana. Ema. Am. 6 - Destroçara. 7 - Laia. Arar. 8 - El. Rs. Imã. 9 - Recintos. ER. 10 - Avião. Loa. 11 - Sais. Masca. VERTICAIS: 1 - Alam. Feras. 2 - Arad. Leva. 3 - Al. Anel. CII. 4 - Rei. Asarias. 5 - Rimo. Tisno. 6 - Oso. Era. 7 - Ramo. Pola. 8 - Atraca. Sós. 9 - Alão. AC. 10 - Fel. Arame. 11 - Am. Amarara.

PROVÉRBIO: QUEM VAI NÃO VOLTA.

RÁDIO ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Contraste; **17.00:** Antena 1 - Regiões ; **17.15:** Porto d'Abrigo

Onda Média e FM Estéreo

17.00: Sete Mares; **19.00:** Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio. (2.ª edição); **20.15:** Musical; **20.30:** A Voz da Roma (A palavra do Papa em Língua Portuguesa); **20.45:** Musical; **21.00:** Música Portuguesa; **21.30:** Imaginário. Luís Garlito, Cardoso Pinto e Graça Vasconcelos. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional F.M. 2 - Estéreo

17.00: As Cores e as Formas - Reflexos da modernidade espanhola em Portugal (I parte); **17.30:** Novo destaque para o Timbre do Dia - o violoncelo; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - Os 23 quartetos de cordas de Mozart, pelo Quarteto Italiano; **19.30:** Álbum Musical - Obras de Chopin, Mandelssohn, Bach, Liszt, Mahler e Moussorgsky; **20.40:** Esta Madrugada no Dois; **21.00:** Concerto Nocturno - Obras de Michael Tippett, Carl Maria Von Weber, Heitor Villa-Lobos, Elgar e Brahms; **23.00:** Eurorádio. Gravações cedidas pela Sociedade Suíça de Radiotelevisão; **00.35:** Serão com Franz Liszt; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

17.00: Contactos; **19.00:** Peça que a Gente Passa; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Religiosos; **22.30:** 24.ª Hora; **01.00:** Fantástico.; **02.00:** Serviço Nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

16.00: Rock em Stock; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Ao Fim e ao Cabo; **20.00:** Topo de Gama; **22.00:** Pessoal e Transmissível; **00.00:** Morrison Hotel; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Serviço Nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando. Noticiários de hora a hora.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico. Noticiários de hora a hora.

VOZ DE LISBOA

15.00: Equipa da Tarde; **18.00:** Jornal da Tarde - Bola Branca; **18.30:** Sete Colinas; **20.00:** Diálogo; **20.30:** Transmissão do Terço; **21.00:** Lisboa à Noite; **23.00:** Ligação ao Canal 1

VOZ DO PORTO

16.00: Pólo Norte; **18.00:** Jornal da Tarde - Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Grande Porto - Informação; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Palácio de Cristal; **22.30:** Bola Branca; **23.00:** Ligação ao Canal 1

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

14.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto dos tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio respectivo.

Execução de Sentença n.º 5771-A, 3.ª secção.

Exequentes — COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO — EP.

Executados — AUTO VIAÇÃO GRIJÓ — LDA, com sede na Av.ª S. Salvador — Vendas de Grijó — GRIJÓ, a quem foram penhorados saldos em diversas contas bancárias.

Lisboa, 89-12-18.

A Juiz de Direito,
Fernanda Isabel de Sousa Pereira
O Escrivão Adjunto,
José Manuel Ribeiro da Cruz

17/1/90 — 2.ª Pub.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
ENTRE PRIMOS
Filme de Joel Schumacher c/ Ted Danson e Isabella Rosselini.
Maiores de 12 anos
Sessões às 14,00 16.30, 19.00, 21.30 e 2400 horas.

ALFA 1
CHUVA NEGRA
Filme de Ridley Scott c/Michael Douglas e Andy Garcia.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
COMO O CÉU SE ENGANOU
Filme de Emile Ardolino c/ Cybill Shepperd e Robert Downey.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
CHUVA NEGRA
Com Michael Douglas e Andy Garcia
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.30, 15.30, 16.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 3
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24

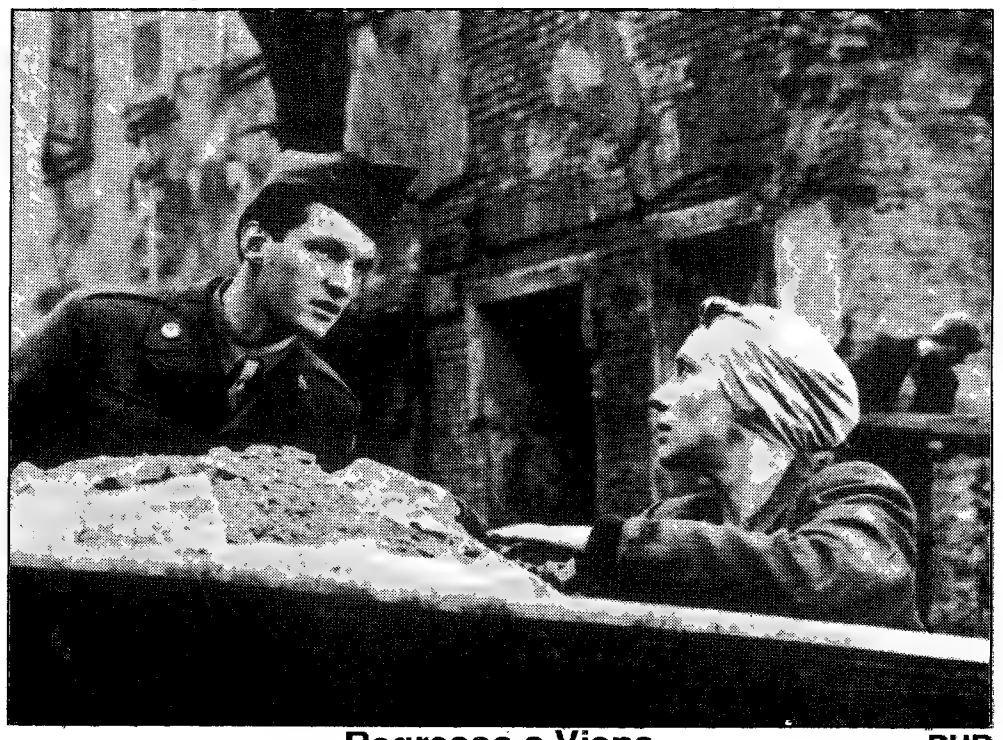
AMOREIRAS 4
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 5
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Filme de Steven Soderbergh c/ James Spader e Andie MacDowell
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 6
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7
PERIGOSA SEDUÇÃO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 E 00.15 horas.

AMOREIRAS 8
ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões ás 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas.



Regresso a Viena PUB
Em exibição na sala 3 Quarteto — Filme de qualidade

AMOREIRAS 9
A SOMBRA ASSASSINA
Filme de Robert Kirk c/Anthony Perkins e Deborah Foreman
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 10.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 10
COMO O CÉU SE ENGANOU
Maiores de 12 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18, 21.30

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
CÓDIGO VÍBORA
De Peter Maris
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
ESCRAVATURA DO SEXO
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
A TURMA DO SEXO
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.3, 16.45, 19, 21.30 e 23.30.

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
ABISMO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
RAMBO III
Com Sylvester Stallone e Richard Crenne
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas

.CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
Telef. 9434762
O VELHO GRINGO
Com Jane Fonda e Gregory Peck
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA
ESTÚDIO SHEZA
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maires de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
TENNESSEE BUCK E OS SALTEADORES DA TRIBO
Com David Keith e Kathy Shower
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
OS CAÇA FANTASMAS II
Filme de Ivan Reitman
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jaime Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA
Filme de qualidade de João César Monteiro.
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.15 e 22 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
A BELA DE DIA
Filme de qualidade de Luis Buñuel com Catherine Deneuve e Jean Sorel.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.00, 19.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
EM BUSCA DO MARFIM MÁGICO
De Anthony Richmond
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
OS CAÇA FANTASMAS II
Filme de Ivan Reitman com Bill Marray e Dan Aykroid.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
COMO O CÉU SE ENGANOU
De Emile Ardolino
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3
KINJITE - JUSTIÇA Á MARGEM DA LEI
Com Charles Bronson
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
REGRESSO AO FUTURO PARTE II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
TAP-A DANÇA DE DUAS VIDAS
Filme de Dick Castle
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
O INFERNO DOS HERÓIS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19 e 21.30 horas.

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
FLORESTA DO PRAZER
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
A CIDADE DO FIM DO MUNDO
Filme de Peter Yuval c/Demis Cole e Greg Cummins
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16

COTORRO — SOCIEDADE DE ADMINISTRAÇÃO E ACTIVIDADES HOTELEIRA, LIMITADA

Certifico para efeitos de publicação que por escritura de trinta de Outubro de mil novecentos e oitenta e nove, lavrada a folhas cinquenta e oito verso e seguintes do livro cinquenta e um-A das notas do Vigésimo Primeiro Cartório Notarial de Lisboa a cargo da Notária Licenciada Lídia Pereira Nunes de Menezes e em referência à sociedade em epígrafe com sede em Lisboa na Avenida da República número trinta e oito, foi aumentado o seu capital social de duzentos mil escudos para quatrocentos mil escudos, inteiramente subscrito em dinheiro, mediante a subscrição por parte dos sócios de quotas iguais às que já detinham no capital, isto é o sócio João Miguel de Brito Monteiro de Macedo uma quota do valor de cento e oitenta mil escudos, para além da que já possuia e o sócio Miguel de Freitas Miranda, uma nova quota do valor de vinte mil escudos. Em consequência alteraram parcialmente o respectivo contrato social no seu artigo quarto o qual passou a ter a seguinte nova redacção:

Artigo Quarto: O capital social é de quatrocentos mil escudos, encontrando-se realizadas as seguintes quotas:

— uma do valor nominal de cento e oitenta mil escudos, pertencente ao sócio João Miguel de Brito Monteiro de Macedo, outra de igual valor pertencente ao mesmo sócio João Miguel de Brito Monteiro de Macedo; uma no valor nominal de vinte mil escudos, pertencente ao sócio Miguel de Freitas Miranda, encntrando-se por realizar, uma quota no valor nominal de vinte mil escudos, que deverá ser realizado pelo sócio Miguel de Freitas Miranda, se pretender exercer o seu direito de preferência no aumento de capital deliberado em vinte e seis de Outubro de mil novecentos e oitenta e nove, ou pelo sócio João Miguel de Brito Monteiro de Macedo, no caso do sócio Miguel de Freitas Miranda não exercer aquele seu direito.

Lisboa e Vigésimo Primeiro Cartório Notarial em treze de Novembro de mil novecentos e oitenta e nove.

O Ajudante:

Maria do Carmo Amargar Campos

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS

ANÚNCIO

O Doutor Fernando Ribeiro Cardoso; Mm.º Juiz de Direito do Tribunal Judicial de Oeiras.

Faz SABER, que neste Tribunal Judicial de Oeiras, 1.º Juizo 1.ª secção, correm termos uns autos de processo Comum Singular, registado sob o n.º 631/88, que o Ministério Público move contra o arguido, FERNANDO MIRANDA SANTOS, GOMES, divorciado, reformado, nascido em 27 de Dezembro de 1949, na freguesia e concelho do Barreiro, filho de António Santos Gomes e de Emília dos Santos Miranda, portador do Bilhete de Identidade n.º 22301127, emitido em 30-6-88, pelo Arquivo de Identificação Civil e Criminal de Lisboa, e com a última residência conhecida na Rua S. João Baptista de Ajudá, 15-r/c Dt.º Barreiro, por haver cometido o crime de emissão de cheque sem provisão, previsto e punido pelo art.º 24.º n.º 1 al. a) do Decreto 13004 de 12/1/27.

Mais faz saber de que por despacho proferido em 21 de Dezembro de 1989, nos mesmos autos foi o arguido DECLARADO CONTUMAZ, nos termos do art.º 335.º n.º 1 e 336.º n.º 1 do C. Penal, com os seguintes efeitos:

a) Suspensão dos termos ulteriores do processo até à apresentação ou detenção do arguido, sem prejuízo da realização dos actos urgentes;

b) anulabilidade de todos os negócios jurídicos de natureza patrimonial que o arguido venha a celebrar após esta declaração;

c)proibição do arguido obter ou renovar os seguintes documentos: c.1) passaporte; c.2) bilhete de identidade; c.3) carta de condução; c.4) certidões ou registos junto das seguintes entidades; conservatórias do registo civil, predial, comercial ou automóveis, notariado, centro de Indentificação Civil e Criminal, Direcção Geral de viação, governos cívis, câmaras Municipais e juntas de freguesia;

d) proibição de o arguido efectuar quaisquer registos junto de quaisquer autoridades (nomeadamente conservatórias do registo civil, predial, comercial ou automóvel).

Oeiras, 9 de Janeiro de 1990

O JUIZ DE DIREITO

Fernando Ribeiro Cardoso

O Esc. Adjunto

Maria do Céu Fidalgo

«DL» 17/1/89 2.ª Pub.

CARTAZ

Telef. 771378
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
TAP - A DANÇA DE DUAS VIDAS
Filme de Nick Castle.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00, 22.00 e 24 .00 horas.

QUARTETO 3
REGRESSO A VIENA
Filme de Alex Corti
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 17.15, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4
SKINDEEP - O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
De Blake Edwards.
Maiores de 12 anos.
Às 14.30, 16.30, 18.15, 20, 22 e 24 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2
REGRESSO AO FUTUTO II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3
OS DEUSE DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
OS CAÇA FANTASMAS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
JUSTIÇA À MARGEM DA LEI
De J. Lee Thopson
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
MORTO A TIRO
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 368446
O VELHO GRINGO
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas
O PRADADOR
Com Arnold Schwarzenegger
Maiores de 18 anos.
De Seg. a Sáb às 23.30 horas.

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

.CACÉM- ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
Encerrado para descanso do pessoal

QUELUZ - KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
OS CAÇA FANTASMAS II
Mairoes de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas
SALA 2
ONZE DIAS E ONZE NOITES
Com Jessica Moore
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15 e 16.45 horas.
SALA 3
CYBORG
De Albert Pynun
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17, 19.30 e 21.45 horas

CASCAIS

OEIRAS ALTO DA BARRA 1
Telef. 4439759
REGRESSO AO FUTRO II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

ALTO DA BARRA 2
GOLPE DE VINGANÇA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS - CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

CINE PALMEIRAS 2
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS - MIRAMAR 1
Telef. 2841744
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

M IRAMAR 2
O REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALMADA

ALMADA ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DA CAPARICA
CINEMA PESCADOR
Telf. 2905350
JUSTIÇA À MARGEM DA LEI
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 21.45

TEATRO

LISBOA

A BARRACA - CINEARTE
Largo de Santos, nº 2 -
Telef. 665360 ou 686300
De 3ª a Sáb. às 21.30 e Dom. às 16 horas.
MARGARIDA DO MONTE
De Marcelino Mesquita

"What Happened To Madalena Iglésias?»: Rita Ribeiro e António Cruz numa cena deste espectáculo actualmente em cartaz no Casino Estoril

TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas. Dom. às 17.00 horas, descanço à 4ªFeira.
SALA 1
PÉCORA de Natália Correia.
SALA 2
Sexta às 21.30, Sáb. às 16.00 e 21.30; Domingo às 16 horas.
A PREGAÇÃO
De João Brites, pelo Grupo O Bando
CAFÉ TEATRO
FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo. Sáb. às 24 horas

RITZ CLUB
R. da Glória, 57 - Telef. 325140
De 3ª a Sábado às 21.30; Sábado e Domingo às 16.00 horas.
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA.
Encenação de Mário Viegas.

.TEATRO ABC
Parque Mayer - Telef. 3466783
De 3ª a Domingo às 20.30 e 22.45. Domingos e Feriados às 16 horas.
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas c/ Camilo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César.

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha - Telefone 778898
De 5ª a Sábado às 21.30 horas. Domingos às 16 horas.
HAPPY END
De Dorothy Lane/Bertolt Brecht.

TEATRO MAIZUM
R. dos Poiais de S. Bento, 75-B. Telef. 601866
Sába. e Dom. às 16 horas.
A LINGUAGEM DOS ANIMAIS
De António Botto.

TEATRO DA POLITÉCNICA
R. da Escola Politécnica, 58 - Telef. 674474
De 3ª a Sábado às 21.00; Domingos às 16 horas.
D. JOÃO E A MÁSCARA
De António Patrício

TEATRO DA TRINDADE
R. Nova da Trindade - Telef. 320000
De 3ª a Sábado às 21.30; Domingos às 16 e 21.30 horas.
«VERÃO»
De Edward Bond c/ Fernanda Alves e Isabel de Castro.

VARIEDADES
Parque Mayer - Telef. 326037.
De 3ª a Domingo às 21.30; Domingos e Feriados às 16.00 horas.
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ.
Versão livre de Henrique Santana.

TEATRO VILLARET
Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A - Telef. 538586
De 3ª a 5ª às 21.30, 6ª e Sáb. às 20.30 e 22.45; Domingos e Feriados às 16.00 e 21.30 horas.

ORA
BATE...BATMAN'SO

OUTRAS LOCALIDADES

ESTORIL
TEATRO DO CASINO
Telefone 2684521
De 3ª a Sáb. às 22 horas ; Dom. às 17 horas.
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS?
Texto e encenação de Filipe La Féria.

ODIVELAS
TEATRO DA MALAPOSTA
R. de Angola, Olival de Basto - Telefone 9873299
De 3ª a Sába. às 21.30; Domingos às 16.00 Horas.
O RENDER DOS HERÓIS
De José Cardoso Pires.
Encenação de José Martins, pelo Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garret.

PORTO
TEAR
R. do Heroismo, 86 - Telef. 573265.
De 3ª a Sáb. às 21.30; Domingos às 16.00 horas.
JARDIM DAS CEREJEIRAS
De Anton Tchekov, pelo TEAR. Encenação de Rogério de Carvalho.

EXPOSIÇÕES

LISBOA

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (Jerónimos): de terça a domingo, das 10 às 12,30 e das 14 às 17, uma exposição permanente que integra centenas de milhares de peças, entre as quais um conjunto pré-histórico de 300 peças de ouro.
MUSEU NACIONAL DO TEATRO: até 27 de Março (Dia Mundial do Teatro), "Amália, 50 Anos" com entrada

TRIBUNAL JUDICIAL DO BARREIRO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da segunda e última publicação do anúncio

2.º Juízo

Execução de Sentença n.º 60-A/84 — 2.ª secção.
Exequentes — Carlos Domingos Carneiro Monteiro e mulher Maria Antonieta Groginha Monteiro Santos.
Executado — ANA PAULA DOS SANTOS MADEIRA DA COSTA TREJEIRA, ora residente na Rua Duarte Pacheco Pereira, 1-1.º-esquerdo — Quinta da Lomba — Barreiro.

Barreiro, 8-01-90.

O Juiz de Direito,
a) Luís Filipe Castelo Branco do Espírito Santo

O Escrivão de Direito,
a) António da Silva Cardoso

«DL» 17/1/90 — 1.ª Pub

GRUPO TEATRO HOJE/TEATRO DA GRAÇA
NO TEATRO DA TRINDADE
ÚLTIMA SEMANA SO ATÉ DOMINGO 21

«Elenco de Ouro». «O duelo Isabel de Castro, Fernanda Alves é algo de inesquecível, os jovens M.ª José Pascoal e José Walenstein não deixam os seus créditos por mãos alheias, Ruy Furtado é só por si um espectáculo» — **Diário de Notícias**
«Um festival de interpretações e uma das melhores encenações de Carlos Fernando» — **A Capital**

3.ª a Sáb. às 21.30h. Domingos às 16.00h.
Marcações pelo Telef.: 32 00 00 SUB. SEC

PATROCÍNIO Círculo de Leitores

APOIOS:
Lanalgo, Louis Vuitton, Paris em Lisboa, Pinhol, Pollux, Antena 1, Rádio Comercial, Rádio Minuto, Diário Lisboa, JL, Vitor Hugo, Voz do Operário, Ytong Ibérica.

CARTAZ

gratuita aos domingos de manhã.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até Abril de 1990, "Tramas e Sortilégios" de Teresa Segurado Pavão;
BIBLIOTECA NACIONAL: a exposição "Portugal no Século XVIII: de D. João V à Revolução Francesa
GULBENKIAN (Galerias das Exposições Temporárias): até 5 de Fevereiro, "Três Séculos de Gravura Cubana", uma exposição constituída por obras da Colecção do Museu Nacional Cubano de Havana, representada por 110 obras dos principais artistas cubanos dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX.
ALFAMA-GALERIA DE ARTE (R. das Flores, 109): Pintura e Escultura Espanhola Contemporânea.
BAR IMPREVISTO (Tv. da Laranjeira, 35): até 21 de Janeiro, Pintura de Wanda Campos.
CASA DO ALENTEJO: até 28 de Janeiro, diariamente das 10 às 22 horas, Pintura de A. M. Partoja Rojão.
CLUBE CINQUENTA (R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º): até 7 de Fevereiro, de terça a sexta das 17 às 20 e sábados das 15 às 20, Pintura de Albertina de Sousa.
ESPAÇO INTERNI (R. Rodrigo da Fonseca, 51): a primeira exposição individual, em Portugal, do pintor naïf brasileiro Jorge Viriato.
GALERIA EMI-VALENTIM DE CARVALHO (R. da Cruz dos Poiais, 111): até 31 de Janeiro, de segunda a sexta das 11 às 13 e das 15 às 19, sábados das 15 às 19, uma exposição de escultura e desenho de José Barrias intitulada "Vestígios".

"Branca de Neve", Fotografia de Mafalda Reis Moore na Galeria Diferença

GALERIA JOÃO HOGAN (R. Voz do Operário, 13): até 27 de Janeiro, de segunda a sexta das 14 ás 20 e sábados das 15 às 19, Pintura de Ormond Fannon.
GALERIA BARATA (Av. de Roma, 11A): Fotografia de Antón io José Alegria.
GALERIA CÓMICOS (R. Tenente Raul Cascais, 1 B): até 17 de Fevereiro, de segunda a sábado das 14,30 às 19,30, Pintura de Gerhard Merz.
GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 28 de Janeiro, Fotografia de Mafalda Reis Moore (Branca de Neve) e de Eduardo Nery (Lugares).
GALERIA FONTE NOVA (Estrada de Benfica, 503): até 26 de Janeiro, uma colectiva de Pintura com a participação de Carlos Neto, Fernanda Freitas, Fernando Lory e Urbano Resendes.
GALERIA TRIÂNGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48.A): até 2 de Fevereiro, exposição de homenagem a Tomás Mateus, com venda de algumas das suas obras.
GALERIA EUROARTE (R. Rodrigo da Fonseca, 107-C): até 22 de Janeiro, de segunda a sexta das 10,30 às 13 e das 15,30 às 19-sábados das 10,30 às 13 e das 16 às 19 horas, Pintura de Margarida Vigoço.
GALERIA ESPIRAL (Pª Ilha do faial, 14-A): Pintura de Luísa Costa Cabral.
GALERIA NÁRTICE (R. Augusto Rosa, 18): até 18 de Janeiro, Pintura de Inácio Matsinhe.
GALERIA NOVO SÉCULO (R. do Século, 23): até 20 de Janeiro, de terça a sábado das 14 às 20, «Arremessos», Pintura-Video-Instalação de Miguel Telles da Gama e Paulo Cancela d'Abreu.
HOTEL MERIDIEN LISBOA (R. Castilho, 149): até 22 de Janeiro, diariamente das 9 às 23,30, a exposição de Pintura e Escultura do «GAP - Grupo de Artistas Portugueses».
AAPACO (Ex-Atelier 15-R. Freitas Gazul, 24D): a "Colectiva Fim de Ano", de terça a sexta das 18 às 21, sábados das 15 às 19 horas.
LOJA DA ATALAIA (R. da Atalaia, 63): até 18 de Janeiro, os "Encontros de Fotografia de Coimbra" apresentam em Lisboa uma exposição com trabalhos de Joel Peter Witkin.
RATTON-CERÂMICAS (R. Academia das Ciências, 2-C): Exposição de obras de Graça Morais, Jorge Martins, Luisa Correia Pereira, Mafalda Reis Moore e Júlio Pomar.
GALERIA MOIRA (R. Nova da Piedade, 33): até 19 de Janeiro, de segunda a sexta das 14 às 19,30 (excepto feriados), escultura em grés de Jorge Mealha.
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES (R. Barata Salgueiro, 36): a exposição "Salão Convívio" com obras de artistas sócios da SNBA.
GALERIA S. MAMEDE (R. da Escola Politécnica, 167): até 24 de Janeiro, Pintura e Escultura de Francisco Simões.
GALERIA GRAÇA FONSECA (R. da Emenda, 26 c/v): de terça a sábado das 15 às 20, Pintura de Graça Pereira Coutinho.
GALERIA DIVERSA (R. dos Sapadores-à Graça- nº 85): até 13 de Janeiro, pintura de Glória Elena e escultura de Silvia Westphalen
LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): a exposição "Suportes e Contentores" de Cristina Ataíde.
POLIGRUPO/ RENASCENÇA (R. Ivens, 14): a exposição "O Algarve e os Descobrimentos" da autoria de Maria Carolina Alho.
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES (R. Barata Salgueiro, 36): até 31 de Janeiro, a exposição de Pintura "Sete Pecados Capitais", produção de Graça passos com trabalhos de Gonçalo Ruivo, Helena Pinto, Jaime Lebre, João Queiroz, Jorge Varanda, José António Cardoso e Miguel Branco. Na Galeria de Arte Moderna, também até ao final de Janeiro, Fotografia de Sérgio Eloy.
SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES (Av. Duque de Loulé, 31): até 26 de Janeiro, "Linhas do Desejo", fotografias de Guilherme Silva.

ARREDORES

GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA: até 28 de Janeiro, a exposição «Francisco Valença - a Vida e a Obra»
RECREIOS DA AMADORA: até 21 de Janeiro, das 15 às 23, a "Exposição de Arte da Quirguizia - URSS".
GALERIA JF DE CASCAIS: até 31 de Janeiro, desenhos de Hector Ramsay.
CASA MUSEU DE VERDADES FARIA (Av. Saboia-Monte Estoril): "Um Olhar sobre Cascais através do seu património", uma iniciativa da Câmara Municipal e da Associação Cultural de Cascais.
GALERIA DO CASINO ESTORIL (Espaço 2): até 17 de Janeiro,, todos os dias das 15 às 24 horas, uma exposição de fotografias intitulada "Série Quadrada", de Pedro Mónica.
HOTEL TIVOLI SINTRA: até 12 de Janeiro, uma colectiva com óleos de Artur Bual, Cohen Fusé e Pinheiro de Santa Maria e aguarelas de Paulo Ossião.
O OUTRO LADO DO ESPELHO (R. Dr. Alfredo Costa, 14 - Sintra): até 31 de Janeiro, Pintura de Hugo Ferrão "Cabeças de Estrela".
PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ: até Junho de 1990, com entrada livre, em exposição uma colecção de Pintura Portuguesa de 1842 a 1979.
ATELIER EC (Várzea de Colares): até 21 de Janeiro, exposição colectiva de pintura e escultura, comemorativa do 2º aniversário.

TRIBUNAL JUDICIAL DE LISBOA
3.º JUÍZO CÍVEL
3.ª SECÇÃO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da publicação do último anúncio.

Execução Sumária n.º 2504, 3.ª Secção.

Exequentes — Companhia de Seguros Império, EP, Rua Garrett, 56, em Lisboa.

Executado — MOTAS, Lda., com sede no Lugar da Estação, Vilar do Pinheiro — Vila do Conde.

Lisboa, 18 de Dezembro de 1989

O Juiz de Direito
Raul Borges

O Escrivão de Direito
(Ilegível)

«DL» 17/1/90 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
4.º JUÍZO CÍVEL
ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução Sentença n.º 5253/A, 2.ª Secção. Exequentes — Companhia de Seguros Império, EP. Executado António Manuel Gonçalves de Jesus, residente na Rua Judicialho, n.º 40 — Portimão.

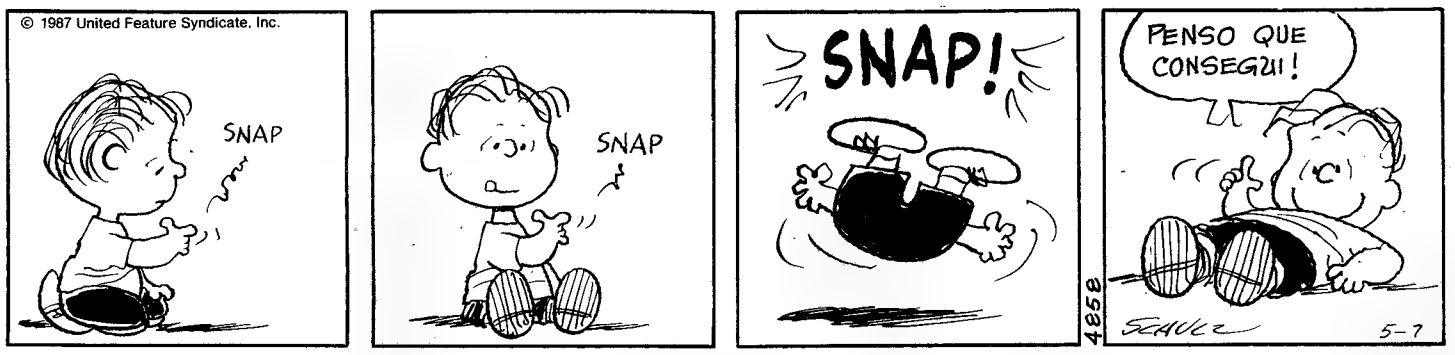
Lisboa, 4 de Janeiro de 1990

Pel'O Escrivão de Direito
Carlos Filipe Felício Ferreira

O Juiz de Direito
Fernando José de Matos Pinto Monteiro

DL 17/1/90 2.ª Pub

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
Espaço preenchido com episódios de "Virgul", "Decimal, a Baleia", bem como as aventuras do "Urso Bolke" e dos seus amigos da floresta. Completam a emissão "Os Amigos de Ovide" e ainda uma tropelia do boi Bocas, que vira de pernas para o ar a herdade onde habita.
18.35- RUA SÉSAMO
5º episódio: uma alegre canção vai ensinar os mais pequenos a não ter medo de cortar o cabelo. Este programa, que não dispensa a companhia do Poupas, do ferrão e de todos os outros amigos, ensina ainda a fazer pão e também a importância do "Bom dia".
19.00 - JOGO DE CARTAS
Concurso - 70ª sessão
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.11 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
29º episódio
21.10 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.25 - LOTAÇÃO ESGOTADA
"Melvin e Howard" (91 minutos de duração), realização de Jonathan Demme, com interpretação de Paul Le mat, Jason Robards, Mary Steenburgen, Elizabeth Cheshire, Chip Taylor, Michael J. Pollard, Denise galik, Gloria Grahme, Elise Hudson, Robert Ridgely e Charles Napier. Melvin Dummar, trabalhador de uma fábrica, encontra um dia um homem perdido no deserto do Nevada que lhe diz ser Howard Hughes. Melvin dá-lhe boleia até Las Vegas e, mais tarde, ao chegar a casa a mulher abandona-o, levando consigo a filha Darcy... Inédito comercialmente em Portugal, este é um filme simpático e algo irónico, onde a figura de Hughes simboliza o sonho de sucesso de um casal americano encurralado entre o anonimato e a mediania de uma vida sem grandes perspectivas. Conta com um excelente argumento de Bo Goldman, que conquistou um Oscar da Academia de Hollywood.
23.20 - 24 HORAS
23.50 - REMATE

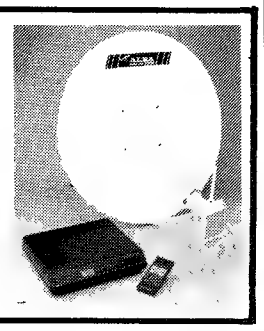
"Fera Radical": 1º canal, de segunda a sexta às 12.05

No 2º canal às 16.55, mais um episódio de "Os Campbells"

RTP-2

16.55 - OS CAMPBELLS
15º episódio: ao temer uma possível invasão, o capitão Sims tenta formar uma milícia. Pede a Neil Campbell que se lhes junte. Um dia, Sims, para testar os seus homens, pede-lhes que vão fazer um reconhecimento numa região pantanosa. A missão torna-se bastante arriscada.
17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
20º epiódio: na festa de fim-de-ano, Henrique dança animadamente com Lili. Paulo começa a tratar a família com mais brandura. No final da festa, Jandira e Godoya chamam Lili para uma conversa séria sobre Henrique, pois mesmo sabendo do amor de Godoya por ele, Lili continua a tentar seduzi-lo. Caetano vai à igreja marcar a data do casamento.
18.30 - O HOMEM NA TERRA
19.03 - CLÁSSICOS DA TV
«O Homem da Carabina» e "O Homem Invisível"
20.20 - LUSITÂNIA EXPRESSO
20.50 - OBRAS PRIMAS DA PINTURA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - O JOGO FINAL
2º episódio
22.25 - SÉCULO XX
23.15 - MÚSICA NA AMÉRICA

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.40 - RUA SÉSAMO
19.05- JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.15 - BOLETIM AGRÁRIO
20.20 - VALE TUDO
21.10 - JUSTIÇA CEGA
22.45 - 24 HORAS
23.15 - REMATE

RTP-2

15.25 - AGORA, ESCOLHA!
16.50 - BENJI, O PRÍNCIPE EXTRATERRESTRE
17.15 - UM BILHETE PARA O MUNDO
17.50 - MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.25 - OS HENDERSON
19.15 - DESENHOS ANIMADOS
19.30 - CLÁSSICOS DA TV
20.25 - PRIMEIRO ANDAMENTO
Sonatas de Beethoven por Sequeira Costa
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - MAUDE
21.55 - HORA DA VERDADE
23.05 - QUINTA DIMENSÃO

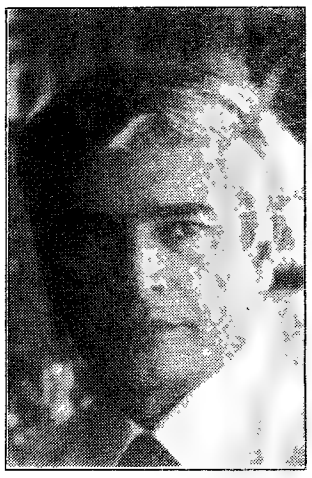
BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1
LOTAÇÃO ESGOTADA
RTP 2
O JOGO FINAL
PIP
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

VIDEO crac filmes
O CINEMA DE QUALIDADE EM SUA CASA
• O Couraçado Potemkine
• A Mãe
• A Greve
• Escrava do Amor
• Amor em Tempo de Guerra
• Balada do Soldado
PACOTE COM 3 TÍTULOS 10 CONTOS
PREÇO UNITÁRIO: 5 CONTOS
• Filmes da animação — colecção VASCO GRANJA
• O Paraíso das Imagens (Canadiano) 3400 esc.
• O Homem de Papel (Canadiano) 3450 esc.
• Volume I e Volume II (Cassetes para todos)
• Volume III e Volume IV (Cassetes para adultos)
PANORAMA DO CINEMA DE ANIMAÇÃO DA CHECOSLOVÁQUIA
PREÇO UNITÁRIO DE CADA VOLUME 2950 ESCUDOS
Enviamos a cobrança pelos CTT Aceitamos cheques/encomenda
Apartado 90 — 2745 QUELUZ
Tel. 437 50 86/437 09 31 — Telex - 66 973 CRAC

«A reportagem é a arte da comunicabilidade entre os homens.»

Raul Rêgo, «Jornal de Notícias», 16.01.90

A PERGUNTA DO DIA



João Aguiar
escritor

O que vai ser o seu próximo livro?

«É-me difícil responder a essa pergunta; prefiro, muito sinceramente, que sejam os leitores a dizê-lo. O que, já se vê, implica que o comprem e o leiam...

Mas também não faço segredo.

O Canto dos Fantasmas, que as Publicações Dom Quixote lançarão no próximo mês de Abril, é - ou, pelo menos, eu gosto de lhe chamar assim - uma viagem fantástica em sete etapas: sete histórias integradas num todo organizado, embora essa «organização» não seja aparente.

Porque a viagem é fantástica, os fantasmas não se encontram só no título.

Claro que há fantasmas e fantasmas; os meus não serão muito convencionais. Em todo o caso, e acreditem ou não, garanto que, em seis histórias, a ficção serve para narrar factos reais e experiências vividas.

A sétima história, essa, é a excepção. A acção decorre no século XXI, na Grande Federação Europeia.

Por mim, considero-a um *divertimento*. E espero que nunca venha a passar disso.»

Quinta-feira no
Diário de Lisboa
A crónica de Francesco Alberoni
O auto-retrato de Marcello Duarte Mathias
O acesso à Universidade em Grande Angular

MEDIA

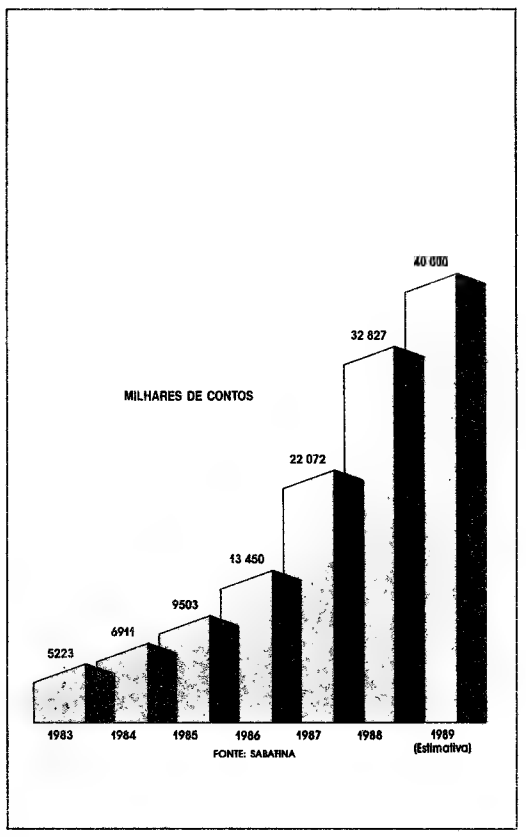
Televisão fica com a maior fatia

Bolo da publicidade cresce

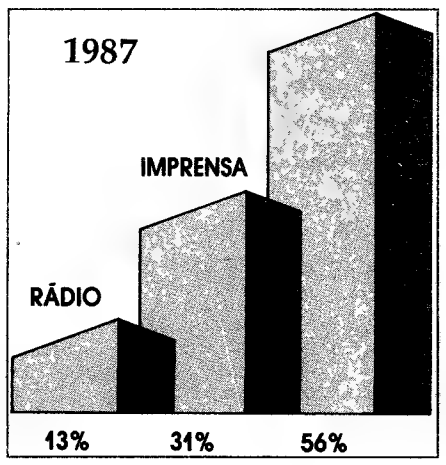
A televisão é o veículo privilegiado pela publicidade em Portugal. A distribuição do investimento publicitário pelos diversos meios de comunicação social revela uma tendência contrária àquela que se verifica na Europa Ocidental. Só a Itália manifesta uma tendência semelhante, com a televisão a receber também a maior fatia do bolo publicitário.

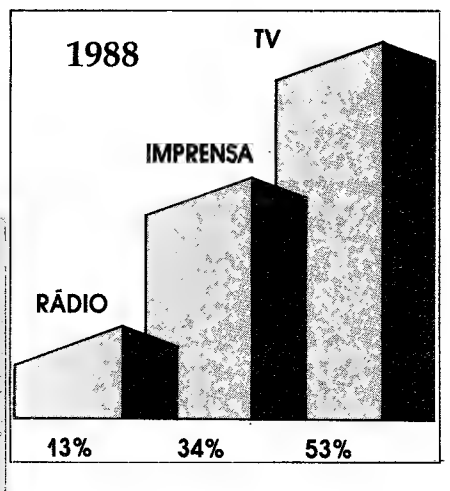
Na grande maioria dos países europeus, nos Estados Unidos e também no Japão a publicidade na Imprensa, em termos de investimento, lidera o mercado. Segue-se a publicidade televisiva, a que utiliza o suporte cartaz e a inserida na Rádio. Depois do domínio avassalador da televisão é a Imprensa que, nos últimos anos, consegue chamar a si os maiores investimentos.

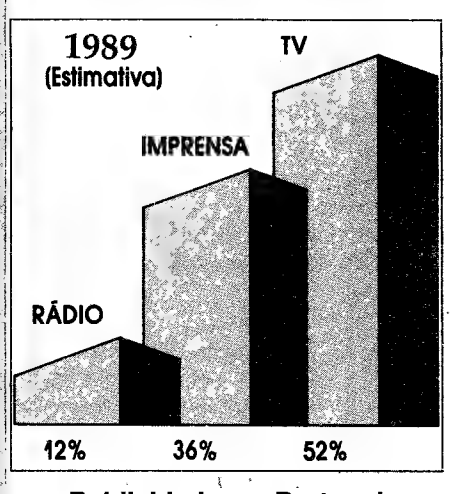
Portugal foge à regra. A RTP tem o monopólio televisivo e a Imprensa tem vivido momentos de alguma agitação, com alguns projectos a não conseguirem afirmar-se no mercado. Por outro lado, as tabelas de publicidade praticadas pela televisão portuguesa têm preços considerados baixos, sobretudo se comparados com os praticados lá fora e apesar dos diversos níveis económicos em presença. Todos estes factores contribuem para que o suporte televisão seja o preferido pela publicidade. O aparecimento da te-levisão privada poderá vir a clarificar a situação, pois a concor-rência e a mais rigorosa medição de audiências definirão as tendências de investimento.



Evolução do investimento publicitário (TV/Imprensa/Rádio)







Publicidade em Portugal

O mercado publicitário português continua em franco progresso. As estimativas para o investimento publicitário realizado em 1989 apontam para os 40 milhões de contos, o que representa um aumento de cerca de 22 por cento em relação ao ano anterior.

Para este ano, segundo Nuno Távora, director da Associação Portuguesa de Agências de Publicidade - APAP, «vamos assistir ainda a um crescimento». Em 1990, aquela associação calcula que a publicidade pode crescer cerca de 30 por cento. Contudo, este *boom* poderá tender a estabilizar-se, caso se confirme a tendência para um abrandamento do consumo, como aconteceu já no segundo semestre do ano passado.

Os anos de 86 e 87 marcam o grande salto com o investimento a quase duplicar. A intensidade do crescimento deve-se sobretudo ao facto de se ter partido de níveis muito baixos de investimento nesta área e ao crescimento da economia. Aliás, Portugal é o país europeu que tem um menor investimento *per capita* em publicidade, logo a seguir à Irlanda.

A publicidade exterior, nomeadamente o cartaz ou *outdoor*, não está ainda suficientemente medida em termos de avaliação do volume de investimentos que envolve. De qualquer modo, a APAP calcula que tenham sido estes os suportes que arrastaram maiores receitas. Esta associação calcula que em 1989 aí se tenham investido mais de seis milhões de contos.

meteorologia

Cadeira

Talvez me engane, mas julgo que os órgãos da Comunicação Social e a sua vítima predilecta, o público (com letra pequena), não se deram conta com propriedade como a última ou penúltima inauguração do já ex-Presidente da Câmara de Lisboa foi pouco rotineira. Tratou-se da escultura de Sam dedicada à *Glória efémera*, compreenda-se, da vida pública; outras vidas, como se sabe, decorrem, sem glória...

Um assento inclinado, símbolo da cadeira do saber, de um cadeirão do Poder, de um trono omnipotente, a última da série de cadeiras antropomórficas do escultor que é Sam, com prestação de serviços humorísticos.

Humor dele, não aquele sobretudo verbal do *Guarda Ricardo*, agora de imerecidas férias, mas de Sam, o ingénuo e refinado jogador de formas artísticas, o encenador de situações, o dinamizador de novas categorias, faz do seu carácter lúdico a crítica irreverente à falsa profundidade, à académica seriedade, ao provincianismo dos artefactos, à(s) ideologia(s), ao tradicionalismo.

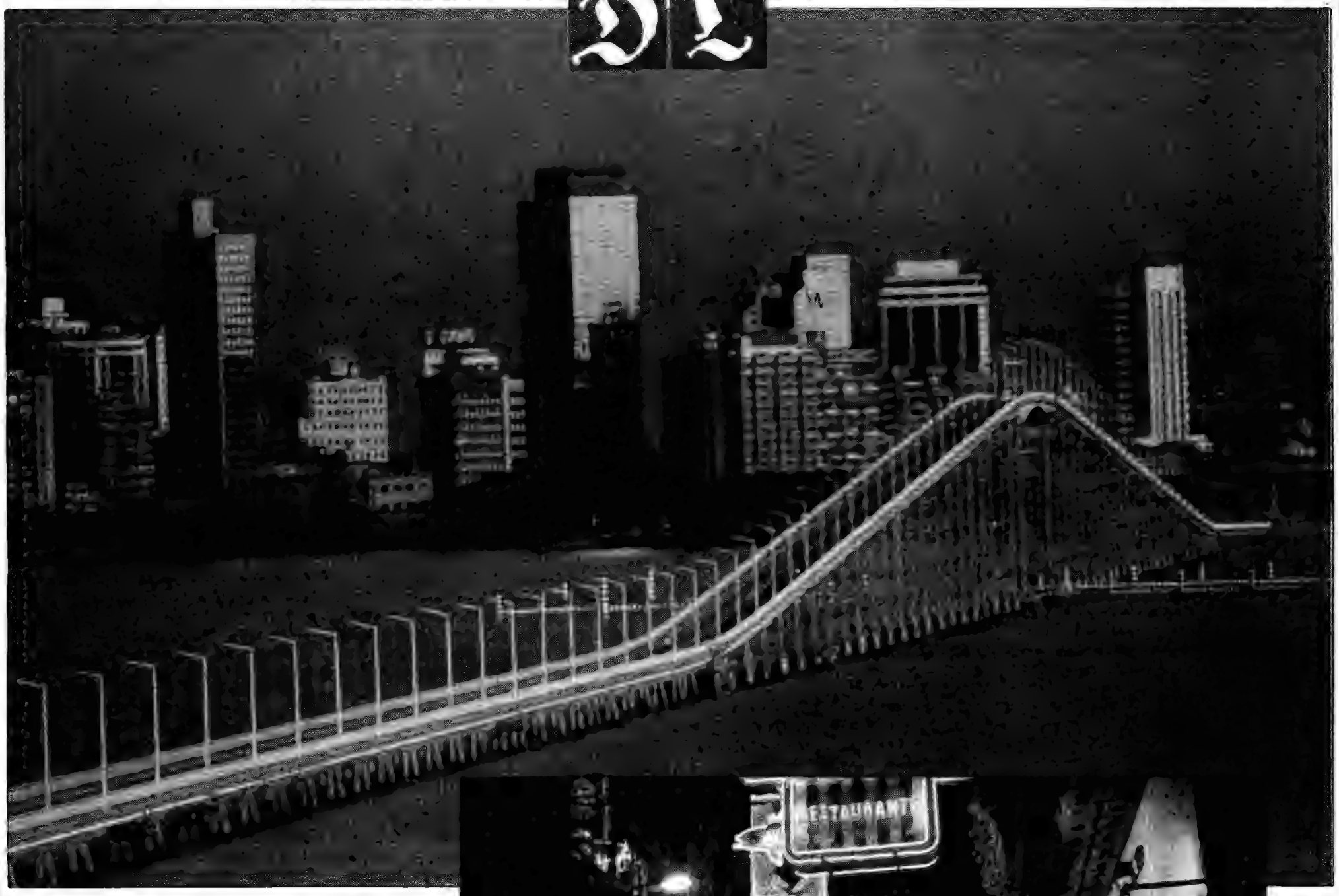
Imagino perfeitamente no *atelier* de artista, nos Olivais,(*) repleto de estranhas cadeiras e funis, de colagens esmagadas e providas de novas aparências, imagino muito bem o pavonear-se das personagens de Beckett, susceptíveis de se transformarem em coisas, robots, esculturas de Sam. Humoristas todos, *dolorato*, Sam, Beckett, Kafka, Chaplin. E até Nuno Abecasis que, inaugurando *post mortem* da função, deitou o auto-irónico olhar *ad ephemeram gloriam*.

Pena é que a festa tenha sido discreta, não descoberta pela Comissão dos Descobrimentos, pelo Governo, Assembleia da República, algumas Fundações, e ainda maior pena que a dimensão da *cadeira que rejeita* não fosse adequada à da Praça do Império, isto é, imperial, com degraus mais difíceis, mais altos, mais tortuosos enquanto o efémero Godot, espera.

(*) Nos Olivais, outra nova escultura pública de Sam, na arriscada proximidade da Igreja.

Jorge Listopad

A.M.A.® Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75



MACAU

DEZ ANOS PARA AGARRAR O FUTURO

Do nosso enviado especial
Augusto Vilela

Macau corre para o futuro na última década da administração portuguesa do território. Já não há tempo para fazer em dez anos o que não foi feito em quatro séculos. Mas muito é ainda possível fazer-se. Portugal pode encerrar este ciclo histórico com dignidade, aumentando o prestígio que, apesar de todas as vicissitudes, sempre conseguiu manter no Oriente. O surto de desenvolvimento agora iniciado representa um enorme desafio e, ao mesmo tempo, a única forma de manter uma presença económica e cultural para além de 1999. É uma questão de Estado fazer com que esta não seja a década do abandono, mas da capacidade portuguesa de se afirmar num quadro internacional de desenvolvimento.

A DÉCADA DE TODOS OS DESAFIOS

A década de 90, e a passagem para o ano 2000, dominam já o imaginário de milhões de pessoas. Sobre o mundo que iremos encontrar nessa data bem próxima, fazem-se as projecções mais ousadas. Os cenários parecem-nos de ficção. Quando, dentro de pouco mais de dez anos, nos confrontarmos com esta vulgar necessidade de preencher um simples cheque ou qualquer outro documento que o computador ainda não tenha tornado inútil, e tivermos que escrever um número a começar por dois, muitos ficarão ainda no século anterior até que se habituem. Um simples algarismo vai actuar de forma estranha na nossa mente.

E no entanto, nada de substancial vai mudar de um dia para o outro. As grandes transformações sociais, políticas, económicas, tecnológicas, não são marcadas por uma simples data. Ou se desenvolvem gradualmente, ou se precipitam sem pré-aviso. No que respeita ao quotidiano de cada um nada vai surpreender os que chegarem a 1 de Janeiro de 2000. Esta será mais uma data igual a outras datas, na longa marcha da Humanidade para o futuro.

Não será assim em Macau. Quando no dia 20 de Dezembro de 1999, a administração do território passar para a República Popular da China, pondo termo a uma presença portuguesa de quatro séculos, muitas coisas poderão mudar para os habitantes deste pequeno enclave. Mesmo que na letra dos tratados tenha ficado bem expressa a garantia de que, durante os 50 anos seguintes, tudo será mantido como está quanto ao modo de viver e organização económica, no âmbito de um conceito que os chineses designaram de «um país dois sistemas».

Se para a maioria dos portugueses nascidos em Portugal e se encontram em Macau mais ou menos de passagem a questão não é relevante, porque são poucos os que ali ganharam raízes, para outros portugueses - os que nasceram no território - e para os chineses que ao longo do tempo ali se fixaram, levantam-se naturalmente dúvidas.

Com elas nascem também muitas angústias, apesar dos esforços empreendidos tanto pelas autoridades portuguesas como pelo governo de Pequim, em criar um clima de confiança no futuro e manter a estabilidade do território.

A grande interrogação que se levanta é apenas esta: 1999 será o fim de tudo ou o começo de um novo ciclo que não vai cortar as raízes do passado?.

Não é o povo chinês, globalmente considerado, que suscita a desconfiança dos macaenses, mas o regime, embora por vezes se confundam as coisas. A população de Macau mostra ao mesmo tempo um grande cepticismo quanto à possibilidade de mudanças importantes na China, no horizonte destes 10 anos, ao contrário do que tem vindo a acontecer nos países da Europa de Leste. Na China tudo se passa lentamente, excepto aquilo que é trágico.

Confiança

Confiança é hoje uma palavra sempre presente no espírito de cada habitante do território. Tal como na aritmética, pode levar um sinal positivo ou negativo, conforme os pontos de vista, ou até conforme os estratos sociais, económicos e culturais de cada um. Mas depois de Tianamen são mais os sinais negativos. A confiança da população de Macau ficou, de facto, profundamente abalada após esses trágicos acontecimentos, ainda hoje mal conhecidos em muitos aspectos.

Uma sondagem de opinião feita há alguns meses pelo governo do território, presentemente a ser repetida, demonstra claramente os efeitos desses acontecimentos.

A maior parte da população chinesa e macaense inquirida, não acredita que o governo de Pequim cumpra o que ficou acordado na declaração conjunta luso-chinesa. Manifesta também dúvidas em que Lei Básica, em elaboração, por melhor que formalmente seja a sua redacção, constitua suporte bastante para garantir tranquilidade.

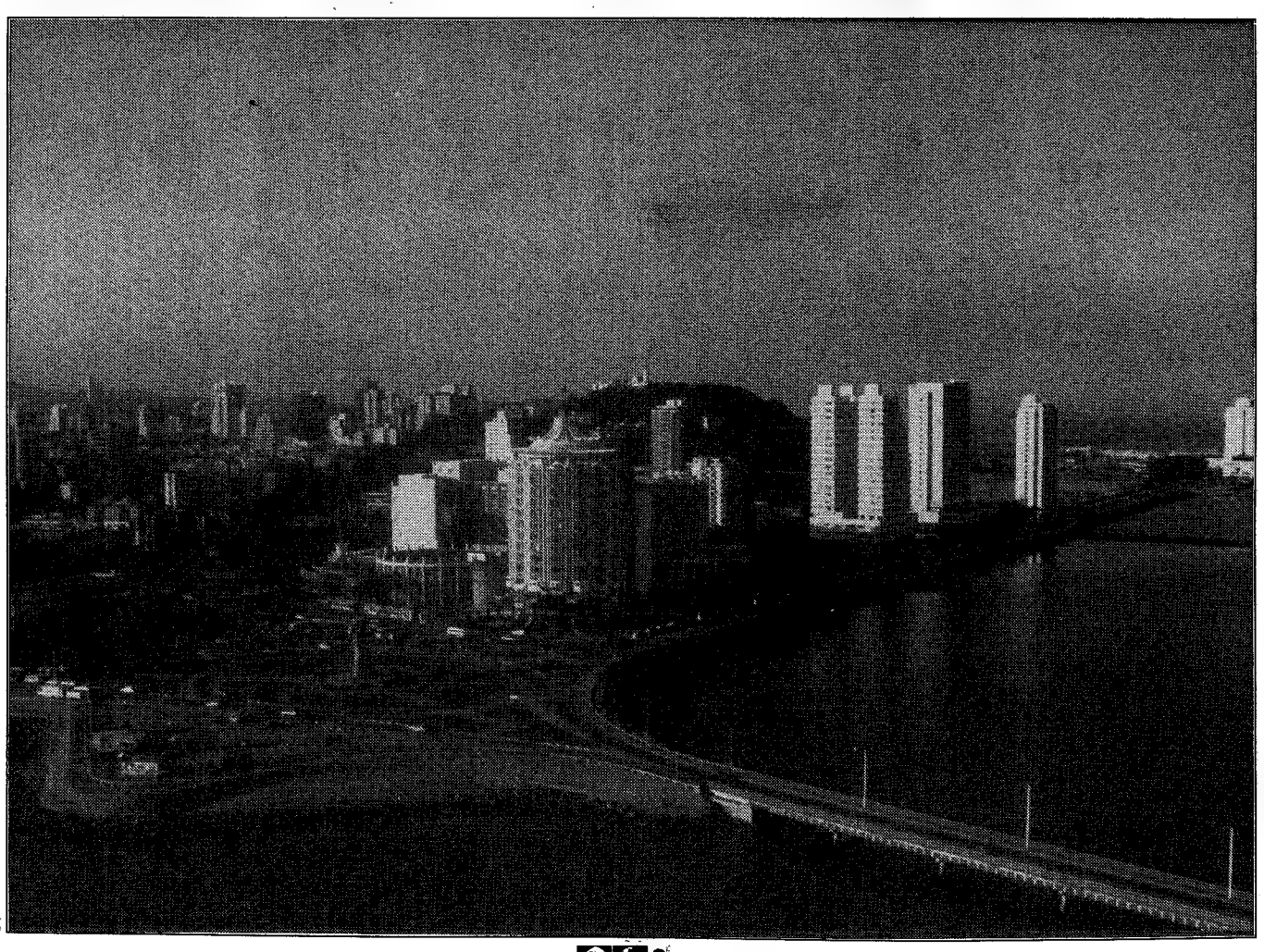
Este é o quadro real e objectivo a ter em conta, só alterável a partir de acções muito concretas, que possam levar as populações a mudar de opinião.

Todos parecem reconhecer, no entanto, que apesar das dúvidas e incertezas, a situação de Macau é bem mais confortável que a de Hong Kong, onde o choque entre as autoridades britânicas e chinesas é constante, provocando dificuldades de relacionamento que nenhuma propaganda consegue ocultar.

Os efeitos são visíveis nos aspectos mais diversos. O governador de Hong Kong, por exemplo, esteve meses à espera que o governo chinês arranjasse uma data disponível para a sua visita oficial a Pequim, visita que só foi possível agora, depois de levantada a lei marcial, e após difíceis e morosas movimentações diplomáticas.

Entretanto, o governador de Macau, que ainda há poucos meses esteve em Pequim, está de novo a ser convidado. E para ele o calendário chinês é tão elástico que até permite uma data que lhe proporcione o máximo de bem estar. Nem no inverno, que faz muito frio, nem no verão, em que o calor aperta demasiado.

Os especialistas na difícil arte de interpretar os «sinais» em que são férteis a diplomacia e o comportamento dos chineses, consideram isto como mais um recado indirecto do governo de Pequim, numa altura em que altos responsáveis do regime fazem declarações como esta de que a colónia britânica não pode continuar a ser «uma base anti-chinesa».



Ninguém poderá garantir com segurança absoluta ou rigor matemático, que o processo de transição, e a fase que que se lhe vai seguir, decorram sem convulsões. Mas é um dever do Estado Português e da administração, fazer o possível para que isso não aconteça. O primeiro passo nesse sentido é tomar iniciativas, pôr em prática a estratégia definida consensualmente para o território, adoptar uma atitude positiva. Nenhuma acção poderá resultar se for desenvolvida a partir de pressupostos em que não se acredita.

Factores objectivos

As previsões são difíceis quando tudo, ou quase tudo, depende de um país gigantesco onde, ao imobilismo político de muitos anos, se seguem, inesperadamente, convulsões como aquela que agitou a China no verão passado.

Existem, no entanto, factores objectivos que permitem ensaiar, com algum rigor e optimismo, um esboço do futuro de Macau, para além do horizonte da administração portuguesa.

O primeiro desses factores é que, os chamados ventos de mudança que sopram por todo o mundo, e de uma forma ou outra, atingem todos os países e todos os continentes, não serão detidos, nem mesmo pela grande muralha da China. Podem é levar mais tempo a atravessar esse imenso território.

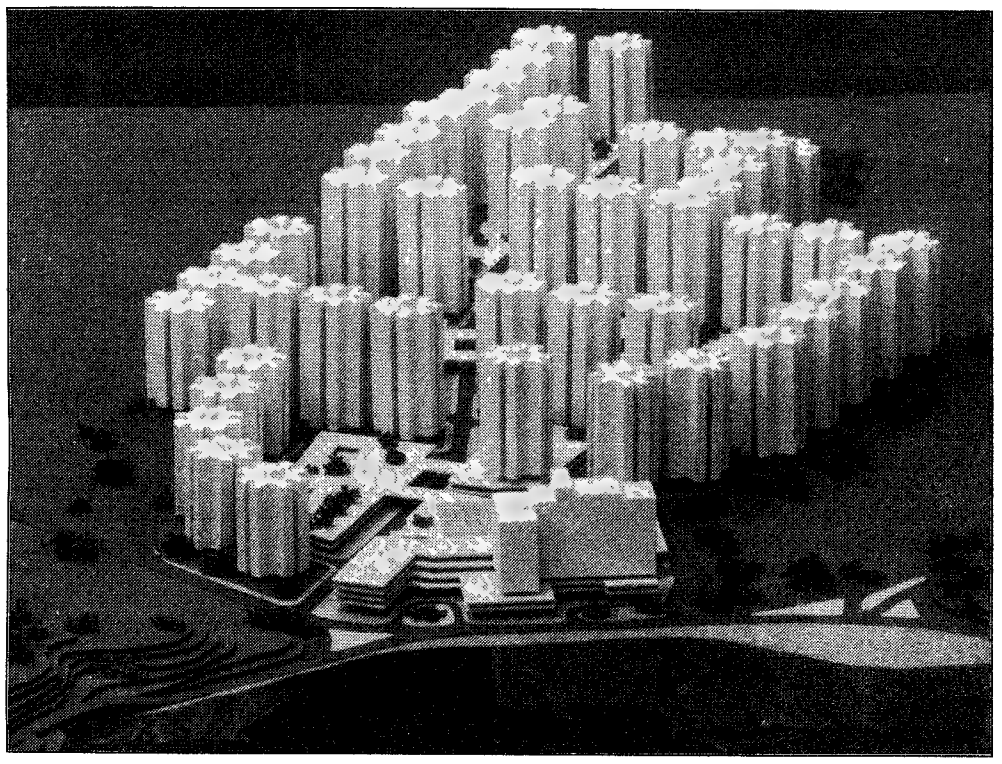
Em segundo lugar, as boas relações entre Portugal e a República Popular da China, seguramente darão melhores resultados do que aqueles que se obteriam de porventura essas relações fossem más. Não se pode negar que isso foi consequência de uma acção diplomática de rigoroso pragmatismo, que tem permitido não só manter abertos, como ampliar, todos os canais de comunicação, e desenvolver o território numa base de confiança e interesse mútuo, facto agora internacionalmente reconhecido. Um diplomata norte-americano, recentemente citado pela «Newsweek» numa reportagem sobre Macau, classificava a exploração pela parte de Portugal desse ralacionamento especial como de «masterful».

Um terceiro factor, talvez o mais objectivo e o mais importante, chama-se estabilidade e desenvolvimento. Quanto maior for o desenvolvimento que Macau conseguir nestes dez anos, quanto mais pujante for a sua economia e mais fortes as sua presença internacional e as suas ligações ao Ocidente, maiores serão as garantias de futuro. A questão está em fazer coincidir os interesses da China, de Portugal e da população de Macau.

A disponibilidade que Pequim tem manifestado para apoiar as inciativas de desenvolvimento da administração portuguesa, e para participar em investimentos conjuntos, são uma prova de que essa coincidência é possível.

Mas um olhar para o passado, uma retrospectiva do que foram estes 400 anos dos portugueses em Macau, também pode ajudar na projecção do futuro.

É sabido que nem tudo foi fácil para os portugueses em certos períodos. Mas é sabido também que, durante séculos, mesmo em períodos em que a China teve regimes por vezes cruéis e lutas internas sangrentas, sem esquecermos mesmo a própria revolução cultural, coincidente no tempo com a ditadura de Salazar, Macau, apesar de alguns incidentes, manteve a sua autonomia, a sua estabilidade social e a sua importância, no contexto dos interesses globais da China. Macau e o delta do rio das Pérolas foram sempre



a porta da China para o Ocidente e para o Pacífico. Algumas perturbações ao longo dos tempos não alteram esta realidade histórica.

O tema é aliás fascinante e bem justificaria um amplo debate envolvendo historiadores, sociólogos, políticos, pessoas do mundo da cultura e dos negócios. É o estudo que está ainda por fazer de uma forma sistemática e integrada, apesar do numeroso material disperso que existe.

A estratégia portuguesa para o período de transição, constitui uma aposta arrojada, mas a única possível para encerrar um ciclo histórico marcado por um processo de descolonização que não correu como se desejava.

O lançamento em Macau de um conjunto de grandes empreendimentos, designadamente o porto e o aeroporto internacional, vai alterar por completo a fisonomia do território e dar-lhe uma autonomia económica e estratégica de que até agora não dispunha.

Por arrastamento, estes novos empreendimentos, mesmo ainda antes de concluídos, vão gerar alterações importantes em muitas outras áreas, diversificar a economia de Macau e reduzir a sua dependência de Hong Kong.

Se a tudo isto juntarmos o fluxo de investimentos em diversas áreas que começam já a tornar-se realidade, teremos um quadro suficientemente amplo para poder garantir uma verdadeira autonomia e uma identidade económica própria, com efeitos importantes sobre a confiança de toda a população.

Até agora, Macau tem dependido exageradamente de Hong Kong. Isso deve-se ao facto de não dispor de infra-estruturas que lhe permitam uma saída para o exterior. Tudo o que se importa ou exporta, passa obrigatoriamente pela colónia britânica. O mesmo se passa com a circulação das pessoas.

Estratégias

A questão de Macau, na sua forma mais recente, em conjunto com o o processo de adesão à Comunidade Europeia, serão talvez as duas únicas acções em que Portugal conseguiu desenvolver uma verdadeira estratégia nacional. E ter uma estratégia, por controversa que seja, e mesmo eventualmente sujeita a erros e à necessidade de correcções e inflexões, é um elemento fundamental para atingir qualquer objectivo.

São ambiciosas e difíceis as metas de Portugal em relação a Macau. Encontram-se rigidamente marcadas no tempo e a contagem decrescente já começou. Cada dia perdido conta como uma década. Os atrasos são irrecuperáveis. Já não há tempo para a teorização de problemas, tão ao gosto português, nem para olhar para o passado. Apenas para concretizar objectivos e programas.

A questão da autonomia, no quadro estabelecido pela declaração conjunta luso-chinesa, é um dos dados essenciais para assegurar o futuro do território.

Macau depende totalmente da República Popular da China e dos investimentos de Hong Kong. Se alargar a origem dos seus investimentos a Taiwan, o que já começa a verificar-se, reparte a sua dependência entre a China, Hong Kong e Taiwan. Trata-se de pôr em prática o objectivo estratégico de repartir a dependência para a diminuir, aumentando assim a autonomia.

Cerca de 6000 empresas de Taiwan manifestaram já ao governo de Macau o seu interesse em instalar-se no futuro parque industrial da ilha da Taipa.

Trata-se, obviamente, de um número exagerado mas que, após uma selecção, pode ficar entre 1000 a 1200. Mas, ainda que esse número fosse muito menor, era ainda o suficiente para diversificar a indústria do território, actualmente numa excessiva dependência dos têxteis, embora outras áreas, como os brinquedos, tenham vindo, nos últimos anos, a registar uma enorme progressão.

Corresponde aos interesses de Taiwan alargar a sua influência económica e os seus investimentos a Macau e à República Popular da China. Corresponde aos interesses de Pequim que Macau tenha relações com Taiwan.

Corresponde aos interesses de Portugal diversificar dependências e internacionalizar o mais possível a economia de Macau.

A República Popular da China já manifestou o seu acordo relativamente aos investimentos de Taiwan em Macau...até aos limites em que eles não dominem o território. É uma forma de estabelecer, sem estabelecer, relações económicas e culturais com Taiwan, como etapa para alcançar o objectivo final da reunificação.

Quanto a Taiwan, que por estranho que pareça tem longas penas de prisão para quem advogue a separação da China, e necessita de transferir os seus excedentes financeiros, acompanhados da sua tecnologia, para outros países da área. É mais uma razão para investir em Macau, porque também aspira à reunificação, embora sob outro regime.

Há neste cenário três estratégias diferentes, mas que coincidem, abrindo largas perspectivas de actuação a Portugal, desde que racionalmente analisadas e aproveitadas.

E racionalizar estas perspectivas é responder, de forma pragmática (e rápida) a uma simples questão: se Portugal entende que é importante ter uma presença efectiva na zona onde vive um terço da população do mundo, e onde se verificam as mais elevadas taxas de crescimento, como é que pode continuar em Macau depois de 1999?

Isso só é possível através das ligações económicas que geram as ligações culturais. É essa a estratégia que está a ser seguida e entrou agora na sua fase dinâmica, com a transferência gradual para entidades não governamentais, daquilo que em Macau existe de português. A referência portuguesa passará, assim, da administração para a área privada, no domínio económico, cultural, etc.

Passar esta mensagem em Portugal, aos agentes económicos, à opinião pública e aos políticos, tem sido um dos grandes objectivos da administração de Macau que é, como sabe, da responsabilidade última do Presidente da República.

A construção da autonomia do território passa pela transferência do património para entidades privadas macaenses e portuguesas, por novos investimentos, pela criação de uma rede ampla de participações que se expanda posteriormente por toda a região da Ásia/Pacífico, sob a forma de «joint-ventures» e outras variantes.

Tudo nos remete, de novo, para a palavra «confiança», para o que se poderá passar após 1999.

Sobre isso será importante sublinhar que a China garante não querer alterar o equilíbrio social, e apoia o governador nas suas tentativas para atrair interesses portugueses para as áreas não governamentais. Mas acordos e declarações oficiais serão base de garantia suficiente?

Os historiadores dizem que a China nunca deixou de cumprir qualquer tratado internacional, mesmo nos períodos mais conturbados da sua história. Independentemente de todas as análises que possam fazer-se, os factos provam que a confiança dos homens de negócios, chineses e não chineses, é bastante maior que a do cidadão comum.

Grandes edifícios continuam a erguer-se em Macau onde quer que existam alguns metros quadrados livres e nas terras reclamadas ao mar. O crescimento da construção civil é de cerca de 45 por cento ao ano. Os investimentos aumentam, a economia expande-se.

A novíssima indústria de brinquedos, por exemplo, em apenas cinco anos conseguiu ascender ao segundo lugar das exportações, com 1.224,9 milhões de patacas (cerca de 24,498 milhões de contos).

Entretanto, embora ainda moderadamente, as empresas portuguesas começam a interessar-se por Macau e pela Ásia. Firmas como as Construções Técnicas, SOMEC, Teixeira Duarte e Soares da Costa, foram as pioneiras e já se encontram instaladas em Macau, com invejáveis carteiras de encomendas e associadas, em muitos casos, com empresas chinesas.

No princípio de Dezembro, Ilídio Pinho, COLEP e IPE, tornaram-se accionistas da Companhia de Electricidade de Macau (CEM). A Marconi já entrou na Companhia de Telecomunicações de Macau (CTM).

O mais forte impulso vai ser dado através da instalação das 1200 a 1500 indústrias seleccionadas das 6000 que Taiwan propõe. Cada uma delas poderá ficar ligada com sócios portugueses. A EFACEC foi a primeira a avançar neste processo, em que aparece também a Caixa Geral de Depósitos como uma espécie de «holding» do Estado Português.

A tudo isto juntar-se-á a concessão, a entidades privadas, de diversos serviços como os CTT, Hospital, etc.

Em relação ao aeroporto está prevista, numa fase posterior, a entrada da ANA e da TAP. A futura Air Macau, que um estudo efectuado pela TAP concluiu pela possibilidade da amortização de todo o investimento em apenas cinco anos, está aberta também à participação portuguesa.

Tudo isto obriga a mobilizar técnicos e recursos humanos portugueses. Com eles transformar-se-á o tecido social do território. Acaba a era dos funcionários, começa a dos homens de negócios, dos quadros, dos gestores e dos agentes culturais, dando uma nova face à presença portuguesa no Oriente.

Quinhentos anos depois, a aventura pode repetir-se, num ciclo histórico diferente. E apesar das incertezas que todas as iniciativas comportam, os riscos e as dúvidas daqueles que chegam de pasta e computador, serão bem menores do que os que tiveram de enfrentar os primeiros portugueses que chegaram à Ásia.

EGF
CONSULTORES
com o desenvolvimento de
Macau desde 1980

ACOMPANHAMENTO E COORDENAÇÃO
DE EMPREENDIMENTOS

AEROPORTO. PORTO DE KÁ - HÓ
HOSPITAL CONDE DE S. JANUÁRIO
NOVA CADEIA. NOVO MATADOURO
NOVA PONTE DE MACAU - TAIPA

APOIO EMPRESARIAL

ORGANIZAÇÃO E PLANEAMENTO
INVESTIMENTO. INFORMATIZAÇÃO

PLANEAMENTO E GESTÃO URBANA

EMPRESA GERAL DO FOMENTO, S.A.
RUA DO PAU DE BANDEIRA, 9 - 1200 LISBOA - TEL. 608161/8 - TELEX 14183 EGEFOP

Macau

UM OLHAR SOBRE O MUNDO LABORAL

A questão do trabalho e dos direitos dos trabalhadores é um dos grandes problemas que os países asiáticos têm que enfrentar nos próximos anos.

Embora não possa ser analisada pela óptica ocidental, até porque os trabalhadores têm uma noção muito própria do mundo laboral e uma reduzida ou quase nula capacidade reivindicativa, fruto de séculos de exploração até ao limite do inacreditável, é um problema que se levanta. Por razões sociológicas internas e por razões comerciais externas, o patronato já não tem maneira de lhe fugir por muito mais tempo. Mais dia menos dia, os trabalhadores asiáticos acabarão por reivindicar, se não todos, pelo menos os direitos essenciais, internacionalmente reconhecidos. Os sintomas são já evidentes.

Há poucos meses os trabalhadores dos transportes públicos de Hong Kong, que há muito vinham reclamando, sem êxito, melhores salários, decidiram fazer uma greve. O patronato local ficou mais ou menos em estado de choque. Não foi preciso a greve chegar ao fim para que lhes tivessem sido satisfeitas todas as reivindicações.

Moralizar as relações de trabalho

Em Macau não havia, até há poucos anos, qualquer tradição sobre regras de trabalho. De parte a parte, cada um era livre de negociar. Obviamente que neste jogo todos os trunfos eram do patronato e era ele quem ganhava sempre.

A primeira lei do trabalho surgiu em 1984. Na sua origem encontram-se causas internas e externas.

José Belo, director dos Serviços do Trabalho e Emprego explica que as causas externas derivam do facto de, internacionalmente, Macau poder ser considerado, por alguns mercados, um concorrente desleal.

«Havia que não pôr em perigo esses mercados, criando regras laborais. Do ponto de vista interno, tratava-se, de certo modo, de responder ás reivindicações feitas desde há alguns anos quer pelos trabalhadores quer pelos empregadores, que pretendiam ver criada uma estrutura de administração do trabalho onde, com equilíbrio e pragmatismo, se derimissem os conflitos do trabalho».

O *boom* económico desta década foi o pano de fundo destas modificações no mundo laboral. Até aí existiam em Macau apenas duas indústrias importantes: os têxteis e o vestuário.

A partir de 1980 começaram a surgir as indústrias de brinquedos, electrónica, flores artificiais, artigos de couro, etc. Por outro lado a indústria de construção civil entrou numa fase de grande expansão.

Para solucionar as poucas reinvindicações que ocorriam, utilizava-se a tradição de resolver os conflitos pela via do consenso, por uma forma que tem muito a ver com razões culturais.

«As novas regras, refere José Belo, permitiram moralizar as relações de trabalho, criando pontos de referência, quer para os trabalhadores quer para os empregadores. Houve necessidade de se fazer um grande esforço de mentalização dos empregadores no sentido de os sensibilizar para as novas regras do jogo».

Leis ainda pouco exigentes

Apesar da especificidade do meio, há quem considere que, em matéria de leis do trabalho, o território de Macau caminha, apesar de tudo, numa posição de vanguarda, nesta zona, e que há para elas uma boa aceitação e um bom cumprimento.

Até Setembro do ano findo, através de negociações, a inspecção do trabalho tinha já conseguido canalizar para os trabalhadores cerca de 4 milhões de patacas (80 mil contos), referentes a contenciosos vários, como indemnizações por despedimento, férias não pagas, feriados e outras irregularidades.

O director dos Serviços do Trabalho e Emprego admite que as leis que vigoram em Macau são ainda pouco exigentes. Lembra, porém, que não podemos ter como referência o modelo português, que tem uma legislação de trabalho muito avançada.

«As leis do trabalho, como quaisquer outras, têm que ir de encontro à realidade económica, sob pena de se esvaziarem e perderem força. São leis à medida de Macau, tendo em conta, fundamentalmente, o contexto envolvente, onde a legislação do trabalho não está devidamente preenchida».

Em Macau não existem contratos colectivos. O salário é negociado livremente entre o trabalhador e o empregador, segundo o regime da economia liberal existente no território.

No que respeita aos direitos, a lei consigna um dia de descanso semanal, sete dias de férias por ano, feriados obrigatórios, indemnizações por despedimento em função do tempo de trabalho e obrigatoriedade do seguro de trabalho.

Quanto aos salários, a média é de cerca de 1800 patacas (36 contos) mensais.

Macau recorre com frequência à mão-de-obra chinesa. Não só na construção civil e noutras áreas, como na própria hotelaria, é elevado o número de trabalhadores da RPC. São em geral oriundos de Cantão e de toda a zona sul. É um fenómeno típico de emigração. Mesmo trabalhando com poucos direitos e salários, por vezes abaixo da média, ganham sete ou oito vezes mais do que aquilo que recebiam na China. Não admira, por isso, que Macau seja para eles um pequeno Eldorado.

A importação de mão-de-obra da China para Macau está no entanto regulamentada. Neste momento está autorizada a entrada de 10 mil trabalhadores, desde que em Fevereiro de 1988 começou o processo de importação de mão-de-obra.

Os melhores salários pagos em Macau e as melhores condições de vida geram as entradas clandestinas. Apesar da intensa vigilância, todos os dias entram chineses indocumentados, iludindo as autoridades como podem. Vêm de barco, a pé, muitas vezes a nado. Todas as noites, à entrada da ponte da Taipa, a polícia controla as viaturas que circulam. Muitos chineses atingem a ilha a nado e depois apanham um táxi ou um carro de um amigo para a cidade. Existem, além disso, evidentemente, organizações que se dedicam ao negócio da emigração clandestina.

Um pouco de atenção sobre a Porta do Cerco, permite observar, com frequência, a entrega de clandestinos ás autoridades chinesas.

São grandes as divergências quanto ao número de trabalhadores clandestinos existentes em Macau. Há quem fale em 20 mil ou mesmo 30 mil. José Belo não nos adianta números. Acha que estes são muito exagerados, que estão muito para além da realidade.

Mas seja qual for esse número é suficientemente elevado para gerar situações dramáticas. Em muitos casos são famílias completamente divididas, como os pais legais e os filhos ilegais, o marido legal e a mulher ilegal, ou vice-versa.

«A resolução deste problema arrasta-se há anos, diz-nos José Belo. É um problema de difícil solução num território que, pela sua densidade populacional, precisa de ter um controlo demográfico constante. Uma súbita explosão demográfica poderia criar outros problemas não menos graves».

A seguir aos chineses, em número de clandestinos, vêm os filipinos. Também em relação a estes não há acordo. Fala-se em cerca de 2000 como se fala também em cerca de 8000. Ao que parece, nem as próprias Forças de Segurança saberão bem ao certo pois, tratando-se de clandestinos é porque ainda não foram detectados, frustrando qualquer estimativa.

Há casos de trabalhadoras domésticas, tanto chinesas como filipinas, que nunca saiem de casa, com receio de virem a ser apanhadas.

De um modo geral os filipinos trabalham em tudo o que lhes aparece. A maior parte, porém, trabalha em hotéis e serviços domésticos.

As saunas e os bares ocupam também um importante número de mulheres emigrantes, embora nestas actividades predominem as tailandesas, cuja entrada no território parece ser mais controlada.

Ao todo há em Macau cerca de 74 nacionalidades diferentes, vivendo em harmonia ou sem conflitos visíveis.

Ecassez de mão-de-obra

De acordo com dados oficiais, a população activa de Macau é de cerca de 160 mil trabalhadores. A maior percentagem é absorvida pelo sector têxtil.

Mas, de acordo com o director dos Seviços de Trabalho e Emprego, é grande diferença entre a oferta e a procura.

A maior parte dos pedidos de emprego é para o sectror terciário, enquanto que as ofertas são para a indústria.

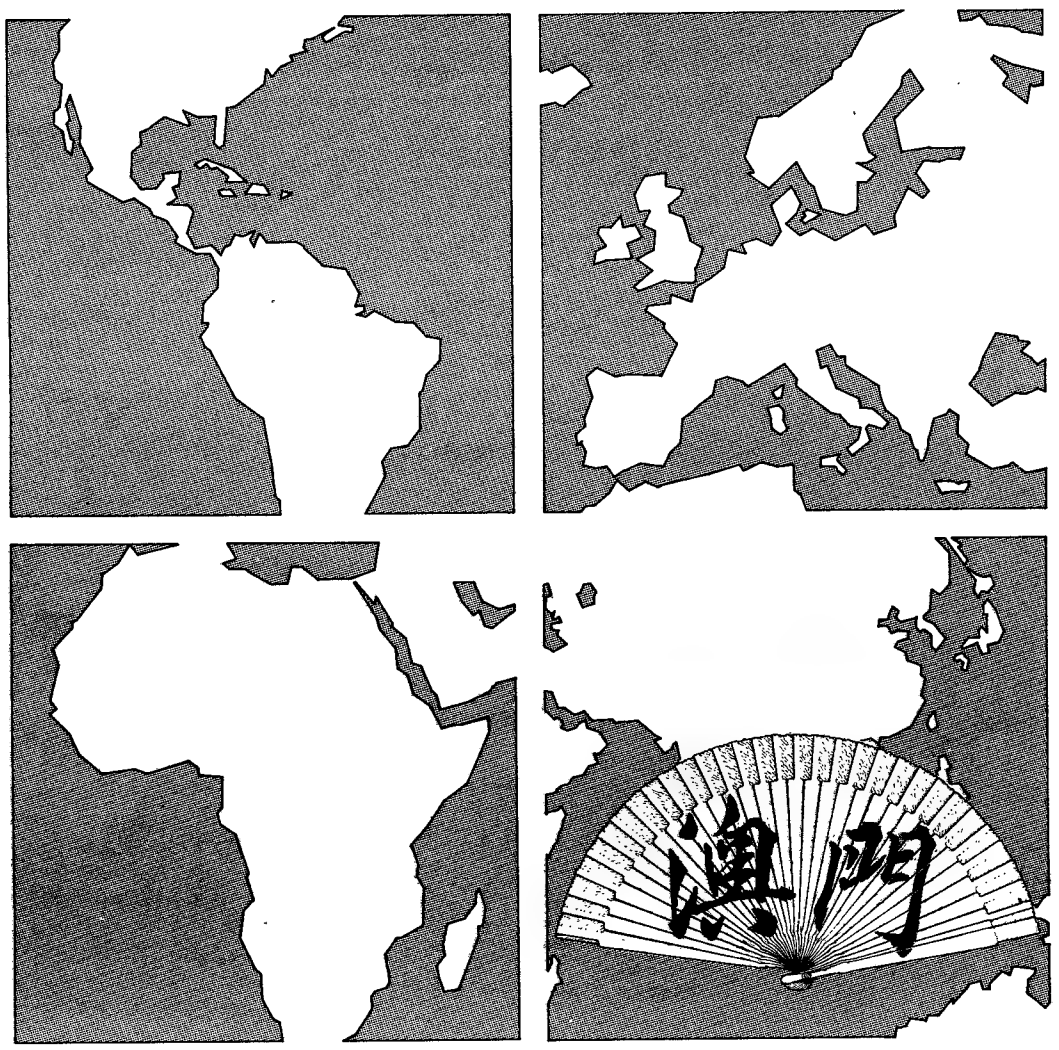
A noção de sindicato é completamente esbatida nestas paragens. O que existe em Macau são associações operárias - cerca de 20 - federadas numa associação geral.

Actuam numa lógica sindical, mas à oriental, isto é, sem a carga reivindicativa do Ocidente, embora procurem defender os direitos dos seus membros.

Estas associações funcionam, na prática, mais como parceiros sociais. Integram o Conselho Permanente de Concertação Social e são obrigatoriamente ouvidas em todas as questões relacionadas com o desenvolvimento económico e social.

Uma das prioridades enunciadas pela administração de Macau para os próximos anos são os assuntos sociais, o que, naturalmente, tem a muito a ver com a situação dos trabalhadores. Sem pôr em causa o equilíbrio do contexto local em que a economia do território se move, é de crer que aos trabalhadores venha a ser dada maior atenção, que sejam melhoradas as suas condições. Mas mesmo que venha a ser feito tudo quanto há para fazer neste campo, Macau continuará a ser um território de eleição para os empregadores, onde o risco das perturbações laborais é muito pequeno.

A nossa expansão chega aos quatro cantos do mundo



CONSTITUÍMOS A COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI (ÁSIA) EM MACAU

Na era da investigação e da ciência, a descoberta e o desenvolvimento do mundo
fazem-se pela comunicação directa e eficaz entre os continentes.
No âmbito da nossa política de internacionalização, constituímos agora
uma Empresa em Macau , a CPRM-COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI (ÁSIA) ,
considerando a crescente importância deste território como centro de comunicação
e de influência decisiva no desenvolvimento económico, social e cultural da Ásia e do Pacífico.

beam-YGR

CPRM
COMPANHIA PORTUGUESA
RÁDIO MARCONI

Macau

FAZER DE MACAU UM POLO CULTURAL

A cultura é uma das prioridades de Macau. A remodelação do Instituto Cultural vai permitir uma intervenção mais eficaz.

Uma das grandes surpresas para quem visita Macau é a sua componente cultural, sem paralelo com aquilo que se verificava em qualquer outro território sob administração portuguesa. O número e a qualidade das realizações culturais ultrapassa tudo aquilo que se poderia esperar. Nos últimos anos, esta faceta tornou-se mais expressiva, graças ao papel dinamizador do Instituto Cultural de Macau (ICM). É um dos casos raros de uma instituição cultural oficial que venceu as barreiras burocráticas para se tornar verdadeiramente actuante.

Recentemente, o ICM foi remodelado, competindo-lhe agora a coordenação de todas as acções culturais que digam respeito a Macau.

Carlos Marreiros, director do ICM

Antes a sua actividade alargava-se, de um modo geral, à presença portuguesa em todo o Oriente.

Carlos Marreiros, 32 anos, arquitecto e pintor, macaense de nascimento, português de nacionalidade e «lisboeta de adopção», como gosta de assumir-se, é o novo director desde Dezembro último.

As grandes linhas de acção governativa para a política da cultura, definidas para os próximos anos, permitem-lhe acreditar no futuro.

«A cultura desenvolvida, numa estratégia integrada - afirma - permite, no quadro actual, que o Instituto se volte mais para a actividade de Macau, reforçando o associativismo cultural e introduzindo-lhe vectores de qualidade».

Para se ocupar da acção cultural no exterior foi criado o Instituto Porrtuguês do Oriente (IPOR) mas, segundo Carlos Marreiros, isso não esvazia de modo algum o Instituto Cultural, não só porque as áreas de actuação são diferentes, como pelo facto de estarem previstos planos de cooperação entre estas duas instituições.

No quadro das transformações efectuadas, o Instituto Cultural de Macau foi dotado de uma capacidade administrativa maior do que aquela de que dispunha, adequando ao mesmo tempo, para a sua nova actividade, as estruturas que herdou. Ficou, assim, com melhores possibilidades de cooperação com entidades envolventes como o Leal Senado, Instituto Português do Oriente e outros Serviços oficiais.Ao Instituto cabe a resoponsabilidade de coordenar todas as iniciativas culturais da responsabilidade do Governo.

Carlos Marreiros tem um programa de trabalho ambicioso, visando a preparação local de gerações de jóvens que possam ser os nossos interlocutores, continuando a presença portuguesa em Macau para além de um horizonte visível em termos muito imediatos.

«Isto significa, por um lado, criar altos momentos de cultura em Macau, trazendo artistas de primeira qualidade, da China, de Portugal e do mundo, e fazer continuar estes momentos em termos de acção formativa.

Pretendemos fazer de Macau um polo cultural para interessar a população a ter uma atitude descomplexada perante o que de mais exigente se produz em termos culturais».

Se em termos de meios de actuação o ICM dispõe de boas condições, há factores de dificuldade muito objectivos, como refere Carlos Marreiros.

«A juventude de Macau é materialista. Isto seria o axioma. Mas sinto que em domínios como a música e artes plásticas, fundamentalmente, há muitos jóvens interessados. Normalmente, os concertos de música clássica têm uma adesão muito grande de chineses jóvens».

O director do ICM, referenos, entretanto, que, nas artes plásticas começa a assistir-se nestes últimos três anos, a uma maior abertura e descomplexização relativamente aos cânones mais repetitivos.«Gostaríamos muito de poder divulgar bem Macau em Portugal. As pessoas desconhecem o território nas suas vertentes portuguesa e chinesa. Macau não só só casinos».

Uma das grandes tarefas do ICM refere-se ao bilinguismo. Carlos Marreiros revela que vai ser fomentado pela via das edições e reconhece que é uma matéria fundamental mas muito difícil.

«Para divulgarmos a nossa cultura, qualquer sucesso editorial tem que passar pela tradução, não só em chinês, como em inglês».

Sobre aquilo que se pode fazer pela língua portuguesa em Macau, o director do ICM aponta a criação de centros de ensino de língua portuguesa aos chineses, passando por dois polos fundamentais: o erudito e o utilitário.

«Um só -adverte - isola o problema e não tem qualquer pragmatismo».

• Consultoria em Gestão
• Estudos de Viabilidade
• Projectos de Engenharia
• Gestão de Projectos
• Organização e Métodos
• Informática
• Organização da Manutenção
• Serviços de Inspecção
• Avaliação dos Recursos Naturais
• Formação

PARTEX

Companhia Portuguesa de Serviços, S.A.
Avenida 5 de Outubro, 160-162 • 1000 Lisboa • Portugal
Tel. 735019-732044
Fax 779516
Telex 14708 PARSER P

Delegações no estrangeiro:
República Popular de Angola • República Popular de Moçambique
República de Cabo Verde • República de Guiné-Bissau • Macau

Representações permanentes no estrangeiro:
Washington D.C. E.U.A.
República do Zaire, Benim, Togo, Burkina-Faso e Niger

GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

ENDEREÇOS ÚTEIS

GABINETE DO GOVERNADOR
Morada: Rua da Praia Grande — Palácio do Governo
Telefone: 565555
Telefax: 563377
Telex: 88201

GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
Morada: Rua S. Domingos, n.º 1
Telefone: 332886
Telefax: 510344
Telex: 88329 GCS

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE ECONOMIA
Morada: Rua Dr. José Pedro Lobo
Ed. Luso-Internacional — 25.º
Telefone: 562622
Telefax: 590309
Telex: 88413

DIRÈCÇÃO DOS SERVIÇOS DE FINANÇAS
Morada: Rua da Praia Grande, 69-A
Telefone: 573051/571837
Telefax: não tem
Telex: não tem

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
Morada: Tv. do Paiva, n.º 1
Telefone: 572917
Telefax: 510104
Telex: 88338 TURIS OM

FUNDO DE PENSÕES
Morada: R. da Praia Grande 69-A
Telefone: 594733
Telefax: 594391
Telex: 88386

INSTITUTO CULTURAL DE MACAU
Morada: Rua Pedro Coutinho, 27 — 3.º
Telefone: 591977
Telefax: 592002
Telex: 88852 ICM OM

LEAL SENADO
Morada: Largo do Leal Senado
Telefone: 387333
Telefax: 341890
Telex: 88414 LEALS OM

CÂMARA MUNICIPAL DAS ILHAS
Morada: R. Correia Silva s/n.º Taipa/Macau
Telefone: 327012/327266
Telefax: 320931
Telex: não tem

AUTORIDADE MONETÁRIA E CAMBIAL
Morada: Av. Sidónio Pais, 1
Telefone: 78722
Telefax: 574600
Telex: 88323

MISSÃO DE MACAU EM LISBOA
Morada: Av. 5 de Outubro 115-4.º — LISBOA
Telefone: 769838 — 799334
Telefax: 779328
Telex: 64291

Macau

Os próximos quatro anos serão dominados em
que ficarão a constituir as infraestruturas básicas pa
É um trabalho gigantesco de coordenação e planificação, re

GRANDES EMPREENDIMENTOS F

A estratégia seguida, foi a criação pelo Governo de Macau de um cargo de Secretário Adjunto para os Grandes Empreendimentos e de Gabinetes coordenadores para os diversos empreendimentos: porto, aeroporto, ponte e central incineradora.

Durante cerca de dois anos, o eng. Luís Vasconcelos foi o secretário adjunto para os Grandes Empreendimentos. Uma vez concluída a fase de lançamento, passou também a ser o responsável pelas Obras Públicas.

No conjunto das infraestruturas já em construção, o aeroporto internacional e o porto ocupam um lugar de destaque. Vão alterarar por completo toda a fisionomia do território. Na opinião do eng. Luís Vasconcelos, vão provocar em Macau aquilo que aconteceu em Hong Kong a partir dos anos 60, e não será necessário esperar pela sua entrada em funcionamento para ver os efeitos.

«Durante os próximos quatro anos, Macau vai passar por um crescimento muito importante. Um crescimento de escala muito grande e do tipo de actividades que actualmente caracterizam o território. Isso vai dar-se já, não só por arrastamento dos que vêm para trabalhar, mas também pelos numerosos investidores que estão interessados em instalar-se».

Luís Vasconcelos refere que, em Macau, o terreno ainda é barato, tal como a mão de obra, e que, através dos acordos de que Portugal dispõe, tem acesso a mão-de-obra quase ilimitada. Salienta, também, que o território é um bom investimento estratégico para daqui a dois anos porque, transferir para lá uma indústria, traduz-se por uma realização mais rápida das mais valias.

«Outro aspecto é que Macau vai transformar-se num centro de empresas de serviços muito importante e dentro de alguns anos poderá exportar esses serviços para a China. Grandes esforços estão a ser feitos na educação e na indústria de «software». Como comsequência, Macau vai evoluir e transformar-se num centro financeiro como Hong Kong se tornou».

O eng. Luis Vasconcelos lembra ainda que, dois anos depois, a grande estratégia da colónia inglesa é decalcada de Macau. Afirma que tudo se vai processar com enorme rapidez e que o papel do Governo é criar condições para que a actividade privada possa funcionar.

O impacte social provocado pelos Grandes Empreendimentos vai ser também importante. O nível social e cultural terá tendência a subir e a população vai crescer.

«Vamos receber muita população dos países limítrofes, muita população europeia e, espero, muita população portuguesa».

Interrogado sobre o que poderá ser Macau daqui a 10 anos, o eng. Luís Vasconcelos antevê uma grande e moderna cidade que contenha algumas características da presença portuguesa e também capitais nacionais.

«Espero que seja nessa altura uma cidade onde existam muitas empresas portuguesas, não ao abrigo do poder instituído, mas porque é bom investir aqui».

O responsável pelos Grandes Empreendimentos considera que, no futuro, Macau vai funcionar como uma plataforma de recolha das grandes ligações internacionais.

«Vamos ter a oportunidade de fazer um aeroporto a partir do zero. Em 1993 vamos ter o melhor aeroporto da Ásia e o primeiro do mundo a funcionar através da iniciativa privada.

AEROPORTO A OPERAR EM 1994

Em Fevereiro de 1987, um despacho do Governo criava o Gabinete do Aeroporto Internacional de de Macau, que passou a ter como responsável o eng. Jorge Guimarães.

O Gabinete tinha como função promover o projecto, desde o estudo de viabilidade, plano director, projecto, financiamento, contrução e adjudicaçãções.

Pouco mais de um ano depois estavam concluídos os estudos de viabilidade, o plano director e assinados os estatutos para a criação da Companhia do Aeroporto.

Baseado num projecto com diversas fases, a construção já começou com o aterro da área terminal, executada durante o último trimestre de 1988.

Estão também praticamente concluídos os caminhos de circulação e áreas de segurança associadas.

Paralelamente vai ser criada uma área de 15O hectares sobre o mar, destinada ás pistas e áreas de segurança.

A técnica a utilizar no projecto, gerou, incialmente, alguma controvérsia entre os que preconizavam a solução de aterro e a solução de estacas.

Jorge Guimarães revela que foi utilizada a chamada solução mista.

«A pista e os caminhos de aterro serão em estacas, que vão até ás rochas firmes, no fundo do mar. As áreas de segurança adjacentes serão em aterros.

Esta solução permite defender a pista dos assentamentos diferenciais, que são comuns ás soluções em aterro».

Em termos mais correntes, isto quer dizer que, no caso do terreno ceder, a pista não é afectada, assegurando-se permanentemente a operacionalidade do aeroporto.

«O sistema garante a construção nos tempos programados e, também, do ponto de vista aeronáutico, as boas condições de operação da pista».

A engenharia portuguesa desempenha um papel importante em tudo o que, no projecto, está ao alcance da sua capacidade.

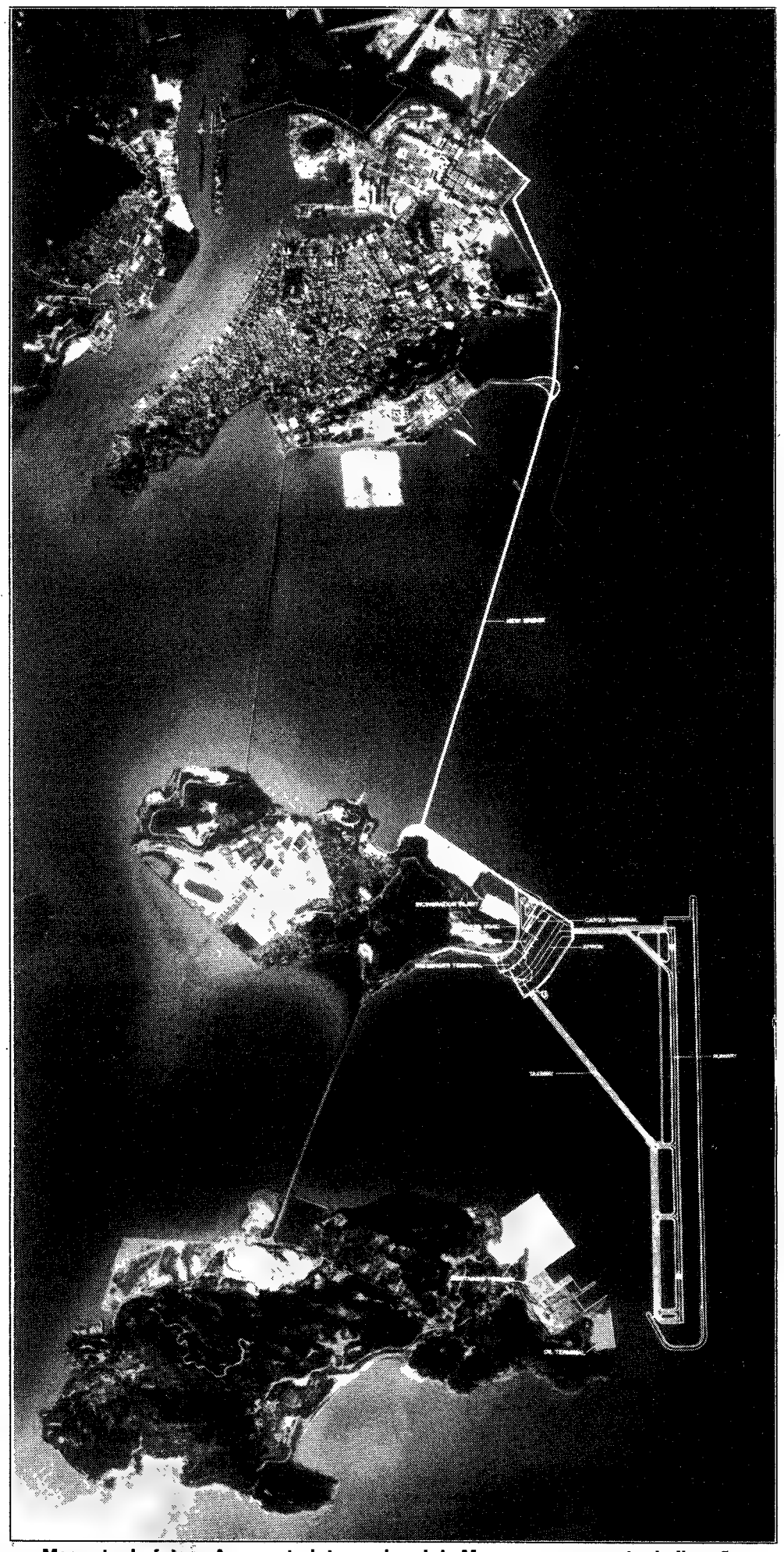
Os projectos da pista, terminais, estruturas e suportes, estão a ser desenvolvidos por uma empresa liderada por dois catedráticos do Instituto Superior Técnico. A parte de aterros é feita por uma empresa chinesa de Xangai.

O Aeroporto Internacional e Macau é uma grande obra que irá presigiar a enganharia portuguesa nesta zona do mundo.

Trata-se da utilização de técnicas já testadas, mas muito complexas.

Através do laboratório de Engenharia de Macau, que está assistir técnicamente todos os grandes empreendimentos, o LNEC está também envolvido, encontrando-se neste momento a elaborar os modelos dos projectos e respectivos ensaios hidráulicos em modelos reduzidos.

«Esta é a parte da participação da engenharia portu-



Maqueta do futuro Aeroporto Internacional de Macau e nova ponte de ligação à China

s em Macau pelos grandes empreendimentos
is para o desenvolvimento autónomo do território.
o, realizado num período de tempo invulgarmente curto

FACTOR DE AUTONOMIA

guesa, que reputo muito importante, salienta o eng. Jo[illegible] Guimarães.

Seguir-se-á, depois de concluída a pista, a construção dos respectivos edifícios: um terminal de passageiros, terminal de carga, instalações de manutenção de aviões e restantes edifícios de apoio.

Prevemos a utilizalção dos equipamentos mais modernos que existem no mercado. Neste tipo de tecnologia os fabricantes portugueses praticamenmte não existem, pelo que teremos de recorrer a equipamentos importados, como acontece nos aeroportos portugueses».

O Aeroporto Internacional de Macau ficará dentro dos standards internacionais, como um aeroporto moderno, cumprindo todas as recomendações internacionais no âmbito da ICAL, o organisno que regulamenta a aviação comercial.

A área total do aeroporto será de 191 hectares.

A pista terá 3.350 metros de comprimento e foi concebida tendo como referência os novos Boeing 747-400. Está previsto para a Categoria II (visibilidade horizontal de 400 metros e tecto de nuvens de 30 metros).

No que respeita à segurança, terá um fácil acesso por parte dos aviões e, nas descolagens, não há obstáculos, ao contrário do que sucede no aeroporto de Hong Kong, que tem uma operação difícil.

Por outro lado, fica equipado com todos os meios, tanto de rádio ajuda como de sinalização luminosa, para uma operação em baixa visibilidade. Este aeroporto vai permitir que os aviões de longo curso descolem em Macau e, sem paragens, aterrem nas grandes cidades europeias, como Paris, Londres, Frankfurt e Amsterdão.

«Só não se vai a Lisboa, porque os aviões comerciais, neste momento, não têm autonomia para tal, nem se conhece a existência de qualquer avião que possa fazer isso».

cuidado de um diálogo permanente.

O financiamento foi negociado através de um sindicato de oito ou nove bancos, dentro da rotina normal deste processos.

A concepção do projecto foi estudada de modo a que o porto possa funcionar antes mesmo de concluído o terminal de contentores.

Não se trata, todavia, de um porto transoceânico. A dragagem de canais para a profundidade necessária a um porto deste tipo custaria centenas de milhões de patacas. Além disso, e porque o assoreamento se faz constantemente nesta zona do delta, havia que contar ainda com

Continua na pág. 10

PORTO CONCLUIDO EM JUNHO PRÓXIMO

O porto de Ka Ho encontra-se já na fase final da sua contrução, estando prevista a sua inauguração para o dia 10 de Junho deste ano.

Responsável pelo respectivo Gabinete, o eng. Rui Nunes viu o projecto atrasar-se pela indefinição de algumas empresas portuguesas que, por fim, entenderam não se ligar a este empreendimento.

A situação foi ultrapassada com a entrada da Marban Corporation e o atraso não só foi recuperado, como ultrapassadas até as previsões no que respeita ao tempo de construção.

Outro problema foi que, a princípio, se tornou necessário dragar mais do que estava previsto.

Apesar disso não houve quebra no ritmo dos trabalhos.

O porto de Ka Ho está praticamente concluído. Decorre agora a terraplanagem do terminal de contentores e os edifícios já se encontram na fase final de construção.

Este empreendimento é constituído por um terminal de contentores, para a movimentação de cargas, e um terminal de combustíveis, que vai permitir que o armazenamento se faça longe da cidade.

Ka Ho possibilitará, a partir da sua entrada em funcionamento, libertar o porto interior e melhorar as condições da importação e exportação de mercadorias.

Até agora o o trabalho de movimentação de contentores no porto interior era feito em condições precárias, obrigando mesmo a bloquear o trânsito na cidade. Ka Ho oferece um terminal que não tem nenhum destes problemas, utiliza meios modernos e dispõe de armazéns próprios.

Além destas vantagens de descompressão do tráfego, e da diminuição do custo dos fretes entre Macau e Hong Kong, o novo porto vai fomentar outras actividades, como a reparação e construção de contentores.

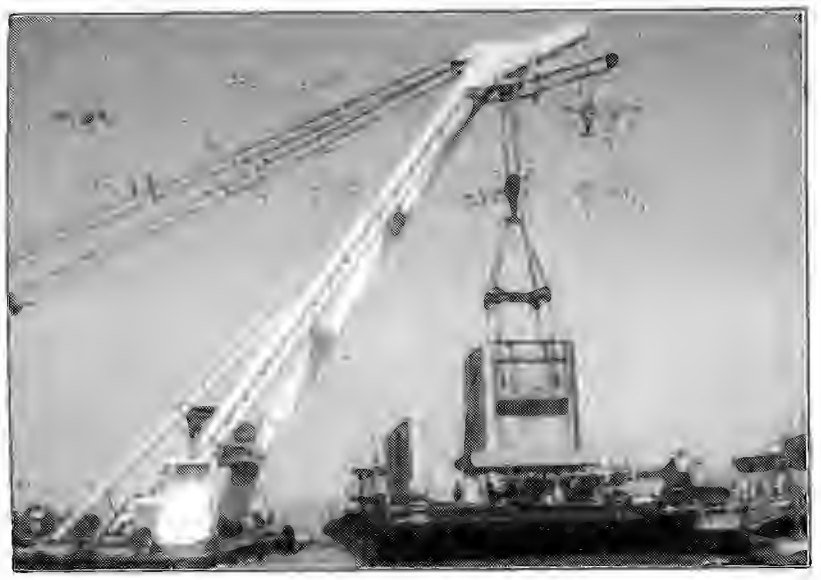
O eng. Rui Nunes, que coordena o projecto desde o início, afirma que a construção do porto foi pacífica, não encontrando dificuldades, nem por parte do Governo do território nem, da parte chinesa, com quem houve o

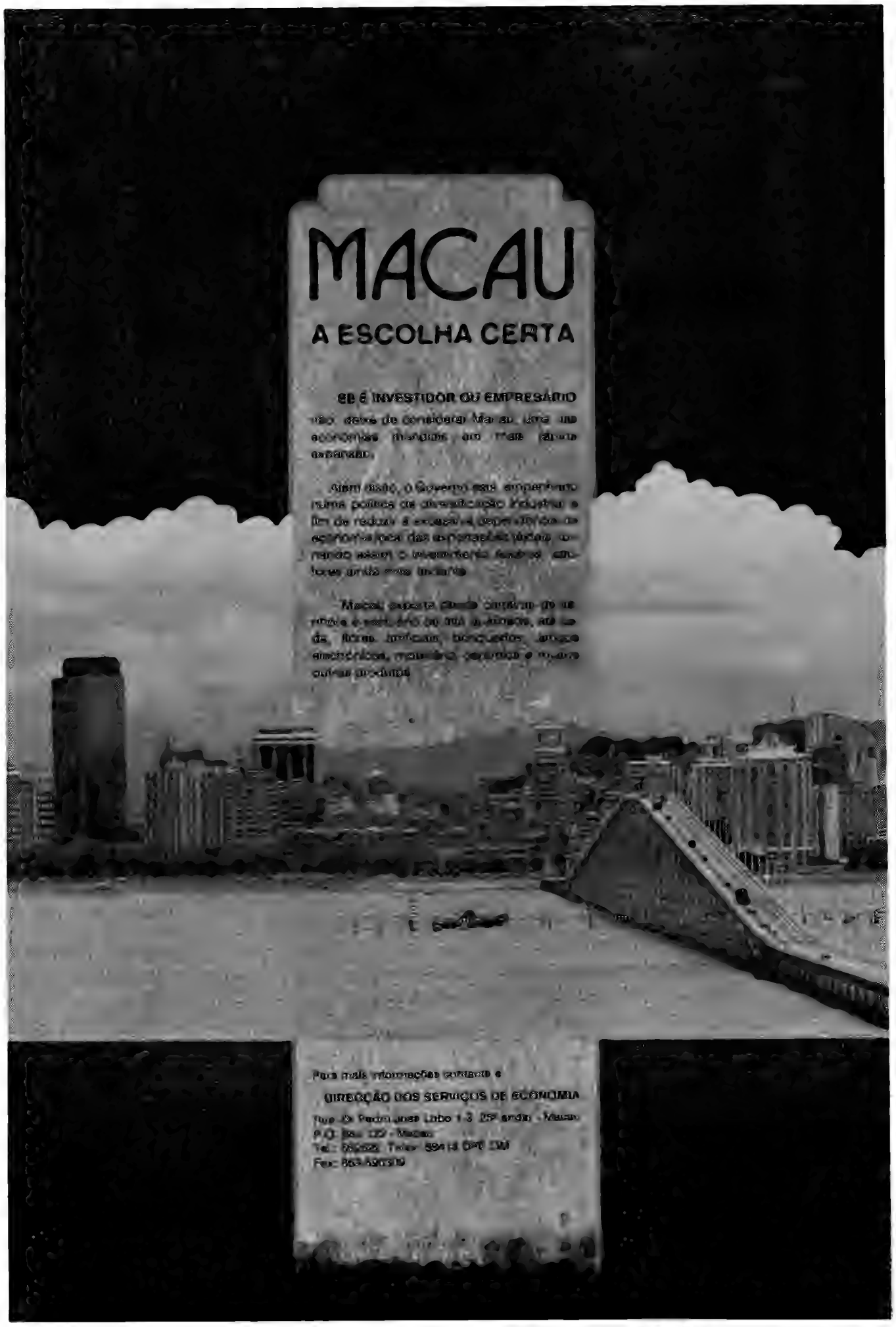
Continuação da pág. 9

permanentes despesas de dragagem, o que tornaria o seu custo impraticável.

Tal como foi construído e projectado, o porto de Ka Ho assegura a sua rentabilidade e vem dar outra flexibilidade à importação e exportação de mercadorais, diminuindo os custos.

Como projecto integrado, Ka Ho vai beneficiar da construção do aeroporto, que protegerá o porto contra a agitação das águas e agitação associada a tufões, tornando-o mais seguro.





PONTE PARA A CHINA ATÉ FINAL DE 1993

Concluído o porto de Ka Ho, o eng. Rui Nunes concentra agora a sua actividade na coordenação do projecto e construção da nova ponte que ligará o aeroporto à China.

Será a segunda maior ponte da Ásia, com cerca de 4 km de comprimento, quatro faixas de rodagem e possibilidade de uma quinta.

A construção desta nova ponte não decorre unicamente do aeroporto. Ela seria necessária na mesma porque a que existe actualmente não foi prevista para tráfego pesado. A construção do porto e do aeroporto, com o tráfego que vai gerar, tornam esta nova ponte ainda mais indispensável. Rui Nunes considera que Macau fica asssim com as infraestruturas necessários para progredir.

«Mas a ponte pode expandir-se se porventura, no futuro, houver carga que o justifique e se vier a pensar-se num porto transoceânico. As projecções que estão feitas não apontam no entanto para essa eventualidade no curto e médio prazo. Mas isso depende o desenvolvimento que o território tiver, principalmente na sua componente industrial. Temos as coisas dimensionadas até 2010 para um desenvolvimento normal». A localização da ponte teve em atenção a sua inserção numa nova rede viária na Península de Macau, que permitirá a ligação rápida da Taipa e do futuro Aeroporto Internacional com a República Popular da China.

O custo desta nova ponte está orçamentado em 370 milhões de patacas (cerca de 7,4 milhões de contos).

De acordo com o caderno de encargos, o tabuleiro disporá de duas vias de tráfego para cada sentido, com uma largura de 3,75 metros cada uma, isto é, com uma largura útil total para circulação de 15 metros.

O estudo das propostas para adjudicação da obra obedeceu ao critério de reunir profissionais de reconhecida copmpetência, em virtude desta avaliação revestir aspectos complexos e variados que iam da análise técnica dos projectos até considerações de ordem financeira, programação, exequibilidade do projecto etc.

O grupo de avaliação ficou constituído pelo eng. Luis Maria Alves, arquitecto Sá Reis, eng. António Durão Joaquim, prof. Silva Lima, dra. Maria do Céu Domingos Lopes e eng. José Pedro Areaújo, da E.G.F. Os técnicos convidados foram, o dr. Gabriel Barbosa de Almeida, eng. Rui Branco Pereira Correia (LNEC), eng. João Almeida Fernandes (LNEC), eng. Armando Costa manso (LNEC) e eng. Jorge Gil Saraiva (LNETI).

Segundo o Gabinete da Ponte, esta análise não inclui a componente de avaliação do tratamento arquitectónico e integração paisagística, para a qual foi definida forma diversa de apreciação, uma vez que a administração do território entendeu que o peso da componente financeira seria equivalente a qualquer das outras.

Neste caso, e para que se pudesse obter um maior e variado leque de opiniões, que permitissem posteriormente uma conclusão mais fundamentada, convidaram-se a emitir pareceres os organismos oficiais de Macau, bem como personalidades de reconhecida idoneidade profissional: Leal Senado, Câmara das Ilhas, Associação dos Arquitectos de Macau, In´stituto Cultuiral dee Macau, arquitecto Ribeiro Telles e arquitecto Manuel Vicente.

O relatório final do grupo de avaliação considerou melhores, quer técnica quer financeiramente, as propostas do Agrupamento J.L.Câncio - Teixeira Duarte - Construções Técnicas.

Por outro lado, na avaliação arquitectónica-paisagística, ficaram também nos primeiros lugares as duas propostas do mesmo agrupamento.

PRIORIDADE À EDUCAÇÃO

A fase de lançamento das infraestruturas necessárias ao desenvolvimento de Macau está terminada. Quem o afirma é a própria administração que, nas grandes linhas de orientação política para os próximos anos considerou como prioridades, a educação, a cultura e os assuntos sociais. Todo o programa do Governo de Macau, recentemente aprovado pela Assembleia Legislativa do território é formulado nesse sentido.

Até há pouco tempo, esta área estava sob a responsabilidade do dr. Murteira Nabo, a quem se deve o lançamento das grandes bases de orientação e reforma sistema educativa de Macau. Apesar de ter transitado para a Economia, prevalece tudo o que foi já realizado e cujo objectivo era «transformar uma área que de algum modo era pouco importante, na área mais importante», porque «o processo de desenvolvimento de Macau tem duas componentes: uma económica e outra social».

Murteira Nabo lembra que o desenvolvimento é hoje um conceito integrado, «já não são toneladas de aço, mas indicadores económicos e sociais» e foi isso que, afirma, se fez nos dois últimos anos.

Refere o avanço com a reforma do ensino primário, os cursos universitários e o Centro Internacional de Software da ONU a instalar em breve na Universidade da Ásia Oriental.

Como secretário adjunto para a Educação introduziu o ensino gratuito, que até então era integralmente pago e assegura que, dentro de três anos, os jóvens de Macau vão ter o nono ano de escolaridade obrigatório e gratuito.

Outro passo muito importante foi dado no ensino universitário. Todos os alunos residentes em Macau pagam apenas 60 por cento das proprinas e metade deles têm bolsas de estudo.

Na prática, isto significa que cerca de 600 alunos pagam apenas uma média de dez por cento.

«Temos neste momento 1200 estudantes de Macau na Universidade. Quando cá cheguei tinha menos de 200».

A Universidade da Ásia Oriental, comprada há pouco tempo pelo Governo de Macau a um grupo privado de Hong Kong, oferece actualmente aos estudantes um número importante de cursos: Administração Empresarial, Economia, Direito, Informática, Gestão Hoteleira, Business, Administração Pública, Electrotecnia, Construção Civil, Enfermagem, Farmácia e Língua Portuguesa. Engloba ainda uma Escola Superior de Educação.

Entretanto está a ser criado um Instituto de Tecnologia, que vai ligar a Universidade às empresas.

Tudo isto é feito, segundo Murteira Nabo, «com o objectivo de termos gente capaz».

«Quero ter gente preparada, nascida aqui, a discutir os problemas, a contestar o Governo. Hoje não tenho ninguém com quem discutir», comenta com alguma ironia.

Numa recente intervenção no quarto aniversário da Associação de Ciências Sociais de Macau, Murteira Nabo, considerou que toda a estratégia de lançamento de infraesteruturas de trasnportes e comunicações e de um moderno plano de diversificação industrial de Macau, não terá os efeitos desejados se o território não conseguir formar quadros locais tecnicamente qualificados.

«O Plano educativo e cultural é, assim, uma peça fundamental da estratégia de desenvolvimento», afirmou.

Para isso preconiza, designadamente, a introdução progressiva de um sistema de ensino obrigatório e gratuito até ao nono ano de escolaridade; fomento das necessidades de educação ao nivel familiar, principalmente a partir do décimo ano de escolaridade, pela introdução de um sistema de acção social escolar de apoio às famílias mais carenciadas; intenso programa de construção escolar e de formação de professores visando melhorar a qualidade do ensino do ensino ministrado nas escolas particulares de língua veicular chinesa; realização de uma reforma do ensino visando a definição de um sistema de ensino próprio para Macau e das condições em que os cursos existentes possam ser oficialmente reconhecidos para fins académicos e profissionais; introdução do ensino técnico profissional e melhor coordenação dos centros de formação profissional existentes; fomento do ensino das línguas portuguesa e chinesa ao nível do sistema educativo e dos centros de línguas; fortalecimento da Universidade dando melhor qualidade nos cursos ministrados e introduzindo-lhe cursos técnicos ao nível de bacharelato e licenciatura, orientados no sentido das maiores carências do território; criar um Instituto Tecnológico visando a formação de quadros locais para o sector industrial e desenvolver a investigação aplicada; fortalecer a difusão da cultura e língua portuguesa no Oriente e chinesa em Portugal; fomentar a política de defesa do património como forma de preservar a história e identidade cutlural de Macau; fomentar o associativismo cultural tornando-o a base de acção cultural no território e do intercâmbio entre as diferentes etnias; lançar escolas (Conservatório e Academia) de formação da cultura do território.

Como quadro de referência regional para a década de 90, Murteira Nabo assinalou o Japão como potência no contexto mundial, Taiwan e Coreia do Sul como potências no contexto regional, Hong Kong e Singapura como grandes centros financeiros mundiais, Tailândia, Indonésia, Filipinas e Malásia como novas potências industriais no contexto regional e Vietnam, Laos, Birmânia e Cambodja como países pouco atractivos procurando normalizar a sua situação interna.

Quanto à RPC, desempenhará um papel estratégico mais importante do que hoje no contexto da região, sendo particularmente procurada pelo Japão, Taiwan, Coreia do Sul e Austrália. Hong Kong e Macau desempenharão assim um papel estratégico determinante, no processo de desenvolvimento e abertura da RPC.

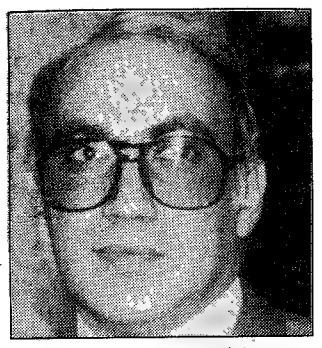
Murteira Nabo apontou três cenários para Macau: o da estagnação, o da manutenção do sistema e a adopção de uma estratégia de mudança.

Este último cenário, correspondendo aos interesses de Portugal e de Macau, não é possível sem quadros devidamente qualificados. É, pois, uma estratégia que passa, antes de mais, pela educação.

Macau

Turismo

APOSTAR NA DIVERSIFICAÇÃO DOS MERCADOS



Eng. Costa Antunes, director dos Serviços de Turismo

O turismo é uma das componentes importantes da economia de Macau. Apesar da reduzida dimensão do território, está longe de ter atingido o seu limite de crescimento. Bastante centrado à volta do jogo, não é todavia este a motivação exclusiva do número cada vez maior de estrangeiros que procuram Macau como destino turístico. O território tem muito mais para oferecer. Desde um património histórico riquíssimo, ás grandes realizações como o Grande Prémio e o Festival de Música, passando pelo Ano Novo Chinês, o Festival Internacional de Fogo de Artifício e outros acontecimentos.

O Grande Prémio, que vai já na sua trigésima sexta edição, é sem dúvida o mais importante de todos os projectos da Direcção dos Serviços de Turismo, envolvendo centenas de pessoas na sua organização. É o evento em que o território investe maiores verbas, mas é também aquele que dá maior divulgação a Macau, o seu maior cartaz turístico e o acontecimento cujos resultados são mais palpáveis.

Atrai dezenas de milhares de pessoas de toda a zona Ásia/Pacífico, chega a centenas de milhões de espectadores, através das transmissões televisivas efectuadas para numerosos países daquela área e também para a Europa.

O Festival Internacional de Música, que vai entrar no quarto ano de realização, é o acontecimento que marca culturalmente Macau no plano internacional.

De ano para ano tem vindo a subir, quer em nível artístico, quer em número de espectadores.

A prova disso é que este ano já conseguiu patrocínios no montante de cerca de 1,5 milhões de patacas (cerca de 30 mil contos).

É, no entanto, uma organização sem paralelo com o Grande Prémio, que dispõe de um orçamento de 18 milhões (cerca de 360 mil contos), coberto já em 60 por cento pelas receitas, taxa de cobertura que tem vindo a subir de ano para ano.

Tianamen não afectou Macau

Os acontecimentos de Junho na China provocaram importantes decréscimos no turismo de diversas regiões da Ásia. Particularmente afectado Hong Kong, onde a baixa foi de cerca de 17 por cento. Pelo contrário, em Macau, houve um pequeno acréscimo, o que, face ás circunstâncias, pode considerar-se como um resultado bastante positivo.

Costa Antunes, engenheiro, director dos Serviços de Turismo, explica que esta flutuação se deve ao facto de ter havido uma orientação diferente do mercado, concretamente em relação a Hong Kong.

«Deixámos de receber alguns turistas oriundos da Europa, Estados Unidos e Sudoeste asiático, mas houve uma substituição do mercado, na medida em que os em que os residentes de Hong Kong optaram por Macau como destino turístico e não apenas como passagem ou visita diária».

Segundo este responsável, isto permitiu que a indústria mantivesse taxas de ocupação elevadas (cerca de 80 por cento) mas afectou os operadores turísticos na área das agências de viagens, que utilizavam Macau como porta de entrada na China.

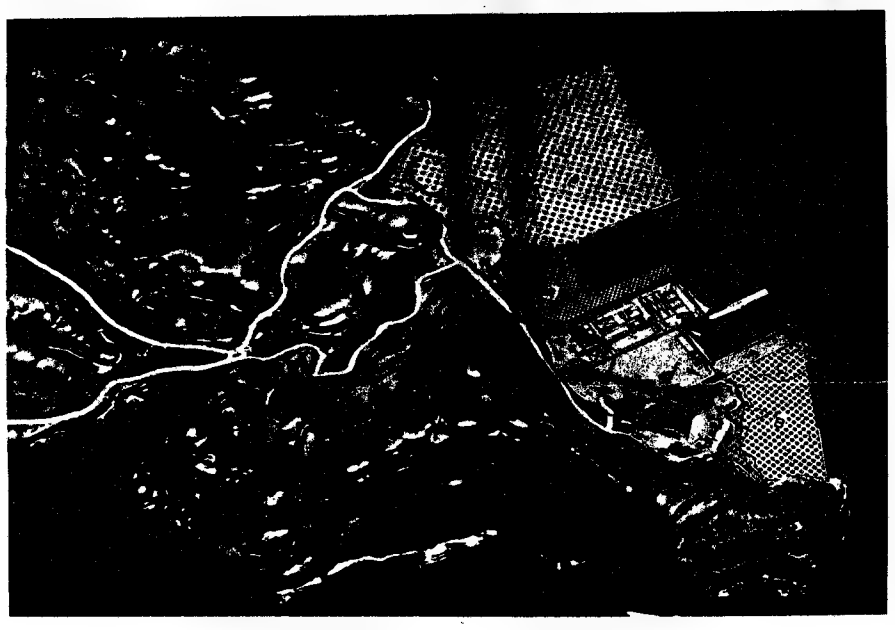
Costa Antunes pensa, no entanto, que este cenário, pouco a pouco, está a inverter-se.

«A situação do turismo na China tenderá para um reequilíbrio, mas levará algum tempo até alcançar as taxas anteriores. Os dados disponíveis que temos indicam que já em Setembro se notava alguma recuperação. Não são propriamente informações provenientes dos operadores turísticos de Hong Kong, mas do que nos foi referido pelas autoridades da

O jogo atrai multidões e funciona 24 horas por dia

MACAUPORT – SOCIEDADE DE ADMINISTRAÇÃO DE PORTOS, S.A.R.L.
澳門港口管理有限公司

OPERADORES PORTUÁRIOS
E DE TERMINAIS DE CONTENTORES
CARGAS DE IMPORTAÇÃO EXPORTAÇÃO



Sede e Escritório:
Rua da Praia Grande, N.º 75, Edifício Si Toi Comercial, 11.º andar, direito
Telfs.: 511524 (3 lines) – 511564, 514591 Telex: 88849 MACPT OM
Caixa Postal 1306 Fax.: 314113

辦事處：
澳門南灣街75號時代商業中心十一樓右邊
電話：511524（3線），511564，514591
電訊：88849 MACPT OM
郵政信箱1306號 圖文傳眞：314113

RPC, que nos têm transmitido notícas de um reacelerar do número de turistas».

Excluindo Hong Kong, o principal mercado turístico de Macau é o Japão. O território recebeu no ano passado 330 mil visitantes provenientes daquele país. Seguem-se os Estados Unidos e o Canadá com 130 mil, Taiwan com 84 mil, Tailândia com 54 mil e Austrália com 46 mil.

A Coreia é também um mercado em crescimento. Em 1988 contribuiu com 32 mil turistas.

Nos primeiros seis meses de 1989, o número de turistas da Coreia era já de 31 mil. Isso levou a direcção dos Serviços de Turismo a realizar uma acção promocional na Feira de Seul e trazer ao território uma equipa de televisão coreana.

Turistas portugueses em Macau é que são poucos. Muito menos do que desejariam os responsáveis.

Segundo o eng. Costa Antunues isso tem várias explicações, algumas delas tendo a ver com a deficiente informação dos operadores turísticos nacionais.

«Estamos a desencadear este ano uma série de acções tendo em vista não só uma maior promoção do sector, mas também informação ao nível dos operadores locais. Este programa foi iniciado em Setembro passado, com a visita ao território dos principais órgãos de comunicação social da especialidade, seguindo-se-lhe acções em Portugal, nomeadamente campanhas de publicidade, como a que está a decorrer desde 1 de Dezembro nos combóios inter-cidades da CP e a presença na Bolsa de Turismo de Lisboa, onde Macau vai ter um *stand* e uma tasquinha de comida macaense».

Ainda no âmbito deste programa, o Turismo de Macau vai promover a realização de *workshops* em Lisboa e no Porto, destinados aos operadores, coincidindo com a abertura de novas instalações para o turismo na Missão de Macau em Lisboa.

Há diversas realizações previstas, como a semana da cozinha macaense, apresentação da dança do leão, etc. O âmbito deste programa alarga-se não só a Lisboa e Porto, como ás diveras Regiões de Turismo de Portugal, cujo presidente visitou recentemente Macau.

«Penso que com estas acções - prossegue o eng. Costa Antunes - vão proporcionar uma informação mais correcta não só aos operadores como aos turistas em geral, tendo em vista mostrar-lhes o que há em Macau do ponto de vista cultural, histórico ou de diversão, e que justifica uma permanência no território de pelo menos duas noites, ao contrário do que hoje sucede, do dia de visita a partes de Hong Kong. Creio que esta proposta poderá interessar não só aos operadores como aos turistas, uma vez que permite prolongar o tempo de viagem, baixando os custos.

As estadias em Macau são bastante mais baratas do que em Hong Kong, permitindo ao turista um outro tempo de permanência num destino como Macau e não ficar apenas em Hong Kong».

O novo aeroporto: uma revolução

A construção do Aeroporto Internacional de Macau vai ter uma influência determinante no turismo do território. Costa Antunes considera que «será mesmo uma autêntica revolução em termos turísticos», não só pela necessidade de serem criadas infra-estruturas em número suficiente para responder ao afluxo de turistas (as unidades hoteleiras de cinco estrelas têm já taxas de ocupação de 80 por cento), como pela necessidade de serem criadas novas estruturas e novos serviços de apoio que permitam dar resposta a nível de qualidade.

«Direi que ao desafio da construção do aeroporto, em termos de infra-estruturas, corresponde o desafio quase de igual importância de serem criadas condições, em meios humanos, que estejam à altura da qualidade de serviços que vão ser naturalmente exigidos. Penso que vai ser necessário preparar convenientemente todo o pessoal da indústria turística pois é aí que os primeiros efeitos se vão sentir».

Na opinião do director dos Serviços de Turismo, as infra-estrutras fazem-se, mas a formação profissional leva anos, é um problema que tem que ser encarado de frente. Estamos na disposição de o fazer, na parte que for da nossa competência, nomeadamente através da Escola de Turismo e Indústria Hoteleira de Macau.

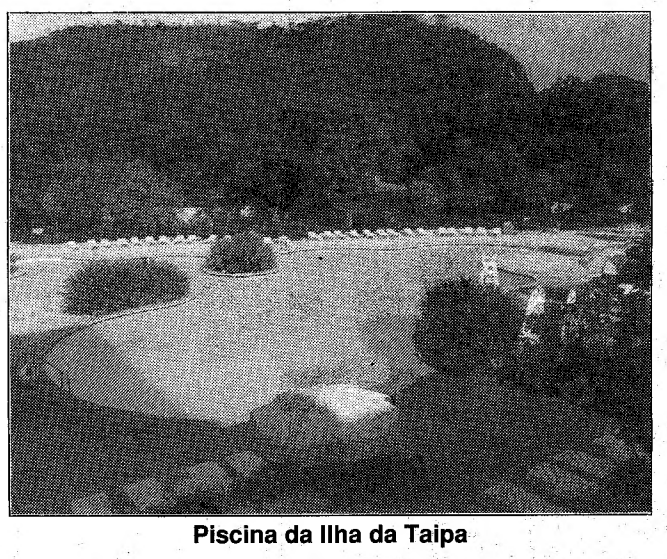
A oferta de novos produtos e a criação de novos meios de apoio ao turismo passaram já da fase dos planos à da concretização. Destaca-se, por exemplo, a criação do novo Centro de Actividades Turísticas. Aí será instalado o Museu do Grande Prémio, uma enoteca, como produtos de atracção turística, uma vez que os vinhos portugueses são muito considerados no sudoeste asiático, e um restaurante de grande capacidade onde se possam dar a provar a cozinha portuguesa e macaense a grupos de 300 a 500 pessoas.

Nesse mesmo espaço haverá também um pequeno palco para exibição de música e cantares de Macau e de Portugal. Serão criadas, ainda, salas de reuniões até 50 pessoas, com todo o equipamento necessário - apoio à imprensa, tradução simultânea, etc.

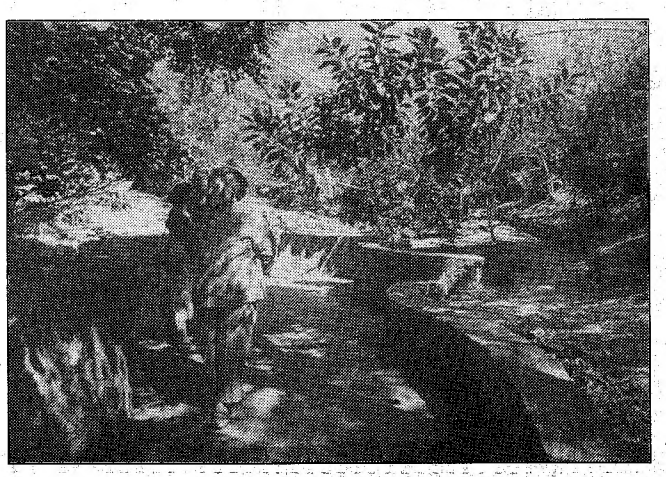
Este centro já está em construção nos terrenos anexos ao Forum.

O Turismo de Macau pretende também organizar na área de exposição polivalente constante do projecto, um pequeno Motor Show anual, na semana anterior ao Grande Prémio, com todos os veículos que vêm para as competições e, durante a semana do Grande Prémio, a exibição, mais de carácter comercial, de diversos últimos modelos e marcas.

cont. na pág. 14



Piscina da Ilha da Taipa



Passeio rural na Ilha da Coloane

FUNDAÇÃO ORIENTE FAZ BALANÇO DO SEU PRIMEIRO ANO DE ACTIVIDADE EM MACAU

DESPENDIDOS MAIS DE 500 MIL CONTOS
COMPROMISSOS ASSUMIDOS ATINGEM 1300 MIL CONTOS

A Fundação Oriente despendeu em Macau, no seu primeiro ano de actividade, mais de 500 mil contos na dinamização e apoio a acções de natureza cultural, educativa e de protecção do património entre outras, sendo que os compromissos assumidos atingem o valor global de um milhão e trezentos mil contos.

Ao longo do seu primeiro ano de actividade, a Fundação Oriente distinguiu a sua acção em Macau através do apoio a diversos projectos nas áreas da educação, investigação, acção cultural, saúde e recuperação e revitalização de património arquitectónico, nomeadamente através da celebração de protocolos de cooperação com diversas entidades e instituições do Território, entre as quais se contam o Leal Senado, o Museu e Centro de Estudos Marítimos e a Direcção de Serviços de Turismo.

Dentro do conjunto de iniciativas incluídas no Protocolo celebrado entre a Fundação e o Governador de Macau destaca-se a implantação do IPOR, Instituto Português do Oriente, recentemente criado, para o qual a Fundação contribuiu já com uma verba superior a milhão e meio de patacas (30 mil contos), o apoio a diversas escolas e instituições que totalizou até ao momento cerca de 1 milhão de patacas (20 mil contos), e a implementação de um Instituto de Software, no âmbito da Universidade das Nações Unidas.

Prevê-se que até ao final de 89 esta rubrica-verba atinja os 100 mil contos através do apoio a conceder, nomeadamente, à Universidade da Ásia Oriental e à Escola Hou Kong, destinadas, no primeiro caso, à construção de um Departamento de Estudos Portugueses e a residências para estudantes e docentes e, no segundo caso, à construção de uma nova escola primária e apoio ao ensino do português a alunos chineses. A construção da escola primáriaa do Instituto Melchior Carneiro (já concluída) e a construção do novo pavilhão gimnodesportivo do Colégio D. Bosco foram também objecto de apoio da Fundação.

No campo da investigação salienta-se o apoio dado à deslocação de investigadores portugueses ao Oriente e a concessão de bolsas de estudo para realização de investigação na área das ciências humanas a naturais e residentes no Território.

Na sequência do protocolo com o Leal Senado, a Fundação apoiou com 5 500 000$00 a realização de várias exposições, entre as quais se destacam a VI Exposição Colectiva dos Artistas de Macau, uma exposição de artistas de Macau em Singapura, as exposições de pintura de Júlio Pomar e Jorge Martins, exposições do Núcleo de Pintura Contemporânea do Círculo de Amigos em Singapura, Kuala Lumpur e Hong Kong. Foi ainda organizada pela Fundação Oriente uma exposição de linogravuras e de tapeçarias de Picasso, na Casa Garden.

Em colaboração com o Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau foram editadas diversas obras, bem como traduções de estudos do prof. C. R. Boxer, em valor superior a 5 000 000$00.

Ainda no âmbito do apoio a acções culturais são de destacar os apoios dados aos Festivais Internacionais de Música de Macau em 88 e 89 e ao Festival Jazz 88, assim como às diversas digressões de orquestras e espectáculos musicais, totalizando 24 463 360$00.

Entre as associações profissionais apoiadas pela Fundação, contam-se o Instituto Jurídico e a Associação de Arquitectos de Macau, através dos subsídios concedidos para deslocações dos seus membros a Goa e Pequim, respectivamente.

O Grande Prémio de Macau, a Corrida dos Barcos de Dragão e a Feira de Macau em Nova Iorque (Bloomingdale's) foram 3 acções apoiadas pela Fundação ligadas à promoção da imagem de Macau no exterior, com uma verba que, no seu conjunto, ultrapassou o milhão de patacas (20 mil contos).

No sector da Saúde (onde, nos próximos anos, a Fundação pretende despender avultadas verbas) foi dado um apoio de 700 mil patacas (14 mil contos) ao Hospital Kiang Wu e Hospital Conde S. Januário para aquisição de equipamentos. A Fundação vai apoiar também a realização do Congresso Nacional de Administradores Hospitalares a realizar em breve no Território e a construção do Centro de Recuperação de Toxicodependentes em Coloane.

Destacam-se ainda, no âmbito do protocolo com o Governador de Macau, as acções de protecção do património arquitectónico ligado à presença portuguesa no Território, desenvolvidas através da aquisição e recuperação de vários imóveis: o antigo Hospital de S. Rafael, o conjunto de edifícios classificados da Avenida Conselheiro Ferreira de Almeida e Tap Siac, Bairro do Lilau, Avenida Almeida Ribeiro e quarteirão do Volong, bem como a Casa Garden, antigo Museu Luís de Camões.

No programa da Fundação para 1990, em fase de preparação, merecerá especial destaque o início da construção de um bairro social na Ilha Verde, cujas obras deverão demorar 2 anos e cujo custo global deverá rondar os 40 milhões de patacas (800 mil contos).

As obras de recuperação da Casa Garden, futuras instalações da delegação da Fundação em Macau, estão orçamentadas em cerca de 12 milhões de patacas (240 mil contos) devendo estar concluídas em Maio ou Junho do próximo ano.

Prevê-se que no triénio 1989/1991 a Fundação Oriente comparticipe com 44 milhões de patacas (880 mil contos) em projectos comuns com a Administração do Território e 116 milhões de patacas (2 milhões trezentos e 20 mil contos) em projectos próprios.

Turismo

MAIS DE TRÊS MILHÕES DE VISITANTES

cont. da pág. 13

«Será mais uma receita da organização do grande festival do automobilismo e dos desporto motorizado que é Macau no mês de Novembro. Devo afirmar que para este evento contamos já com diversos apoios, pelo que, no próximo ano, pensamos realizar já o primeiro destes Motor-Show. É mais um produto turístico para Macau».

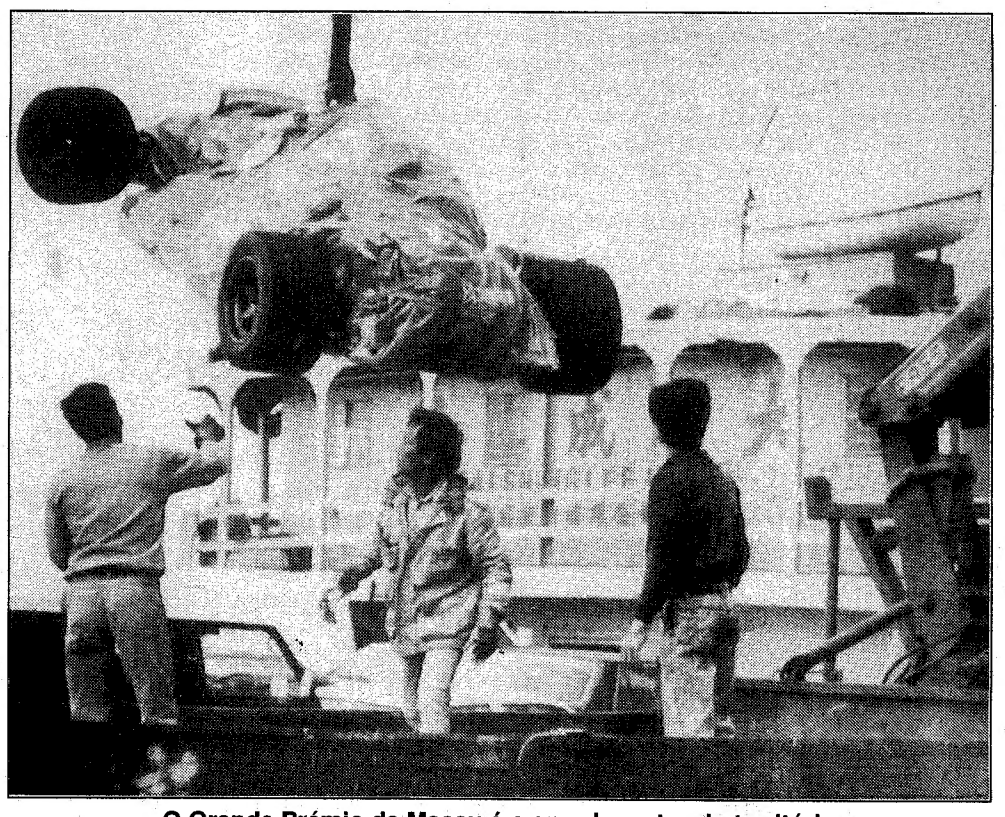
Actividade intensa ao longo do ano

Embora ainda em crescimento acelerado e longe de ter esgotado todas as suas potencialidades, Macau dispõe hoje de infra-estruturas turísticas e hoteleiras importantes. Não é fácil conseguir um fluxo de turistas que alimentem toda essa rede em expansão.

Para isso, os Serviços de Turismo envolvem-se ao longo do ano em numerosas iniciativas e manifestações.

A primeira delas é o Ano Novo Chinês, uma festa tradicional, de características populares, organizada em colaboração com o Leal Senado. Em Abrilt é a promoção da cozinha portuguesa. O mês de Junho é dominado pelas comemorações do Dia das Comunidades e pelos Santos Populares. A corrida de barcos dragão é outro acontecimento de características tipicamente chinesas, que desperta sempre grande entusiasmo popular. O concurso de Miss Macau é outro evento que entrou definitivamente na lista dos grandes acontecimentos locais. O Festival Internacional de Fogo de Artifício, que vai no seu segundo ano de realização, está associado ao Dia Mundial do Turismo. Outro acontecimento importante, de características igualmente populares, é o Festival da Lua. É uma festa comemorativa da lua cheia de Setembro e tem muito a ver com a família. Depois do jantar, adultos e crianças vêm para a rua com lanternas a festejar a lua cheia. O Festival de Música, marcado este ano para o período de 20 a 28 de Setembro, é o grande acontecimento cultural do ano. Na última semana de Novembro reliza-se o Grande Prémio, o maior cartaz turístico do território.

Para além destes acontecimentos de maior relevo, o Turismo de Macau promove outras realizações, como a comemoração do S. Martinho, associada com exposição de vinhos portugueses e participação de ranchos folclóricos, e a animação da quadra natalícia, de que faz parte outra exibição de fogo de artifício.



O Grande Prémio de Macau é o grande cartaz do território

Este intenso programa tem como objectivo a criação de eventos que suscitem não só a atracção de turistas para esse próprio momento, mas que funcionem também como motivos de promoção do nome de Macau.

Além da organização directa de todos estes acontecimentos, o Turismo de Macau está presente em várias feiras e certames internacionais, como a Bolsa de Turismo de Lisboa, a FITUR, em Madrid, a Feira de Turismo de Berlim, a COFCA, na Coreia do Sul, a Feira de Turismo de Londres, na Feira de Turismo de Taipé e a Feira de Turismo de Hong Kong. Este ano o território acolheu também a reunião da Pacific Asia Travel Association (PATA).

Para estas iniciativas, o turismo faz deslocar os seus técnicos, que prestam apoio aos operadores turísticos locais. Além disso, dispõe de escritórios de representação em Sidney (Austrália e Nova Zelândia), Hong Kong, Tóquio, Manila, Singapura, Banguecoque, Londres e Los Angeles (Estados Unidos e Canadá) e tem representações em Lisboa e Bruxelas. Estes escritórios são comparticipados nas despesas pela Sociedade de Turismo e Desenvolvimento de Macau (STDM), ao abrigo das cláusulas de concessão do jogo.

Existe ainda um protocolo de cooperação com o Instituto de Promoção Turística de Portugal, nos termos do qual os Centros de Turismo de Portugal apoiam iniciativas de promoção de Macau, nos locais onde o território não tem representação directa.

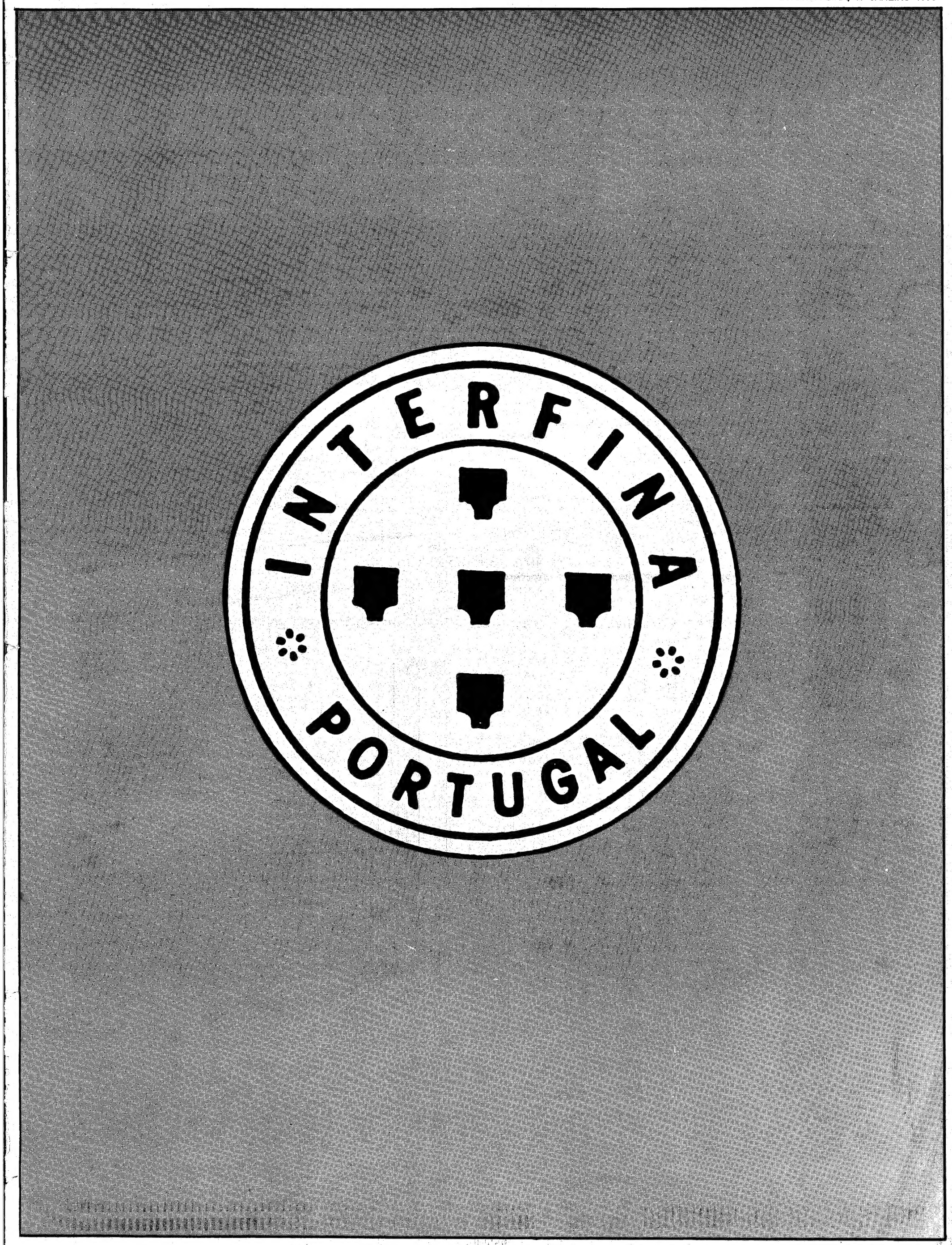
CONSTRUIMOS FUTURO!

CAPACIDADE o TECNOLOGIA o QUALIDADE

Construções Técnicas, S.A.

Macau

Rua da Praia Grande, 101, 103, 13º A - Edif. Lun Pong - Macau


INTERFINA
PORTUGAL

Macau

Susana Chau:

SAIR DE MACAU NÃO É SOLUÇÃO

Deputada à Assembleia Legislativa, presidente da Associação dos Empresários Têxteis e principal empresária deste sector, a dra. Susana Chau é uma das personalidades mais destacadas da vida económica de Macau.

Macaense, de nacionalidade portuguesa, fala fluentemente português. Apesar do seu cargo de deputada, Susana Chau está na política de uma forma predominantemente cívica, assumindo-se, acima de tudo, como empresária. Sobre o poder político tem ideias próprias e simples. Para ela, o único poder é o poder económico, em relação ao qual todos os outros são ilusórios.

Começa, aliás, por nos salientar a especificidade da Assembleia Legislativa de Macau.

«Aqui não temos partidos. Os objectivos dos deputados são muito diferentes daquilo que se passa em qualquer outra assembleia. Nesses países trata-se de deputados de partidos para fazerem a política dos partidos. Aqui, os objectivos que todos os deputados querem atingir são os mesmos».

Sem ignorar as questões políticas de fundo que moldam o futuro de Macau, foi principalmente do ponto de vista de empresária e do mundo dos negócios, que Susana Chau respondeu ao DL.

P - Que pensa sobre o período de transição? Acha que vai passar-se tranquilamente?

R - É muito difícil responder se sim ou se não. É um facto que há um acordo entre os dois países e que, a partir de 20 de Dezembro de 1999, a China reassume a administração de Macau. Temos que reconhecer tratar-se de um facto que ninguém pode modificar neste momento.

Penso que todas as partes envolvidas, nomeadamente Portugal, China, os portugueses e as pessoas de Macau, têm que trabalhar muito para que esta transição seja o mais suave possível, seja boa e com o mínimo de problemas. Já que é um facto inalterável, não faz sentido que todas as pessoas envolvidas não trabalhem em conjunto, com boa vontade, para construirmos um território com capacidade criativa.

P - Quer dizer que é este o único caminho para o futuro de Macau?

R - Em tudo na vida, se temos alternativas podemos escolher a melhor ou a pior. Neste caso, como só temos esta alternativa, vamos fazer o melhor possível.

A única alternativa seria sair de Macau, mas essa não é uma solução para toda a gente.

Mas também não quero dizer que não possamos fazer nada. O que já não se pode alterar é o que está escrito na declaração conjunta. Isso, porém, não quer dizer que as pessoas de Macau não possam lutar para uma transição mais ideal. A força de vontade das pessoas ainda conta muito. A vida política, económica e social ainda pesam bastante.

Quanto melhores forem as relações do Governo português com a China mais isso facilita o diálogo.

Mas é vital a situação na região, porque, uma vez que Portugal entrou na CEE, já não faz política sozinho. Os interesses de Portugal já estão integrados noutros interesses. Portugal está assim bastante seguro em relação a Macau. Mas tudo depende muito da situação interna da China. E não podemos isolar Macau, que não tem neste momento muita importância se não for por causa de Hong Kong e Taiwan.

P - Qual pode ser o peso da situação económica neste contexto?

R - Isto é como em todo o mundo. Quem tem dinheiro é quem manda. Se tivermos de pedir dinheiro a Portugal e à China...

Macau vai ser uma região administrativa da China. Se pretendermos a autonomia total, temos que ter a nossa economia própria. Digo economia e não política, porque esta não pode ser.

Lembro que não há outra região em que se crie riqueza tão depressa. Em Hong Kong e Macau, qualquer pessoa pode ser dona de si própria. Há aqui muitos empresários que há 20 anos eram trabalhadores de fábrica.

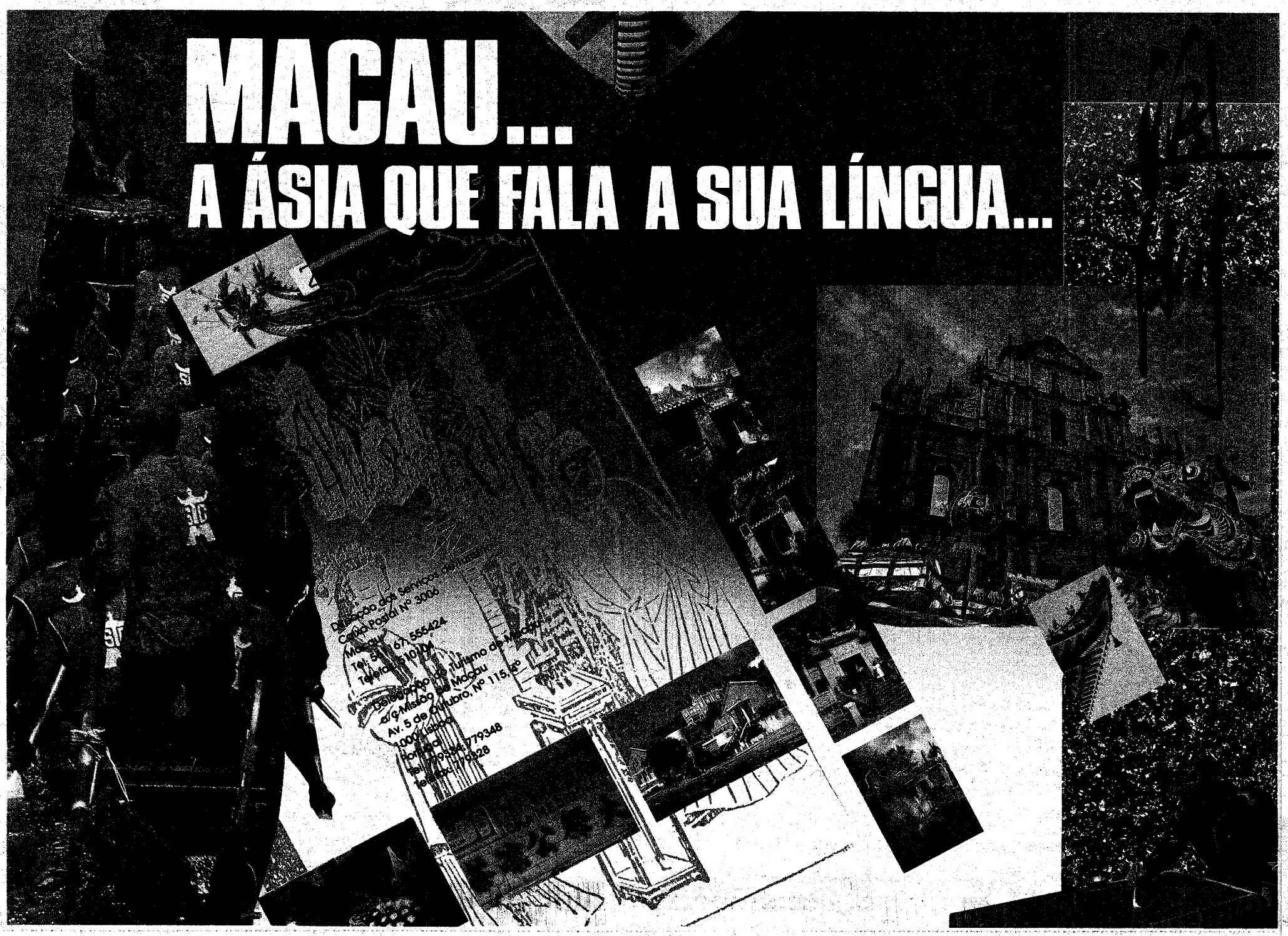
Temos facilidades bancárias que não existem noutros lados.

P - A dra. Susana Chau não tem ambições políticas?

R - Não trocava o meu lugar por nenhum outro. Estou muito bem aqui. Tenho a minha vida mais livre e ninguém me faz críticas sobre a forma como dirijo a companhia.

P - Acha que a política de Portugal em relação a Macau, os grandes empreendimentos e tudo o que daí decorre, é uma política correcta?

R - É uma tarefa muito difícil. As pessoas ficaram duvidosas não é porque o porto e o aeroporto não sejam precisos. Só que, ficaram hesitantes, porque tinham dúvidas se economicamente era suportável ou não.

Mas acho que politicamente é importante, porque Macau estava limitado por falta de infra-estruturas. Uma vez criadas, Macau pode ter outro nível de desenvolvimento. Acho que o *timing* é bom e tenho a impressão que o problema económico e financeiro está ultrapassado.

Mas há outros problemas. Há pessoas de Taiwan cheias de dinheiro que querem vir a Macau investir e o Governo não dá vistos, o que dificulta a vida económica do território».